

U. PORTO

incipit⁸

WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO
2019 | 11ª EDIÇÃO



COORDENAÇÃO DE
ANDREA MARIANI, RÚBEN FILIPE CONCEIÇÃO, J. CARLOS TEIXEIRA, JOÃO PAULO
MARTINS E LEANDRO FERREIRA

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA DIGITAL, 2020

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal
www.gihmedieval.com

Incipit 8

Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2019

COORDENADORES

Andrea Mariani

CITCEM – Universidade do Porto

Rúben Filipe Teixeira da Conceição

Universidade do Porto

J. Carlos Teixeira

CITCEM – Universidade do Porto/Freie Universität Berlin

João Paulo Martins Ferreira

IF (SMELPS)/CEPESE – Universidade do Porto

Leandro Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Porto, 2020

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

ISBN: 978-989-8969-38-5

Apoio:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

 **CITCEM**
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

U. PORTO

 **AEFLUP**

Ficha técnica

Título: Incipit 8. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2020

Coordenadores: Andrea Mariani, Rúben Filipe Teixeira da Conceição, J. Carlos Teixeira, João Paulo Martins Ferreira, Leandro Ferreira

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2020

ISBN: 978-989-8969-38-5

Capa: J. Carlos Teixeira

Composição e paginação: J. Carlos Teixeira

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

Sumário

Lista de autores	8
INCIPIT – Apresentação.....	9
Andrea Mariani, J. Carlos Teixeira, João Paulo Martins Ferreira, Leandro Ferreira, Rúben Filipe Conceição	
Logboats and the river: utilisation of the Po Valley in Early Medieval times	10
Alice Lucchini	
Comércio, Cooperação e Conflito na Costa Ocidental Africana (Séculos XV-XVI): Para além do Tráfico Transatlântico de Escravos – Percurso de Investigação	23
Fernando Jorge Cruz Mouta	
The importance of medieval women mystics in the European literary canon.....	39
Francesca Barresi	
The castle of Montella: stratigraphic analysis and material culture of the south/south-east area	47
Gaetana Liuzzi	
Pottery of Cencelle: a research instrument for the functional and social reconstruction of daily context of a Medieval city	64
Giulia Previti	
Em torno dos milagres em três hagiografias do século XII: As Vidas de São Rosendo, São Geraldo e São Teotónio	81
Liliana Oliveira Sousa	
Investigación histórica sobre las viudas en una villa medieval valenciana, Gandía en el siglo XV.....	89
Marta Morant Pérez	
The Great Battle of Peace: Brignais, 6 April 1362.....	106
Ölbei Tamás	
A rede viária de Trás-os-Montes ao longo de Duzentos	125
Rúben Filipe Teixeira da Conceição	
O senhorio do mosteiro de Santa Cruz (1131-1202) – formação, estrutura e exploração do seu domínio	140
Rui Pedro Neves	

Da Casa ao Lar: arquitecturas de habitação na cidade de Évora entre a Baixa Idade Média e o início da Modernidade. Apresentação de um Projecto de Doutoramento em História da Arte. 153

Silvana R. Vieira de Sousa

Charamelas e Trombetas: Em torno da música na cronística portuguesa dos finais da Idade Média..... 168

Ana Maria Santos Oliveira

Pandemónios: Casos de Possessão Demoníaca no Portugal Medieval 176

Artur Gonçalves

Lista de autores

Ana Maria Santos Oliveira

Universidade do Porto

Alice Lucchini

Università Ca' Foscari di Venezia

Artur Gonçalves

Universidade Nova de Lisboa

Fernando Jorge Cruz Mouta

Universidade do Porto

Francesca Barresi

University of Bologna

Gaetana Liuzzi

University of Campania L. Vanvitelli

Giulia Previti

Sapienza University of Rome

Liliana Oliveira Sousa

Universidade do Porto

Marta Morant Pérez

Universitat de València

Ölbei Tamás

University of Lorraine/University of Debrecen

Rúben Filipe Teixeira da Conceição

Universidade do Porto

Rui Pedro Neves

Universidade de Coimbra

Silvana R. Vieira de Sousa

Universidade de Évora

INCIPIIT – Apresentação

Treze textos integram o 8º número da Incipit, resultado da 11ª edição do Workshop de Estudos Medievais (WEM), evento que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade do Porto nos dias 4 e 5 de abril de 2019. O evento é organizado anualmente pelo Grupo Informal de História Medieval (GIHM), tendo este por objetivo reunir mestrandos e doutorandos nas diferentes áreas dos estudos medievais de universidades portuguesas e estrangeiras, de forma a que os mesmos apresentem e discutam as suas pesquisas e trabalhos. A 11ª edição contou com 13 comunicações de autores portugueses, espanhóis, italianos e húngaros nas áreas da Arqueologia, História, História da Arte e Estudos Literários.

Como é já habitual, a comissão organizadora do Workshop e a comissão editorial da Incipit deixam aqui palavras de agradecimento àqueles que possibilitaram a concretização destes dois projetos: ao Prof. Doutor Luís Miguel Duarte, responsável científico do WEM; aos participantes na edição de 2019 do workshop, tanto aos estudantes como aos professores; ao Dr. João Emanuel Leite, que uma vez mais viabilizou a publicação da Incipit na Biblioteca Digital da FLUP; à direção do Mestrado em Estudos Medievais e do Doutoramento em História da FLUP; à diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; à Reitoria da Universidade do Porto; à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); ao Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM); à Associação de Estudantes da FLUP.

Porto, fevereiro de 2020

Andrea Mariani
J. Carlos Teixeira
João Paulo Martins Ferreira
Leandro Ferreira
Rúben Filipe Conceição

Logboats and the river: utilisation of the Po Valley in Early Medieval times

Alice Lucchini
Università Ca' Foscari di Venezia

Resumo

Desde o fim do século XIX, as numerosas descobertas de pirogas monóxilas destacam-se pela quantidade entre os raros achados arqueológicos que dizem respeito à utilização dos rios da planície Padana da Alta Idade Média. Este estudo quer chegar a uma melhor compreensão global destes artefactos, através da recolha de resultados de análises arqueométricas desenvolvidas anteriormente nos ditos artefactos e da promoção de novas análises. No futuro, os dados irão confluír em reconstruções 3D, com o propósito de determinar as características destas embarcações, quer em termos de navegação quer a nível de capacidade de carga. Este trabalho visa também delinear algumas hipóteses sobre o uso das embarcações, tendo em consideração as fontes escritas contemporâneas e as mudanças ambientais dos rios ao longo dos séculos.

Palavras-chave:

Pirogas monóxilas, Alta Idade Média, planície Padana, portos fluviais

Abstract

Since the end of the XIX century, the numerous logboat findings have stood out for their consistency from the scarce archaeological evidence about the utilisation of the Po valley rivers in the Middle Ages. This study aims to reach a better understanding of early medieval logboats, collecting previous studies of archeometry and providing new analyses. In the future, the data will be brought together in a 3D reconstruction to assess the performance of these boats in terms of navigation and cargo capacity. It also aims at suggesting hypotheses on the uses of logboats, considering written sources from medieval times, studies from the past and environmental changes of the river system over time.

Keywords:

Logboats, Early Medieval Period, Po Valley, Emporia

HISTORY OF STUDIES, TOPICS, ISSUES AND GOALS

The main purpose of this research is to enhance the knowledge of river navigation and river trade in the Po valley in early medieval times. The Po valley, in Northern Italy, is the main Italian plain in terms of its surface area. It benefits from a complex tributary system that includes more than one hundred rivers, streams and brooks descending from the Alps and the Apennine mountains.¹ Since the Bronze Age, the richness of waters in

¹ Pier Francesco Ghetti, "Si fa presto a dire Po," in *Un Po di Acque: Insediamenti Umani e Sistemi Acquatici del Bacino Padano*, ed. Irene Ferrari, Lucio Gambi, Gilmo Vianello, 1-3 (Reggio Emilia: Diabasis 2003).

the Po plain has favoured the flourishing of many settlements around lake basins, marshes and near rivers.²

During the second half of the twentieth century, the start of a new revaluation process of the middle age's legacy and economy lead to consider the Po valley and its major tributary systems as part of a larger trade network. New use of waterways also emerges in the works of late antiquity scholars and travellers Sidonio Apollinare and Rutilio Numanzio.³ The major hint for this hypothesis comes from the study of early medieval written sources. The documents of this period often involved and mentioned fluvial docks, tolls and rights on streams.⁴ In the late 1960s, some hints also came from archaeological investigations that started to focus on the maintenance, reuse and the decline of Roman infrastructures. These studies identify the partial abandon of Roman streets, between Late Antiquity and the Early Medieval Period, and connect it to a presumed increase in the use of waterways.⁵ New use of waterways also emerges in the words of late antiquity scholars and travellers Sidonio Apollinare and Rutilio Numanzio.⁶ The recent archaeological "rediscovery" of Upper Adriatic's emporia and studies on the Early Medieval material culture made it possible to trace a bustle of containers and goods coming and going through the Po valley.⁷ For many scholars, this presence points to a

² Gianluca Bottazzi, "La pianura padana dai primi insediamenti alla cultura terramaricola dell'età del Bronzo," in *Un Po di terra. Guida all'ambiente della bassa pianura padana e alla sua storia*, ed. Carlo Ferrari, Lucio Gambi, 353-359 (Reggio Emilia: Diabasis, 2000).

³ Gina Fasoli, "Navigazione fluviale. Porti e navi sul Po," in *La navigazione mediterranea nell'alto medioevo, Atti della XXV Settimana di studio del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo*, 565 (Spoleto: CISAM 1978); Roberto Sabatino Lopez, "The Evolution of Land transport in the Middle Ages," in *The Past and Present Society*, no. 9 (April 1956): 21-22.

⁴ The Liutprando's Capitulary has been considered a major source for what concerns trade and commerce—since the beginning of the XX century, see Hartman Ludo Moritz, "Übereinkunft zwischen den Langobarden und den Comacchiesen," in *Zur Wirtschaftsgeschichte Italiens im frühen Mittelalter. Analekten*, 123-124 (Gotha: Friedrich Andreas Perthes 1904); Fasoli, "Navigazione fluviale. Porti e navi sul Po," 583-585. Mentions of port and rights on streams can also be found in minor deeds.

⁵ Other scholars paid more attentions to the materiality of the transports and infrastructural changes from the late Roman Empire and early medieval period. Gian Piero Bognetti, "La navigazione padana e il sopravvivere della civiltà antica," in *Archivio Storico Lombardo*, n. 89, (1962):7; Albert C. Leighton. *Transport and Communication in Early Mediaeval Europe AD 500-1100* 206-213 (Newton Abbot: David & Charles 1972); Lopez, "The Evolution of Land transport in the Middle Ages," 17-20.

⁶ Both authors describe their travels in the context of a badly conserved road network. While Sidonio uses mainly the rivers, Rutilio prefers to travel by sea., Sidonio Apollinare, *Poems and Letter I-II*, translated by William Blair Anderson, Epist. I,5 Cambridge:Loeb Classical Library, 1936; Rutilio Namanziano, translated by Alessandro Fo, I, 35- 45, Torino:Einaudi, 1992.

⁷ Richard Hodges, "Adriatic Sea trade in a European perspective," in *From one sea to another. Trading places in the European and Mediterranean Early Middle Ages. Proceedings of the International Conference Comacchio 27th-29th March 2009*, 207-214 (Turnhout: Brepols, 2012); Sauro Gelichi, Claudio Negrelli, "Anfore e commerci nell'alto Adriatico tra VIII e IX secolo," in *Mélanges de l'Ecole française de Rome*, 120/2, (2008): 307-326; Carla Corti, "Importazioni e circolazione lungo il corso del Po tra IV e VII secolo," in *La circolazione delle ceramiche nell'Adriatico tra tarda antichità e altomedioevo, III incontro di studio CER.AM.IS*, 237-256 (Mantova: SAP, 2007).

transnational trade network. According to Franz Theuws, this network did not just satisfy a long-distance elite demand but also integrated smaller-scale regional trade.⁸ Although this scenario acquired credibility over time, archaeological information about the boats and the infrastructures used along the rivers is still quite scarce. We know very little about the vessels used for transportation and, although we do have some data about the inner docks of the Po's delta areas, we are still missing a lot of information about the organisation of life and work around the main course of the Po and its tributaries.⁹ Written sources give us some details, but we are far from having a complete description of what was going on around rivers in the Early Middle Ages, while the scarcity and the lack of variety of direct archaeological records for river navigations have discouraged studies on the topic.¹⁰

Approaching river navigation from an archaeological point of view will meet with several problems. First of all, the diffusion in the early medieval period of wood and perishable materials for constructions reduces the opportunities of finding surviving ancient infrastructures now. Likewise, the lessening of pottery and the widespread use of degradable containers affected the formation process of archaeological shipwrecks.¹¹ A second problem is early medieval climate change. This phenomenon was recorded by many ancient historians and churchmen, not without exaggeration, in the form of floods, overflows and modifications to riverbeds. These texts often refer to the lives of saints or God's will and describe major climatic events by referring to parts of the Holy Scripture, making it hard to discern whether they are telling a fact or a literary *topos*.¹²

⁸ Franz Theuws, "River-based trade centers in early medieval northwestern Europe. Some 'reactionary' thoughts," in *From One Sea to Another. Trading Places in the European and Mediterranean Early Middle Ages, Proceedings of the International Conference Comacchio 27th-29th March 2009*, 38-45 (Turnhout: Brepols, 2012).

⁹ I use the term vessel here to indicate different kind of ships and boats. Sauro Gelichi, "Societies at the Edge: New Cities in the Adriatic Sea during the Early Middle Ages (8th-9th centuries)," in *New Directions in Early Medieval European Archaeology: Spain and Italy Compared: Essays for Riccardo Francovich*, 292-297 (Turnhout: Brepols, 2015).

¹⁰ There are different references of harbor in written sources of the Lombard and Carolingian period, but few of these dock structures in Italy were recognized and archaeologically investigated. An exception is the dock of San Vincenzo in Volturno Federico Marazzi, Alessia Frisetti "Porti monastici in Campania fra VIII e X secolo," in *Hortus Artium Medievalium*, 22 (2016) 230-233. What we find in the area of the study in this period are only logboats and, in delta's area few other vessels or uncertain wooden remains. We have some traces of pottery and containers indeed. For direct and indirect archaeological record we adopt here the definitions of Ulrike Teigelake, Ulrike Teigelake, "Tracing Ship Traffic without Ships—Alternative Methods of Finding Evidence for Pre- and Early Historical Inland Water Transport," in *Boats, Ships, and Shipyards*, 154-155 (Oxford: Oxbow books, 2003).

¹¹ Sauro Gelichi, "Infrastrutture marittime nell'alto medioevo: una prospettiva archeologica," in *L'acqua nei secoli altomedievali, Atti della LV Settimana di studio del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo*, 300-301, 306-311 (Spoleto: CISAM, 2008).

¹² Paolo Squartiti, "The Floods of 589 and Climate Change at the Beginning of the Middle Ages: An Italian Microhistory," in *Speculum*, 85/4 (October 2010), 820-825.

However, in the latest decades, some of these events were observed locally in the Po valley plain during surveys and core sampling campaigns. We must, therefore, assume that those movements of river beds actually occurred, affecting the spatial distribution of streams and moving rivers from river-settlement deposits without modifying their names.¹³ A third problem is linked to recent developments in towns after the Second World War that moved human populations and activities away from river beds and river lands, decreasing the opportunity of running into archaeological data along the rivers.¹⁴

In this context, characterised by a scarcity of material evidence, logboats are a relevant exception. Logboats are long and narrow vessels built from one single log (*picture 1*). From the second half of the 19th century, these boats were common findings in Alpine lakes and in the Po valley but, due to a romantic vision of prehistory and a positivist approach to the history of technology, for a long time, these artefacts were reputed to be primitive boats.¹⁵ It was shown only in recent decades, thanks to the diffusion of radiocarbon dating methods, that logboats were a long-standing technology between the prehistoric and the modern age. Many of these boats, found in rivers, belong to the Early Middle Ages.¹⁶

This new scenario brings about many questions concerning the use of logboats and their value after the decline and reorganisation of Roman Empire infrastructures, but also about the existence and the significance of settlements or harbours around the medium course of the Po river, of which, as suggested previously, we have almost no archaeological evidence regarding their materiality. However, these data are not simple to understand. Monoxylyon boats are often found floating on riverbanks. In many cases, they cannot be connected to a stratigraphy, and they have lost their chance to tell us more about their contexts (*picture 2*). Additionally, because of the scarce consideration of

¹³ Fabio Saggioro, “Insediamenti, proprietà ed economie nei territori di pianura tra Adda e Adige (VII-IX secolo),” in *Dopo la fine delle ville: evoluzione nelle campagne dal VI al IX secolo. 11° Seminario sul tardo antico e l'alto Medioevo*, 84-87 (Firenze: All'insegna del Giglio, 2005); Stefano Cremonini, Donato Labate, Renata Curina, “The late-antiquity environmental crisis in Emilia region (Po river plain, Northern Italy): Geoarchaeological evidence and paleoclimatic considerations,” in *Quaternary International*, 316 (2013):162-167

¹⁴ Some data are visible in Pietro Remitti, Marco Lazzari, “Demografia e sviluppo economico nei comuni rivieraschi,” in *Un Po di terra. Guida all'ambiente della bassa Pianura Padana e alla sua Storia*, ed. Carlo Ferrari, Lucio Gambi, 537-538 (Reggio Emilia: Diabasis, 2000); Sebastiano Cacciaguerra, “Introduction,” in *Vie d'acqua e cultura del territorio*, (Milano: Franco Angeli, 1991).

¹⁵ Stefano Medas, “Le Imbarcazioni Monossili: Letteratura Antica e Archeologia,” in *Atti del Convegno di Archeologia Subacquea AIASub*, 271-272 (Bari: Edipuglia, 1997).

¹⁶ Alessandro Asta, “Le imbarcazioni monossili italiane: stato degli studi e prospettive di ricerca per un catalogo Nazionale,” in *Atti del III Convegno Nazionale di Archeologia Subacquea*, 84-85 (Bari: Edipuglia, 2015); Nicoletta Martinelli, Alexander Cherkinsky, “Absolute dating of monoxylyous boats from northern Italy,” in *Radiocarbon*, n. 51, 2, (2009): 413-414; Ottavio Cornaggia Castiglioni, Giulio Calegari, “Le Piroghe Monossili Italiane. Nuova Tassonomia. Aggiornamenti. Iconografia,” in *Preistoria Alpina*, n. 14 (1978): 165-66.

logboats in the past and the fragmentation of conservation duties, we do not have a systematic study on the subject. In Italy, unlike other countries, there is not a catalogue of these findings. Past attempts are incomplete, while recent works are still unpublished.¹⁷

In short, through a more thorough examination of these boats, we can now hope to improve our knowledge of river navigation. Moreover, by studying the qualities and performances of these vessels, we can perhaps increase our knowledge of river transport between the 6th and the 10th century. Indeed, these vessels seem to play a consistent part of river life - from a numeric viewpoint - at a time when we do not have other evidence of boats in the same environment.¹⁸

SOURCES AND METHODOLOGY

The unpublished artefacts preserved in the area of study will be recorded to draw more information from the logboats, and a new set of radiocarbon and archaeobotanical analyses will be promoted. Radiocarbon analysis will be used to reinforce quantitative studies while expectations from archaeobotanical data are to improve a qualitative knowledge of the boats and, indirectly, of their environment. To achieve these results, a collaboration with the *Soprintendenza archeologia, belle arti e paesaggio per le province di Como, Lecco, Monza e Brianza, Pavia, Sondrio e Varese; the Soprintendenza Archeologia, Belle Arti e Paesaggio Per le Province di Cremona, Lodi e Mantova and the Soprintendenza Archeologia, Belle Arti e Paesaggio Per le Province di Bergamo e Brescia* has been started. This is a group of local ministerial departments in charge of preserving and enhancing the archaeological heritage of the Lombard area.¹⁹ This region is the one with the highest number of findings. This collaboration aims at analysing the records of restoration activities and producing a list of identifiable artefacts suitable for radiocarbon analysis and wood anatomical identification. For each boat, data

¹⁷ For some examples of catalogues see Sean McGrail, "Logboats of England and Wales with Comparative Material from European and Other Countries," in *British Archaeological Reports*, 51, (Oxford: BAR, 1978); Bèat Arnold, "Pirogues monoxyles d'Europe centrale. Construction, typologie, evolution," I-II, (Neuchâtel: Musée cantonal d'archéologie, 1996). A partial list is in Marco Bonino, "Le Imbarcazioni Monossili in Italia," in *Bollettino Del Museo Civico Di Padova*, n. 72, (1983):51-77; for unpublished works, I'm referring to the thesis of Alessandro Asta, "Le Piroghe italiane. Catalogo e studio per una nuova archeologia navale delle origini," (Master degree thesis, University of Padova, 2002-2003); and the regional census commissioned to the restorer Ilaria Peticucci by the Soprintendeza della Lombardia, this census was the base for others papers, see Fabiana Barbaglio, "Le imbarcazioni monossili: la storia, gli studi, le scoperte archeologiche," in *Insula fulcheria*, XXXVII, (2007):156.

¹⁸ Gelichi, "Societies at the Edge," 297.

¹⁹ There are also some contacts with the *Soprintendeza Archeologia, Belle Arti e Paesaggio per l'area metropolitana di Venezia e le province di Belluno, Padova e Treviso*.

recording includes the main measurements, integrity, the presence of a stern/bow, the presence of holes or composite elements, the identification of wood species (where present), C14 and dendrological analyses, details of the disposal site and past restoration activities. A database managed with a *Geographical Information System* (GIS) will collect all the data. Then, the use of Early Medieval logboats in a trade context will be examined. The work will be accomplished by making a 3D photogrammetry of selected artefacts (*Agisoft PhotoScan*), a digital Model (*Rhinoceros*) and lastly a 3D cargo and sailing simulation (*Orca 3d*).²⁰ For the photogrammetry, I decided to select three logboats with different lengths and shapes. The Ponte di Piave boat, i.e. a small, well-shaped boat with a below-average length; one of the two boats from Valle Isola, the longest logboats in Italy that conserve both a stern and a bow, and the Montodine logboat, a well-preserved logboat with average measurements, discovered in the Serio river.²¹ Depending on the remaining time, I may study the photogrammetry of Boretto's Logboat, an asymmetric monoxylon boat in good condition, probably part of a double logboat.²²

At the end of the research, I will focus on spatial analyses to try to connect, through GIS, both logboats and docks along the Po valley, comparing mentions of ports from early medieval written sources with the geographical position of archaeological findings. I will pay specific attention to the complex formation processes of archaeological records in the alluvial environment and the distribution of markers of Early Medieval trade in the area, used as secondary evidence for tracing the traffic of ships (soapstone, glass ingots and globular amphorae). Through careful analysis of the distribution of all data, I will put forward some hypotheses on the positions of inner harbours. I will do this by building some "cluster areas" of ships where I will analyse the morphology of the land, river movements and known settlements to create a database for future research on the subject.²³ In this research, I will also pay attention to other

²⁰ Elisa Costa, Elisabetta Baletti, Carlo Beltrame, Francesco Guerra, Paolo Vernier, "Digital Survey Techniques For The Documentation Of Wooden Shipwrecks," in *The International Archives of the Photogrammetry, Remote Sensing and Spatial Information Sciences*, XLI-B5, 237-242 (Prague: ISPRS, 2016); Nigel Nayling, Toby Jones, "The Newport Medieval Ship," in *International Journal of Nautical Archaeology*, 43, (2014): 227-231.

²¹ The logboats of Montodine are actually unpublished while for Ponte di Piave logboat see Maria Pezzo, Gianluca Quarta, Stefano Medas, Stefano Marconi, Jasmine Rizzi, Lucio Calcagnile, Marisa D'Elia, "Datazione assoluta della piroga monossile di Ponte di Piave (TV). Analisi dendrocronologiche e radiocarboniche," in *Annali del Museo Civico di Rovereto: Sezione: Archeologia, Storia, Scienze Naturali*, 25 (2010): 91-101.

²² Stefano Medas, "La piroga rinvenuta nel fiume Po presso Boretto (Reggio Emilia)," in *NAVIS 5. Archeologia, Storia, Etnologia Navale. Atti del II Convegno Nazionale, Cesenatico, Museo della Marina, 13-14 aprile 2012*, 141-147 (Padova: Libreriauniversitaria.it edizioni, 2014).

²³ Michael McCormick, "Comparing and connecting: Comacchio and the early medieval trading towns," in *From One Sea to Another. Trading Places in the European and Mediterranean Early*

features of medieval water landscapes revealed in written sources, such as bridges, dykes, mills and - of course - movements of riverbeds, to discover the paths of floated boats, but also to consider other uses of these objects. Recently, many uses of these logboats based on an ethnographic comparison have been proposed; e.g. some scholars suggested their uses in water mills or in the construction of boat bridges. Unfortunately, these suggestions have found precise terms of comparison neither in our context nor in the analysis of boat characteristics. This work, however, due to the emergence of many different logboat shapes and features, does not completely exclude that few vessels could be used in ways that differ from mere navigation.²⁴

SEMI-PROCESSED DATA, PROVISIONAL HYPOTHESIS AND CONCLUSIONS

Data accessible from published works reveals that there are 80 conserved logboats in Northern Italy. Many more logboats are recorded to have been sighted in reports, while others - well recorded by pictures and drawings of the past - were destroyed (*Tab.1*).²⁵ On this first census, 38% of the logboats were the object of scientific dating. The 2% concerned dates based on associated materials or particular morphology, the majority still lacks a chronology. Most dating analyses are carried out using the radiocarbon method, while dendrochronology was used on only two boats (*Tab.2*). In radiocarbon results, there is a massive difference in terms of laboratory errors between analyses carried out before 1978 and more recent ones.²⁶ It is possible to partially improve the old radiocarbon results using the latest calibration curve, which more precisely analyses the variation of C14 over time, but errors linked to the lab's instruments will persist, leaving us to cope with large chronological intervals when

Middle Ages (Turnoht: Brepols, 2010) 492-93; Gelichi, "Societie at the Edge", 292-297; Teigelake, "Tracing Ship Traffic without Ships", 155.

²⁴ Some different hypotheses were recently expressed but there still little evidence that can support them, see Angela Allini, Alessandro Asta, Stefano Medas, Monica Miari, "Due piroghe rinvenute nel fiume Po presso Monticelli d' Ongina (PC) e Spinadesco (CR)" *Archeologia Storia Etnologia Navale*, Atti del II convegno nazionale Cesenatico – Museo della Marineria (13-14 aprile 2012), 121-122 (Padova: Libreriauniversitaria.it edizioni, 2014).

²⁵ For the census's sources, see, Ottavio Cornaggia Castiglioni, "Le Piroghe Preistoriche Italiane: Problematiche Ed Inventario Dei Reperti," in *Natura*, 58, no. I (1967): 5-48; Federica Sacchetti, "Imbarcazioni monossili e trasporti fluviali sul fiume Oglio. Problemi di cronologia e aspetti tecnici," in *Orizzonti. Rassegna di Archeologia II*, (2002): 111-126; Tea Ravasi, Fabiana Barbaglio, "Merci e persone sui fiumi. Le imbarcazioni monossili conservate presso il Museo Civico di Crema e del Cremasco," in *Archaeotrade. Antichi commerci nella Lombardia orientale. Catalogo della mostra*, 37-61, (Milano: Edizioni ET, 2008).

²⁶For laboratory error I intend the "standard error" derived by limits of physical instrumentation and techniques that usually follow the data given by labs and express in "Before Present" For this reason, the inaccurate results as Monate's and Valle Isola's were excluded from table 3 and 4. For radiocarbon result see Cornaggia Castiglioni, Calegari. "Le Piroghe Monossili Italiane," 165-66.

dealing with old analyses.²⁷ These intervals can sometimes cover more than a century and make a division in periods more difficult. The group of recent results seems to be more precise in terms of approximation and in the procedure of sample selection. Each sample came from a single recorded boat.

Most of the pirogues analysed in the past seem to belong to medieval times, i.e. 63% of the results for a total of 17 logboats (*Tab.3*). The more significant part of dated logboats has a chronological interval which starts or ends in the early Middle Ages or Late Antiquity (10) while the other seven cases lie between the 12th and the 13th century. Since the standard deviation of the radiocarbon results is still substantial after calibration, it is not possible to determine if the boats dated as artefacts from a period of time comprising the 10th century were, in fact, from this century or from a later period. Thus, as far as can be assumed, for now, the logboats' phenomenon seems to have relevance both in the Early Middle Ages and in the High Medieval period (*Tab.4*). Perhaps the interpretation of new radiocarbon results and a future cross-query of data will reveal distinctive properties on the use of logboats in this broad chronology.²⁸

Radiocarbon remains the safest way of creating periodisation. The limited number of one hundred logboats, mostly undated, is still an irrelevant sample to judge styles, morphologies and construction modalities. This becomes apparent when we compare our field with other material culture studies. In ancient pottery studies, chronotypologies are often possible because there are innumerable shreds coming from many different stratigraphical contexts. However, at the end of the project, it will be possible to highlight the emergence of significant construction features in a precise period, comparing the analyses of various hulls with radiocarbon results.

At the moment, radiocarbon results seem to show some diversity from other European countries, where pirogues also belong to the early modern age (Germany). A remarkable

²⁷ Christopher Bronk Ramsey, "Radiocarbon Calibration and Analysis of Stratigraphy: The OxCal Program." *Radiocarbon* 37, no. 2 (1995): 425–30; Paula Reimer, Edouard Bard, Alex Bayliss, Beck Warren, Paul Blackwell, Christopher Bronk Ramsey, Caitlin Buck, et al. "IntCal13 And Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0–50,000 Years Cal BP," in *Radiocarbon* 55, no. 4 (2013): 1869–87.

²⁸ For this presentation, I've selected, as a sample, logboats that were previously analyzed and are still existing. The charts are based on the first sigma of published results, where there was not, I used the program Oxcal to reach a data's calibration. For radiocarbon result see Cornaggia Castiglioni, Calegari. "Le Piroghe Monossili Italiane.", 165–66. Martinelli, Cherkinsky "Absolute dating of monoxylous boats," 418; Claudio Balista, Fede Berti "Carotaggi geoarcheologici e scavi nei pressi della Chiesa di Santa Maria in Padovetere anni 2006 e 2008," in *Atti dell'Accademia delle Scienze di Ferrara*, 194, 127 (Ferrara: Accademia delle Scienze di Ferrara, 2017); Alessandro Asta, Mauro Bon, Valentina Girotto, Stefano Medas, Paolo Reggiani, "Reperti archeologici provenienti dai sedimenti del canale del Cornio (Campagna lupia, laguna di Venezia): analisi degli scafi monossili ed evidenze faunistiche," in *Bollettino del Museo storico naturale di Venezia*, 65, (2014): 237-252.

fact is also the presence of a logboat in chestnut wood (*Castanea Sativa*) found near Lodi. This logboat does not match the more frequent use of oakwood (*Quercus sp.*) in the medieval period. In nature, the growth of the chestnut tree is limited to some specific areas. This finding could open up a new perspective on the provenance of the boat or suggest some particular anthropic modifications of the local wood environment.²⁹

As far as we know from past studies on cargo capacities, there is a strong probability that logboats, especially the bigger ones between 10 and 16 meters long, were capable of carrying large quantities of loads. However, only a meticulous reconstruction of exemplary cases, paying attention to the many variables of the context, will give us some answers on this topic.³⁰

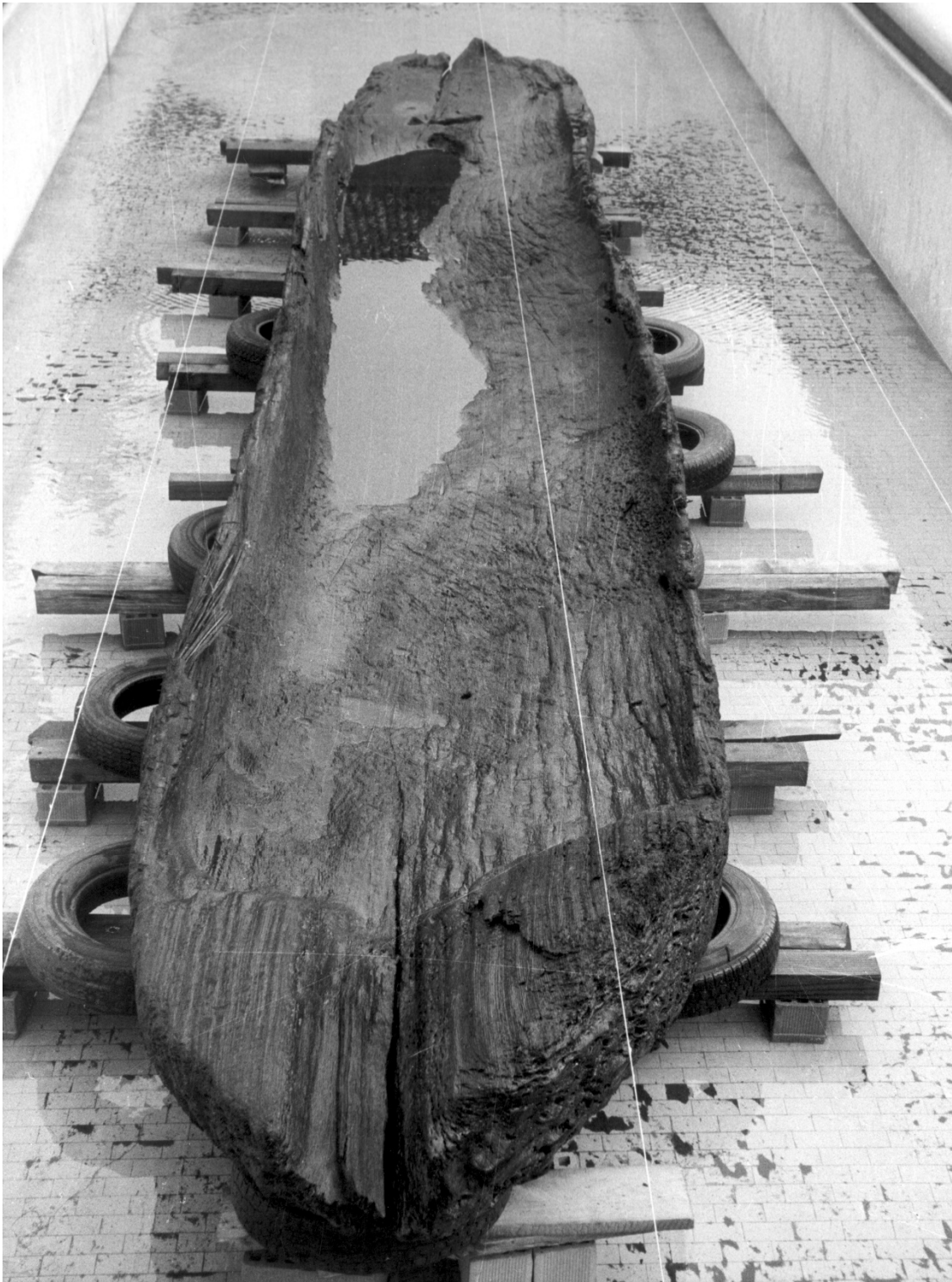
Rivers such as the Adda and the Oglio seem particularly rich in findings, but some logboats are also present in the Po River, far from the deltas of its tributaries. Other concentrations are visible near the Comacchio valleys and in the rivers close to the Venetian Lagoon. The chronology of these findings, where present, seems to follow the development of nearby emporia centres. These concentrations will be used in the future to focus on exports from this area and on the possible involvement of pirogues in carriage. A possible outcome of this research is to prove, based on the study of the performance of logboats, that these boats were not only items for local production activities but also a means of transport for small payloads and part of an organised trade network in Early Medieval times. A trade that, perhaps, mixed local with long-distance demands, taking advantage of the Po valley's system of streams, nearby coast channels and wetlands.³¹

²⁹ Alfio Cortonesi, "I paesaggi dell'albero nell'Italia medievale (secoli XII-XIV)," in *Norba. Revista de Historia*, 25-26, (2012-2013): 154-158

³⁰ Sean McGrail, "Assessing the performance of an ancient boat-The Hasholme logboat," in *Oxford Journal of Archaeology*, 7, (1988): 35-46

³¹ Gelichi, "Societies at the Edge," 297-299.

ANEXOS



Picture 1 – Logboats from Canarazzo, publishing allowed by *Ministero per i Beni e le Attività Culturali e per il Turismo SABAP-CO-LC*, All Rights Reserved.



Picture 2 – Rescue of a Logboat in Oglio's River, publishing allowed by *Ministero per i Beni e le Attività Culturali e per il Turismo SABAP-MN*, All Rights Reserved.

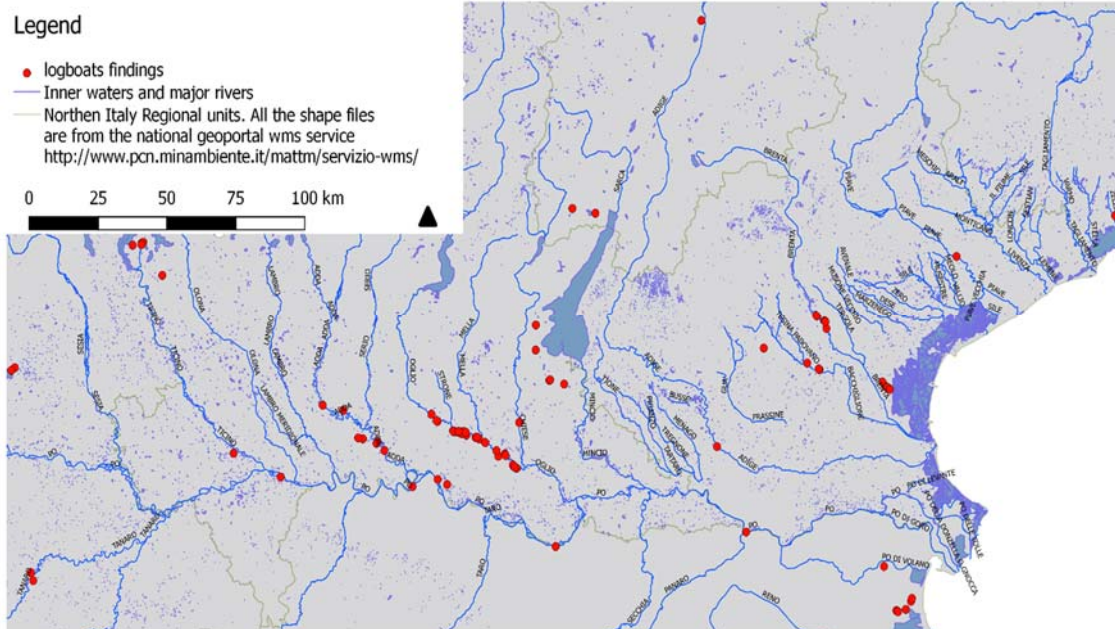


Table 1 – Map of the Logboats findings.

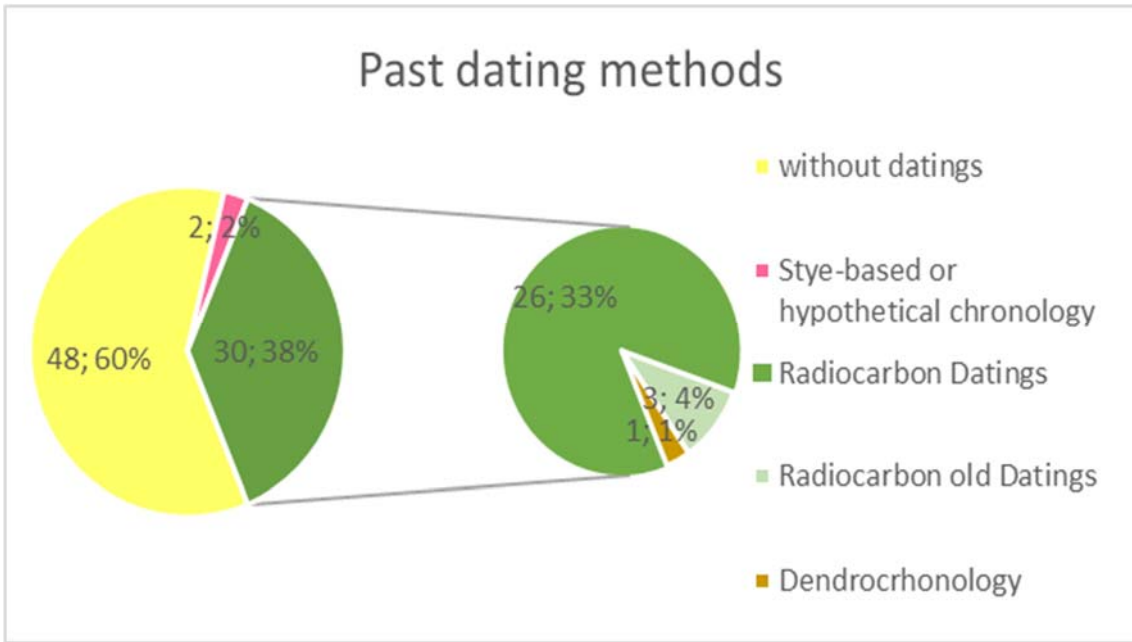


Table 2 – Past Dating Methods.

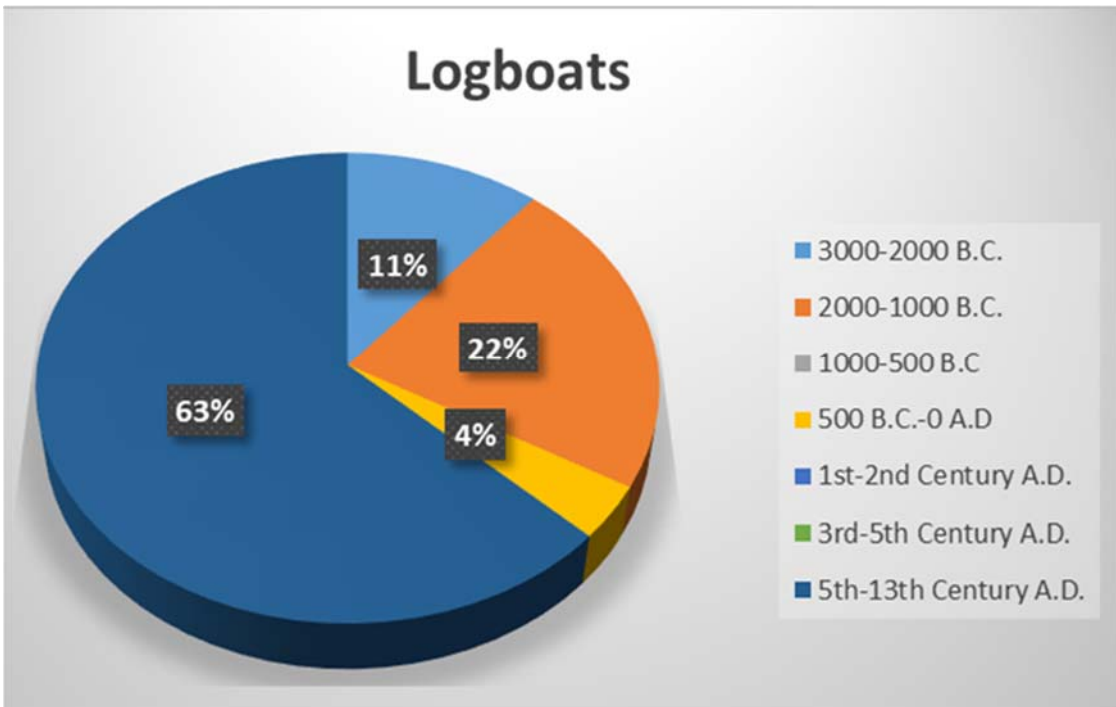


Table 3 – Chronologies of Po's Valley Logboats.

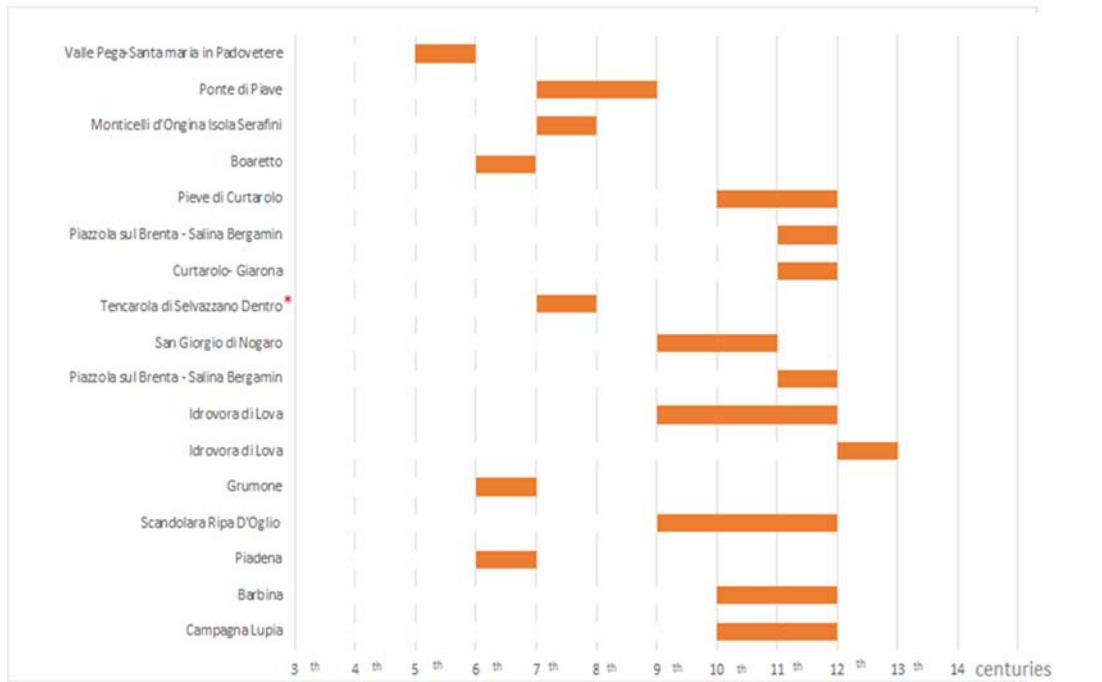


Table 4 – Medieval Logboats Chronology, graphical representation of dating results by century, *= approximation of the dendrochronology result.

**Comércio, Cooperação e Conflito na Costa Ocidental Africana
(Séculos XV-XVI): Para além do Tráfico Transatlântico de Escravos
– Percurso de Investigação**

*Fernando Jorge Cruz Mouta¹
Universidade do Porto*

Resumo

Este artigo pretende apresentar os pontos principais do percurso de investigação que conduzirá à defesa pública da nossa tese de doutoramento. O projeto centra-se na ação dos agentes comerciais na costa ocidental africana nos séculos XV e XVI, em particular no tráfico transatlântico de escravos. Investigações recentes sublinham o caráter determinante de agentes e redes locais, africanos, nesta dinâmica, que se entende não estar suficientemente provado. Pelo escrutínio exaustivo de fontes publicadas e pesquisa arquivística, procurar-se-á construir um repositório de informação que caracterize e modele as relações comerciais estabelecidas.

Pretende-se desenvolver ferramentas teóricas e metodológicas para compreender os modelos de relacionamento entre portugueses e africanos e perceber a sua importância no (in)sucesso dessas relações comerciais. Baseado em novas questões historiográficas, este projeto contribuirá para uma reflexão sobre o encontro entre a Europa e a África neste período fundamental da história da Humanidade. Também analisará a importância das migrações forçadas na construção de um mundo globalizado, focando-se nos agentes, nas redes transnacionais e transculturais e nos mecanismos formais e informais de interação.

Palavras-chave:

Alteridades; Relações Interculturais; Expansão Portuguesa; Costa Ocidental Africana

Abstract

This paper outlines the focal points of the investigation project that will lead to the public defense of our doctoral thesis. We aim to study the actions of commercial agents in the Portuguese expansion on the west coast of Africa in the fifteenth and sixteenth centuries, with a special focus on the transatlantic slave trade. Recent research underlines the determinant character of local African agents and networks in this dynamic, which is considered not sufficiently proven. Using both archival and published sources, this project pretends to create a repository of information which will characterize, model and conclude on typologies of commercial relations established among the various actors.

We intend to develop theoretical and operational tools to construct a relationship model between Portuguese and Africans, and to understand its importance in the establishment of commercial relations. Looking at them through a different approach, this project will increase knowledge about the meeting between Europe and Africa at a crucial time in the history of humanity. It will also seek to contextualize the importance of forced migration (the transatlantic slave trade) in building a globalized world, focusing on agents, transnational and cross-cultural networks, and formal and informal interaction mechanisms.

Keywords:

Alterities; Intercultural Relations; Portuguese Expansion; West African Coast

¹ Este artigo pretende apresentar os pontos principais do projeto de investigação submetido a avaliação no âmbito de concurso da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), tendo-lhe sido atribuído uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/139662/2018). Apresenta também alguns desenvolvimentos decorrentes das tarefas planificadas que foram acontecendo ao longo do período compreendido entre a submissão do projeto e a publicação deste texto.

1. O ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES COMERCIAIS NA COSTA OCIDENTAL AFRICANA (SÉCULOS XV E XVI)

O nosso projeto de doutoramento – intitulado provisoriamente “Comércio, cooperação e conflito na costa ocidental africana (séculos XV-XVI). Para além do tráfico transatlântico de escravos” – centra-se na ação dos agentes comerciais na Costa Ocidental Africana, desde o Cabo Branco, na Mauritânia, até Benguela, nos séculos centrais da expansão portuguesa”. Investigações recentes sublinham o caráter determinante de agentes africanos e redes locais nesta dinâmica, que se entende não estar suficientemente provado. Pelo escrutínio exaustivo de fontes publicadas e pesquisa arquivística, procurar-se-á construir um repositório de informação que caracterize e modele as relações comerciais estabelecidas.

Pretende-se, em particular, aferir a ação dos agentes locais no estabelecimento dos vários tratos, sem descurar o tráfico transatlântico de escravos, e verificar como os africanos e europeus envolvidos se adaptaram às novas circunstâncias. Aqui torna-se fundamental perceber de que forma os mecanismos de cooperação, confiança e reputação² afetaram a construção destas redes comerciais. Studnicki-Gizbert destaca-se no estudo do papel dos indivíduos e das redes comerciais nestes novos espaços atlânticos.³ Os contatos específicos entre africanos e europeus e o consequente estabelecimento de relações são tratados em várias obras.⁴ Ao considerar em pé de

² Rafael A. Barrio; Tzipe Govezensky; Élfego Ruiz-Gutiérrez e Kimmo K. Kaski, “Modelling Trading Networks and the Role of Trust”, *Physica A*, Nº 471 (2017): 68-79. Leonor Freire Costa; Maria Manuel Rocha e Tanya Araújo, “Social Capital and Economic Performance: Trust and Distrust in Eighteenth-century Gold Shipments from Brazil”, *European Review of Economic History*, Vol. 15, Nº 1 (2011): 1-27. Ebert, Christopher. “European Competition and Cooperation in Pre-Modern Globalization: 'Portuguese' West and Central Africa, 1500-1600”. *African Economic History*, Vol. 36 (2008): 53-78. Gambetta, Diego (ed.), *Trust: Making and Breaking Cooperative Relations* (Cambridge, MA: Basil Blackwell, 1988). Xabier Lamikiz, *Trade and Trust in the Eighteenth-Century Atlantic World: Spanish Merchants and their Overseas Networks* (Suffolk: Boydell & Brewer, 2013). Janet Tai Landa, *Trust, Ethnicity, and Identity. Beyond the New Institutional Economics of Ethnic Trading Networks, Contract Law, and Gift-Exchange* (Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1994). Roy J. Lewicki; Daniel J. McAllister e Robert J. Bies, “Trust & Distrust: New Relationships and Realities”, *The Academy of Management Review*, Vol, 23, Nº 3 (1998): 438-458. Paul E. Lovejoy e David Richardson, “Trust, Pawnship, and Atlantic History: The Institutional Foundations of the Old Calabar Slave Trade”, *The American Historical Review*, Vol. 104, Nº 2 (1999): 333-355. Shu Yu; Sjoerd Beugelsdijk e Jakob de Haan, “Trade, Trust and the Rule of Law”, *European Journal of Political Economy*, Nº 37 (2015): 102-115.

³ Daviken Studnicki-Gizbert, *A Nation Upon the Ocean Sea: Portugal's Atlantic Diaspora and the Crisis of the Spanish Empire, 1492-1640* (Cambridge: Cambridge University Press, 2007).

⁴ Adeyinka Theresa Ajayi, “Dynamics of Trade and Market Management in Pre-Colonial West Africa: A Survey Research in Indigenous Economy”, *American Journal of Humanities and Social Sciences Research*, Vol. 2, Nº 6 (2018): 53-58. George E. Brooks, *Eurafricans in Western Africa: Commerce, Social Status, Gender and Religious Observance from the Sixteenth to Eighteenth Century* (Athens: Ohio University Press, 2003). Mariana P. Candido, *An African Slaving Port and the Atlantic World: Benguela and Its Hinterland* (Cambridge: Cambridge University Press, 2013). Philip D Curtin, *Cross-Cultural Trade in World History*, Edição Digital (Cambridge:

igualdade a ação do agente africano e europeu pretende-se reduzir a presente desigualdade na historiografia, nomeadamente a pouca ou nenhuma atenção dada aos africanos em alguma análise histórica da relação África/Europa. Este é um dos objetivos da Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável e é central para este projeto de investigação. Pretende-se também contribuir para a historiografia da expansão portuguesa, da história atlântica, do tráfico transatlântico de escravos e dos mecanismos de cooperação num mundo sujeito a mudanças profundas.

A costa ocidental africana estava há muito integrada nos circuitos comerciais africanos, embora não fosse central para essas dinâmicas. A chegada dos mareantes portugueses veio criar novos canais de distribuição e padrões de procura que, para além de darem centralidade a uma região periférica, afetou equilíbrios, criou ruturas e potenciou conflitos.⁵ Alguma incidência no tema do tráfico transatlântico de escravos justifica-se por ser fundamental para perceber todo o período moderno. A sua centralidade na colonização da América é inquestionável, reequacionando-se o seu papel na história geral de África. Estas migrações forçadas de indivíduos tiveram um impacto

Cambridge University Press, 2002). Diogo Ramada Curto e Anthony Molho (eds.), *Commercial Networks in the Early Modern World* (Florença: European University Institute, 2002). David Eltis e Stanley L. Engerman (eds.), *The Cambridge World History of Slavery: Volume 3, AD 1420–AD 1804* (Cambridge: Cambridge University Press, 2011). P. C. Emmer; O. Pétré-Grenouilleau e J. Roitman, (eds.), *A Deus ex Machina Revisited: Atlantic Colonial Trade and European Economic Development* (Leiden: Brill, 2006). Paul E. Lovejoy, *Transformations in Slavery: A History of Slavery in Africa*, 3ª Edição (Cambridge: Cambridge University Press, 2012). Isabel Castro Henriques, *Os Pilares da Diferença. Relações Portugal-África. Séculos XV-XX* (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004). Linda Heywood, “Slavery and Its Transformation in the Kingdom of Kongo, 1491-1800”, *The Journal of African History*, Vol. 50, Nº 1 (2009): 1-22. Johnson Leroy-Donald, *Congolese-Portuguese Relations, 1482-1543: The First Phase of Lusitanian Expansion in Tropical Africa*, [Tese de Doutoramento], The University of Michigan, 1981. Ana Cristina Roque, “The Sofala Coast (Mozambique) in the 16th Century: Between the African Trade Routes and Indian Ocean”. Iain Walker; Manuel João Ramos e Preben Kaarsholm, (eds.), *Fluid Networks and Hegemonic Powers in the Western Indian Ocean* (Lisboa: Centro de Estudos Internacionais, 2017): 19-36. Daniel B. Domingues da Silva, *The Atlantic Slave Trade from West Central Africa, 1780-1867* (Nova York: Cambridge University Press, 2017). Filipa Ribeiro da Silva, *Dutch and Portuguese in Western Africa. Empires, Merchants and the Atlantic System, 1580-1674* (Leiden: Brill, 2011).

⁵ Herman L. Bennet, *African Kings and Black Slaves: Sovereignty and Dispossession in the Early Modern Atlantic* (Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2018). J. Bato'ora Ballong-Wen-Mewuda, *São Jorge da Mina, 1482-1637* (Lisboa/Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993), 2 Volumes. Boubacar Barry, *Senegambia and the Atlantic Slave Trade* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010). Timothy Joel Coates, *Exiles and Orphans. Forced and State-Sponsored Colonizers in the Portuguese Empire, 1550-1720*, [Tese de Doutoramento], University of Minnesota, 1993, 2 Volumes. Emilia Viotti da Costa, “The Portuguese-African Slave Trade: A Lesson in Colonialism”, *Latin American Perspectives*, Vol. 12, Nº 1 (1985): 41-61. John Donoghue e Evelyn P. Jennings (eds.), *Building the Atlantic Empires: Unfree Labor and Imperial States in the Political Economy of Capitalism, ca. 1500-1914* (Leiden: Brill, 2015). Luís Miguel Duarte, “Os Negros da Terra Verde: (Guerra e Captura de Escravos na Costa Ocidental Africana, 1433-1448)”, *Revista de História das Ideias*, Vol. 30 (2009): 233-259. Green, A *Fistful*. Lovejoy, *Transformations*. Orlando Patterson, *Slavery and Social Death: A Comparative Study* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982). Walter Rodney, *A History of the Upper Guinea Coast 1545-1800* (Oxford: Clarendon Press, 1970).

profundo em todo o mundo, sendo um exemplo perfeito de uma primeira globalização.⁶ Acresce que este comércio moldou indelevelmente as relações entre todos os espaços atlânticos, deixando marcas profundas até hoje.

É consensual que o início do tráfico transatlântico de escravos coincide com o amanhecer de um mundo cada vez mais globalizado. Em 1444, segundo o relato de Gomes Eanes de Zurara na sua “Crónica da Conquista da Guiné”⁷, chegam a Lagos os primeiros escravos africanos trazidos pelos navegadores portugueses para serem vendidos em Portugal. Considera-se que este é o momento fundacional do tráfico transatlântico de escravos, assim como é fundamental a construção da fortaleza de Arguim em 1448, que estabelece o primeiro entreposto comercial europeu na costa ocidental africana. Durante o século XV, o tráfico transatlântico de escravos floresce nas costas da África Ocidental (Senegâmbia e Serra Leoa). Temos também a colonização do arquipélago de Cabo Verde, uma das primeiras experiências de agricultura intensiva a utilizar mão-de-obra africana escravizada, assim como a colonização do arquipélago de S. Tomé no final desse século. Cabo Verde e S. Tomé tornar-se-ão importantes entrepostos no tráfico transatlântico de escravos para as novas colónias americanas. De referir que o tráfico de escravos não foi uma criação europeia, já que a escravatura e o comércio de indivíduos existiam há muito nas sociedades africanas. Os europeus criaram novas exigências de procura e novos canais de distribuição, especialmente após a descoberta do Novo Mundo, que geraria novas necessidades de colonização e de mão-de-obra para a agricultura de plantação e mineração.⁸

⁶ Jeremy Black, *The Atlantic Slave Trade in World History* (Nova York: Routledge, 2015). D'Maris Coffman; Adrian Leonard e William O'Reilly (eds.), *The Atlantic World* (Oxon: Routledge, 2015). David Eltis e David Richardson (eds.), *Extending the Frontiers: Essays on the New Transatlantic Slave Trade Database* (New Haven: Yale University Press, 2008). Eltis e Engerman, *The Cambridge*. David Eltis e David Richardson, *Atlas of the Transatlantic Slave Trade* (New Haven: Yale University Press, 2015). Roquinaldo Ferreira, *Cross-Cultural Exchange in the Atlantic World: Angola and Brazil during the Era of the Slave Trade* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012). Toby Green, *A Fistful of Shells: West Africa from the Rise of the Slave Trade to the Age of Revolution* (Londres: Allen Lane, 2019). Herbert S. Klein, *The Atlantic Slave Trade* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010). Willem Klooster e Alfred Padula (eds.), *The Atlantic World: Essays on Slavery, Migration, and Imagination*, 2ª Edição (Nova York: Routledge, 2019). Joseph C. Miller, *Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade 1730-1830* (Londres: James Currey, 1988).

⁷ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné por mandado do infante D. Henrique* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1978-1981), 2 Volumes.

⁸ Luís Albuquerque (dir.), *Portugal no Mundo. Volume II: As Zonas de Influência do Ocidente; Origem e Desenvolvimento da Colonização* (Lisboa: Alfa, 1989). Amândio Barros (coord.), *Os Descobrimentos e as Origens da Convergência Global*. (Porto: Câmara Municipal do Porto/Associação para a Divulgação da Cultura de Língua Portuguesa, 2015). Arlindo Manuel Caldeira, *Escravos e Traficantes no Império Português* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013). Ivana Elbl, *The Portuguese Trade with West Africa, 1440-1521*, [Tese de Doutoramento], University of Toronto, 1986. Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 2ª Edição (Lisboa: Presença, 1991), 4 Volumes. António de Almeida Mendes, “Portugal e o Tráfico

2. AS FONTES

Este projeto de investigação baseia-se na pesquisa de fontes que nos permitam identificar um agente comercial, uma transação, a mercadoria transacionada e qual a relação entre as partes envolvidas. A recolha simultânea dos dados começará pela pesquisa em fontes já publicadas, concretamente: *Monumenta Henricina*;⁹ *Descobrimientos Portugueses: Documentos para a sua História*;¹⁰ *Documentação Ultramarina Portuguesa*;¹¹ *Portugaliae Monumenta Africana*¹² e *Monumenta Missionaria Africana*,¹³ entre outros.¹⁴ Será estudada literatura de viagens (roteiros, descrições geográficas e etnográficas, relatos e crónicas) da época, quer seja de produção nacional ou estrangeira, nomeadamente: o *Códice Valentim Fernandes*;¹⁵ o *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira;¹⁶ as *Viagens de Luís de Cadamosto*;¹⁷ a *Crónica de uma Viagem à costa da Mina no Ano de 1480* de Eustache de La Fosse;¹⁸ e a

de Escravos na Primeira Metade do Século XVI”, *Africana Studia*, Nº 7, Jan/Dez (2004): 13-30, Separata. Maria do Rosário Pimentel, *Chãos de Sombras: Estudos sobre Escravatura* (Lisboa: Colibri, 2010). James A. Rawley e Stephen Behrendt, *The Transatlantic Slave Trade. A History, revised edition* (Lincoln: University of Nebraska Press, 2005). Lumumba Hamilcar Shabaka, *Transformation of 'Old' Slavery into Atlantic Slavery, Cape Verde Islands, c. 1500–1879*, [Tese de Doutoramento], Michigan State University, 2013.

⁹ *Monumenta Henricina* (Coimbra: Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960-1974), 15 Volumes.

¹⁰ João Martins da Silva Marques (org.), *Descobrimientos Portugueses: Documentos para a sua História* (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988), 5 Volumes.

¹¹ António Silva Rego (org.), *Documentação Ultramarina Portuguesa* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1967), 5 Volumes.

¹² Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos (dirs.), *Portugaliae Monumenta Africana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993-2002. 4 Volumes.

¹³ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana* (Lisboa: Agência Geral do Ultramar e Centro de Estudos Africanos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1952-2004), 22 Volumes.

¹⁴ Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, *História Geral de Cabo Verde: Corpo Documental* (Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1988-1990), 2 Volumes. Cristiano José de Sena Barcelos, *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné* (Lisboa: Academia Real das Ciências, 1899-1905), 3 Volumes. *Coleção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas* (Lisboa: Academia Real das Ciências, 1812-1867), 2 Volumes. Luciano Cordeiro, *Memórias do Ultramar. Viagens, Explorações e Conquistas dos Portuguezes: Da Mina ao Cabo Negro (1574-1620)* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1881). José Eduardo Franco, *Arquivo Secreto do Vaticano. Expansão Portuguesa – Documentação. Tomo I: Costa Ocidental de África e Ilhas Atlânticas* (Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2011). Beatrix Heintze, *Cartas e Documentos Oficiais da Colectânea Documental de Fernão de Sousa (1624-1635)* (Estugarda: Franz Steiner, 1988).

¹⁵ *Códice Valentim Fernandes* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1997).

¹⁶ Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1988).

¹⁷ Luís de Cadamosto e Pedro de Sintra. *Viagens* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1988).

¹⁸ Eustache de La Fosse, *Crónica de uma Viagem à Costa da Mina no Ano de 1480* (Lisboa: Vega, 1992).

Description and historical account of the Gold Kingdom of Guinea (1602) de Pieter de Marees,¹⁹ entre outros.²⁰

3. METODOLOGIA

É hoje clara percepção historiográfica de que, no período em estudo, os portugueses não controlaram sozinhos o tráfico de escravos em território africano e para aceder a este trato tiveram de estabelecer relações comerciais com agentes locais.²¹ Na historiografia portuguesa não conhecemos nenhum estudo unicamente centrado na interação entre mercadores portugueses e agentes africanos, quer fossem elites políticas, quer fossem comerciantes. Faltam também estudos sobre a forma como a cooperação/concorrência e confiança/desconfiança moldaram o estabelecimento das rotas do tráfico negreiro e as relações institucionais entre as várias entidades, visíveis nas

¹⁹ Pieter de Marees, *Description and historical account of the Gold Kingdom of Guinea (1602)* (Oxford: Oxford University Press, 1987).

²⁰ André Álvares de Almada, *Tratado Breve dos Rios de Guiné do Cabo Verde* (Lagos: Câmara Municipal de Lagos, 1998). João de Barros, *Ásia – Década I* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988). Domingos de Abreu e Brito, *Um Inquérito à Vida Administrativa e Económica de Angola e do Brasil em fins do século XVI* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931). Francisco de Lemos Coelho, *Duas Descrições Seiscentistas da Guiné* (Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1953). André Donelha, *Descrição da Serra Leoa e dos Rios da Guiné do Cabo Verde* (Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977). Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1949-195), 4 Volumes. *História do Reino do Congo: Ms. 8080 da Biblioteca Nacional de Lisboa* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1969). João Baptista Lavanha, *Dois Roteiros do Século XVI* (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963). Duarte Lopes e Filippo Pigafetta, *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas* (Lisboa: Alêtheia Editores, 2015). Luís de Matos, *Itinerarium Portugalensium* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992). João António Cavazzi de Montecúccolo, *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola* (Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965). Damião Peres, *Os Mais Antigos Roteiros da Guiné* (Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1992). Rui de Pina, *Crónica de D. João II* (Lisboa: Publicações Alfa, 1989). Samuel Purchas, *His Pilgrimage*, 2nd Edition (Londres: William Stansby, 1614). Carmen M. Radulet, *O Cronista Rui de Pina e a "Relação do Reino do Congo": Manuscrito Inédito do "Códice Riccardiano 1910"* (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992). E. G. Ravenstein (ed.), *A Journal of the First Voyage of Vasco da Gama, 1497-1499* (Cambridge: Cambridge University Press, 1898). Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991). Zurara, *Crónica*.

²¹ Stephen D. Behrendt; David Eltis e David Richardson, "The Costs of Coercion: African Agency in the Pre-modern Atlantic World", *Economic History Review*, LIV, Nº 5 (2001): 454-476. Brooks, *Eurafricans*. Philip J. Havik, "Traders, Planters and Go-betweens: The Kriston in Portuguese Guinea", *Portuguese Studies Review*, Nº 19, 1-2 (2011): 197-226. Walter Hawthorne, *Planting Rice and Harvesting Slaves* (Londres: Heinemann Educational Books, 2003). Peter Mathias, "Risk, Credit and Kinship in Early Modern Enterprise", John J. McCusker e Kenneth Morgan, *The Early Modern Atlantic Economy* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000): 15-35. David Richardson e Filipa Ribeiro da Silva (eds.), *Networks and Trans-cultural Exchange: Slave Trading in the South Atlantic, 1590-1867* (Leiden: Brill, 2015). Stuart B. Schwartz, *Tropical Babels: Sugar and the Making of the Atlantic World, 1450-1680*, New Edition (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2004). John K. Thornton, *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1800* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998).

relações diplomáticas, construção de feitorias e autorizações de residência e casamentos. Importante é também perceber como os níveis de confiança afetaram a percepção dos portugueses sobre as populações africanas (e vice-versa) e se isso se refletiu em estereótipos condicionantes do negócio.

Crê-se que o estudo dos mecanismos que permitiram o estabelecimento destas redes comerciais só é possível através de uma análise histórica cruzada com as áreas da economia e dos estudos literários e culturais.²² A partir desta análise pretende-se desenvolver ferramentas teóricas e metodológicas que permitam identificar modelos de relacionamento entre portugueses e africanos e perceber a sua importância no estabelecimento destas relações comerciais. Neste campo, salientam-se os trabalhos de análise de redes de negócio desenvolvidas pelo DynCoopNet (<http://www.dyncoopnet-pt.org/>).²³ Ao abordá-las através de um enfoque diferente, este projeto de investigação aumentará o conhecimento sobre o encontro entre a Europa e África num período fundamental para a história da Humanidade. Procurará também analisar a importância das migrações forçadas na construção de um mundo verdadeiramente globalizado, focando-se nos agentes, nas redes transnacionais e transculturais e nos mecanismos formais e informais de interação.

A análise está alicerçada na construção de uma base de dados que sistematize a informação recolhida. De seguida, partindo sempre das problemáticas iniciais, formulam-se hipóteses sobre os valores de confiança, reputação e *kinship* nos mecanismos de interação intercultural. Finalmente, será construído um modelo analítico sobre estes mecanismos de relacionamento económico e social que poderá (ou não) ser aplicado a outras regiões, a outros comércios e/ou outros contextos históricos.

²² Andrew Apter e Lauren Derby (eds.), *Activating the Past: History and Memory in the Black Atlantic World* (Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010). Thomas Benjamin, *The Atlantic World: Europeans, Africans, Indians and Their Shared History, 1400-1900* (Cambridge: Cambridge University Press, 2009). Josiah Blackmore, *Moorings. Portuguese Expansion and the Writing of Africa* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009). Toby Green, *The Rise of the Trans-Atlantic Slave Trade in Western Africa, 1300-1589* (Cambridge: Cambridge University Press, 2014). Linda Heywood (ed.), *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002). Stuart B. Schwartz (ed.), *Implicit Understandings: Observing, Reporting and Reflecting on the Encounters between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995). James H. Sweet, *Recreating Africa. Culture, Kinship, and Religion in the African-Portuguese World, 1441-1770* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2003). John K. Thornton, *A Cultural History of the Atlantic World, 1250-1820* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012). Caroline A. Williams (ed.), *Bridging the Early Modern Atlantic World: People, Products and Practices on the Move* (Surrey: Ashgate, 2009).

²³ Ana Sofia Vieira Ribeiro, *Mechanisms and Criteria of Cooperation in Trading Networks of the First Global Age. The Case Study of Simon Ruiz Network, 1557-1597*, [Tese de Doutoramento], Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011. Ana Sofia Ribeiro, *Early Modern Trading Networks in Europe: Cooperation and the Case of Simon Ruiz* (Londres: Routledge, 2015).

Outro dos objetivos maiores deste projeto de investigação é construir uma base de dados que identifique os agentes no terreno, quer sejam africanos, quer sejam europeus. Assim, sempre que possível, recolhem-se os dados biográficos referidos nas fontes, ficando uma análise do seu papel concreto no estabelecimento de relações entre as partes para uma fase mais avançada. É nossa convicção que esta sistematização nunca foi feita até hoje, tanto no tempo, como no espaço em estudo.

Como produto deste projeto de investigação pretende-se a publicação de uma monografia que faça chegar as suas conclusões a um público mais alargado, contribuindo para um debate informado sobre um dos temas mais sensíveis do encontro de sociedades: a chegada dos europeus à costa ocidental africana e as consequências da integração destas zonas geográficas num mundo global. Pretende-se integrar a base de dados num sítio *online* e torná-la acessível e passível de contribuição por parte de outros investigadores. O ideal seria conseguir estabelecer um modelo informático que, a partir da introdução de dados sobre agentes sociais e suas interações, permitisse identificar tipos de relações socioculturais. Este sítio *online* seria livre em termos de acesso à informação, mas condicionado (mediante um registo prévio) em termos de contribuição, um pouco à imagem da *Trans-Atlantic Slave Trade Database* (<http://www.slavevoyages.org/>), dando continuidade ao projeto e alargando sobremaneira a base de contribuição de dados. Desta forma, robusteciam-se as conclusões e criavam-se dinâmicas de cooperação entre os vários investigadores interessados.

A metodologia deste projeto assenta na revisão da bibliografia (12 meses). A recolha de dados inicia-se pelas fontes bibliográficas (12 meses), seguindo-se as fontes arquivísticas (12 meses), ao mesmo tempo que se constrói e carrega a base de dados (18 meses). Segue-se o tratamento e análise dos dados (12 meses) e a disponibilização da *webpage* (8 meses). Conclui-se com a escrita (36 meses) e revisão da tese (3 meses). Ao longo do projeto pretende-se disseminar conhecimento através de missões de pesquisa no exterior, participação em congressos internacionais e publicação em revistas reputadas (ver **Fig. 2**).

4. DESENVOLVIMENTOS

Se o que interessa são os encontros entre representantes de diferentes continentes, é preciso tipificar estes eventos de modo a facilitar a sua análise. Estas categorias são uma abstração do investigador, que surgiram após uma fase avançada de recolha de informação nas fontes. Assim, como tipologia provisória de encontros propõe-se:

- Conflito – sempre que existe um ato de violência entre as duas partes (doravante africana e europeia);
- Rapto – sempre que um agente europeu recolhe, por meio violento, africanos para venda como escravos ou posterior resgate;
- Traição – sempre que existe uma tentativa deliberada de enganar ou atacar por uma das partes em contraponto com as expectativas da outra parte;
- Transação comercial – sempre que existe compra/venda de produtos entre as partes;
- Presente – sempre que existe a oferta de algo, espontaneamente ou formalizada, que vise uma reação positiva e favorável pela outra parte;
- Conversão – sempre que um agente africano se converte à religião cristã, independentemente dos motivos dessa conversão;
- Embaixada diplomática – sempre que uma das partes pretende encetar contatos iniciais ou estabelecer uma relação duradoura com a outra parte mediante a ação de agentes no outro território (África/Europa);
- Restrição ao comércio – sempre que uma das partes pretende limitar, por ordens ou ações concretas, o comércio numa determinada área da costa ocidental africana;
- Aliança militar – sempre que uma das partes auxilia a outra contra rivais locais;
- Acordo de paz – sempre que existe uma formalização ou vontade expressa de paz duradoura entre as partes.

Como exemplos destes vários encontros, desenvolveu-se a Tabela 1. São exemplos meramente ilustrativos que possibilitam uma melhor compreensão sobre o porquê da criação desta tipologia (ver **tabela 1**).

Tal como já mencionámos, o objetivo pretendido com esta tipologia é a facilidade de análise. Como passo posterior, pretende-se equivaler cada um destes tipos a uma escala numérica que qualifique o grau de cooperação entre as partes. Esta quantificação permitirá uma gradação dos eventos identificados, que poderá passar por diferentes cores ou ícones aquando da fase posterior de mapeamento. Até ao momento só encontrámos uma escala que minimamente satisfaz o que se pretende. No entanto, nada nos inibe de procurar e tentar encontrar (ou desenvolver nós mesmos) outra escala que melhor se adegue aos eventos identificados. A escala provisoriamente utilizada é a desenvolvida para a análise de redes comerciais pelo DynCoopNet e expressa-se na Imagem 3 (ver anexo).

5. COMENTÁRIOS FINAIS

Para além dos objetivos já referidos anteriormente, também nos propomos a: atualizar perspetivas sobre as relações entre portugueses (e demais europeus) e africanos num contexto de dois séculos de encontros de sociedades tão distintas; identificar e estudar formas de reconhecimento de alteridade e de como elas contribuíram para a formação da visão do outro como antagónico ou como parceiro; compreender de que forma estes estereótipos influenciaram o tráfico transatlântico de escravos e o estabelecimento das suas redes comerciais; comparar a especificidade dos mecanismos identificados no tráfico transatlântico de escravos com os resultados apurados para outras realidades comerciais, tendo em conta outros tratos (por exemplo, o ouro), ou as estratégias usadas por outras nações europeias (holandeses, franceses e ingleses), bem como os resultados conhecidos para outros períodos temporais; criar ferramentas para integrar, numa opção futura, os resultados deste projeto de investigação numa base contributiva mais alargada.

Fruto de o início deste projeto de investigação ter sido só em outubro passado, ainda não dispomos de dados recolhidos que nos permitam qualquer tipo de conclusões preliminares. Assim sendo, terminamos este artigo lembrando o que foi dito no seu início: esta é simplesmente a apresentação de um projeto de investigação que pretende estudar mecanismos de comércio, cooperação e conflito na costa ocidental africana nos séculos XV e XVI, com algum enfoque no tráfico transatlântico de escravos e no papel central dos agentes africanos em todas estas dinâmicas.

ANEXOS

Documento

Tipo Data Mercadoria

1º Sujeito(s)

Dados

2º Sujeito(s)

Dados

Tipo de Relação Classificação

Algum Africano?

Localização

Nome Coevo

Nome Atual GPS

Sumário

Os Soasas caem sobre os Portugueses — Perda e encontro de um retábulo da Virgem — Vitória portuguesa sobre o Lucala — Traição dos Soasas — Vitória Portuguesa — Províncias do Reino de Angola — Produtos vegetais e minerais da terra — Baptismos — Religião dos naturais — Relações com o Monomotapa por terra e com Benguela.

Transcrição

No mes de Julho de 85, indose a nossa guerra apoderando de quasi toda a Ilamba, que será a terça parte deste Reino, que está entre a Lucala, e o Reyno de Congo, indo por diante para

Fonte

Tipo de Fonte

Arquivo

Fundo Data da Consulta

Cota

Ref. Bibliográfica

URL

Menu Operacional

Operações Registos Pesquisa

Novo Registo Gravar Sair

Imagem

Fig. 1 – Exemplo de uma entrada na base de dados

Cronograma do Projeto de Investigação

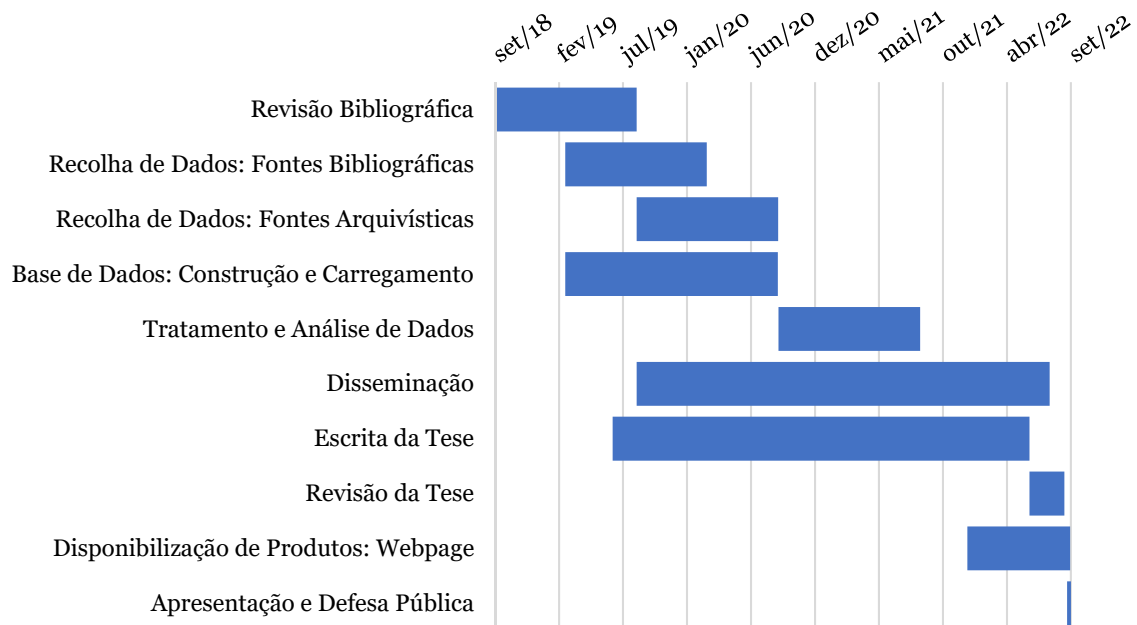


Fig. 2 – Cronograma do projeto de investigação

NUMERIC CLASSIFICATION	CONCEPTUAL CLASSIFICATION	DEFINITION
+3	COLLABORATION	Expresses long date dependency relations. This intense grade of cooperation includes, e.g. the inclusion of a new agent in the network, the equal sharing of gains and losses and the division of tasks through an interconnected specialization, such as commissioners.
+2	CO-ORDINATION	Demands mutualism between two agents. It can be named as investment relationships, where the two parties exchange services. It includes mutual social help between some social circles, to introduce new agents in a business, giving technical advice, facilitating loans, etc.
+1	COMUNICACION	It is a minimum requirement to cooperation, sharing some amount of information, which will raise the predictability of business, reduce costs and open certain markets. It could also include a warning from an outsider, an advice on new sale and investment opportunities, giving a recommendation on behalf of someone.
-1	DEFECTION	One of the agents refuses to cooperate, when he is expected to.
-2	CHEATING	Deliberate non-cooperation, with gains from the benefits from others, without costs, with the inherent risk of being punished.
-3	COMPETITION	Individuals who exclude themselves from the network, boycotting the cooperation within the network and cut off unilaterally relations with former commercial partners.

Fig. 3 – Escala de níveis de cooperação²⁴

²⁴ Ana Sofia Ribeiro, *Mechanisms and Criteria of Cooperation in Trading Networks of the First Global Age. The Case Study of Simon Ruiz Network, 1557-1597*, [Tese de Doutoramento], (FLUP, 2011), 45-46.

Citação**Tipologia**

<p>... ainda que agora não são tantos, por rezaõ de hum alevantamento e treçoés, que el Rej de Angola fez ao Governador de Portugal, que ali está, matandolhe trinta portuguezes e grande copia de escravos que consigo tinhaõ, com lhe tomar fazenda avaliada em vinte mil cruzados, dando guerra por outra parte ao mesmo Governador em huã alde[i]a onde o sercou com doze mil negros, nao tendoo Governador consigo mais que alguns sesenta portuguezes e dozentos pretos ChristaÕs, mas com esses os desbaratou...²⁵</p>	<p>Conflito</p>
<p>Ally foe morto aquelle nobre cavalleiro Nuno Tristã, muy deseioso desta vida porque nom ouuera lugar de cõprar sua morte como vallente home. E assy outro cavalleiro que se chamaua Joham Correa e hüu Duarte dOllanda. E Esteuam dAlmeida e Diego Machado, homeês fidalgos e mancebos, que o Jffante criara ê sua camará. E assy outros scudeiros e homeês de pee daquella meesma oriaçom. E desy mareantes e outra gente do nauyo. Abasta que foram per todos xxj, porque de sete que ficaron na carauella foram ajnda ferydos dous em querendo leuãtar suas ancoras.²⁶</p>	<p>Conflito</p>
<p>... e em esto começaram de seguyr dereitamente aquelles que viinham, pensando que eram mouros de pelleia, o que acharom muyto pelolo contrairo, ca todas cinco eram molheres, as quaaes receberom com leda voontade, como cousa que tam sem trabalho acrecentava em seu cabedal; desy levaronnas com os outros a seus navyos.²⁷</p>	<p>Rapto</p>
<p>E dally ouverom conselho de se jr ao Cabo do Resgate, onde foram em terra e acharõ rastro de mouros. E como quer que por rezam da cada sua jda em terra fosse muy perygosa, consyrãdo como tomavã sem presa pera o Regno, foram constrãgidos de se despoer ao perigo e desy começaram de seguyr aquelle rastro, entãto que passadas duas legoas chegarõ aos mouros onde com seu pouco trabalho tomarom delles Rvijj.²⁸</p>	<p>Rapto</p>
<p>... and at last we perceived a great many of them to stand at the ende of a hollow way, and behinde them the Portugales had planted a base, who suddendly shote at us... Then the negroes came to the rocks hard by us, and discharged calievers at us...²⁹</p>	<p>Traição</p>

²⁵ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1570-1599)*, 44, Vol. III (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953), 192.

²⁶ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 15, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 62.

²⁷ *Monumenta Henricina*, 119, Vol. IX (Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1968), 162.

²⁸ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 17, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 72.

²⁹ John William Blake (ed.), *Europeans in West Africa, 1450-1560*, 142, Vol. II (Londres: The Hakluyt Society, 1942), 388.

<p>... Pero Vaz em o rio Çanagá com aquelle gram poder que espãtou a todolos bárbaros da terra, estando já na obra da fortaleza (a qual segundo dizem foy elegida em máo lugar por razam das cheas do rio) dentro em o seu navio matou Bemoij ás punhaladas, dizendo q lhe ordenáva traçam. Algüs afirmam que Pero Vaz neste caso foy enganado, e que mais condenou à morte dom Joam Bemoij começar algüa gête adoecer por ser lugar doentio, que elle Pero Vaz mais temeo que a traçam, como quem avia de ficar na fortaleza depois que fosse feita...³⁰</p>	Traição
<p>... while they were at the shoare, there came a young fellow, which could speake a little portuguese, with three more with him, and to him i solde 39 basons and two small white saucers for three ounces...³¹</p>	Transação comercial
<p>Gomez Pirez patram que éra outro desta conserva de Lançarote veose per o rio do ouro: e aly tratou com os mouros, dos quáes ouve per resgate hü negro, prometendo-lhe que ao seguinte anno se aly tornasse os acharia apercebidos de ouro e escravos com que podésse caregar o navio...³²</p>	Transação comercial
<p>Balltazar de Crasto resposteyro da camara e cama que fuy del rey vosso pay que santa grorya ha faço saber a Vossa Alteza que el rey do Conguo me tyrou de catyvo de poder d'Amguola... e el rey me deu de vestir que vinha nu e aquy achey nova que mynha fazemda era tomada ou embarguada per Vossa Alteza...³³</p>	Presente
<p>... and then came a boate to us with five men in her, making signes by the sunne that within two houres the marchants of the countrey would come downe and buy all that we had; so I gave them sixe manillos to carry to their captaine... and shortly after, one came downe arrayed like their captaine with a great traine after him, who saluted us firendly...³⁴</p>	Presente
<p>... e totalas cousas se fezerem prestes pera o dicto Manisonho receber a agoa do baptismo, dia de Pascoa da Ressureiçam tres dias de Abril de mil quatrocentos e noventa e hum... e foy preguntado ao dicto Senhor como queria aver nome, e disse, que Dom Manuel; porque assy lhe disseram que avia nome o Irmãao da Raynha de Portugal, que era Duque; porque tambem elle era Duque, e fora Irmãao da Raynha; e ao</p>	Conversão

³⁰ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 85, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 559.

³¹ John William Blake (ed.), *Europeans in West Africa, 1450-1560*, 142, Vol. II (Londres: The Hakluyt Society, 1942), 381.

³² António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 25, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 122.

³³ *As Gavetas da Torre do Tombo*, 5426, Vol. X (Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1974), 383.

³⁴ John William Blake (ed.), *Europeans in West Africa, 1450-1560*, 142, Vol. II (Londres: The Hakluyt Society, 1942), 388.

filho chamaram Dom Antonio. E foram seus Padrinhos o Capitam, e outros principaaes da frota... ³⁵	
A ti, gram Rej de Portugal. Eu o Rej de Guinála, per nome da terra Bamallá, saúde te inuio. Pola continuação que tenho dos teus brancos, e polas grandezas que comigo e com minha gente tem usado Sebastião Fernandez Caçaõ, naõ soo agora mas antes em tempo de meu antecessor, o Rej Campecho, tanto de má natureza pera os teus brancos que por esse respeito o ditto Sebastião Fernandez Caçaõ se levantou desta terra pera o Rejno de Bigobá, onde esteve tee que socedi nelle, e cõ rogos meus o obriguej a que tornasse a esta terra, prometendolhe compriria tudo quanto elle antes me tinha pedido e me fazia christaõ... ³⁶	Conversão
Acordou elRey de lhe dar e deu de socorro e ajuda, vinte caravellas armadas: e por capitã moor delias Pero Vaaz da Cunha: que levava por mandado de fazerê na entrada do Rio de Çanagá, hüa fortaleza que nõ fosse dada ao dicto Bemoy: mas estevesse sêpre por elRey... ³⁷	Embaixada diplomática
Acordou elRey de lhe dar e deu de socorro e ajuda, vinte caravellas armadas: e por capitã moor delias Pero Vaaz da Cunha: que levava por mandado de fazerê na entrada do Rio de Çanagá, hüa fortaleza que nõ fosse dada ao dicto Bemoy: mas estevesse sêpre por elRey... ³⁸	Embaixada diplomática
E quamto a ellrey de benj[m], quamdo a esta jlha achig[u]ey, fraçisco de bair[r] os e amtonio marquez feitor rne foy dito que avia dias que tinha ser[r]ado ho rio por averem que hera asy [m] nesarario e asy [m] ho tynhaõ escrito a v. a. e que lhe parecia cousa nesararia ates de tornarem a ter cõ elle cõverçasaõ e trato serem castygados... ³⁹	Restrição ao comércio
Eu elRey faço saber a quantos este meu alvará vire, que elRey de Manicongo, meu muyto amado e prezado Jrmaao, me [emuio] dizer per seus embaixadores que alguüs de [meus] vassalos e naturais que vam tratar ao Rio d Angola e asy a [...] minas de seu dinheiro, de que se seguiam grandes [incomue]-nientes ao seruiço de Deus e be da christandade e segurança de seu Reyno... e me praz que da publicaça delle em diante, nenhuü meu vasalo e naturall, de qualquer calidade e	Restrição ao comércio

³⁵ Rui de Pina, *Crónica de el-Rei D. João II* (Coimbra: Atlântida, 1950), 160.

³⁶ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1570-1600)*, 66, Segunda Série, Vol. IV (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1968), 255.

³⁷ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 82, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 541.

³⁸ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1471-1531)*, 52, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952), 193.

³⁹ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1532-1569)*, 97, Vol. II (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953), 292.

condição que seja, vaa ao dito Rjo d'Amgolla né ás ditas suas minas, sob pena de morte naturall, na quall êcorrerão sendolhe provado.... ⁴⁰	
Sebastião Fernandez Caçaõ escreveo a V. Magestade que estava no meu porto e se aleuantou daqui pera o Rejno de Guinéla, e isto foi com meu consentimêto, porque o Rej dela se queria fazer christaõ, e deixou me aqui quem eu cuidej que me podesse guardar, porque me deixou brancos cõ peças de artelharia e moniçoês bastantes pera guardar o ditto porto... Deste meu Rejno de Bigubá, a 24 d'Abril de 607 annos. / Eu Emehabele Rej de Bigubá ⁴¹	Aliança militar
Acordou elRey de lhe dar e deu de socorro e ajuda, vinte caravellas armadas: e por capitã moor delias Pero Vaaz da Cunha: que levava por mandado de fazerê na entrada do Rio de Çanagá, hüa fortaleza que nõ fosse dada ao dicto Bemoy: mas estevesse sêpre por elRey... ⁴²	Aliança militar
E eu Diogo Gomes tive muito tempo depois uma ancora que me deu de presente o rei dos pretos. E eu fui o primeiro cristão que fiz pazes com eles, e este rei se chama Nomemans e é senhor de muitas almadias. ⁴³	Acordo de Paz
Estava em tanta paz com o Rey de Angola, que andavam os Purtuguezes tão seguros pello Reyno como se andarão em Portugal, nem avia quem levantasse olhos para hum Portuguêz, por saberem [a] amizade de seu Rey com o Governador e que sem os nossos não podia viver. A esta amizade respondia bem por sua parte o Governador, dando-lhe socorro para suas guerras... ⁴⁴	Acordo de paz

Tabela 1 – Exemplos de tipologias de encontros.

⁴⁰ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1532-1569)*, 102, Vol. II (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953), 323.

⁴¹ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1570-1600)*, 64, Segunda Série, Vol. IV (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1968), 252.

⁴² António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1342-1499)*, 82, Segunda Série, Vol. I (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1958), 541.

⁴³ Diogo Gomes de Sintra, *Descobrimento Primeiro da Guiné* (Lisboa: Edições Colibri, 2002), 60.

⁴⁴ António Brásio (org.), *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental (1469-1599). Suplemento aos Séculos XV e XVI*, 133, Vol. IV (Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954), 557.

The importance of medieval women mystics in the European literary canon

Francesca Barresi
University of Bologna

Abstract

The remarkable growth of interest in the study of female mysticism witnessed in the past few decades in religious studies does not seem to have seen the same enthusiasm in the literary sphere. From a strictly literary point of view, it is remarkable how few mystical writers have found their position in a broader European literary and academic canon: despite much ground-breaking work of textual rediscovery that has uncovered many long-neglected women writers having been done, the choice is still somewhat limited, a few synoptic presentations and critical edition exist, and the majority of them are unsatisfactory or inadequate in the light of a more contemporary appraisal of the phenomenon. This contribution aims to analyse the common points in the works of two medieval mystical writers, Hadewijch of Brabant and Angela of Foligno, both living during the XIII century, in order to investigate, through a comparative analysis, the intersections in their works and re-evaluate their historical, spiritual and literary experience.

Keywords:

Medieval literature, Women's studies, Mystical literature, Christian mysticism, Dutch literature, Italian literature.

INTRODUCTION: THEME, PROBLMES, OBJECTIVES, CHRONOLY AND SPACE

In her 1994 study named *Body and Soul: Essays on Medieval Women and Mysticism*, renowned scholar of mystical literature Elizabeth Petroff argued that “medieval mystical texts by women will not fit into a traditional Western notion of literature because they derive from a different experience of the body, a different epistemology, and a different relationship to language”: it is only “if we radically challenge prevailing ideas of what constitutes literature that we might become able to recuperate the experience of medieval women as expressed in mystical texts”.¹ The present moment, where “alternative voices” are getting a wider resonance in literary studies, seems to call out for a more complete and critical knowledge of medieval women mystics, a deeper analysis of the linguistic and scientific form of their thought and new and more precise translations in order to finally try to listen to their direct voice, which will allow one to approach the inner meaning of their message with all its nuances, geographical overtones and historical peculiarities. The remarkable growth of interest in

¹ Elizabeth Petroff, *Body and Soul: Essays on Medieval Women and Mysticism*, New York, Oxford University Press, 1994.

the study of female mysticism witnessed in the past few decades in religious studies does not seem to have found the same enthusiasm in the literary sphere and from a strictly literary point of view it is remarkable how few mystical writers have found their position in a broader European literary and academic canon: despite much ground-breaking work that has uncovered many long-neglected women writers having been done, the choice is still somewhat limited, a few synoptic presentations and critical editions exist and the majority of them are unsatisfactory or inadequate in the light of a more contemporary appraisal of the phenomenon.²

Medieval women's writings are thus often classified into the vague description of "medieval literature", most often judged as a representative of where a literature has developed at a certain time, but their authors are not yet evaluated as original and consistent thinkers, which opened the door to one of the most creative eras in the history of women, female writing and thought. This submerged knowledge that transpires from medieval culture and unexpectedly has women as protagonists is extremely relevant for medieval studies and through the analysis of mystical writings, the Middle Ages, wrongly considered the period of greatest women's oppression, will be understood as the historical phase of brand new intellectual genesis, where a new female subjectivity is formed, and where women, through literature, could participate in a context of male, hierarchical, exclusive and discriminating domination.

It is today interesting to analyze how this "neglected canon" actually broke the traditional notions of knowledge, triggering fundamental changes in the perception and mental representation of the history of our civilization. This project aims to analyse the common points in the works of two late medieval mystical writers, Hadewijch and Angela of Foligno, as their experience presents many historical and conceptual similarities that allow a comparative reading of their literary and spiritual paths. In order to better understand the impact of their contribution to European cultural history it is necessary to briefly outline the historical context and the spiritual environment where their works were produced as a reassessment of some of the prevailing opinion on the social and cultural backgrounds of their writings, which may help us obtain a sharper picture of their places in literary history.

² Cristina Mazzoni, "Mystical and Literary Texts: Meeting the Other, and Each Other, at the Borders of Language", *Annali di Italianistica* 25 (2007).

HISTORIOGRAPHICAL CONTEXT

Hadewijch of Brabant and Angela of Foligno both lived in the 13th century, one in Brabant and the other in Umbria, two privileged areas for feeling the environment of the spiritual revolution that was happening in Europe at the turn of the twelfth to the thirteenth century when in urban and wealthy communities a popular desire for apostolic emulation and reform caused the development of new forms of religious life to which women made extremely important contributions. In Flanders, France, Germany and Italy an increasing number of women took hold of their destiny in the name of a different way of understanding their life as enthusiastic, fervent and courageous female Christians. By the end of the twelfth century, slightly before St. Francis of Assisi cast off his garments and embraced Lady Poverty, a movement of women in the Low Countries was metaphorically doing the same thing: there, lay women which the documents of the time call *mulieres religiosae* or *sanctae mulieres*, and that were later known as *beguines* also cast off their wealth, honor, even social standing to live an apostolic life of charity, poverty and prayer. From the Low Countries, their movement spreads throughout all Europe, as much as that the phenomenon has been analyzed as a whole and eventually defined as a continental *Religiöse Frauenbewegung* by groundbreaking historian Herbert Grundmann.³ The European cities tingled with these women, who were called by different names according to the country where they lived: *Begijnen* in the Flemish region, *Papelarde* in France, *Coquennunnen* in Germany, *Humiliatae* in Lombardy and *Bizzocche* in central Italy.⁴ They all lived a religious life without becoming “religious” in a strict sense, as they never took official vows as nuns, but came together with the aim of helping others, of serving God among the poor and the sick, as true testimonies of the *vita apostolica*, which seemed to be long forgotten by a Church all busy with material and political affairs, far from the instances of the people. Without being associated to a pre-existent monastic order, they avoided the major condition of female religiosity of their time, that was enclosure; at the same time, they rejected marriage because, just like nuns, they felt themselves promised to the divine Groom. In a society where women could be either wives or nuns (*tertium non datur*: actually, the third possibility was to be

³ Herbert Grundmann, *Religiöse Bewegungen im Mittelalter: Untersuchungen über die geschichtlichen Zusammenhänge zwischen der Ketzerei, den Bettelorden und der religiösen Frauenbewegung im 12. und 13. Jahrhundert und über die geschichtlichen Grundlagen der deutschen Mystik: Anhang, Neue Beiträge zur Geschichte der religiösen Bewegungen im Mittelalter* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1935).

⁴ For a complete picture of the beguinal movement, see: Ernest W. McDonnell, *The Beguines and Beghards in medieval culture: with special emphasis on the Belgian Scene* (London: Octagon Books, 1969); Walter Simons, *Cities of Ladies: Beguine Communities in the Medieval Low Countries, 1200-1565* (Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2003); Alcantara Mens, *Oorsprong en betekenis van de Nederlandse Begijnen- en Begardenbeweging* (Antwerp: Standaardboekhandel, 1947).

or become a prostitute) the beguinal way of life was really something revolutionary. Beguines lived alone in their home as hermits or together in all-female groups, and they independently organized their life, which was lived as half active, which involved charity and manual work, and half contemplative: thanks to their affective engagement with the word of God, many of these women were particularly inclined to mystical experience. It is impossible not to notice them, admiring them as saints or speaking of them as false devotees, dangerous hypocrites, carriers of heresies and disorders. Active in places of misery, pain and despair, they comfort people in need speaking of the unknown love for a merciful God, who knows and loves the derelicts and the oppressed, having himself shared by choice their bitter fate, a Lord who promises relief to those who ask but do not find any helping hand, to those who call for justice and do not get it.

The Italian case is particularly interesting because the spreading of the beguinal ways fits into the Franciscan context of its origins: here, religious women who lived outside the convent as beguines were known as *bizzoche* and were often affiliated with the third order of Saint Francis.⁵ In this regard it is interesting to note how the flourishing of the beguinal movement was parallel to the revolutionary outbreak of the mendicant orders, and the same religious manifestations that with San Francis led to an unparalleled spiritual renewal in Umbria which existed independently in the brabantine area as well: in both cases, on the social basis of a distinctly urban civilization and great economic prosperity, a vital religious aversion to clericalism led to an evangelical life embraced with an unknown radicalism.

The spiritual link between these forms of *vita religiosa* is highlighted by Saint Francis, who was himself conquered by the spiritual ardor of the people of what he calls “Gallia Belgica”, and expressed the desire, according to his *Vita Antiqua*, to go there and do apostolate. His desire would be fulfilled only during the last quarter of the thirteenth century, when the Franciscans, heading north, spread in Germanic speaking countries and found that lay communities of women and men (known as begards) were already sensible to their ideals and sought support because were often persecuted by the Inquisition.⁶ This is the time when the two currents actually merged in the same spiritual expression: according to Alcantara Mens, the only scholar who has ever studied their affinities in detail, “it is the fusion between the Beguinal and the Franciscan movement

⁵ Mario Sensi, *Storie di bizzoche tra Umbria e Marche* (Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1955).

⁶ The beguinal movement was to be condemned on suspicion of heresy by the Council of Vienne in 1312. See: Elizabeth Makowski, *A Pernicious Sort of Woman: Quasi-Religious Women and Canon Lawyers in the Later Middle Ages* (Washington: Catholic University of America Press, 2005); Giuseppe Alberigo, Giuseppe Dossetti, Perikles Joannou, Claudio Leonardi, Paolo Prodi (eds.) *Conciliorum Oecumenicorum Decreta* (Bologna: Edizioni Dehoniane, 2013), p. 374 [16].

which inaugurates the golden age of medieval popular mysticism in vernacular”.⁷

Some of these women, coming from wealthy families, were indeed literate and endowed with exceptional literary talent: scattered throughout all Europe, they mark the beginning of our literatures since they start talking about the experience of divine love in their “mother tongues”, i.e., in the different vulgar variants of the European languages. It is through them that God stops speaking the language of the learned, of the rich, of the Church, to start speaking with the words of daily life, of work, of love.

Hadewijch of Brabant was the spiritual mistress of a group of beguines. Poet, visionary, mystical author and vernacular theologian of the thirteenth century, Hadwijch occupies a unique place in medieval Church history as she is one of the most significant and original beguine mystics whose written works have survived until today. When her texts were discovered, only in the middle of the 19th century, scholars were initially particularly fascinated by the 45 love *Songs (Lieder)* in the manuscripts, which also contained 14 *Visions (Visioenen)* and 31 *Letters (Brieven)* in prose, along with 16 *Poems in Couplets (Mengeldichten)*. All those text are written in a brabantine variety of Middle Dutch, they are all addressed to her community of fellow beguines, and they all deal with one single theme: *de minne*, the mystical love between the soul and God, and how men and women, through *minne*, can find God within themselves.

What is astonishing about the poetry of Hadewijch is the fact that in order to construct her concept of love she draws on two fundamental genres of medieval literature: the French courtly lyric of *trouvères* and *trobadors*, of which she assimilates all the themes and techniques, and the mystical tradition of twelfth century, the *Brautmystik* inspired by the *Sermons on the Song of Songs (Sermones Super Cantica)* written by Bernard of Clairvaux for his fellow Cistercian monks.

Hadewijch conveys the monastic and the courtly discourse in a way that they can function together and they can reinforce each other, challenging the opposition between sacred and profane love. Her exceptional contribution lies indeed in the way in which she managed to integrate in her writings different types of conflicting discourse: Latin theology and sensual mysticism; religious beliefs and profane love poetry; traditional medieval gender roles and new roles for women; male God-language versus female representations of the divine; God’s transcendence versus becoming one with God. She developed a unique integration of all these different themes while shaping Middle Dutch as a mystical language with the tools of her great culture, intelligence, sensibility and

⁷ Alcantara Mens, “L’Ombrie italienne et l’Ombrie brabantonne: deux courants religieux parallèles d’inspiration commune”, *Études Franciscaines* supplement 17 (1967).

mystical grace. In her works, Love is womanly figure, divinely beautiful and seductive, and only those “knights” who are brave enough to embrace the fight and be “completely swallowed up in her abyssal essence” will eventually be the soul’s union with the divine. The mystical union is described in a more extensive way in the *Visions* and her spirituality explained in the *Letters* that she writes to some of her beguine friends for guidance. When Hadewijch talks about the ways of knowing the divine essence, she uses the verb *gebruken*, “to have fruition of”, a fruition that affects both the body and the mental faculties and leads to a state of conscience which overcomes all opposites and differences, in a complete identification with the abyssal harmony of the Trinitarian movement, as she writes in Letter IX:

“Where the abyss of his wisdom is, God will teach you what he is, and with what wondrous sweetness the loved one and the Beloved dwell one in the other, and how they penetrate each other in such a way that neither of the two distinguishes himself from the other. But they abide in one another in fruition, mouth in mouth, heart in heart, body in body, and soul in soul, while one sweet divine nature flows through them both and being in each other they are both one and they remain completely one – forever”.⁸

Contemporary of Dante Alighieri and Jacopone da Todi, Saint Angela of Foligno was born a few miles away from Assisi, shortly after the time of Saint Francis. Back then, her birthplace was an important center of Franciscan spirituality and many monasteries for women were being founded in the near surroundings: nevertheless she decided to live in her home as a *reclusa*, with a friend named Masanzuola.⁹ According to her “auto-hagiography”, the *Liber de Vera Fidelium Experientia*, Angela had her conversion at the age of 37 and before that she led a life of luxury and sin, which eventually led her to a great suffering and a frightful fear of eternal damnation. She is therefore “a mystic for the third millennium”, because before her conversion she leads a full earthly life, in complete pleasure and without moral constraints. She is not “born saint”, she rather “became” one: starting from the very bottom of sin, she manages to reach the highest mystical summits. The conversion begins and reaches its acme in 1291, when during a pilgrimage to Assisi she is touched by mystical grace and, as the Holy Spirit abandoned her, she caused public scandal weeping in front of the Basilica Maggiore, where she compulsively cried and shout: “*Love unknown, why do you leave me, and why and why and why?*”. This episode was followed by dramatic mystical visions which led Angela to believe that she might be the prey of the devil’s deception and made her confess everything to her relative Arnaldo, a Franciscan friar whom she will later decide to dictate

⁸ Hadewijch, *The complete works*, trans. Columba Hart (New York: Paulist Press, 1980), 66.

⁹ This is one of the elements that allow to consider her as a *bizzoca*, who afterwards joined the Third Order of St. Francis.

an account of all her mystical experiences. This is the genesis of her *Liber*, a work that has indeed an exceptional literary caliber, as it is the result of a very complex linguistic mediation: Angela gives in the dialect of Foligno the record of how she came to embrace love, suffering and poverty through a very sharp Franciscan spirituality while Brother Arnaldo transcribes it into a rare immediacy of Latin, imbued with Italianisms, both in lexicon and syntax, which gives the impression of a slightly “alienated” and dialectical Italian. The drafting of the document took four years, and it presents fractures and voids: the story has no external unity, although it has an interior one, almost lyrical. The work proves to have a deep theological and mystical complexity for which, shortly after her death, she has been named *magistra theologorum*. In her mystical itinerary, Saint Angela reaches the highest contemplative degree that the history of mysticism knows, that is the direct vision of God and of the Trinitarian mystery: not only in darkness, something common to mystics, but even *supra tenebram*, above darkness: she reaches God and then she loses him in darkness, but then again, through love, God rises up above the obscurity and she is united with him again in what she calls the “highest divine darkness”:

“It is not the ordinary fire that sometimes burns, but a very sweet fire of love. I have no doubt when such a fire is in the soul: then all my limbs separate and so I want it to be; then all my limbs feel an unspeakable joy, in which I would like to remain forever. [...] and the limbs of the body agree with the soul, and the soul is a whole thing with the heart and with the whole body, since it is in unity with them and answers for all of them. Then the soul is raised from every darkness and a knowledge of God comes to her, more than I thought possible, with so much clarity and so much firmness and so very deep abyss that there is no heart that can then understand it and think it, in no way”.¹⁰

CONCLUSION

The simultaneous existence of the Beguinal and the Franciscan movement seems to be inspired by the same spiritual themes and the same driving principles since the same spiritual, social and historical reasons that brought to the genesis of the Franciscan movement, manifested themselves simultaneously and independently from it in Brabant. Scholars have therefore talked about an “Umbrian Brabant” or a “Brabantine Umbria” because in both cases, among an urban civilization and great wealth, a current of religious opposition which wanted to go back to evangelical life in a very radicalistic way was developed.¹¹

¹⁰Angela da Foligno, *Il Libro* (Roma: Città Nuova, 2009), 77.

¹¹ See: Alcantara Mens, *Op. Cit.*, and Romana Guarnieri, “Beghinismo d'oltralpe e bizzocchismo

The simultaneous existence of these two currents, one in the north and the other in the south of Europe, which were inspired by identical spiritual themes and guiding principles, leads to the conclusions that both of these manifestations are to be located in the formation of a common heritage, not only spiritual but also literary; yet only a few studies have attempted to focus on the similarity of the Italian and the Brabantine extra-regular experiences from a religious point of view, but no one focused on a comparative analysis of the literary works that were produced in these contexts. Essentially, what the Franciscans were doing in the south, the Beguines were doing in the north of Europe – as with the vulgarization of the religious literary production – and that is the reason why I thought it would be stimulating to compare the experience of a beguine mystic, Hadewijch of Brabant, and a franciscan mystic, Angela of Foligno: their shared backgrounds create a shared spirituality, which formed intertwined literary expressions of the same spiritual substrate.

Although we do not know whether any of these women writers were aware of similar work being done by other women, there is a surprising consistency in the central metaphors employed for their experiences – more consistency than can be explained by the Christian culture they all shared. One remains struck and surprised by the intimate harmony emanating from spiritual groups from such diverse geographical regions as they present a common, fundamental tone that is completely new, and mystical literature shows the peculiarities that indicate a significant turning point in the experience of the spiritual and cultural life of Europe in the thirteenth century. The challenge for us is the re-evaluation of the voices of these “women theologians” would show them as original and consistent thinkers, who opened the door to one of the most creative eras in the history of women, female writing and thought. This submerged knowledge that transpires from medieval culture is relevant for medieval studies because, overturning a consolidated stigmatization, the Middle Ages, wrongly considered the period of greatest women’s oppression, will be understood as the historical phase of brand new intellectual genesis, where a new female subjectivity is formed, and where women, through literature, could participate in a context of male, hierarchical, exclusive and discriminating dominant.

italiano tra il secolo XIV e il secolo XV” in id., *Donne e chiesa tra mistica e istituzioni, secoli XIII-XV* (Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2004), 51-59.

The castle of Montella: stratigraphic analysis and material culture of the south/south-east area

Gaetana Liuzzi
University of Campania L. Vanvitelli

Abstract

The castle of Montella, in the province of Avellino (Italy), has been the subject of archaeological research from 1980 until 1992 within a survey program on the highland settlements in the internal Campania region. The operations, under the supervision of Marcello Rotili, resumed between 2005 and 2007 to better investigate the area inside the castle. Excavations have shown that the oldest structures date back to the 6th century when a village of huts was born. This settlement was followed in the 9th century by the formation of a gastaldato, perhaps at the behest of the Lombards of Benevento. The center was seriously damaged by the earthquake of 989 which caused many destructions. The most fruitful and richest period was when it became an Angevin seat. In fact, Charles II renewed the area by creating a *nemus seu parcum* with the construction of *rasole* (terraced land) that formed a park-garden of about 3 hectares. After the Lautrec expedition (1528), the area was abandoned and only the friars Minor Conventual monks remained in the convent built above the previous place of worship of the ninth century. The religious lived in the site from 1586 until 1806-07 when they were forced to leave the convent and the whole area. They lived in prayer and exploited the *rasole* (terraces built in the Angevin age) for agricultural purposes. They then returned there in the late 1800s to remain there until the middle of the 1900s. Subsequently the area was completely abandoned.

The object of this study is the analysis of the stratigraphy of the area surrounding the convent (south/south east area) where several trenches have been opened. Many archaeological finds have emerged from the excavation, above all ceramics which were used by those who have inhabited this area for centuries. In particular, the tableware and enamelware coming out of the excavation operations will be examined. New data will be presented on the most attested ceramic forms, their use and their evolution over time. Finally, the decorative repertoire analyzed on glazed and enamelled pottery will be described.

Keywords:

Castle, Medieval Archeology, Anjou, Medieval Pottery

1. RESEARCH

The present work aims to briefly illustrate the results of the excavations conducted between 1987 and 1989 in the southern sector of the fortified center of Montella, in the province of Avellino (Italy), with particular reference to the data acquired through a detailed analysis of the structures and materials recovered from archaeological activities.

All that has been examined until now has converged in the publication of two volumes in

2011¹ and 2012², concerning the research carried out in the area inside the castle with its donjon and in the northern sector, immediately outside the fortress (fig. 1).

The archaeological activity was led by Marcello Rotili in a vast program of investigation and study of the medieval settlements of the internal Campania,³ with Montella being the first structure excavated. Although the works started in 1980 and continued until 1992, with a recovery between 2005 and 2007, the study of the data emerged is still continuing today: therefore, the objective of this research will be to deepen the hypotheses supported until now, with the integration of some new features.

2. HISTORICAL-TOPOGRAPHIC ANALYSIS

The territory of Montella has been frequented since ancient times: in fact, the site is at the center of a road junction of significant importance, both for the transhumance routes and because it is crossed by the Via Appia, that connects the internal Campania (Avellino, Nola, Benevento, Salerno) with Puglia.

The 'Monte' is the height that dominates the current town and all the surrounding plain, rising to 760m above sea level. It is part of the mountain complexes of Irpinia: Terminio and Cervialto; it is located near the village of Bagnoli Irpino, Nusco, Cassano Irpino and Passo Cruci near Vulturara.

In late antiquity the area was subject to the territorial dynamics⁴ of the abandonment of the lower part and the occupation of the top of the 'Monte'. In fact, the first traces of an appropriation are already starting from the 6-7th century, when on the summit a small village of mixed-work houses is formed, surrounded by a wooden palisade.

The depopulation of valley floor advantage of the top of the mountains

¹ Marcello Rotili, *Montella: ricerche archeologiche nel donjon e nell'area murata (1980-92 e 2005-07)*(Arte tipografica editrice, Napoli, 2011).

² Carlo Ebanista, *Montella: l'area murata del Monte. Ricerche archeologiche nel settore nord*(Arte tipografica editrice, Napoli, 2012).

³ Marcello Rotili, "Archeologia medievale. I", in *Storia illustrata di Avellino e dell'Irpinia, I*, Gabriella Colucci Pescatori (edited by) (L'Irpinia antica, Pratola Serra, 1996), 257-272; Marcello Rotili, "Archeologia medievale. II", in *Storia illustrata di Avellino e dell'Irpinia, I*, Gabriella Colucci Pescatori (edited by) (L'Irpinia antica, Pratola Serra, 1996), 273-288; Marcello Rotili, "Scavi di chiese e castelli in Irpinia", in *Scavi medievali in Italia 1994-1995, atti della Prima Conferenza Italiana di Archeologia Medievale (Cassino, 14-16 dicembre 1995)*, Stella Patitucci Uggeri (edited by) (Roma, 1998), 293-310.

⁴ Riccardo Francovich, "L'incastellamento prima dell'incastellamento", in *L'incastellamento. Actes des rencontres de Gérone (26-27 novembre 1992) et de Rome (5-7 mai 1994)*, Miquel Barceló and Pierre Toubert (edited by) (Roma, 1998), 13-20.

distinguishes not only the southern Italian countryside, but a similar situation is also found elsewhere in the Peninsula. An example is Montarrenti (Siena), where during the 7th century a village was created consisting of a cluster of houses, with earthen floors and roofs in straw. A long wooden palisade was built to defend the entire inhabited area making it look like a fortified village.⁵ About the area of 'Monte', to the silence of the written sources inherent to the first occupation of the area, the archaeological fact contrasts which - in the northern part of the Monte - would indicate a village of which the remains of a dwelling have been identified with adjoining hearth and a small cemetery consisting of burials made of bare earth or in masonry boxes.

The first documentary attestation of the site is a judgment of Arechi II of August 762, transcribed in the 12th century in the *Chronicon S. Sophiae*: here we refer to a *curtis que vocatur montellari* (7-8th century). The datum is of great interest as it includes the area of Montella in the typical economic medieval settlement, the curtense system, that is attested in numerous peninsular areas: just to stay in the Tuscan area, with which Montella and the researches in the Campania Apennines they have much in common, a similar model was recognized in the province of Grosseto, in Scarlino, where the settlement nucleus on the slopes of the hill, already constituted by a village in the 7th century, towards the end of the 8th century was renewed with the construction of a small residential agglomeration, among which a larger building stands out and a series of handicraft infrastructure, including a metalworking furnace.⁶ Also, in Montella was discovered a forge⁷ for the processing of iron, which attests the presence of specialized activities that took place inside the *curtis*.

In the *Divisio Ducatus Beneventani*⁸ of 849, the site is mentioned as the seat of a gastaldato, an administrative district under control of the territories of the duchies of Benevento and Salerno. It is precisely at the end of the 8th - beginning of the 9th century, that the remains of a new fortified circuit are found around the *gastaldaga*⁹ located at the highest point.

After an earthquake in 989,¹⁰ documented in Montella by the discovery of

⁵ Andrea Augenti, *Archeologia dell'Italia Medievale* (Editori Laterza, 2016), 107-111.

⁶ Andrea Augenti, *Archeologia dell'Italia Medievale* (Editori Laterza, 2016), 118-119.

⁷ Iolanda Donnarumma, "Un impianto metallurgico del IX secolo dalla Rasola 1 del castello del Monte a Montella: la trincea 5/87", in *III Ciclo di Studi Medievali, Atti del convegno (8-10 settembre 2017)* (Firenze, 2017), 264-277.

⁸ Nicola Cilento, *Le origini della signoria capuana nella Longobardia minore* (Roma, 1966), 93.

⁹ The *gastaldaga* was the residence of the *gastaldo* who held the administrative and judicial power of the area.

¹⁰ Mario Baratta, *I terremoti d'Italia. Saggio di storia, geografia e bibliografia sismica italiana* (rist. anast. Sala Bolognese, 1978) (Torino, 1901), 18 n. 86; Diego Molin, "The

substantial collapses, a clear political recovery took place during the 10th century thanks to a new noble class that formed a *committee*¹¹ that had the purpose of reorganizing the territory from an economic and structural point of view. After the Norman conquest and the construction of the *magna turris* in the middle 12th century by the *de Tivilla* family,¹² the period of magnificence for Montella can be placed at the end of the 13th and beginning of the 14th century. It is the moment when Charles II d'Angiò, after his visit between 23 and 25 of March of 1284, confiscated the *Castrum vero Montelle* by giving it to his son Philip, prince of Taranto.¹³ The idea of Charles is to create a *garden conclusus* in vogue at that time (fig. 2). This is the reason why the area is subjected to extensive renovation work: the *rasole* are built, large terraces with walls of substructure and crossed by two aqueducts, represented in the 18th century *Dichiarazione della [...] Pianta di tutto il Monistero de P. Riformati sotto il titolo di S. Maria del Monte* (fig. 3); the walls, already remodeled in the Norman age, doubled. In this way the castle is the center of a terraced area full of orchards, ponds and fountains, used as the *otium* of the court of the nobles. After the extinction of the House d'Angiò and the Lautrec's expedition in 1528, when the French attacked the Spanish, the fortress was gradually abandoned and the inhabitants moved to the bottom of the valley, where the urban center now stands.

The hill is not completely abandoned, but simply moves the fulcrum of the settlement from the top to the bottom. In fact, at the end of 16th century (1586) a community of Franciscan friars built the convent and it also restructured the annexed church of *S. Maria de lo Monte*.

Archaeological data of the convent's structures leaning against the terraces of the 13th century and the pottery found confirm the posteriority of the structures of the convent and the church.

Because of the consolidated knowledge about the phases of occupation of the

Campania earthquake of 990", in *Atlas of isoseismal maps of Italian earthquakes*, Daniele Postpischl (edited by) (Bologna, 1985), 10-11; Emanuela Guidoboni, *I terremoti prima del Mille in Italia e nell'area mediterranea. Storia, archeologia e sismologia* (Bologna, 1989), 273, 551; Enzo Boschi et alii, *Catalogue of strong Italian Earthquakes from 461 B. C. to 1997* (*Annali di geofisica*, 43/4, 2000), 846.

¹¹ A 999 *cartula* testifies to the transformation of the *gastaldato* into a committee, mentioning Landolfo as "de comitato Montellense"; Leopoldo Cassese, *Pergamene del monastero benedettino di S. Giorgio (1038-1698)* (Salerno, 1950), 30.

¹² Michelangelo Schipa, *Storia del principato longobardo di Salerno* (Archivio storico per le Provincie Napoletane, XII, 1997), 574-575, 582; Francesco Scandone, *L'Alta valle del Calore II. Il feudo e il municipio di Montella dal dominio dei Normanni a quello della casa d'Aragona* (Palermo, 1916), 10-16.

¹³ Francesco Scandone, *L'Alta valle del Calore II. Il feudo e il municipio di Montella dal dominio dei Normanni a quello della casa d'Aragona* (Palermo, 1916), 52, 58, 182-183, 187 doc. 31.

'Monte' between Late Antiquity and the Middle Ages, the purpose of this work is to illustrate the aspects of the Post-Medieval settlement, in the light of the archaeological data and the study of ceramic finds.

3. THE EXCAVATION

Archaeological research in the south / southeast area of Monte of Montella (*rasola* 15, 16, 13, 21 and 10) was carried out between 1987 and 1990, only taken up in some sectors between 2005-07, with the opening of seven trenches (fig.4).

When the monastic community settled near the lower part of the Monte, the castle had just been abandoned and the monks used the spaces facing the convent as agricultural land for their daily needs. For this reason, the stratigraphic analysis did not show the remains of raised or relevant structures, on the contrary, the parts of the terrain with landfills appeared more conspicuous, most likely accumulated as a result of plowing.

The operations that involved the *rasole* 15 and 16 placed extremely south were affected by surface cleaning operations. Nevertheless, a considerable quantity of material, especially pottery, has leaked from the subsoil, whose study has countered the study of the site.

In the *rasola* 13, part of the channel coming from the *rasola* 8 was intercepted, built to recess into the ground, with a rectangular section and covered with hydraulic mortar. It was also possible to rebuild the partly destroyed roof made of mortar and stones. The canal, certainly built before the road named 3000, connects the northern part to the southern part of the site, from a north-south curve slightly curves towards north-east, cutting the two containment walls.

During the cleaning of the *rasola* 21 (trench 1/89), two more channels were recovered, delimited by the containment walls, beneath which two pallets built on the ground, running along the walls, came out.

In the south-east sector along the 3000 road, the excavation in the *rasola* 10 led to the identification of two environments (A and B), both with the presence of a collapse leaning against one of the perimeter walls. In environment A three steps in limestone and a floor beaten have escaped. From trench 2/89, instead, the access ramp to the cistern named D1, consisting of five steps, came to light.

The identification of water channels, placed against the walls of the sunshades, shows

how much has been done during the work of redevelopment of the area for the construction of the park- garden wanted by the Anjou. In addition, the activities carried out throughout the area are confirmed by the data acquired in the northern sector, specifically in *rasole* 20 and 2, from which come the channels that cut the walls of substructure along the site until the aqueduct reaches A3.¹⁴

Over time, the monks adapt the site to their needs, sometimes obliterating the channels of the aqueducts themselves and then building the roads to allow connection from one part of the site to another.

4. THE MATERIALS

In addition to a few fragments of glass, iron and stone objects, archaeological activities have made it possible to recover a large quantity of ceramics, such as containers identified for cooking and preserving food, covering the centuries between the late Middle Ages and the Modern Age. A selection of these ceramic finds is presented here, fragments divided according to different classes.

To the class of the purified *acroma* belongs a disc bottom of a large amphorae (tab. 1 n. 4; tab. 2 n.3) type already attested in the northern area of the site in layers of 12-13th century.¹⁵ The clay is not very clean and the surfaces are very rough. Inside, the point of attack between the wall and the base is evident, reflecting the pressure exerted by the potter to join the strips to the bottom.¹⁶

Regarding the common pottery of low medieval age, the analyzes have allowed to identify three types of rim attributable to *olle*¹⁷ and large containers:

- a first type is a harpoon rim (tab. n. 1 n. 5; tab. 2 n. 12) referring to a specimen with a concave neck, which shows traces of fumigation on the outside by direct contact with a source of heat. The harpoon type is widespread in the Irpinia area and has already been widely analyzed,¹⁸ so much so that it is abundantly found in various sectors

¹⁴ Gaetana Liuzzi, "Ricerche archeologiche a Montella: le trincee 1/90 e 7/90 nella Rasola 2", in *II Ciclo di Studi Medievali, Atti del convegno (27-28 maggio 2017)* (Firenze, 2017), 182-199.

¹⁵ Carlo Ebanista, *Montella: l'area murata del Monte. Ricerche archeologiche nel settore nord* (Arte tipografica editrice, Napoli, 2012), 143, fig. 99 n. 10.

¹⁶ *Ibid.*, 144.

¹⁷ The *olle* are cookware for cooking.

¹⁸ *Ibid.*, 150-185.

of the site¹⁹ in layers of 12-13th century;

- another type of rim (tab. 1 n. 1; tab. 2 n. 1) is characterized by a slightly raised shape to allow a better and more partial housing of the lid. It is a type of container whose formal changes are found in the 'new kitchen battery' attested for example in Calabria during the Norman age,²⁰ when there is a strong change in the *set* with the slow disappearance of the purified ceramic in favor of that coated;

- this phenomenon is linked to the case of an amphora (tab. 1 n. 2; tab. 2 n. 4) represented by a trapezoidal-shaped rim with a loop connection directly below. This container, lined internally with a transparent window to the outer rim, can be related to the type of Calabria amphora²¹ found along the Tyrrhenian side, attributable to the 12-13th centuries.

As regards the bottom of the containers (tab. 1 n. 3; tab. 2 n. 2), the fragmentary nature of the finds does not allow them to be given an exact typology, but the analysis shows that they are containers used for cooking food in direct contact with fire. In fact the walls are blackened, often only on one side, and the characteristic of the bottom 'apodo' plan is appropriate to the idea of the type of containers resting on one side of the fireplace to the detriment of those convex bottom that were, instead, either suspended from a hook or arranged on a tripod or directly between the coals.²²

A greater number of finds are identified as fine tableware ceramics: they are fragments covered with a glaze (*invetriate*) and by little enamel (*protomaioliche*). Closed (jugs / jugs) and open (bowls, cups, saucers) forms are attested, classifiable according to the ornamentations:

- some covered walls belong to a first group (tab. 1 n. 6; tab. 2 nn. 5, 6, 10), distinguished by a geometric ornamentation on the external surface. The first fragment (tab. 1 n. 6; tab. 2 n. 5) is related to a small jug and is characterized by a brown decoration with triangles that are inserted into two horizontal lines. The geometric type is also found on the fragment of wall coming from the *rasola* 21 (tab. 2 n. 6), which has brown arches

¹⁹ Ibid., 155, fig. 101 n. 73.

²⁰ Chiara Maria Lebole, "La ceramica medievale di età normanna in Calabria", in *I Normanni in finibus Calabriae*, Francesco A. Cuteri (edited by) (Rubbettino Editore, 2003), 185 fig. 2.

²¹ Ibid., 184 fig. 1.

²² Silvana Fossati and Tiziano Mannoni, "Gli strumenti della cucina e della mensa in base ai reperti archeologici", in *Archeologia medievale VIII* (All'insegna del Giglio, Firenze, 1981), 415; Maria Antonietta Iannelli, "Quadrato FFF 19", in *Caputaquis medievale II. Ricerche 1974-1980* (Napoli, 1984), 167; Paul Arthur, "M 179. An early medieval lowland site at loc. Arivito, near Mondragone (Caserta)", *Archeologia medievale XVI* (All'insegna del Giglio, Firenze, 1989), 605.

with traces of green painting. The last fragment (tab. 2 n. 10) has signs of the attack of a loop and the decoration is typical of the so-called RMR: one sees a thin brown horizontal line that encloses another thicker one in red. Similar decoration seems to be attributable to a jug rim (tab. n. 9; tab.2 n. 9) whose curvilinear shape is emphasized by a red band spread over a light pink, almost pink, which reveals the color of the clay below. Sometimes, even monochromic decorations can be noticed, such as the case of a smooth loop, with brown cross- lines on the surface (tab. 2 n.11);

- to another group belong two fragments of small bowls with similar characteristics: bottom with ringed foot. The first example is distinguished by a decoration made with a window: the ornament is very simple, characterized by concentric brown / brown lines on a white background with hints of a green leaf profiled in brown (tab. 1 n. 7; tab. 2 n. 8). The second fragment (tab. 1 n. 8; tab. 2 n. 7) on the other hand presents an enamel decoration on the entire internal surface, the background is green and has brown lines.

Surely the three fragments decorated in brown and manganese (tab. 1 nn. 6, 9; tab. 2 nn. 5, 9-10) recall examples of 'invetriata dipinta in policromia' of the center of Torre Alemanna, near Corneto, 18 km from Candela, where archaeological investigations were carried out between 1999 and 2008. The decoration of the specimens of Montella goes well with that of the Apulian bowls dating from around the 16th century.²³

The ornamental pattern with small arches of the wall fragment coming from the *rasola* 21 (tab. 2 n.6) can be found with specimens coming from the monastic complex of Monte Santa Croce, in the province of Caserta. Specifically, it is close to group 1 of the protomaiolica cups²⁴ characterized by a festooned brown band, which in turn is closer to the Neapolitan context of San Lorenzo Maggiore.²⁵

The type of handle with transversal lines decoration (tab. 2 n. 11) seems to recall

²³ Carlo dell'Aquila, *Le ceramiche di Torre Alemanna dai Cavalieri Teutonici agli Abati Commendatari* (Bari, 2015), 255.

²⁴ Nicola Busino and Gaetana Liuzzi, "La ceramica da Monte Santa Croce (Piana di Monte Verna, CE): indicatori cronologici e sociali di un complesso religioso di area campana", in *In&Around. Ceramiche e Comunità, Secondo Convegno tematico dell'AIECM3* (Faenza, 17-19 aprile 2015), Margherita Ferri et alii (edited by) (All'insegna del Giglio, 2016), 178-80, fig. 3.

²⁵ Maria Vittoria Fontana, "La ceramica invetriata al piombo di San Lorenzo Maggiore", in *La ceramica medievale di San Lorenzo Maggiore in Napoli, Atti del Convegno La ceramica medievale di San Lorenzo Maggiore in Napoli nel quadro della produzione dell'Italia meridionale e i suoi rapporti con la ceramica islamica (Napoli, 25-27 giugno 1980)*, voll. I-II, Maria Vittoria Fontana and Giovanna Ventrone Vassallo (edited by) (Napoli, 1984), 136-137, L, LVII.172, 40b.

a fragment of the loop²⁶ found in Corleto (Foggia) and attributable to the productions of the 13-14th century.

The ring-shaped cups/bowls are very common in the internal Campania. They (tab. 1 nn. 7-8; tab. 2 nn. 7-8) are characterized by a decoration on showcase or glaze, comparable for the shape with types coming from the northern sector of Montella,²⁷ but also from the centers neighbors. For example, the wide production of this type of containers is attested in the nearby Ariano Irpino.²⁸ Already at the beginning of the 13th century, a certain craftsmanship of the city connected to commercial networks inside and outside the city attested to this site,²⁹ guaranteeing not only the export of its products, but also the imitation of the same by local artisans. As for decoration, on the other hand, the specimen in protomaiolica (tab. 1 n. 8; tab. 2 n. 7) can be compared with invetrate specimens, from the excavations of San Francesco in Cosenza:³⁰ the so-called “decoration Lucan type” is characterized by geometric ornaments, with circular bands in brown and red, which in turn finds comparisons with the neighboring centers of Crotona,³¹ Castelmonardo,³² Rosarno,³³ Tropea, Nicotera and Soverato Vecchia.³⁴

Most of ceramic recovered from the southern sector of the castle of Montella is represented by enamelled fragments referable to the service of a medieval low table and used until the modern age.

As for the white monochrome enamel, the so-called 'white majolica', it is represented by plates, cups and mugs entirely covered with very thick white enamel. This

²⁶ Vincenzo Valenzano, “Nuovi dati da un sito dell’entroterra di Capitanata. La ceramica di Corleto”, in *Storia e archeologia globale* 1, Giuliano Volpe (edited by) (Edipuglia, Bari, 2015), 141 n. 6.

²⁷ Carlo Ebanista, *Montella: l’area murata del Monte. Ricerche archeologiche nel settore nord* (Arte tipografica editrice, Napoli, 2012), fig. 117 n. 269.

²⁸ Marcello Rotili and Nicola Busino, *Ricerche archeologiche nel castello di Ariano Irpino (1988-94 e 2008)*(Edipuglia, Bari, 2017).

²⁹ Ibid., 286.

³⁰ Cristiana La Serra, “Invetrate policrome in circolazione al San Francesco di Cosenza nel Basso Medioevo. Primi dati da nuove scoperte (Calabria, Italia)”, in *Glazed Pottery of the Mediterranean and the Black Sea Region, 10th-18th Centuries*, vol. 2, Бочарова, Франсуа and Ситдикова (edited by) (Kazan-Kishinev, 2017), 22 tab. 1 let. A.

³¹ Margherita Corrado, “Appunti per una prima carta delle ceramiche invetrate bassomedievali nel Medio Ionio Calabrese”, in *III Congresso Nazionale di Archeologia Medievale (Salerno, 2-5 ottobre)*, Rosa Fiorillo and Paolo Peduto (edited by) (All’insegna del Giglio, Firenze, 2003), 160.

³² Nazzareno Salvatore Carioti, *Castel Monardo. Archeologia e storia di un insediamento medievale* (Adhoc, 2012), 72.

³³ Cristiana La Serra, “Invetrate policrome in circolazione al San Francesco di Cosenza nel Basso Medioevo. Primi dati da nuove scoperte (Calabria, Italia)”, in *Glazed Pottery of the Mediterranean and the Black Sea Region, 10th-18th Centuries*, vol. 2, Бочарова, Франсуа and Ситдикова (edited by) (Kazan-Kishinev, 2017), 21-30.

³⁴ Francesco A. Cuteri, “Ceramiche invetrate dipinte bassomedievali nella Calabria centro-meridionale. Annotazioni su forme e decorazioni”, in *Azulejos* 4 (2007), 179-205.

type of crockery was used as a canteen service both in hospitals and convent areas, and in medium - high level dwellings.³⁵ For this reason, the discovery of these artifacts is well suited to the context, in which the attendance was strictly reserved for the monks who inhabited the convent from the end of 1500.

The most well-known forms are pitchers, represented by three fragments of disc-shaped backgrounds (tab. 1 nn. 10-12; tab. 2 nn. 20-22). They have the surface completely covered with enamel, although sometimes only the external bottom is spared. The specimens can be compared with the white majolica vessels found in Ariano Irpino,³⁶ very similar morphologically and for the type of enamel used.

Other enameled specimens are distinguished by blue decorations: the ornaments are distributed both on the internal external surfaces.

The specimens refer to plates (tab. 1 nn. 14-16; tab. 2 nn. 13, 15-16) and bowls (tab. 1 n. 13; tab. 2 n. 14) with a rounded edge and often a tense. The decoration on the internal surface differs essentially due to the type of pattern represented. Usually point patterns are found below the rim (tab. 1 nn.13-15; tab. 2 nn. 13-15) that recall the gesture of the brush tip soaked in blue enamel. Also found are variants made up of simple lines that follow the internal rim or sinusoidal motifs (tab. 1 n. 16; tab. 2 n.16).

In terms of shape and decoration, the analyzed elements are not only closer to findings from Ariano Irpino³⁷ and dated to the 16th century, but also to those found in the Neapolitan site of Carminiello to Mannesi,³⁸ where they are classified as 'Ligurian-style white-blue majolica'. This typology is widespread above all among the Latium materials imitating Ligurian products³⁹and chronologically attributable to an invoice from the late 17th and 18th centuries.

The decorations with various motifs, such as the type with a sinusoidal line (tab. 1 n. 16; tab. 2 n. 16), can also be found in more distant contexts: an example is a dish from San Sostri (Cosenza) with serpent form decoration in blue on the internal brim,⁴⁰

³⁵ Carmela Calabria, "Smaltata monocroma bianca", in *Montella: ricerche archeologiche nel donjon e nell'area murata (1980-92 e 2005-07)* (Arte tipografica editrice, Napoli, 2011), 328.

³⁶ Marcello Rotili and Nicola Busino, *Ricerche archeologiche nel castello di Ariano Irpino (1988-94 e 2008)* (Edipuglia, Bari, 2017), 360, fig. 191 n. 398; 363 fig.192 nn. 406-407.

³⁷ Ibid., 394 fig. 199 n. 534.

³⁸ Paul Arthur, *Il complesso archeologico di Carminiello ai Mannesi, Napoli (scavi 1983-1984)* (Galatina, 1994), 487 tab. 87.

³⁹ *Archeologia urbana e centro antico di Napoli*, (Napoli, 1984), 64, fig. 2; *Napoli antica* (Napoli, 1985), 414.

⁴⁰ Domenico Marino and Franca C. Papparella, "Ricerche archeologiche nel Pollino Sud-Occidentale. Prime considerazioni sulle campagne di scavo 2004 nella Chiesa del Carmine e nel Castello della Rocca di San Sosti (CS)", *The Journal of Fasti Online* (Roma, 2008), 7, n.1.

datable to the 18th century.

This ceramics class is probably due to the stable Aragonese presence in the Peninsula, but not having certain data on the importation of such artifacts to Montella, its presence in areas outside the Kingdom leads to an imitation activity born between the nobles from the suburbs, to get close to the costumes of the Crown.

In fact, the tables of the aristocrats were enriched by this type of crockery that we find not only in peninsular Italy, but also in other contexts. For example, it is worth mentioning the excavation of the Casa do Infante⁴¹ in Porto (Portugal), where a larger number of majolica pieces are exhibited in the homonymous museum. It is possible to admire a wide range of containers for the enamel cafeteria, often in monochrome (blue) or even in two colors (yellow-blue), dating between the 17th and 18th centuries.

To accompany this type of crockery is also a considerable number of fragments in late majolica (tab. 1 nn. 1-18; tab. 2 nn. 17-19, 23). The specimens include both open shapes (plates and cups) and closed forms (pitchers, jars) characterized by polychrome decorations. The dishes are often deep and decorated inside: they can have simple lines in yellow or brown or green (tab.1 n. 17; tab.2 n. 19), recalling the motifs found on the ceramics of Montecorvino (Foggia)⁴² beyond that from the same Montella⁴³ and Sant'Angelo dei Lombardi⁴⁴ in Irpinia.

Sometimes the decoration differs according to the motifs represented: there are linear geometrical ornamentation (tab. 2 n. 17) or more elaborate plant types (tab. 1 n. 18; tab. 2 n. 23), which seem to imitate the so-called 'compendiary-style majolica' by Castelli. An example is the floral motif that enriches the brim of a plate (tab. 1 n. 18; tab. 2 n. 23) comparable with the decorated vessels of the 16-17th centuries;⁴⁵ or the blue

⁴¹ Manuel Luís Reale et alii, "Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – século IV-XIX", *1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval, método e resultados para o seu estudo* (Tondela, 1992): 171-186.

⁴² Pasquale Favia and Vincenzo Valenzano, "Reperti ceramici dalle fasi dell'occupazione di Montecorvino (Foggia): analisi dei rinvenimenti ai fini dello studio delle modalità di abbandono del sito fra tardo medioevo ed età moderna", in *Atti del XLIII Convegno Internazionale della Ceramica, La ceramica nei periodi di transizione. Novità e persistenze nel Mediterraneo tra XII e XVI secolo (Savona, 28-29 maggio 2010)* (Ed. Centro Ligure per la Storia della Ceramica, 2010): 255, figg. 13ab-14ab.

⁴³ Marcello Rotili, *Archeologia del donjon di Montella (Memorie dell'Accademia di Archeologia, Lettere e Belle Arti in Napoli, XIII)* (Napoli, 1999), 61, 63, 66, fig. 37 n. 2.

⁴⁴ Marcello Rotili, "Smaltata di transizione", in *Sant'Angelo dei Lombardi. Ricerche nel castello (1987-96). I. Settore sud-est e ambiente 12*, Marcello Rotili (edited by) (Napoli, 2002), 191, fig. 86 n. 3; 192, 201-202.

⁴⁵ Maurizio D'Antonio, *San Domenico all'Aquila. Il restauro del complesso monumentale* (Carsa edizioni, 2011), 145, nn. 98-99.

dotted motifs,⁴⁶ enriched with a light-yellow line (tab. 2 n. 17).

Finally, there are also fragments of jugs with the outer surfaces adorned with a lively polychrome. This is the case of the pitcher's bottom (tab. 2 n. 18), whose curvilinear shape is emphasized by a thin brown band and a yellow band that wraps around the false foot. This decorative typology finds evidence with a large jar coming from Vietri sul Mare⁴⁷ (Salerno), dated to the eighteenth century and which in turn seems to recall the amphorae and Neapolitan *idrie* of the 18th century.

5. CONCLUSIONS

Although the archaeological activities in the fortified Montella site were completed in 2008, data analysis continues to move forward. Currently, the state of research is still ongoing, so as regarding the sector presented in this short work, definitive conclusions cannot be drawn. However, some reflections can be made regarding the aspects described.

First of all, from the investigated trenches, important structures have not come to light, with the exception of the aqueduct channels for water transport. They are connected to the period of Angevin occupation, when Charles II or his son Philip, contributed to the realization of a park-garden of delights and leisure of the court. Everything was later abandoned after the Lautrec expedition in 1528 and the area had different functions, in reference, for example, for the roads that still connect the site from one side to the other.

As evidence of this change is also the afore mentioned *Pianta di tutto il Monistero* (fig. 3) which indicates the cultivable surfaces of the *rasole*, a term used in medieval Latin to indicate an agrarian measure, then passed to refer to a terracing.⁴⁸

Secondly, the abundance of clay pottery from the Middle Ages and the recovered Modern Age is of particular interest. Even if the findings came from land and surface cleanups from the sun, the concentration in this area rather than the north of the area is almost certainly connected to the frequentation by the friars, established in the convent since the end of 16th century. The multitude of glazed crockery enriched with polychrome

⁴⁶ Ibid., 153, n. 165a-b.

⁴⁷ Guido Donatone, *Maiolica decorativa e popolare di Campania e Puglia. Napoli, Ischia, Cerreto, Vietri, Ariano, Grottaglie, Martina Franca* (Grimaldi&C. Editori, 1992), 73, 120-121.

⁴⁸ Francisco Arnaldi et alii, *Latinitatis Italicae Medii Aevi lexicon imperfectum* (Torino, 1970), 12.

decorations embellished the tables of the monks and of those taking part in the monastic life, having at their disposal a medium-level kitchen set.

Moreover, the fact that many vessels have comparisons with specimens coming from neighboring contexts and from different Italian and French regions, ensures that strong links between Montella and the extra-territorial craft market are established.

We can therefore conclude by saying that until now Montella has been seen as a fortified offshore site with a stable life starting from the 6-7th until the beginning of the 16th century, but thanks to the data acquired so far, it is possible to extend the attendance of the 'Monte' area for at least another 400 years, simply changing the focus of activities from North to South, from the castle to the convent.

ANEXOS

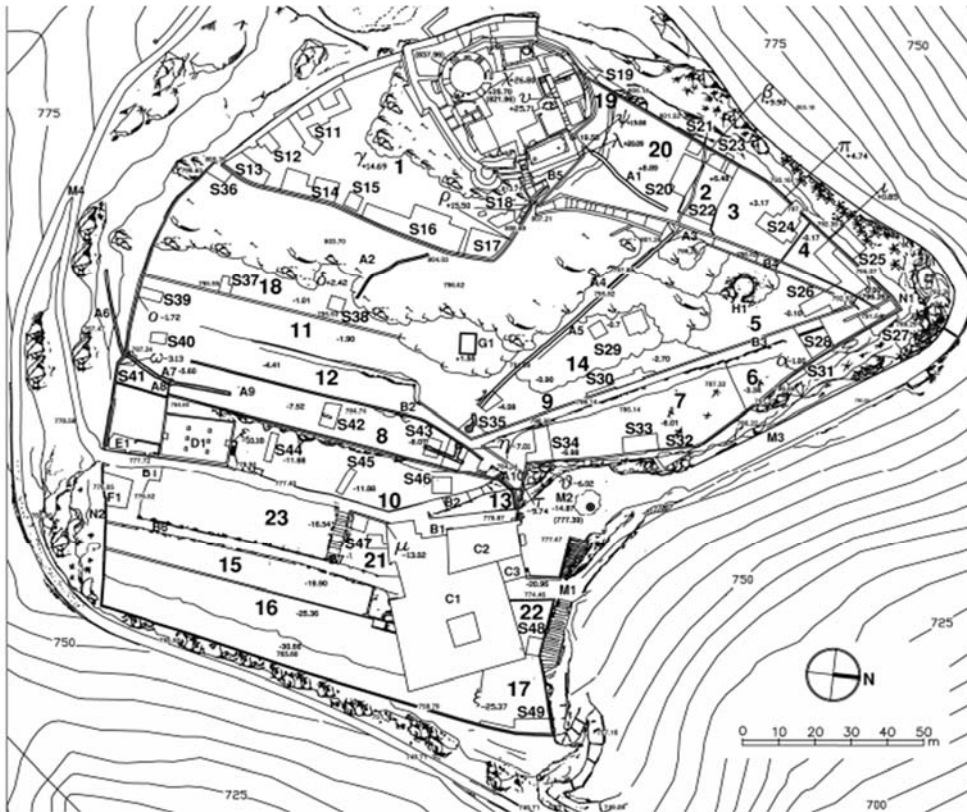


Fig. 1 – The walled area of the ‘Monte’ and the rasole.



Fig. 2 – The donjon after the 2005-2008 restoration (Archivio M. Rotili).



Fig. 3 – The walled area of the ‘Monte’ in the XIII-XIV century, reconstruction.



Table 2 – Pottery from South/South-East area.

Pottery of Cencelle: a research instrument for the functional and social reconstruction of daily context of a Medieval city

Giulia Previti
Sapienza University of Rome

Resumo

O projeto de investigação que venho a desenvolver no âmbito do meu doutoramento em Arqueologia Medieval, visa reconstruir o contexto funcional e social do quotidiano de uma cidade medieval a partir da análise de achados cerâmicos. A área de investigação é a cidade de Leopoli-Cencelle, de fundação papal (856 d.C.), localizada entre as montanhas de Tolfa, na região Norte do Lácio, na província de Roma (Itália). A Universidade de Roma “La Sapienza” tem estado, desde 1994, envolvida nas escavações arqueológicas deste sítio, tendo trazido à luz parte dos bairros residenciais e artesanais, o setor religioso, onde se inclui a igreja e o cemitério adjacente, e o setor relacionado ao poder civil, como ruas, as portas da cidade, guarnições militares e cisternas. Metodologicamente, iniciaremos com o estudo dos dados existentes, de forma a atingirmos resultados mais complexos e que possam ser utilizados em grande escala. A quantidade de material em questão pode ser estimada em cerca de 100.000 fragmentos, divididos por unidades estratigráficas e classes cerâmicas, para o período compreendido entre os séculos XI-XII e XV, o que nos fornece uma série de dados morfológicos e quantitativos. Uma vez obtida a documentação completa da análise realizada aos fragmentos cerâmicos, os artefatos poderão ser classificados de acordo: a percentagem de presença/ausência e de distribuição/concentração; na definição de critérios funcionais; na complexidade do sítio de proveniência, com referências aos aspetos sociais da cidade, à articulação do espaço, à composição da população à vida profissional e à alimentação.

Através da análise dos resultados obtidos na nossa investigação e o seu cruzamento com os dados extrapolados das fontes arquivo-documentais em estudo e com as metodologias de diferentes áreas, como a antropologia física, a etnoarqueologia e a antropologia, temos como objetivo final apresentar uma reconstrução antropológica dos aspetos diários da vida num centro urbano medieval.

Palavras-chave

Leopoli-Cencelle, cerâmica, vida cotidiana, tardia Idade Média

Abstract

The research project for my PhD in Medieval Archaeology aims to reconstruct the functional and social context of the daily life in a medieval by examining the ceramic findings. The investigation area Leopoli-Cencelle, which has been brought to light through the archaeological excavations carried out by Sapienza University of Rome since 1994. This town was founded by Pope Leo IV in 856 AD and is located on the Tolfa Mountains, about 40 miles north of Rome (Italy).

The methodology proposed starts from the analysis of simple data and aims to achieve complex results, that can be used on a large scale. The amount of material, that was analysed, can be quantified in about 100.000 fragments, divided by stratigraphic units and pottery classes. The material covers the historical period that goes from the 13th centuries up to the 15th and supplied a great quantity of morphological and quantitative data. After obtaining a complete documentation from the analysis of the fragments, the artefacts can be classified in their entirety according to: the percentage of presence/absence and distribution/concentration; the definition of functional criteria; the complexity of the site from which the fragments came from (with reference to the social aspects of the city, the articulation of space, the composition of the population, professional life and food).

The final objective consists of providing a global approach to the study of the site, focusing on the anthropological reconstruction of the everyday life of a medieval urban centre in

its complexity. The results obtained will be integrated with the data extrapolated from the study of archival-documentary sources and with the methodologies of different disciplines (physical anthropology, ethnoarchaeology and anthropology).

Keywords:

Leopoli-Cencelle, pottery, daily life, late Middle-Ages

The research I hereby propose is the main subject of my PhD, which began last year at Sapienza University of Rome, at the Doctoral School in Archaeology (34th Cycle, post-classical archaeology and antiquity curriculum).

This work started from the need to outline a more organic picture of the society and the daily life of a medieval city. It aims to reconstruct the living and working contexts and craftsmanship of the time in a functional and social way, using potteries as a guiding tool, in addition to the daily physical space where the inhabitants of the *civitas* (town/city) lived between the 13th and the 15th century.

THE CITY OF LEOPOLI-CENCELLE

The area of investigation is the city of Cencelle, in Italy, in northern Latium, between the towns of Tarquinia and Allumiere, a few miles east of Via Aurelia and west of Mignone river (Fig. 1).

Cencelle was founded by will of the Pope Leo IV in the 9th century AD, in order to protect the citizens of the Roman harbour city of Centumcellae against the Saracen invasions. Its urban functions were abandoned during the 16th century, thus defining the period of activity of the town, which lasted from the early to the late Middle Ages. The events that took place during the period of Saracen raids, urged the popes to fortify the main Roman cities and the construction of "new towns" to shield the inhabitants of the most exposed ones. Pope Leo IV determined the temporary abandonment of a harbour and a coastal town through the foundation of the new town of Leopoli-Cencelle (twelve miles away from the Centumcellae) in the middle of the 9th century. In doing so, he started a new population system on the hillside with centralized settlements, among which Cencelle is the first and only case with urban dignity.¹ The biography of the pontiff is reported in the *Liber Pontificalis*², but this episode is also testified in an epigraph that

¹ Sara Nardi, "Da Centumcellae a Leopoli. Città e campagna nell'entroterra di Civitavecchia dal II al IX secolo d. C.," in *Mélanges de l'École française de Rome. Moyen-Age, Temps modernes* 105 (Rome : École française de Rome, 1993), 2 : 531.

² Louise Duchesne, *Le Liber Pontificalis*, 2 voll. (Paris, 1886-1892), 132.

surmounted the eastern gateway of the town, where it was found in fragments and describes in detail its foundation and its consecration.³

The town of Cencelle, as we know it today, was brought to light by archaeological excavations. The current area began to be outlined in the 12th century and was converted into a farm by the 17th century, because of incisive land exploitation to extract alum. As a matter of fact, a whole series of renovations of the town started during the late Middle Ages involving all its building materials. The walls were the first part of the town that was rebuilt incorporating the previous Lionine structures made of red tuff and strengthened through the addition of towers and walkways.⁴ Nowadays, conspicuous parts of these walls are still standing and have kept their original layout.

However, the urban layout of the town was perhaps disrupted even more by the construction of the great Romanesque church. It was erected on the site of an earlier 9th century cathedral dedicated to Saint Peter, which was built in an east-west orientation and located on the highest point of the hill. The church inherited the name and the fame from Saint Peter's Basilica in Rome. The new building (Sector VI) replaced the early Medieval church, changing its orientation in order to place the facade in direct relationship with the public space. It also acquired an external cemetery area, whose continuity of use is documented well beyond the end of its religious function (Sector VII).⁵

Furthermore, the block occupied by public buildings on the opposite side of the church of St. Peter was adjusted between the 12th and 13th centuries. These buildings are configured in different structures: an ashlar tower; a neighbouring tower house; a public building with an adjoining open area with a well and a cistern; an artisan workshop for the production and sale of pottery (Sector V).⁶ There is also plenty of space inherent to

³ Letizia Pani Ermini and Francesca Romana Stasolla, "Il paesaggio di una città altomedievale (Leopoli-Cencelle): morfologia e analisi del territorio antropizzato," in *STAIM 2 (Foggia - Monte S. Angelo, 27-28 maggio 2006)*, ed. Giuliano Volpe and Roberta Giuliani (Bari: Edipuglia, 2010), 372-373.

⁴ Francesca Romana Stasolla, Maria Di Nezza and Giulia Doronzo, "Materiali, tecniche costruttive e fonti di approvvigionamento a Leopoli - Cencelle," in *Risorse naturali e attività produttive: Ferento a confronto con altre realtà*, Atti del II Convegno di studi in Memoria di Gabriella Maetzke (Viterbo, 27-28 aprile 2010), ed. Elisabetta De Minicis and Carlo Pavolini (Viterbo: DISBEC, 2011), 299-340; Lorenzo De Lellis, "Le mura della città," in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Ermini Pani, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 71.

⁵ Sergio Del Ferro, "Lo spazio dei morti a Leopoli-Cencelle: il cimitero della chiesa di San Pietro," in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Ermini Pani, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 39.

⁶ Maria Carla Somma, "Leopoli-Cencelle: lo sviluppo della sede del potere," in *L'Europe en mouvement*, IV Congrès international d'Archéologie Médiévalàle et Moderne (Paris, 3-8 settembre 2007); Maria Carla Somma, "Il palazzo pubblico," in *Forma e vita di una città*

housing and daily life, which were found especially in the south-eastern quarters of the town. This area is one of the most investigated areas and characterized by a set of organized blocks, which are divided into tower houses, row houses, artisanal facilities and workshops (Sectors I, II, III, IV) (Fig. 2).⁷

The archaeological potential of the area has therefore led to the launch of a research project promoted and directed by the Chair of Medieval Archeology of Sapienza University of Rome in 1994. It was initially coordinated by Prof. L. Ermini Pani and then by Prof. F.R. Stasolla. Other Universities took part in the project: The University "G. D'Annunzio" of Chieti (from the beginning), the École Française de Rome (for the first six years) and both the University of Tuscia (Viterbo) and the University of Perugia (for a short time). The peculiarity and complexity of the site has provided numerous research scenarios in various fields, from the strictly stratigraphic one to the in-depth study of the sources, the examination of the wall structures, the analysis of the material culture, the territorial research and the topographical framework. The conspicuous number of findings –especially potteries– coming from a twenty-five years excavation, has subsequently laid the foundations for a research project focused on the creation of a model of analysis for a unified context of everyday life, starting from the information provided by the archaeological data. These data were then integrated with those obtained from archival-documentary sources and with the results coming from different disciplines, such as physical anthropology, archaeozoology, archaeometry and ethno-anthropology.

The realisation of a project, that starts from the potential of the pottery of Cencelle and then expands feeding on a wider application field, is part of the so-called “global” approach to the study of archaeology. The project considers a series of factors that start from simple information and can lead to complex results, which can be used on a large scale. It is based on the comparison with various disciplines, but also strongly anchored to the material data.⁸

medievale. Leopoli-Cencelle, ed. Letizia Ermini Pani, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 54-55.

⁷ Francesca Romana Stasolla, *Leopoli Cencelle: il quartiere sud-orientale* (Spoleto: Fondazione CISAM, 2012).

⁸ Enrico Giannichedda, *Uomini e cose. Appunti di archeologia* (Bari: Edipuglia, 2006); Enrico Giannichedda, “Chi ha paura dei manufatti? Gli archeologi hanno paura dei manufatti?” in *Archeologia Medievale XLI, 2014* (Firenze: All'insegna del Giglio, 2015) 79-93; Tiziano Mannoni and Enrico Giannichedda, *Archeologia della produzione* (Torino: Einaudi, 1996). In particular on the city of Cencelle: Giorgia Maria Annoscia, “Observations on Daily Life in the Communal Town of Leopoli-Cencelle,” *El Futuro del Pasado* 8 (2017), 267-296; Francesca Romana Stasolla, “La ceramica di Cencelle nel medioevo. Alcune riflessioni di metodo per una questione ancora aperta,” *Scienze dell'Antichità* 24, no. 1, 175-181; Francesca Romana Stasolla, “La portata del deposito: organizzazione sociale e dati quantitativi a Cencelle,” in *Atti VIII Congresso Nazionale*

THE POTTERY OF CENCELLE

In these years the pottery of Cencelle have been the subject of numerous researches: from reprocessed studies for theses⁹ up to analyses. The latter produced chrono-typological synthesis, whose purpose was either processing data from the ongoing excavations¹⁰ or that focusing on specific case studies. These studies are geared to the investigation of productive contexts¹¹, prevalence and circulation¹², production and functionality of the artefacts. Individual environments within larger sectors or pottery classes were frequently preferred for chronological or research needs.

The objective is to achieve a reading of the material data in their entirety, starting from synthesis studies and increasing them with a systematic investigation. This project also aims to review the pottery findings and classify them according to: the percentages of presence/absence and distribution/concentration; the definition of functional criteria; the complexity of the site from which they come (with reference to

di Archeologia Medievale (Matera, 12-15 settembre 2018), ed. Francesca Sogliani and others (Firenze: All'insegna del Giglio, 2018), 176-179; Francesca Romana Stasolla, "Il quotidiano di una città medievale: archeologia dell'alimentazione a Leopoli-Cencelle," in *Le archeologie di Merilli. Miscellanea di studi in ricordo di Maria Maddalena Negro Ponzi Mancini*, ed. Paolo De Vingo (Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2018), 511-522.

⁹ Nadia Barone, "Materiali ceramici d'età rinascimentale e moderna provenienti dalla cripta della chiesa di Leopoli-Cencelle," in *La polifunzionalità nella ceramica medievale. Atti del Convegno sulle ceramiche di Roma e del Lazio in età medievale e moderna (Roma - Tolfa, 18-20 maggio 2009)*, ed. Giorgia Maria Annoscia and Francesca Romana Stasolla (Roma: Società Romana di Storia Patria, 2015), 189-206; Enrico Cirelli, "Leopoli-Cencelle. Relazione preliminare sulle tipologie ceramiche," in *Le ceramiche di Roma e del Lazio III. Atti del III Convegno di studi (Roma, 19-20 aprile 1996)*, ed. Elisabetta De Minicis (Roma: Edizioni Kappa, 1998), 109-114; Enrico Cirelli, *La ceramica di Cencelle nel Medioevo. I materiali rinvenuti negli scavi dell'École Française de Rome (settore III, 1994-1999)* (Rome: École Française de Rome, 2017); Luna Serena Michelangeli, "Dal frammento al contesto: la ceramica dal cimitero di Leopoli-Cencelle," in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Pani Ermini, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 41.

¹⁰ Enrico Cirelli and Nolwenn Lecuyer, "La ceramica dei settori III-IV (settore III, ambiente 8)," in *Leopoli-Cencelle. Una città di fondazione papale* (Roma: Palombi Editori, 1996), 2: 82-85; Lydie Glaudel, "Note preliminari sulla ceramica del sito di Cencelle: l'esempio del settore III F," in *Le ceramiche di Roma e del Lazio in età medievale e moderna, IV. Atti del IV Convegno di studi (Viterbo, 22-23 maggio 1998)*, ed. Elisabetta De Minicis and Gabriella Maetzke (Roma: Kappa Edizioni, 2002), 256-265; Maria Isabella Marchetti, "Maiolica arcaica dai settori I e II di Cencelle," in *Le ceramiche di Roma e del Lazio III. Atti del III Convegno di studi (Roma, 19-20 aprile 1996)*, ed. Elisabetta De Minicis (Roma: Kappa Edizioni, 1998), 103-108.

¹¹ Enrico Cirelli, "Produzione locale e dinamiche commerciali a Leopoli-Cencelle," in *Le ceramiche di Roma e del Lazio in età medievale e moderna, IV. Atti del IV Convegno di studi (Viterbo, 22-23 maggio 1998)*, ed. Elisabetta De Minicis and Gabriella Maetzke (Roma: Kappa Edizioni, 2002), 266-293; Sonia Antonelli, "Leopoli-Cencelle: settore V. La fornace per la ceramica," in *L'Europe en Mouvement. IV Congrès International d'Archéologie Médiévale et Moderne (Paris, 3-8 settembre 2007)*, <http://medieval-europe-paris-2007.univ-paris1.fr/>.

¹² Nadia Barone, "Le ceramiche di Cencelle nel quadro delle relazioni internazionali," in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Pani Ermini, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 129.

the social sphere of the city, the articulation of spaces, the composition of the population, professional life and food).

The total number of ceramic materials under consideration amounts to around 100.000 fragments, divided into stratigraphic units (S.U.) and pottery classes and date back to a period between the 13th and the 15th centuries. The considerable quantity of ceramic fragments and its presence in every context of the town led to prefer this macro-class making it the one that is effectively comparable. For this reason, it also temporarily excluded from the research other materials such as metal and glass. In this respect, the fact that these materials were reused by the workshops within the walls must be considered.

Precise starting areas were chosen during the planning of the research criteria, therefore, sectors where the excavations had already been concluded were privileged, e.g. the artisanal and residential districts (Sectors I-II, III-IV) and the sacred area (Sector VI). Subsequently, the results obtained were compared to the findings from the areas in which the excavation were still underway (Sector X, maybe the military garrison; Sector XI, residential zone linked to the civil authority area; Sector VII, cemetery area).

The context is particularly interesting for of project that is very focused on the daily aspects, since various traces of fire points or structures related to the practice of cooking were found in the stratigraphy of the south-eastern district of Cencelle. Not all the fireplaces found refer to food practices. As a matter of fact, some of them were clearly used for production and craftsmanship, while, for example, it has been documented that a rectangular surface formed made of roof tiles found in the environment A of Sector III was used for cooking. This surface was also slightly raised above the floor, which was made of irregular stone slabs.¹³

Similarly, the collapse of the presbyterial area of the great Romanesque church in the 17th century has sealed and preserved a deposit, that turned out to be very interesting for analyses on culinary habits. The previous crypt was used as storehouse and for food processing and cooking purposes. The numerous remains of acorns found are an evidence of the use of a plant species that was also intended for human consumption and was widespread in the territory before its deforestation. The excavation survey allowed us to reconstruct the acorns toasting process practiced in hearths, which were dug into the stone floor of the ancient crypt. Furthermore, the finding of earthen jars (*ollae* in

¹³ François Bougard and Enrico Cirelli, "Settore III," in *Leopoli-Cencelle. Il quartiere sud-orientale*, ed. Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2012), 181-196.

Latin) arranged in layers interspersed with ash can trace back to a use for conservation, to facilitate the drying and duration over time.¹⁴

Going back to the analysis of the fragments, which was based on the research works previously carried out and on the published literature, the percentage of potteries in the areas that were analysed leads to reflect on the formation of deposits. Rather homogenous data was found in all residential areas: a high percentage of common use pottery (between 42% and 58%) followed by kitchen containers (between 20% and 28%). At the same time, the area of the Romanesque church contains a smaller number of common use pottery, while kitchen shapes predominate due to the re-use of the environments like a farm dedicated to agriculture in the mid-15th century. The medieval cemetery actually has a high percentage of common and kitchen potteries (66% and 25%, respectively), as a consequence of how the archaeological deposit was formed. As a matter of fact, the area of the cemetery was often emptied and filled again with materials from domestic and industrial junkyards.¹⁵ The percentage of majolica fragments is between 26% and 29% in residential areas, while it is lower in religious and political contexts (Fig. 3).¹⁶

METHODOLOGY AND PHASES OF RESEARCH

The pottery data already studied and those under study are analysed according to a methodology that involves the preparation and updating of a database. It includes all the information that can be obtained from ceramic fragments coming from the archaeological excavation of the town of Leopoli–Cencelle. In this first phase we¹⁷ begin to outline a subdivision into pottery classes, morphologies and type of clays. Then we proceed to search for the junctions between the fragments and to identify the significant parts used for the graphic reconstruction of ceramic outlines. Gradually, we count the fragments and conservation percentages, in order to identify the minimum and maximum number of pottery receptacles. The last fundamental step is the analysis and

¹⁴ Nadia Barone, “Le ceramiche della tenuta agricola,” in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Pani Ermini, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 143; Francesca Romana Stasolla, “Cencelle alla fine del Medioevo,” in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Pani Ermini, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 139-141.

¹⁵ Francesca Romana Stasolla and others., “Aree funerarie a Leopoli-Cencelle: riflessioni sui primi dati”, *Scienze dell'Antichità* 21 (2015), 369-398.

¹⁶ Francesca Romana Stasolla, “La ceramica di Cencelle nel medioevo,” 175-181.

¹⁷ The study of the archaeological materials of the city of Lepoli-Cencelle is carried out by the research team of the teaching of medieval archaeology (Sapienza University of Rome).

classification of the types of clay. It is carried out according to the compilation parameters of the datasheets recommended by ICCD (*Istituto Centrale per il Catalogo e la Documentazione*) for the composition of the clays.¹⁸

My research is based on the valuable information we managed to gather this year from putting together the various methodological contributions provided by the study of ceramic material. We can mostly find the typical forms of medieval kitchenware for the areas of Latium among the different morphologies present in the town. Earthen jars are predominant and represent over 60% of the recoveries and are followed by pots, lids of various shapes and sizes, texts and pans; therefore, the absence of large containers for cooking is confirmed.¹⁹

Ollae are receptacles that preserve a greater morphological continuity between the Roman period and the Middle Ages thanks to their unchanged features. They were used to cook soups, broths and boil food in water or milk. They could have either one or two handles and sometimes a lid; their sizes could vary; there were even small sizes to cook sauces and gravies or to heat liquids and prepare portions for one person.²⁰

Even though the typological changes are not many, the sizes change a lot. This is the reason why these pots are also referred as kitchen set. The diameter of the smaller pots is usually 10-12 cm or even 8-9 cm and doesn't tend to be more than 15-20 cm for the bigger ones. Their capacity goes from 0.2 to 3 litres and this is particularly interesting in areas, that were inhabited by many people. One of the reasons could be the reduction of the use of wood to burn: perhaps it was less expensive to divide the food into more pots to light only one fire, in order to cook in a shorter time.²¹

To a minor extent, meals were also prepared in pans, that had a lip on the brim and were equipped with a tubular handle on which the wooden shaft was inserted. It is documented that enamelled pans were used for frying food and preparing stews in Cencelle in the 14th-15th century; during the same centuries there was also an increasing use of open-shaped containers, which also led to a change in eating habits. Bread and focaccia bread were cooked in baking pans with short sides and no handles. These pans

¹⁸ Ninina Cuomo di Caprio, *Ceramica in Archeologia 2: Antiche tecniche di lavorazione e moderni metodi di indagine* (Roma: L'Erma di Bretschneider, 2007), 45-136, 599-603.

¹⁹ Francesca Romana Stasolla, "Il quotidiano di una città medievale," 511-522.

²⁰ Maria Isabella Marchetti, "In cucina," in *Forma e vita di una città medievale. Leopili-Cencelle*, ed. Letizia Pani Ermini, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 113-115.

²¹ Francesca Romana Stasolla, "Luoghi e strumenti della cucina nell'archeologia del quotidiano altomedievale," in *L'alimentazione nell'altomedioevo: pratiche, simboli, ideologie. Atti della LXIII Settimana CISAM* (Spoleto: Fondazione CISAM, 2016), 555-600.

were also used as a support base for food in order to isolate it from direct contact with embers (Fig. 4).

Nevertheless, pottery for the pantry and the table also shows a rich set. Its dishes were mainly decorated with the typical colours of archaic majolica (blue/green, brown and yellow). Bowls and jugs are the most common morphologies among these. If the first ones were large, they were used to serve liquid or semi-liquid dishes, while if it was smaller it was used for seasoning sauces, cooked fruit and small sweets. The second receptacle often has trilobate and so-called pelican rim, it was manufactured in various sizes with capacity ranging from about 0.35 to 2 litres.

There are other morphologies of pottery for the table, namely: small amphorae, basins, dishes and cups. Many of them may have been produced in the kiln of Cencelle, since decorative similarities and a correspondence of the clays with the fragments of pottery excavated in the so-called potter's workshop was found (Fig. 5).

For the last, are also amphorae that could hold up to 10 litres water. They have a globular shape and a flat bottom; to these are added pitchers without coating or with banded painting, and smaller pots used for cosmetics, medicine, painting or as containers for spices and seasonings.²²

As regards to the evaluation of how to use an artefact, it is necessary to consider both its shape and the material with which it was made, but also the possible traces of use that can be detected. To these early stages of study and classification, it was necessary to add a typological data sheet that can foresee an observation of the fragments, whose aim is to research traces inherent to the social sphere. Therefore, it is necessary to distinguish the different usages that can be identified on the ceramic body, which could be worn out as a result of friction.

Depending on the location on the ceramic body, if, on one side, these marks are found inside artefacts without lids, they may indicate for example the friction of objects such as cutlery or cleaning tools; on the other side, if they are found on the bottom, they could be a consequence of containers used to serve food or of the friction on tables or support bases. The same field of observation also includes recognisable accidental collisions, that did not however lead to the breaking of the piece and the loss of its

²² Maria Isabella Marchetti, "Leopoli-Cencelle e la tavola nel medioevo," in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Pani Ermini, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 117; Francesca Romana Stasolla, "Il quotidiano di una città medievale", 511-522.

function. These are sometimes referable to the succession of recurrent incidents over time, perhaps when the artefact was used to serve or transport food.

The recording of traces of burnt food is quite common and can be useful to verify the use of fire by containers, even when these are considered unsuitable for this function due to their shape or coating. At the same time, their absence does not exclude that the artefact was used to cook, since these traces also depend on both the method used and the material (indirect contact with fire or heating in ash, steam or water). The distribution of combustion traces allows to establish, whether it was placed in direct contact with fire, suspended or placed on a stove: in the first case, the blackening was found on the support base of the container, while in the second one on the whole lower external surface.²³

Furthermore, it is also important to mention alterations caused by the contents. For example, internal encrustations produced by the carbonization or decantation of food, or anomalies of the coating due to the temperature, the acidity and the typical features of the contents.²⁴

The registration of the weight is also functional, because it allows to obtain the index of fragmentation of the contexts that were examined, and the indication of the capacity of the different types of single ceramic elements. In doing so, we were able to analyse the capacities and the individual and collective uses of the containers. Lastly, what we discovered from the recovery of materials that went out of use at the end of their life cycle is also very important: through reuse and restoration, their original function often changes. For example, jugs or mugs can become buckets for wells, incense burners, braziers, etc., while the numerous pottery fragments come back to life as jewels or game-pieces.²⁵

In addition to the research lines outlined above, closely linking the given material to the stratigraphy and the documentation produced over the years for the various sectors of the town analysed, is also proving to be a necessary line of reasoning. In fact,

²³ Guido Vannini and Elisa Pruno, "Problemi di polifunzionalità nella ceramica medievale," in *Le ceramiche di Roma e del Lazio in età medievale e moderna. Atti del VII convegno: La polifunzionalità nella ceramica medievale*, ed. Francesca Romana Stasolla and Giorgia Maria Annoscia (Roma: Società romana di storia patria, 2015), 7-30.

²⁴ Enrico Giannichedda, "Usure e valutazioni d'uso in reperti ceramici postmedievali del Museo di Masone," in *Atti del XXVII Convegno: La ceramica postmedievale in Italia. Il contributo dell'archeologia (Atti dei Convegni Internazionali della Ceramica – Albisola, 1994)*, ed. Centro Ligure per la Storia della Ceramica (Firenze: All'insegna del Giglio, 1997), 75-76.

²⁵ Francesca Romana Stasolla, "Taverne e tavernieri," in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Pani Ermini, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 101.

the archaeological deposits in Cencelle are well known in all the areas of the city by now and the analysis of their composition modalities has allowed to understand the modalities of their formation, as a result of a very high number of successive rearrangements.

The late Middle Ages renovation works buried the previous stratigraphy, often covering and affecting the stone floors, and generating the frequent decontextualisation of the findings, in most cases found in following levels and filler stratigraphy. It should be said, however, that the position of the town and the difficulty of reaching it have meant that almost no type of finding got there by chance, resulting in a natural selection of artefacts. Therefore, in the same way, only what was intended to be taken away during the construction phases for a precise reason was actually removed.²⁶

As a result, the comparison between substantial amounts of different data and the need to make them relate closely to each other, led us to use the GIS platform (Geographic Information System). We tried to make the best out of this powerful tool as a support in the management and analysis of the information needed for the reconstruction of a well-structured socio-economic model.²⁷

This system will allow to: place the findings in real time in their specific context; interact with the base of operations in order to ask questions and attempt combinations between the material and the archaeological data; enhance graphic restitution, legibility of the aspects of spatial distribution and concentration and presence/absence of pottery classes from one area to another.

The consultation of archival-documentary sources will be essential to give an organic picture of the work. Written documentation rarely allows to understand the social composition of Cencelle, because private documents mostly refer to transfers of land and especially to religious structures such as the monastery of Farfa or the monastic cell of Santa Maria del Mignone.

However, it is also important to mention the document of submission to Viterbo, stipulated in 1220 by the Mayor and some of the citizens on behalf of the whole population. The document quotes 197 names, that probably belonged to men (over 18 years old), who lived in Cencelle. This historical evidence also mentions the social role of some of those who signed the document. A very articulated social hierarchy emerges from the text: notaries, judges, marquises, but also artisans and people who provided

²⁶ Francesca Romana Stasolla, "La portata del deposito," 176-179.

²⁷ Claudio Filippo Mangiaracina, "Costruzione di un Sistema GIS a base regionale per lo studio della ceramica medievale in Sicilia", *Archeologia e Calcolatori* 23 (2012), 51-64.

services. Another source that gives us an almost direct comparison is the Statute of Civitavecchia. Civitavecchia is the nearest city to Cencelle, with which it shares social composition and many historical events. There are other statutes in cities and towns that are mainly located in Latium, such as Ferentino, Anagni, Viterbo, Corneto. These statutes represent an excellent comparison with the Cencelle's, either for the consistent juridical and urban impact, the chronological proximity and the descriptions of some professional activities.²⁸

If the research interacts with the studies of scholars from other disciplines, a global approach and a similar use of data certainly acquires additional value, also because it allows a wider evaluation of all the problems.

In this regard, the anthropological study of the over 800 graves found has been going on since 2013; the bones found during the excavation of the cemetery area of Cencelle are currently being analysed in the Department of Biology of the University of Rome Tor Vergata by professor Martínez-Labarga and Dr. Baldoni. This research aims to provide information on the inhabitants of Cencelle through an analysis of skeletal biology, regarding their sex, diseases, usury of the bones, nutrition and social structure.²⁹

In the same way, the data can be also compared with the archaeozoological analyses conducted on the site. These analyses need to be sided by the new results of researches, as they are carried out. The investigations, that were pursued so far, seem to underline a prevailing consumption of pigs, sheep and goats, followed by cattle and poultry. Even if wild animals are less represented than domestic ones, they are present in a percentage around 3-5 % in the first centuries, up to 17% since the end of the 13th century.

Some remnants show that people used to engage in fishing during all phases, even though its importance in the feeding can be inferred from the recoveries found during the excavations. There were mainly bones of small dimensions.³⁰

²⁸ Francesca Romana Stasolla, "Il contesto sociale e le attività artigianali" in *Leopoli Cencelle: il quartiere sud-orientale* (Spoleto: Fondazione CISAM, 2012), 94-122; Francesca Romana Stasolla, "L'assetto sociale della città," in *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle*, ed. Letizia Pani Ermini, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014), 79.

²⁹ Francesca Romana Stasolla and others., "Aree funerarie a Leopoli-Cencelle," 369-398; Marica Baldoni and others, "The medieval Population of Leopoli-Cencelle (Viterbo, Latium): Dietary reconstruction through stable analysis from bone proteins", *Journal of Archaeological Science: Reports* 24 (2019), ed. Andy Howard and Chris O Hunt, 92-101.

³⁰ Claudia Minniti, "I resti archeozoologici," in *Leopoli-Cencelle. Il quartiere sud-orientale*, ed. Francesca Romana Stasolla (Spoleto: Fondazione CISAM, 2012), 308-328.

Therefore, it is important to point out a further ongoing collaboration, which is of great importance for this work. In the last year, a fruitful exchange of opinions and data was established with the University of Chieti, represented by Prof. C.M. Somma and Prof. S. Antonelli, based on the ceramic data coming from the examined areas in Cencelle and on the data emerged from the presence of a furnace for ceramic production in the civil quarter.³¹ It will also be possible to deepen the considerations on the presence of local ceramic productions thanks to the archaeometric analyses of about 40 known clay mixtures found in Cencelle and selected over the years. These analyses are currently underway and are being carried out by Dr Agostini, official geologist of the Superintendence of Archaeology, Fine Arts and Landscape of Abruzzo.

Finally, in view of the above, another goal will be to contextualize the data obtained, with references to chemical and biological scientific investigations based on the analysis of organic residues and on the traces of use present on the ceramic fragment³². The analysis methods that can be used are optical microscopy, gas-chromatography associated with mass spectrometry and genetical analysis (this methodology allows, where possible, the detection of ancient DNA molecules in the archaeological rest and the determination of its botanical origin).

The further investigation provided by instruments linked to biological research can represent an added value for the reconstruction of the function and re-use of some containers, of food dynamics, of the identification of new plant species not yet attested in the area and of the ecology of the environment.

³¹ Sonia Antonelli, "Leopoli-Cencelle: settore V. La fornace per la ceramica," 1-18; Francesca Romana Stasolla, "Il contesto sociale e le attività artigianali", 101-104.

³² To get an overview of the studies on the subject: Mauro Paolo Buonincontri, Gaetano Di Pasquale and others, "Use and reuse of amphorae. Wine residues in Dressel 2-4 amphorae from Oplontis Villa B Torre Annunziata, Italy," in *Journal of Archaeological Science: Reports 12* (2017), ed. Andy Howard and Chris O Hunt, 515-521; Angelo Gismondi and others, "GC-MS detection of plant pigments and metabolites in Roman Julio-Claudian wall paintings," in *Phytochemistry letters 25* (2018), 47-51; Angelo Gismondi and others, "Grapevine carpological remains revealed the existence of a Neolithic domesticated *Vitis vinifera* L. specimen containing ancient DNA partially preserved in modern ecotypes," in *Journal of Archaeological Science 69* (2016), ed. Andy Howard and Chris O Hunt, 75-84; Maria Teresa Giannotta and others, "Sulle tracce del cibo. Le analisi dei residui organici nelle ceramiche per la ricostruzione dei paesaggi della Puglia settentrionale tra Tardoantico e Medioevo," in *Storia e Archeologia globale dei paesaggi rurali in Italia tra Tardoantico e Medioevo*, ed. Giuliano Volpe (Bari: Edipuglia, 2018), 171-202; Alessandro Quercia, "I residui organici nella ceramica. Stato degli studi e prospettive di ricerca," in *Uomini, piante e animali nella dimensione del sacro (Atti del seminario di studi di Bioarcheologia, Cavallino-Lecce 2002)*, ed. Francesca D'Andria, Jacopo De Grossi Mazzorin, and Girolamo Fiorentino (Bari: Edipuglia, 2008), 209-216; John Evans, "Organic Traces and Their Contribution to the Understanding of Trade, Bronze Age Trade in the Mediterranean," in *Studies in Mediterranean Archaeology, vol XC*, ed. Noel H. Gale (Jonsered: 1991), 289-296; Robert White and Hazelle Page, *Organic residues in archaeology: their identification and analysis* (London: United Kingdom Institute for Conservation Archaeology Section, 1992).

ANEXOS



Figure 1 – Geographical location of the town of Leopoli-Cencelle.



Figure 2 – Aerial view of the town of Leopoli-Cencelle. Source: drone photo by Federica Vacatello.

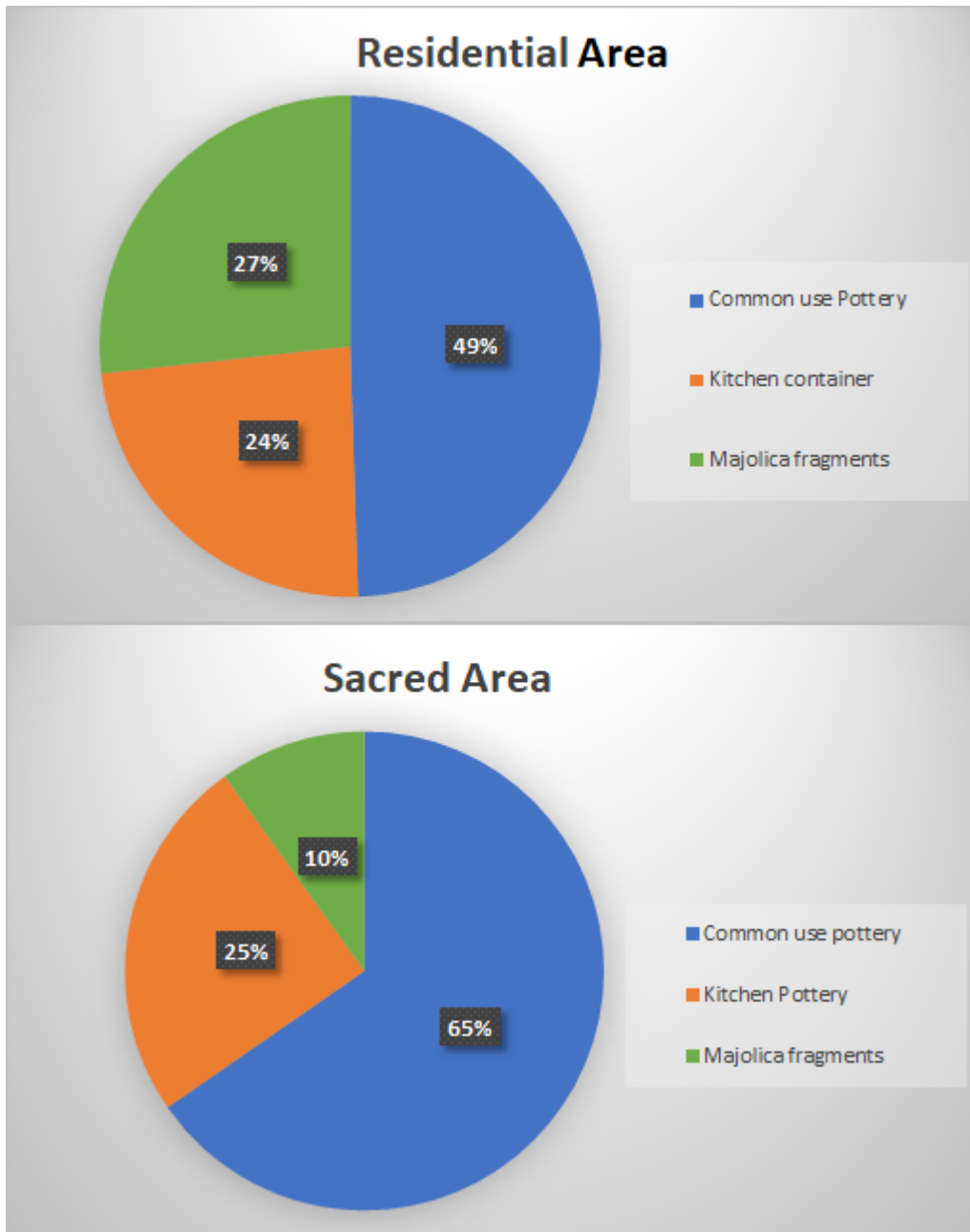


Figure 3 – Percentage graphs of the ceramic classes both in residential and sacred areas of Cencelle.



Figure 4 – Cooking potteries from the Cencelle site: fire olle and “testo da pane”.
Source: Letizia Ermini Pani, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla, *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle* (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014).



Figure 5 – Table potteries from the Cencelle site: “maiolica arcaica” plates, mugs and bowls. Source: Letizia Ermini Pani, Maria Carla Somma and Francesca Romana Stasolla, *Forma e vita di una città medievale. Leopoli-Cencelle* (Spoleto: Fondazione CISAM, 2014).

Em torno dos milagres em três hagiografias do século XII: As Vidas de São Rosendo, São Geraldo e São Teotónio

Liliana Oliveira Sousa
Universidade do Porto

Resumo

Neste artigo, pretendemos apresentar a nossa dissertação de mestrado onde nos propomos a analisar e tipificar os milagres de três santos “portugueses”. A hagiografia foi um dos géneros literários mais produzidos durante a Idade Média e os santos fizeram parte das sociedades de várias formas, participando ativamente durante a vida ou postumamente enquanto representantes divinos na Terra. Moveram devotos, protegeram comunidades e puniram infratores, sendo estes apenas alguns dos modos em que intercediam nas comunidades. Os relatos miraculosos não eram apenas fenómenos maravilhosos ou “sobrenaturais”, proporcionando a análise de vertentes distintas que iam além do carácter religioso. Com a tipificação pretendemos averiguar quais as “necessidades” mais procuradas pelos miraculados; e na restante análise tencionamos conhecer outras facetas destes relatos, como a mobilidade de fiéis e caracterização destes indivíduos que receberam a intervenção dos santos, assim como a sua importância na divulgação dos milagres e dos cultos.

Palavras-chave

Milagres, hagiografia medieval, santos, século XII

Abstract

In this text we aim to present the project of our master’s dissertation, in which we attempt to analyze and typify the miracles of three “Portuguese” saints. Hagiography was one of the most produced literary forms during the Middle Ages and the saints were part of societies in various ways, either during their lives or posthumously as divine representatives on earth. They moved devotees, protected their communities and punished offenders, this being only some of the ways in which they interceded with the population. Miracles were not just extraordinary or supernatural events, as they can provide the analysis of different aspects. With the typification, we aim to register the most searched “needs” as well as the mobility of the devotees and their description as well as their part in the dissemination of miracles and cults.

Keywords

Miracles, medieval hagiography, saints, twelfth century

1. TEMA, PROBLEMAS, OBJETIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

Na dissertação de mestrado que vamos desenvolver pretendemos analisar os milagres atribuídos a três santos medievais, S. Rosendo, S. Geraldo e S. Teotónio. É nosso objetivo “classificar” e perceber as diferentes formas de intervenção e manifestação do divino na sociedade coeva. Além da tipificação, atentamos em outros aspetos presentes nos relatos miraculosos, como a dispersão dos cultos e o contributo dos miraculados para

a divulgação do santo. Estes dados revelam-se fundamentais para perceber se os cultos tinham maior ou menor definição e qual a sua expressão a nível geográfico.

Redigidas no século XII, as fontes que utilizámos não se remeteram exclusivamente a esse período. A distância cronológica entre as redações e as vivências dos santos permite averiguar uma multiplicidade de tempos e eventos, especialmente no caso de S. Rosendo, que viveu entre 907 e 977, e teve a sua *Vita* escrita séculos depois. Apesar de haver alguma distância entre a produção da *Vita Sancti Geraldi* e a morte do arcebispo de Braga, esta não era tão significativa quanto ao caso anterior, sendo ainda menor a distância da redação da de S. Teotónio. Se o elo de ligação entre as fontes era o período da sua composição, o espaço que as definia divergia significativamente, ligando-se aos locais de intervenção destes santos e de produção das suas hagiografias. Assim, o espaço que encontrámos em S. Rosendo era principalmente o do mosteiro de Celanova, mandado erigir pelo próprio. Porém, num âmbito mais alargado, encontrámos referências a diferentes locais da Galiza. A *Vida de S. Geraldo* prendia-se maioritariamente com os espaços da diocese bracarense e, por fim, a hagiografia de S. Teotónio ligada ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde foi produzida, com apenas algumas menções a pontos fulcrais do período de expansão do reino, como foi o caso de Lisboa e Santarém. Os demais locais referidos nestes textos surgiram em momentos de descrição dos percursos dos três santos; no entanto, interessam-nos maioritariamente os espaços dos milagres.

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Reconhecemos que a produção historiográfica recebeu maior contributo de autores estrangeiros, que recorreram principalmente à vasta produção hagiográfica francesa e italiana. Nesse sentido, através da leitura destas obras pretendemos estabelecer uma comparação com os textos “portugueses” em estudo, com o objetivo de perceber se estes poderiam estar inseridos numa corrente comum europeia, em que questões se assemelhavam e em quais divergiam.

O estudo dos santos, da santidade e dos milagres estão intimamente ligados. Assuntos desde sempre debatidos, ressurgiram no século XX com múltiplas novas abordagens, acerca das quais destacaremos alguns momentos de relevo. No final da década de 70 e começo da década de 80 desse século, verificou-se uma tendência que

passava pela análise estatística dos santos.¹ Nesta década, sublinham-se os nomes de Jane Tibbetts Schulenburg² pelo estudo da *Bibliotheca sanctorum*, Peter Brown,³ Sofia Boesch Gajano⁴ na história da santidade e cultos e ainda Claudio Leonardi⁵ na literatura hagiográfica.

Sublinhamos, ainda, a importância de autores como Michael Goodich,⁶ André Vauchez,⁷ Donald Weinstein e Rudolph Bell,⁸ com estudos na área da santidade. Estes autores procuraram, a partir da hagiografia, conhecer os valores morais das sociedades medievais.

Acerca dos milagres, destacamos investigadores como Michel Rouche,⁹ Martin Heinzelmann¹⁰ e Pierre-André Sigal,¹¹ este último com o estudo de milagres na França medieval dos séculos XI e XII e que se revelou essencial para a nossa dissertação.

Em estudos mais recentes, destacamos Robert Bartlett¹² pela ampla abordagem aos temas da santidade e produção literária, onde encontramos diversas questões essenciais para a compreensão destas fontes.

¹ Patrick Geary, *Living with the dead in the Middle Ages* (Nova Iorque: Cornell University Press, 1994), 9-11.

² Jane Tibbetts Schulenburg, "Sexism and the Celestial gynaeceum from 500 to 1200," *Journal of Medical History* 4 (1978):117-133; Jane Tibbetts Schulenburg, *Forgetful of their sex: Female Sanctity and Society, 500-1100* (Chicago, 1998).

³ Peter Brown, *The cult of saints: Its rise and function in Latin Christianity* (Chicago: University of Chicago, 1982).

⁴ Sofia Boesch-Gajano, *Agiografia altomedioevale* (Bologna: Società editrice il Mulino, 1976); Sofia Boesch-Gajano, *La santità* (Bari: Editori Laterza, 2015); Sofia Boesch-Gajano, "La strutturazione della cristianità occidentale," in *Storia della santità nel cristianesimo occidentale*, 91-156 (Roma: Viella, 2005).

⁵ Claudio Leonardi, "I modelli dell'agiografia latina dall'epoca antica al medioevo," in *Passaggio dal mondo antico al medio evo. Da Teodosio a san Gregorio Magno*, 435-476 (Roma, 1980); Claudio Leonardi, *Medioevo latino* (Firenze: Edizioni del Galluzzo, 2004).

⁶ Michael Goodich, *Vita Perfecta: The Ideal of Sainthood in the thirteenth century* (Estugarda: Anton Hiersemann, 1982).

⁷ André Vauchez, "Saints Admirables et Saints Imitables: Les fonctions de l'hagiographie ont-elles changé aux derniers siècles du Moyen Âge," in *Les Fonctions de Saints dans le monde occidentale (IIIe-XIIIe siècle)*, 161-172 (Roma: École Française de Rome, 1991); André Vauchez, *La sainteté en occident aux derniers siècles du Moyen Âge: d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques* (Roma: École Française de Rome, 1988).

⁸ Donald Weinstein e Rodolph Bell, *Saints and Society: the two worlds of western Christendom, 1000-1700* (Chicago: University of Chicago Press, 1986).

⁹ Michel Rouche, "Miracles, maladies et psychologie de la foi à l'époque carolingienne en France," in *Hagiographie, cultures et sociétés, IVe-XIIIe siècles*, 319-337 (Paris, 1981).

¹⁰ Martin Heinzelmann, "Recueils de Miracles," in *Hagiografie, cultures et sociétés, IVe-XIIIe siècles* (Paris, 1981).

¹¹ Pierre-André Sigal, *L'homme et le miracle dans la France médiévale XI-XIIIe siècle* (Paris: CERF, 1985).

¹² Robert Bartlett, *Why the dead do such great things? Saints and worshippers from the Martyrs to the Reformation* (New Jersey: Princeton University Press, 2013).

No que respeita à investigação portuguesa, temos de destacar a década de 50 do século XX enquanto momento de pioneirismo no estudo destas temáticas. Neste sentido, o nome de Mário Martins¹³ é obrigatório para o estudo nacional. Assim como são relevantes os trabalhos de Aires Augusto Nascimento¹⁴ pelo estudo de hagiografias bem como pela publicação de fontes, os de Cristina Sobral¹⁵ para a escrita hagiográfica e de Maria de Lurdes Rosa¹⁶ pela análise mais abrangente destas temáticas a nível europeu assim como pelo estudo das fontes portuguesas, contextualizando-as tendo em atenção os períodos de produção e panoramas em que foram elaboradas. A sua investigação revelou-se importantíssima para o conhecimento da produção bibliográfica de outros países.

3. FONTES

Para a *Vida de S. Rosendo* dispusemos da edição crítica e traduzida por Maria Helena da Rocha Pereira.¹⁷ A autoria desta obra foi discutida entre dois monges do mosteiro de Celanova, Estêvão e Ordonho, tendo sido Manuel Díaz y Díaz quem concluiu que a *Vita* teria sido inicialmente redigida por Estêvão, numa versão datada entre 1140 e 1160. Por sua vez, esse texto serviu para a elaboração de *Sancti Rudesindi Vita et Miracula* em 1172 por Ordonho, no momento da visita do Cardeal-legado durante o processo de canonização de Rosendo. Esta redação era produto da ampliação do texto original, ao qual foram acrescentados milagres, que se distribuíram por quatro livros.¹⁸ Uma vez que coincidiu com o processo de canonização, estamos perante um texto de promoção do culto assim como de afirmação da instituição monástica.¹⁹ A tradição de milagres de S. Rosendo era maioritariamente póstuma, com 42 relatos. Contudo,

¹³ Mário Martins, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média* 2^aed. (Lisboa: Brotéria, 1957).

¹⁴ Aires Augusto Nascimento, “Hagiografia,” in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* 307-310 (Lisboa: Editorial Caminho, 1993). Aires Augusto Nascimento, “Milagres Medievais,” in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, 459-461 (Lisboa: Editorial Caminho, 1993).

¹⁵ Cristina Sobral, “Hagiografia em Portugal: balanço e perspectivas,” *Medievalista online* 3 (2007), <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA3/medievalista-hagiografia.html>; Cristina Sobral, “O Modelo Discursivo Hagiográfico,” in *Modelo: Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, 97-107 (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, 2005).

¹⁶ Maria de Lurdes Rosa, *Santos e Demónios no Portugal Medieval* (Porto: Fio da Palavra, 2010).

¹⁷ Ordonho, monge de Celanova, “Vida e Milagres de São Rosendo,” in *Rudesindus: pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio*, trans. Maria Helena da Rocha Pereira (Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 2010).

¹⁸ Maria Helena da Rocha Pereira, “Prefácio,” in *Vida e Milagres de São Rosendo*, 7.

¹⁹ Rosa, *Santos e Demónios no Portugal Medieval*, 22.

contabilizamos ainda um evento miraculoso em vida e que não faz parte da composição dos Livros de Milagres mas do texto da *Vita*.

Por sua vez, a *Vita Sancti Geraldi* que estudámos, traduzida por José Cardoso,²⁰ corresponderia a um manuscrito retirado da *Miscellanea de Baluze*.²¹ Datada entre 1108-1112, foi redigida por Bernardo, na altura arcebispo de Braga e que veio a ser bispo de Coimbra.²² A hagiografia do arcebispo de Braga é um exemplo da existência de milagres em vida e póstumos, em que identificámos 24 registos onde ficou patente a sua ligação de proximidade à população bracarense.

Finalmente, para S. Teotónio utilizámos a tradução e edição crítica de Aires Augusto Nascimento.²³ Redigida por um monge do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra que permaneceu anónimo, julga-se que tenha sido elaborada pouco tempo após a morte do santo.²⁴ Justificando-se essa datação pela ausência de referências à sua canonização que ocorreu no primeiro aniversário da morte, a 18 de fevereiro de 1163. Além disso, admitem-se algumas intervenções no texto datadas do final do mesmo século.²⁵ Por este motivo, a hagiografia revelou um domínio de milagres em vida, onde identificámos oito eventos e apenas um no momento da morte, que demonstrou a ascensão da sua alma ao céu.

Encontrámos nestes textos numerosos exemplos típicos de toda a produção hagiográfica. Em todos foram focadas as relações de proximidade dos três biografados com Deus, que começaram desde a infância ou, no caso de S. Rosendo logo desde a sua conceção. A redação sugere essa proximidade durante toda a vida com constantes manifestações de santidade. A castidade, a humildade e, obviamente, a defesa da Igreja

²⁰ Bernardo, arcebispo de Braga, *Vida de S. Geraldo* Trad. José Cardoso, 2ªed. (Braga: Livraria Cruz, 1959).

²¹ Aires Augusto Nascimento, “A *Vita* S. Geraldi de Bernardo, bispo de Coimbra: problemas de datação e de intencionalidade,” in *Ler contra o tempo: condições dos textos na cultura portuguesa: recolha de estudos em hora de vésperas* Vol.2 (Lisboa: Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Clássicos, 2012), 451.

²² Luís Amaral, “Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (séc. IX - 1137)” (Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007), 387.

²³ Aires Augusto Nascimento, Trad., “*Vida de D. Teotónio*,” in *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: vida de D. Telo, vida de D. Teotónio, vida de Martinho de Soure* (Lisboa: Edições Colibri, 1998).

²⁴ Aires Augusto Nascimento, “Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Entre edificações, saudade e memória,” in *Hagiografias de Santa Cruz de Coimbra: vida de D. Telo, vida de D. Teotónio, vida de Martinho de Soure* 11, nt.7 (Lisboa: Colibri, 1998).

²⁵ Nascimento, *Vida de D. Teotónio*, 22.

foram alguns dos pontos em comum que identificámos nas fontes analisadas e que conseguimos comparar com a bibliografia que estudámos.

4. METODOLOGIA E ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TRABALHO FINAL

Conhecidos os pontos essenciais das fontes estudadas, vejamos mais pormenorizadamente a metodologia em que baseamos a tipificação dos milagres.

A nossa base de dados dividiu-se em cinco campos: o primeiro dedicado aos “Milagres”, onde especificámos e categorizámos os milagres. O segundo campo foi destinado aos “Envolvidos”, que entendemos como os miraculados e outros indivíduos mencionados que não os agentes principais dos milagres. Pretendemos com isto conhecer estes indivíduos através das informações fornecidas pelos relatos miraculosos, como os nomes, idades e classe social onde se inseriam. Segue-se o campo da “Geografia”, onde exploramos a origem dos miraculados, bem como o local onde ocorreram os milagres. Em quarto lugar desenvolvemos um grupo para as questões relacionadas com o “Culto”, sendo recolhidos dados como a motivação para a invocação do santo, o desenvolvimento e a resolução do milagre, bem como a origem do conhecimento do culto dos santos e das suas proezas por parte dos miraculados, como ocorreu a divulgação do milagre e, conseqüentemente, a sua redação. Finalmente, a nossa base de dados teve em conta o campo da cronologia, onde separamos os milagres póstumos dos feitos em vida.

No que importa à tipificação dos milagres, constituímos quatro categorias, a saber: “Curativo”, “Sensibilidade Religiosa e Crença”, “Quotidiano e Comunitário” e “Jurisdicional”. Particularizemos cada categoria. Considerámos milagres “Curativos” os relatos que trataram da recuperação física dos miraculados, onde se encontram diversos casos de enfermidades desde distúrbios oculares, distúrbios neurológicos, paralisias, entre outras.

Na categoria “Sensibilidade Religiosa e Crença”, incluímos as ocorrências relacionadas ao domínio espiritual, onde se destacou um sentimento religioso mais intenso e em que se vivenciaram experiências marcadas pelo contacto divino, muitas vezes associadas à possessão demoníaca e ao salvamento das almas. No entanto, importa notar que algumas possessões demoníacas não foram aqui incluídas por se distinguirem enquanto conseqüências de punição.

No que respeita ao “Quotidiano e Comunitário”, categorizámos os relatos onde o santo interveio em auxílio dos fiéis nas suas problemáticas diárias. Encontramos exemplos destes eventos nas travessias de rios e salvamentos de náufragos.

Por fim, temos a categoria “Jurisdicional” onde inserimos questões de domínios territoriais. Parte dos relatos envolveram a Igreja, os seus clérigos e outros agentes em querelas. Encontramos casos em que havia a intromissão de senhores em matérias reservadas unicamente à Igreja, assim como a apropriação e ocupação indevida de património, prejudicando as instituições e os seus membros. Deparamo-nos assim, em grande medida, com a defesa das comunidades por parte dos santos.

No que respeita à estrutura provisória do nosso trabalho, dividi-lo-emos em duas partes. De um lado, trataremos da escrita hagiográfica medieval do Ocidente europeu, onde abordaremos a temática de forma abrangente e onde cruzaremos a bibliografia com as fontes que estudamos. Do outro lado, exporemos os milagres, faremos a sua tipificação e passaremos depois ao estudo dos miraculados, à geografia e, por fim, aos cultos.

5. CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Até ao momento do nosso estudo podemos avançar com algumas conclusões. As nossas fontes parecem enquadrar-se numa tradição de escrita do Ocidente europeu, sendo que, com maiores ou menores semelhanças, apresentam traços gerais concordantes.

No que respeita aos milagres, mostram uma redação que englobava pontos recorrentes na escrita deste género literário semelhantes às fontes estudadas por outros investigadores, como foi o exemplo de Pierre-André Sigal. Nesse sentido, deparamo-nos com temas e preocupações semelhantes, assim como pontos em comum na descrição destes relatos como as menções referentes à duração dos milagres e a caracterização dos indivíduos envolvidos.

Quanto aos resultados das nossas categorizações, foi patente o destaque dos milagres “Curativos”, demonstrando a aproximação da sociedade aos santos, independentemente da sua categoria social, e demonstrando a importância que tinham para responder às necessidades da comunidade. Geograficamente, os milagres pareciam, salvo raras exceções, ser procurados por pessoas das zonas circundantes às instituições. Nem sempre os miraculados foram socialmente caracterizados, mas, segundo os dados que conseguimos recolher, verificámos um maior número de clérigos e nobres.

Destacamos neste momento, embora de modo breve, a versatilidade dos dados presentes nestes relatos, nem sempre apreciados ou tratados. Concluindo, estes mesmos dados permitem contextualizar e dar uma forma diferente a cada um dos milagres, devendo por isso ser tidos em conta. Sucintamente, os santos, os miraculados e o espaço onde estes se conjugaram, além de terem composto os cenários dos milagres que estudámos, devem ainda ser analisados individualmente. Só assim será possível alcançar visões originais sobre estas hagiografias do século XII “português”.

Investigación histórica sobre las viudas en una villa medieval valenciana, Gandía en el siglo XV

Marta Morant Pérez
Universitat de València

Resumen

Consideramos un aliciente el hecho de que cada día el mundo académico despierta con nuevas investigaciones en el campo de la Historia de la Mujer. Al hilo de esta circunstancia, este proyecto ha llevado a cabo un estudio cualitativo de la situación de las viudas en la villa de Gandía durante la primera mitad del siglo XV. Mediante un análisis de la documentación notarial local, se han extraído conclusiones sobre las capacidades, derechos y realidades de estas mujeres en su contexto urbano, al tiempo que se han comparado con las de otros trabajos de la misma temática. Nos hemos aproximado a ellas entendiéndolas como agentes sociales y económicos dentro de la estructura familiar y social, haciendo hincapié en la relectura del imaginario social que se ha formado en torno a ellas y que, como se ha concluido, no corresponde con la realidad cotidiana de estas mujeres.

Palabras clave

Viudedad, Historia de la mujer, Reino de Valencia, Gandía, Womenship

Abstract

Every day the academic world awakens with new researches in the field of Women's History. In this project a qualitative study of the situation of the widows in the town of Gandía during the first half of the fifteenth century has been carried out. Through an analysis of the local notarial documentation, we will draw conclusions about their capacities, rights and realities that formed that urban context, and will compare them with other works on the same subject, but in different contexts, approaching them as social and economic agents within the family and social structure, and emphasizing the rereading of the social imaginary that has formed around them and that as it has been concluded, has nothing to do with the daily reality of these women.

Keywords

Widowhood, Women's history, Valencian Kingdom, Gandía, Womenship

1. INTRODUCCIÓN AL TEMA Y AL CONTEXTO

El trabajo que tienen ante ustedes fue propuesto como intervención en el pasado Workshop, bajo el título “Situación y prerrogativas de las viudas en una villa valenciana del Siglo XV”. Finalmente, y para responder de forma clara y detallada a la vertiente metodológica de las jornadas celebradas en la *Universidade do Porto*, se decidió cambiar el título por el presente: “Investigación histórica sobre las viudas en una villa medieval valenciana, Gandía, en el Siglo XV”. Procederemos pues a explicar el transcurso metodológico que ha correspondido a la presente investigación hasta el momento actual, en el que todavía se encuentra en curso.

Para contextualizar esta investigación, debemos enmarcarla dentro de un proyecto que pretende reavivar el interés histórico ante la situación de la mujer a finales de la Edad Media, en una localización específica, la villa de Gandía.

El interés por estudiar la historia de las mujeres nace de una toma de conciencia de las escasas oportunidades con que cuenta el alumnado de conocer de forma exhaustiva el papel que desempeñan las mujeres en la historia. Detectar la necesidad de llevar a cabo más estudios que se centren en este colectivo generó un punto de vista indignado, pero al mismo tiempo, acompañado de un alto grado de esperanza y motivación.

Siendo conscientes de que el ámbito temático que se pretendía abarcar era de una medida demasiado extensa a lo requerido para un proyecto de final de máster, se optó por profundizar en la investigación de la figura de la mujer viuda. De manera que el proyecto que académicamente se nos exigía, tomó a una parte muy reducida de la totalidad de testimonios existentes sobre el colectivo de mujeres.

Finalizado el proyecto académico inicial, titulado *Uxor Quondam, Les dones vídues a la Gandia del Segle XV*, que correspondía al trabajo de final del máster en Historia de la Formación del Mundo Occidental, ofertado por la *Universitat de València* y tutorizado por el catedrático Ferran Garcia-Oliver, se decidió continuarlo, de forma que abaricara la totalidad de testimonios sobre las viudas en la villa valenciana de Gandía, de gran prestigio y poder en el período estudiado.

Para conocer mejor el contexto en el que se integran estas mujeres, se procede ahora a dar unas pinceladas sobre la situación histórica, geográfica, política y social de la villa de Gandía en los años que abarcan nuestra investigación, es decir, del 1398 al 1474.

En el 1323, Gandía se convierte en una villa señorial cuando Jaime II se la concede a su hijo Pedro de Ribagorça, pero será en el 1399 cuando el rey Martín el Humano la convierta en Ducado Real, concediéndole el título de duque a Alfonso de Aragón, conocido como Alfons el Vell, que lo ostentará hasta el 1412.

Durante el mandato del primer duque, se conformará una corte que imitará a las cortes regias más importantes de su tiempo, desde donde administrará sus vastos dominios.

En este período, la importancia de la villa se verá reforzada con un gran crecimiento urbanístico y arquitectónico, con la construcción de obras tales como la fundación del *Covent de Sant Jeroni de Cotalba*, el Hospital de *Sant Marc* o el *Covent de les Clarisses*.

El gran aumento de su número de habitantes, que a finales del siglo XIV asciende a aproximadamente 2.000 concentrados en 500 fuegos, provocará la citada ampliación de la villa.

Debemos tener en cuenta, además, la importante actividad mercantil y artesanal, sobre todo del sector textil, sin menospreciar la importancia de la producción agrícola, especialmente de la caña de azúcar, que se extendería a todos los rincones del continente.

Sucedrán, no obstante, ciertos acontecimientos negativos para la villa, como la desaparición de la judería en el 1391, o el desastre natural en forma de terremoto que hará necesaria la reparación de la Iglesia de Santa María y que el primer duque mandará reconstruir, así como las turbulencias provocadas por la llegada de pestes... Aun así, la villa se recuperará progresivamente, por su fortaleza interna, así como por la llegada de foráneos atraídos por la corte señorial.¹

A la muerte del joven duque, el ducado hace ya tiempo que ha perdido el esplendor que le concediera la gestión paterna. Esta circunstancia, unida a la falta de heredero masculino, hace que el señorío vuelva a manos de la Corona, que lo gestiona a distancia, lo cual provoca un abandono progresivo por parte de las familias nobiliarias.²

No es hasta el 1485 cuando la familia Borja adquiere la villa, que se encuentra prácticamente colapsada social y económicamente por la incapacidad de pagar las pensiones a los acreedores, consiguiendo salvarla de la caída, retomar el comercio azucarero y devolverle parte del pasado esplendor.

Nuestra investigación se mueve, por tanto, entre los últimos años del siglo XIV y los últimos de la primera mitad del XV, es decir del 1398 al 1474. Debemos esta exactitud cronológica a las fuentes utilizadas, que nos conducen a una aproximación histórica sobre la realidad social, y más concretamente a las estructuras familiares, con especial atención sobre la situación y capacidades de las viudas.

Por tanto, debemos comprender que tal como la historiografía sobre el lugar nos indica, abarcaremos períodos de bienestar social y económico, así como episodios de turbulencia y caída, todo ello anterior a la llegada de la citada familia Borgia.

¹ Jaume Castillo, *Alfons el Vell, duc reial de Gandia*, CEIC Alfons el Vell (1999).

² Ferran Garcia-Oliver. "Memòria fiscal i escalada del deute en una vila valenciana medieval: Gandia a través dels seus comptes," en *El País Valencià en la Baja Edad Media: estudios dedicados al profesor Paulino Iradiel* / coord. por David Igual Luis, Germán Navarro Espinach, Publicacions de la Universitat de València (2018): 138-139.

Deberemos centrar nuestra investigación en los momentos de gobierno de los dos primeros duques, y estudiar las formas de relación tanto en las familias de menor poder socioeconómico como en la propia familia ducal, puesto que todas quedarán reflejadas en la documentación tratada, y de todas ellas beberá nuestro estudio mientras en ellas podamos encontrar viudas.

Ante un proyecto de estas características, nos pautamos los objetivos que se detallan a continuación.

En *Uxor Quondam, Les dones vídues a la Gandia del Segle XV*, se pretendía llevar a cabo un análisis de la localización social, mediante un estudio prosopográfico, es decir, con qué linajes se relacionaba la mujer, tanto el de origen como el de destino, mediante la unión matrimonial. También analizar su situación económica según la información contractual matrimonial, y si fuera posible, esclarecer los lazos afectivos entre cónyuges. Por último, reflexionar sobre la situación en la que se veían las mujeres, tanto social como económicamente, cuando perdían a su esposo, y si recurrían a sus derechos legales para poder defender el conjunto de bienes familiares, función que preeminentemente llevaban a cabo.

Se trata, pues, de un intento por esclarecer las funciones y capacidades de las mujeres viudas en una villa floreciente, y cómo éstas las llevan a cabo para gestionar las diferentes situaciones que les sobrevienen, lo que les permitirá sobrevivir en una sociedad que no había demostrado ser comprensiva con ellas.

Estaríamos llevando a cabo una comprobación de la imagen que el contexto contemporáneo ha creado alrededor de la figura de la mujer viuda, refutando o corroborando ese ideario social que ha envuelto a estas mujeres durante el período histórico de nuestro interés.

2. ENCUADRAMIENTO HISTORIOGRÁFICO

El estudio que estamos llevando a cabo, *Uxor Quondam, Les dones vídues a la Gandia del Segle XV*, se enmarca en una corriente historiográfica específica, Historia de las mujeres.

Alejándose de una visión histórica que sólo registra los hechos llevados a cabo por los “grandes hombres”, o que relata los sucesos históricos más importantes, George Duby inició esta nueva visión que conduciría a estudios de temática muy diversa, enfocando la

historia desde un punto de vista individualizado y social, enmarcado en el materialismo histórico.

De esta nueva corriente historiográfica surgirían entre muchos otros, estudios sobre la historia de la sexualidad, la historia de la familia y la historia de las mujeres, y sobre ellos escribiría el mismo Duby obras de referencia como *Historia de las Mujeres en Occidente*.³

Nuestro trabajo se centra en el estudio de la historia social, concretamente en el análisis de las estructuras familiares en la Edad Media tardía, visto desde el punto de vista de la mujer, y como anteriormente hemos indicado, de la viuda.

Para iniciar la investigación concreta de la figura de la viuda en una villa valenciana, se requiere un trabajo previo de introducción en el estudio de la Historia de las mujeres. Desde ese punto de inicio el estudio se irá dirigiendo posteriormente hacia nuestras protagonistas en su contexto urbano.

La historiografía española sobre la historia de las mujeres en época medieval es un campo de estudio que se ha reavivado en España desde los años 70, pero sobre lo que no se ha escrito de forma sistemática ni con un solo patrón metodológico.

La Historia de las Mujeres cuenta con figuras de gran importancia como Cristina Segura Graiño, que llevó a cabo un trabajo pionero en la visibilización de las mujeres en la repoblación de la Andalucía medieval. Acometió el cómputo de los nombres de mujeres de a pie, reelaborando así el discurso histórico para dar protagonismo a un colectivo olvidado por la historiografía tradicional, centrándose, siempre que fuera posible, en fuentes producidas por mujeres, distanciándolas así de la imagen dada de objetos de la historia, y legitimándolas en su figura de agentes de ésta, otorgándoles una visión protagónica en los estudios.⁴

También Reyna Pastor, investigadora en este campo, abordó el estudio de la mujer mediante la unión de dos corrientes: la marxista y la tradición analista y de la obra de Duby, en concreto en cuanto al estudio del parentesco, utilizando la historia social y

³ George Duby y Michelle Perrot. *Historia de las Mujeres en Occidente*, Tomo 2, *La Edad Media*. (Madrid: Taurus, 2000).

⁴ Cristina Segura. "Historia, historia de las mujeres, historia social." *Gerónimo de Uztaiz*, no. 21, (2005): 9-22; "Las mujeres en la organización familiar." *La familia en la edad media: XI Semana de Estudios Medievales*. (Nájera, 2001), 209-220; Cristina Segura, "Mujeres, trabajo y familia en las sociedades preindustriales." En *La historia de las mujeres: una revisión historiográfica.*, de Asociación española de investigación histórica de las mujeres, Universidad de Valladolid (2004): 229-248.

antropológica, y dedicándose especialmente al trabajo de la mujer en la sociedad rural española medieval, mediante el uso de fuentes de derecho aplicado.⁵

Concretando el estudio de la mujer en el Medievo al ámbito de la Corona de Aragón, podemos referirnos a estudios como los llevados a cabo por Teresa Vinyoles, quien ha promovido la creación del equipo Broida, centrado en el estudio de fuentes notariales, más concretamente en dotes y testamentos del ámbito catalán medieval, y que ha dado paso a descendientes historiográficos como Mireia Comas, el trabajo de la cual nos interesa especialmente, puesto que ha dedicado gran parte de su investigación al estudio de la historia de las mujeres en la Barcelona Altomedieval, y más concretamente al estudio de las mujeres viudas, de las que desmiente la figurada libertad creada por el imaginario moderno.⁶

Desde su visión marxista de la historia social, y concretamente de las mujeres viudas, la obra *Entre la solitud i la llibertat. Vídues barcelonines a finals de l'Edat Mitjana*, nos ha ayudado a estructurar nuestra investigación, pues ha establecido una serie de pautas metodológicas que hemos podido adaptar a la localización que nos ocupaba.

Compartimos esta visión marxista del estudio, en primer lugar, por la naturaleza de las fuentes que se están utilizando, protocolos notariales, los cuales vaciamos para obtener la mayor cantidad de información. De esta forma, la investigación se nutre especialmente de documentación testamentaria y de naturaleza dotal, es decir, documentación de carácter materialista y económico.⁷

En segundo lugar, desde el punto de vista ideológico, coincidimos con la visión marxista, ya que estamos de acuerdo en que el conjunto de las mujeres ha sido tratado a lo largo de la historia como una minoría, no cuantitativamente sino como subalterna. Encasillada en una situación de minoría de edad permanente, las capacidades del colectivo femenino se han visto limitadas por unas estructuras sociales y legales

⁵ Reina Pastor. "Mujeres populares. Realidades y representaciones." en *Historia de las mujeres en España y América Latina I: de la Prehistoria a la Edad Media*, Cátedra (2005), 445-471.

⁶ Mireia Comas. *Entre la solitud i la llibertat. Vídues barcelonines a finals de l'Edat Mitjana*, Viella, (2015); Mireia Comas, Cristina Muntaner, Teresa Vinyoles. "Elles no només filaven: producció i comerç en mans de dones a la Catalunya baixmedieval." *Recerques*, no.56, (2008) 19-45; Teresa Vinyoles, "Dones protagonistes de relacions i convivències en el pas de l'Edat Mitjana al Renaixement." *Revista Pedralbes*, no. 23, (2003): 317-336; *Història de les dones a la Catalunya medieval*, Pagès editors (2005).

⁷ Francisco Fuster. "La historia de las mujeres en la historiografía española: propuestas metodológicas desde la Historia Medieval." *Edad Media*, nº 10 (Universidad de Valladolid, 2009): 247-273.

diseñadas desde la perspectiva patriarcal, situación que tiende a la oclusión conforme avanzamos hacia la Edad Moderna, como podremos apreciar.

Nuestro proyecto se basa, por tanto, en el análisis de un colectivo subalterno por su mera condición de mujer, y dentro del cual encontraremos diferenciaciones sociales, culturales y económicas muy variadas.

Habiéndonos nutrido de estas diferentes corrientes metodológicas dentro de la Historia de la Mujer, concretamente del ámbito medieval, procedemos a explicar las diferentes obras de temática socioeconómica, legal y local que hemos necesitado en el curso de la investigación para completar el contexto geográfico, social y económico en el que se desenvuelve la vida de estas mujeres.

El hecho de que las viudas no sean protagonistas de trabajos completos en el ámbito del *Regne de València*, no significa que no podamos verlas referenciadas en trabajos de una temática más amplia. Es el caso de las publicaciones llevadas a cabo por instituciones universitarias como la de la Revista de Historia Medieval con el número 2, dedicado a la mujer y con el título “*Santes, monges i fetillers. Espiritualitat femenina medieval*”, coordinado por Ferran Garcia-Oliver.

Asimismo, tomamos en cuenta obras como la anteriormente mencionada de Mireia Comas, que trata a nuestros sujetos de estudio. Aunque en un ámbito geográficamente foráneo y con diferentes regulaciones legales y percepciones culturales, encontramos cierta similitud por el contexto católico común, siendo por tanto extrapolables ciertas ideas y valoraciones, y como no, pudiendo servir de objeto comparativo que aporta perspectiva a nuestro propio estudio.

Dentro de los estudios sobre la mujer aragonesa, encontramos a Mari Carmen García Herrero, una de las pioneras en el estudio de las mujeres en este ámbito geográfico, y que ha tratado temas sociales como la prostitución, la maternidad y la viudedad, el último de los cuales nos interesa particularmente.⁸

Encontramos asimismo estudios extra peninsulares en la figura de Kirshner, con los que poder llevar a cabo una comparación más detallada de la situación de las viudas, que además nos permiten conocer el matrimonio en la Italia Bajomedieval. También la

⁸ Mariángeles García-Herrero. “Viudedad foral y viudas aragonesas a finales de la Edad Media” *Hispania* (1993): 431-450.

contribución de Chistian Lauranson-Rosaz sobre las viudas en el ámbito francés, en este caso en un contexto altomedieval, nos arroja una imagen ampliada del tema en cuestión.⁹

En cuanto a los estudios del contexto de las familias, en el panorama historiográfico español encontramos figuras muy cercanas a la zona de Valencia. Es el caso de Paulino Iradiel, que las analiza desde la perspectiva de una corporación empresarial, sobre todo cuando se trata de familias del ámbito de la burguesía y el artesanado.¹⁰

También encontraremos fuentes referidas al conjunto de mujeres en el contexto geográfico al que nos referimos, aunque tratadas desde las perspectivas de la pertenencia a las minorías culturales y religiosas.¹¹

Debemos remarcar que nuestro estudio está principalmente enfocado en las viudas cristianas de la zona de la Gandía del siglo XV, puesto que la presencia de las viudas judías y musulmanas es casi imperceptible por lo que, en este momento y con los datos que se nos ofrecen, no suman un número representativo en nuestra investigación.

Como hemos dicho anteriormente, es esta una línea de investigación que hace falta expandir, y que bebe de nuevos estudios como el aquí presente, que trata de presentar a la mujer medieval como un agente activo y primordial dentro de la estructura familiar, y no como una mera auxiliar de la figura masculina a cargo.¹²

En cuanto al contexto geográfico y cronológico en el que se desarrollaría el estudio, se hace necesario el uso de historiografía que se dedicara a la legalidad del Reino de Valencia, la historia de la villa de Gandía y alrededores, así como trabajos sobre la sociedad, la economía y la cultura de la época y de la localidad.

Un trabajo de referencia para el estudio del derecho matrimonial de los *Furs* de Valencia es el de Mari Ángeles Belda Soler, que trata desde prácticamente la totalidad de las perspectivas posibles la propia institución matrimonial, los antecedentes y las consecuencias para ambas partes de la pareja, etc. La única objeción que podemos

⁹ Julius Kirshner. *Marriage, dowry, and citizenship in Late Medieval and Renaissance Italy*. University of Toronto Press, 2015; C. Lauranson-Rosaz, "Douaire et sponsalium durant le haut Moyen Age." *Veuves et veuvage dans le Haut Moyen Age, Mission Historique Française en Allemagne*. Paris: Picard, (1993): 99-107.

¹⁰ Paulino Iradiel. "Familia y función económica de la mujer en actividades no agrarias." *Actas del Coloquio Hispano-Francés celebrado en la Casa de Velázquez*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, (1986): 242-259.

¹¹ Ferran Garcia-Oliver. "Mujeres de Sefarad." En *Historia de las Mujeres en España y América Latina, Volumen I, de la Prehistoria a la Edad Media*, de Isabel coord. Morant, Cátedra, (2005):501-516.

¹² Ferran Garcia-Oliver. "Observant families." *Revista d'Història Medieval* ,4, (1993): 207-226.

expresar es el hecho que data del 1966, y es por tanto una obra que cabría renovar o interpretar desde una perspectiva más actual, pero aún así, se trata de una fuente tan completa e interesante que no podíamos ignorarla.¹³

Si quisiéramos aproximarnos de forma más sencilla y comprender ciertos aspectos sobre el derecho matrimonial en los fueros de Valencia, podemos recurrir a una obra de Dana Wessell Lightfoot, que se centra en el papel de la dote y su importancia durante toda la vida de la mujer de finales de la Edad Media, mediante una visión que, aunque foránea, es mucho más actual, y por tanto resulta muy valiosa.¹⁴

3. FUENTES Y METODOLOGÍA

El proyecto que se está llevando a cabo se enmarca en la categoría de cualitativo, ya que trata en profundidad aquella información obtenida mediante el vaciado seriado de fuentes notariales, concretamente protocolos notariales procedentes del Archivo de la Nobleza, localizado en el Archivo Histórico Nacional, y concretamente de la sección de Osuna, en el cual se encuadra la colección documental procedente del Ducado de Gandía.

Pese a lo que el imaginario social ha establecido sobre la Edad Media, que se trata de una época oscura en que el analfabetismo y el inmovilismo social eran una constante, en el Reino de Valencia se produjo gran número de documentación recogida en los diferentes archivos, quedando patente la evidente existencia de una importante movilidad social, económica y cultural que deja registros de sus actividades, con los que, en Valencia, tenemos la gran suerte de contar. Esta circunstancia evidencia una discrepancia frente a la visión de total crisis que se refiere normalmente a este período histórico.

Las dificultades que se pueden encontrar en el proceso de vaciado están, prácticamente siempre, relacionadas con el mal estado de las fuentes, que además se encuentran muchas veces en proceso de restauración y no son accesibles.

Este hecho concreto provoca que no podamos acceder a la totalidad de la documentación. Aun así, aunque estas circunstancias no se dieran, no podríamos nunca afirmar que se han estudiado la totalidad de las fuentes documentales notariales de este período, pues es muy probable que diferentes circunstancias como los conflictos bélicos,

¹³ Mari Ángeles Belda. *El régimen matrimonial de bienes en los "Furs de València."* Cosmos (1966).

¹⁴ Dana Wessell Lightfoot. *Women, Dowries and Agency.* Manchester University Press (2003): 14-43.

los traslados entre archivos y bibliotecas, los hurtos o simplemente el mal estado y mala conservación, hayan hecho que muchos testimonios quedaran inhábiles.

Pese a esta serie de dificultades, probablemente la más importante a la que se debe enfrentar un medievalista, supone la lectura y la interpretación de textos escritos en la lengua que en este caso se encuentra en un período de casi transformación del latín al catalán occidental, la que comúnmente se conoce como el valenciano.

Mediante un buen estudio de la paleografía, y sobre todo la práctica de la lectura, muchas de estas dificultades han podido ser resueltas, habiendo sido posible extraer una gran cantidad de información relativa al estudio de la situación de la mujer viuda dentro de un contexto de relaciones familiares.

El procedimiento inicial trataba de localizar todos los casos en los que aparecen mujeres viudas que se encuadraran entre el 1398 y el 1474, y que lleva a la investigación de los 90 protocolos notariales de 12 notarios distintos.

Una vez establecido el rango temporal, se va procediendo a la localización de las viudas. Sin embargo, hemos de tener en cuenta que los testimonios que hemos podido documentar no equivalen al número de viudas que se encontraban en la villa de Gandía, pues son muchas las mujeres con un marido difunto que son recurrentes en la documentación. Esta circunstancia nos indica de manera clara la capacidad de estas mujeres para la gestión y el mantenimiento del patrimonio familiar.

Así pues, ¿cómo se localiza a las viudas en la documentación? Esta es sin duda, a entender propio, la fase más sencilla, ya que pueden ser identificadas fácilmente de manera visual, puesto que son representadas en la escritura tal como el reza el título del proyecto, *Uxor quondam*, seguido del nombre del marido, y su profesión.

Nuestro trabajo trata de encontrar el máximo número de documentos en los que se encuentren representadas las viudas, y seguidamente volcar toda la información que éstos aportan, en una base de datos en la cual se clasifica por: Archivo, legajo, libro notarial y página de éste, identificando además a qué notario pertenece, de forma que su localización sea lo más fácil posible para futuras revisiones.

Seguidamente, y una vez identificado el documento concreto, se procede a datarlo, ya que es muy importante situarlo en un momento concreto de la historia, con la finalidad de relacionarlo si es posible con algún hecho histórico relevante dentro del contexto de la villa de Gandía.

En cuanto a la identidad y localización de la viuda, procedemos a establecer el lugar de la producción documental, ya que así podemos determinar la localización geográfica en el cual estas mujeres tenían negocios, lazos parentales etc., y es que es habitual que los habitantes de las poblaciones vecinas acudieran a Gandía, pues era más probable contar con una mesa notarial permanente.

Se procede entonces, si fuera posible, a identificar a la mujer por su nombre y apellido, conocer de quién es viuda, y a qué se dedicaba su esposo, con la finalidad de situarla en un escalón social concreto. Si contamos con la cifra de su dote, su linaje familiar y sabemos si su esposo se dedicaba o no a algún negocio concreto, podemos situarla con mayor precisión en un punto concreto de la escala social; siempre entendiendo que las circunstancias de estas mujeres podían variar con el paso del tiempo, ya que, procediendo de un linaje de gran importancia, podían devenir en la pobreza por fallidas actuaciones comerciales o de sus negocios.

En el análisis de la situación de las viudas dentro del contexto familiar, nos interesa hacer hincapié en el apartado que se nutre de la documentación de carácter económico. Por esta razón, es importante conocer bajo qué régimen matrimonial se desposó determinada mujer, es decir, si llevó a cabo un contrato matrimonial en régimen dotal o de *germania*, qué bienes aportó al matrimonio, si eran muebles o capital líquido, y si recurre a la compra o venta de títulos censales durante su vida para así obtener una renta hipotecaria a modo de pensión vitalicia, es decir, si era censalista, o si gestionaba bienes arrendados como medio de obtención de capital, es decir, como arrendadoras.¹⁵

Esta documentación, como ya se ha mencionado, muestra el uso frecuente que se hacía de la deuda pública como medio para recibir de forma periódica una pequeña suma de dinero a modo de pensión vitalicia. A lo largo de nuestra investigación, además, nos hemos encontrado múltiples casos en los que una misma viuda contaba con gran número de títulos censales. Cabe, por tanto, llevar a cabo un análisis de la información económica para poder explicar de forma detallada las capacidades de estas mujeres en este aspecto, y conocer las herramientas de las que se servían para sobrevivir en una situación que podríamos llamar crítica.

La tipología documental que se está tratando abarca desde los testamentos localizados, los inventarios y almonedas que han quedado, así como documentación que

¹⁵ Censalista: figura que se dedica a la obtención de capital monetario mediante el cobro de intereses en bonos de deuda pública conocidos en la zona del Reino de Valencia como *censals*; arrendadoras: que obtiene beneficios del arriendo de bienes muebles como molinos, y el cobro de los cuales les hace a otros vecinos. García-Oliver. “Memòria fiscal i escalada del deute en una vila valenciana medieval: Gandia a través dels seus comptes,”: 137-177.

nos muestra contratos de compraventa, compra o cobro de deuda pública, contratos de tutela, *marmessoria* y *curadoria*, etc.

También se ha dado con referencias sobre la restitución de la dote en caso de incumplimiento de la mujer de una cláusula testamentaria del marido. Es el caso, por ejemplo, de las segundas nupcias. Volver a contraer matrimonio resultaba ser muy habitual en este momento concreto, en contra la idea que ha establecido el imaginario, y es que en la Edad Media no se concebía una vida en solitario, y mucho menos si se trataba de una mujer.

Conforme al objetivo que perseguimos en nuestro proyecto, le concederemos más importancia a la documentación testamentaria, puesto que se produce en un momento crítico y de gran importancia y porque en ella, quedan establecidas las voluntades de los titulares de bienes y de tutores de los herederos.¹⁶

Es en la documentación testamentaria de los maridos en la que mejor podemos apreciar los afectos y las consideraciones hacia ellas, es por eso por lo que las clasificamos según sean *marmessora*, *tutora* y *curadora*, *hereva* o *usufructuària*.¹⁷

Debemos recalcar que no siempre un testamento indica la muerte inminente del individuo, pues a menudo se redacta como medida de precaución ante posibles problemas de reparto de la herencia, en caso de un fallecimiento repentino. Ante esta situación, en el presente proyecto, se ha decidido tomar los testamentos como parte de la información material y de carácter emocional, pero antes de imponer a su mujer el título de viuda, se ha comprobado en cada caso la muerte del marido en tiempo posterior, o la nueva redacción de testamento. Es decir, la información que contiene el testamento sigue siendo de la mayor utilidad, aunque el estado civil de la esposa debe corroborarse con la mayor exactitud cronológica posible.

En una sociedad en la que las uniones matrimoniales y los nacimientos y muertes de hijos eran una constante, y en la que se podía suponer la existencia de una falta de expresión de las emociones o afectos en lo que al testimonio escrito se refería, poder leer

¹⁶ Garcia-Oliver. "Observant families": 217-224.

¹⁷ *Marmessora*: figura testamentaria en que queda a cargo de cumplir las últimas voluntades del difunto; *tutora y curadora*: Que se hace cargo de la tutoría y de cuidar a los herederos o menores de edad que les ha dejado a cargo el difunto, y de administrar los bienes de éstos; *hereva*: que ha recibido bienes del marido a la muerte de este además de la dote que por ley le corresponden en un régimen de matrimonio dotal; *usufructuària*: Que tiene el derecho de hacer uso de los bienes del marido a cambio de no ejecutar el reclamo de la dote marital, no se trata de recibir la propiedad de los bienes. J. Piqueras Juan. "Relaciones familiares en la Valencia Tardomedieval consanguinidad y afinidad a través de las manifestaciones de últimas voluntades" *Studia historica. Historia medieval*, N° 30, (2012):197-211.

adjetivos que describan la relación que ha unido a un matrimonio, a un progenitor con su heredero, o a un tutor con su tutelado, supone una joya en un desierto de afectos, a la que hay que dar el valor que requiere.

Las preguntas que nos podríamos hacer respecto a este tipo de documentación concreta van desde ¿Por qué hereda una persona en concreto? ¿Qué hereda? ¿Cuál es el valor de lo heredado? ¿Es habitual que sea la madre quién tome la tutoría de los hijos menor de edad? ¿Qué adjetivos ha usado el titular del testamento para referirse a su esposa? ¿Denota esta expresión cierto afecto, o más bien muestra el carácter meramente transaccional del matrimonio?¹⁸

Ante estas preguntas e hipótesis solo la documentación puede dar respuesta y siempre de una forma que no será absoluta ni generalizadora, pues cada caso resulta independiente, si bien es cierto que a menudo se sigue un patrón. Aunque en algunos casos podamos observar las expresiones que hemos explicado con anterioridad, la falta de ellas no siempre remite a una falta de afectos, simplemente puede deberse a que en el momento de dictar las últimas voluntades el testador no creyera necesario expresarlas.

Además, en la documentación testamentaria, tanto propia como de los esposos, usualmente podemos advertir la cifra de la dote de las mujeres en el momento en que se llevó a cabo el matrimonio, información que nos permite por tanto una clasificación del escalón socioeconómico en el que se situaba cada una de ellas. No debemos dejar de lado el hecho de que la situación de la mujer y su familia podía cambiar con el paso del tiempo, siendo posible que en el momento de su viudez hubiera variado.¹⁹

La clasificación socioeconómica de estas mujeres se ha llevado a cabo mediante una distinción que propone Dana Wessell en su obra, y que diferencia a cada una según la cuantía de la dote que aportan a sus matrimonios.

Según este criterio la distinción va desde los 0 a los 800 sueldos para hacer referencia a dotes de mujeres en situación de pobreza o vulnerabilidad. También podemos observar otro escalón socioeconómico que abarcaría desde esta cifra, 800 sueldos, hasta los 2000 sueldos, que enmarcarían a las mujeres pertenecientes al

¹⁸ Ante cuestiones como las demandadas en la exposición de este proyecto, muchas veces no tenemos respuesta, pues se trata de información notarial, de escaso contenido detallado. Una de las preguntas fue si se nombraba la edad de las mujeres en su testamento o en los contratos de segundas nupcias. Como se contestó en ese momento, no, no se trata de una información que se considerara relevante detallar por escrito, podríamos hacer supuestos si conociésemos la edad de los hijos de la pareja, pero serían conjeturas completamente infundadas. Esta y muchas otras preguntas quedan lejos de ser resueltas con la documentación que se trata, otras sí, como las relacionadas con el contenido material de los inventarios póstumos del esposo.

¹⁹ Piqueras, “Contratos matrimoniales en régimen dotal, 1381-1491”: 99-120.

artesano medio-alto, y al entorno socioeconómico de los *homes de vila*. Por último, encontraríamos las dotes de las mujeres que pertenecerían a las élites socioeconómicas, y que irían aproximadamente, desde los 2000 sueldos hasta cifras realmente elevadas, enmarcando a mujeres pertenecientes a familias agrícolas pudientes, mujeres del mundo del comercio, y como no, a mujeres nobles²⁰.

Mediante el uso de todos los parámetros nombrados a lo largo de la metodología propuesta, se pretende llevar a cabo los objetivos que se han marcado al inicio del proyecto.

4. ESTRUCTURA PROVISIONAL DEL TRABAJO FINAL

El trabajo propuesto se estructura de forma temporal lineal, mediante la distinción de las diferentes situaciones socioeconómicas de las viudas dentro del observatorio escogido, Gandía del 1388 al 1475.

En una primera parte se lleva a cabo una contextualización geográfica y cronológica, en la que se expresa la situación política, económica y sociocultural de la villa escogida, y sus alrededores.

Además, resulta imperativo llevar a cabo una revisión historiográfica sobre el tema propuesto, haciendo una reflexión y análisis de las obras que han tratado desde otros contextos y puntos de vista, una reflexión sobre la situación de las viudas.

En cuanto a la revisión de las fuentes, creemos necesario que queden patentes las dificultades con las que se encuentra el historiador, explicar la tipología de fuente que se trabaja, su localización y la historia del fondo hasta llegar a su ubicación actual en el AHN.

El trabajo seguirá con una clasificación detallada de los casos estudiados de manera que sea posible analizarlos desde el contexto en el que se encuadraban social y económicamente.

Por último, se redactarán las tesis extraídas del análisis cualitativo de las fuentes, llevando a cabo una lectura histórica y crítica de la sociedad urbana gandiense de la época referida, y contrastándola con la idea que el imaginario social ha creado sobre nuestros sujetos de estudio.

²⁰ Wessell. *Women, Dowries and Agency*: 65-97.

5. CONCLUSIONES

Así pues, habiendo llevado a cabo una gran parte del presente estudio, podemos concluir que, pese al imaginario moderno, las viudas no eran mujeres que se pudiesen denominar libres, pues se encontraban limitadas por una serie de estructuras sociales, económicas, culturales y legales, que las mantenía controladas, pues a ojos de la sociedad medieval, claramente patriarcal, una mujer sola generaba inseguridad social, y para ella misma.²¹

Esta imagen de libertad idílica que presentan autores como Kelly, se enmarca en un contexto irreal, que se basa en la interpretación de relatos literarios, y que no representan de forma verídica el día a día de la mujer medieval. Es más, queda reflejada en la documentación y fuentes del momento una restricción cada vez más fuerte de las prerrogativas de las mujeres en general a medida que se acerca a la Edad Moderna.²²

Pese a esta clausura ideológica y social, cabe puntualizar que no podemos basar nuestras conclusiones solo en la documentación institucional y legal de la época, puesto que la documentación notarial nos demuestra que las mujeres poseen la capacidad de llevar a cabo acciones distintas a aquello que estaba establecido oficialmente, es decir, la ley y la realidad diaria no siempre son coincidentes: fueron capaces de llevar a cabo actividades comerciales y manufactureras, además de ser gestoras de los bienes propios, tanto como para decidir a quién darlos en herencia, o dónde invertirlos.²³

Concretamente, en el caso de la villa de Gandía, la presencia y titularidad de mujeres viudas dentro de los registros notariales, muestran un alto índice de participación en el día a día de la villa, que aparecen como protagonistas documentales, gestoras de las herencias y garantes de la seguridad de los bienes del patrimonio familiar. Ciertamente las mujeres viudas quedan representadas en la documentación notarial en un número mucho mayor que otras tipologías de mujer en la época que nos concierne; lo cual no quiere decir que las mujeres casadas y las niñas no sean titulares, pero éstas siempre permanecen bajo el amparo de una figura masculina, circunstancia que no siempre sucede con la mujer viuda.

²¹ Marion Coderch. "Actituds davant les dones entre l'Edat Mitjana i el Renaixement." En *Dones i literatura entre l'Edat Mitjana i el Renaixement*, de Institució Alfons el Magnànim, València: Institució Alfons el Magnànim, (2012): 527-555.

²² David Carvajal de la Vega. "La mujer castellana a fines de la Edad Media: una firme defensora del patrimonio familiar." En *Ser Mujer en una ciudad medieval europea, Instituto de Estudios Riojanos. V. Título. VI.*, 134, Universidad de Valladolid, (2013): 120-134.

²³ Ferran. Garcia-Oliver. *La vall de les sis mesquites*. València: Publicacions universitat de València, (2003): 117-153.

La mujer viuda forma parte de una estructura familiar que la trata con desinterés emocional en muchos casos, desconfianza en la gestión del patrimonio, y como una carga para sus herederos.

Pese a las posibles restricciones a las que se enfrenta la mujer medieval, se constata el uso de las herramientas legales y de las instituciones como medio para asegurar los bienes que le corresponden, es decir, que por ley son suyos, la dote y el *creix*, y que aseguraran la supervivencia en un contexto social que las limita y las puede hacer caer en situaciones de desamparo.²⁴

Debemos comprender que en la Época Medieval la figura de una persona sola era algo inconcebible, si además se trataba de una mujer sola con control sobre el patrimonio, ésta podía verse amenazada por otros familiares que pretendieran herencias y bienes. Es por eso por lo que no debemos pensar que las mujeres, al quedar viudas eran libres, y mantenían su estado de soltería por un período de tiempo prolongado: las mujeres viudas buscaban nuevos matrimonios de manera regular como forma de estabilización social y civil, siendo necesario regular el *any de plor*, para evitar posibles desavenencias, en caso de que la mujer viuda pudiese estar embarazada de su difunto esposo, y evitando problemas de índole legal y de linajes.

No se ha pretendido llevar a cabo una reflexión que abra el debate sobre el género, pero debemos tener presente el esquema social y cultural de corte obviamente patriarcal, en el que se desenvuelven estas mujeres, y que promovía una condición sumisa respecto de las figuras masculinas a su alrededor, ya fuera la figura de su padre al inicio de sus vidas, la de un tutor en caso de pérdida del primero, la del marido más adelante, y posiblemente la de los herederos en caso de viudedad.

Es por tanto una investigación que intenta visibilizar a la mujer viuda en la sociedad tardo medieval, mediante el análisis de sus prerrogativas desde todas las perspectivas posibles; la social, desde el uso de vestiduras negras, hasta la percepción que de ellas se tiene en el contexto social en el que se mueven; cultural por la gran carga simbólica y “penitente” que acarrearán desde la muerte del marido; económica, por su necesidad de garantizar su propia supervivencia, y también la del patrimonio familiar; legislativa en las capacidades que tienen en la toma de decisiones respecto a sus hijos, y el cumplimiento del año de luto; y finalmente, la emocional, que tan preciada consideramos por las escasas ocasiones en que la podemos percibir, y que desde nuestro punto de vista no podemos simplemente desechar.

²⁴ Dana Wessell Lightfoot. *Women, Dowries and Agency*: 65-97.

Las viudas eran por tanto mujeres con más capacidad para vivir libremente que las casadas, pero que al fin y al cabo lo harían en un mundo estructurado y con unas limitaciones creadas por hombres.

The Great Battle of Peace: Brignais, 6 April 1362.

Ölbei Tamás

University of Lorraine/University of Debrecen

Abstract

The aim of this paper is to highlight the interregional consequences of the Battle of Brignais and how the authorities handled the problem of the routiers after having been exposed to Petit Meschin and Seguin du Badefol, the leaders of the winning army. I will also discuss Arnaud de Cervole, another mercenary captain, who was one of the leaders of the losing royal army. However, I will mainly focus on how the magnates and ordinary people reacted to the threat, what deals they entered into to survive.

The captains of the Great Companies became the most decisive figures in France in the 1360s. As a consequence of the complete disintegration of the administration in the French countryside after the Battle of Poitiers, there were only a few provinces in France that could fight back these companies. The Treaty of Brétigny (8 May 1360) did not improve the situation, on the contrary it resulted in the activities of the companies and brought destruction to Champagne, Barrois, Burgundy, and Alsace. The unprecedentedly high number of routiers in the spring of 1362 in the proximity of Lyon resulted in the third most catastrophic defeat of the French chivalry after Poitiers and Crecy. Different aspects of the Battle of Brignais have been discussed at great length in the literature, but not its consequences.

In my research I have encountered new sources in the archives of Lyon, Dijon, Bar-le-Duc, Colmar, and Metz and they reveal how the unique alliance of the free Imperial cities of Alsace, called the Décapole, prepared for the arrival of the Magna Societas.

In the literature on the mercenary companies participating in this battle, the emphasis is on Enrique of Trastámara's attempt to return to Castille. However, there is only little information about what happened in Burgundy, which had not yet fully been integrated into France, and in the Duchy of Barr, or on the other side of the border: in Alsace, and Lorraine. It requires an integrated approach to compile the different types of sources in Latin, French and Mittelhochdeutsch and to describe the interrelated events. My sources include receipts for military services, treaties of alliances against the routiers, accounts of different bailiffs in Burgundy and the Barrois, as well as contemporary chronicles.

As a result of this paper an in-depth insight of this exceptionally violent era of peace will be provided by bringing the contemporaries close to the observer, as the mercenaries were "proud disciples of Lucifer, priding themselves in their perverse multitude, thinking stupidly that nobody could resist their audacious and furious attacks."

Keywords

Great Companies, Hundred Years War, Arnaud de Cervole, Mercenaries, Burgundy

INTRODUCTION

'Sir, ye have told me or this that they were to be number of sixteen thousand fighting men, and now ye hear all contrary.' 'Sir', quoth he (the Archpriest) 'I thought them never under the said sum, and if they be not, God be thanked, it is better for us. Therefore take heed what ye will do' 'In the name of God' quoth the lord of Bourbon, 'we will go and fight with them.'¹

¹ *Chronique* de Jean Froissart ed. Siméon Luce (Paris: Librairie de la Société de L'histoire de France, 1876), VI, 66. *The Chronicles of Froissart* by Jean Froissart trans: Lord Berners, John Bouchier, ed. G. C. Macaulay, (London: Macmillan and Co. 1908), 140-141.

These were the fatal words of the leader of the royal French Army, the last of its kind for a long time to come, urging his men to go to battle against the professional soldiers of the Hundred Years' War, the feared and despised Tard-Venus.² Or at least this is how Froissart gives his account of the Battle of Brignais.

This battle brought about the total dominance of the mercenaries over the battlefields of the Hundred Years War in the second half of the 14th century, following the Treaty of Brétigny. It was the last attempt of the French Chivalry to stop the roaming companies in France, however, with such a disastrous result that can only be compared to the effects of Crécy and Poitiers.

In this paper, I will describe how the nobility of Burgundy, Barrois and Alsace reacted to the catastrophe. I will also give a short summary of the events, briefly introducing both versions of the Battle of Brignais. However, as several generations of historians have not yet been able to identify exactly what had happened at Brignais I would instead focus on analysing some of the sources at greater length that help us in enlightening the circumstances that made the exceptional accumulation of the great companies in Burgundy possible at the turn of 1361-1362. The narrative of this paper will focus on one of the captains of the great companies, one of the most successful ones of his time, who was an ally of and who fought on the side of the royal army. He lost the battle and later even an enormous ransom was paid for him. Nevertheless, he was the one who profited the most from the battle from among all the mercenary captains who had been active in either of the two armies involved. This person was the famous Archpriest of Vélignes,³ and his name was Arnaud de Cervole, “of whom the Pope and all the cardinals were frightened in Avignon.”⁴

METHODOLOGY

The topic of this article, that is the regional consequences of the battle, required the “patchworking” of different types of documents from different archives in different languages. In the archives of Alsace, most of the sources are in Mittelhochdeutsch, while

² We call those companies the Tard-Venus (Latecomers) that formed the Great Companies in Champagne and Burgundy following the campaign of Edward III. They arrived and operated in the provinces previously destroyed.

³ He was the titular archpriest of Vélignes (Dordogne) Pierre d'Orgemont, *Chronique des Règnes de Jean II et de Charles V* ed. R. Delachenal (Paris: Librairie de la Société de L'histoire de France, 1916), I. 219. note 5.

⁴ *Les Vraies Chroniques* de Messire Jehan le Bel ed M.L. Polain (Brussels: F. Heussner Libraire-Éditeur, 1863), II. 209.

in other parts of the border regions between the Holy Roman Empire and France, they are either in Latin or in French. The sources encompass treaties of alliances, receipts for military services, accounts of bailliages, correspondences between European courts, payments for ransom, even records of the investigations carried out by the Louis II de Mâle in Donzy and Nivernais. It is exactly this kind of research activity that made the writing of this article so fascinating.

Surprisingly, in the relevant contemporary French literature, the Battle of Brignais has received much less attention than either in the English literature, or in the classical era of French historiography. Aimé Chérest wrote an indispensable book on Arnaud de Cervole's deeds in the Hundred Years' War in the nineteenth century. In addition to him, other earlier French authors have to be mentioned such as Luce,⁵ Denifle,⁶ Guigue⁷ and Delachenal,⁸ whose works have been widely used by twentieth and twenty-first century historians. It is interesting that in the contemporary French literature on the era, there is no or little mention of the battle. Modern historians like Bove⁹ and Minois¹⁰ have not written about the battle at all, while Deviosse¹¹ and Favier¹² only devoted a short paragraph to Brignais. In Autrand's book on Charles V the Battle of Brignais is only discussed in two pages, yet this is the longest summary among those provided by the abovementioned French authors.¹³ There are two entirely different descriptions of the battle itself: one can be found in Froissart's chronicle,¹⁴ the other one in Matteo Villani's Italian chronicle.¹⁵ The modern English literature is much more detailed, but completely divided as regards the description of the battle. Jonathan Sumption in his book¹⁶ favours Villani's version, while Kenneth Fowler¹⁷ prefers Froissart's detailed narrative. 19th century.

⁵ Simeon Luce, *La France pendant la guerre de Cent Ans. Episodes historique et vie privée aux XIV^e et XV siècles*, (Paris, Librairie Hachette et C^{ie} 1890-1893)

⁶ Henri Denifle, *La Désolution des Églises, Monastères et Hôpitaux en France pendant la Guerre de Cent Ans*. (Paris: Alphonse Picard et Fils, 1899), I. 131.

⁷ Georges Guigue, *Récits de la guerre de cent ans. Les tard-venus en Lyonnais, Forez et Beaujolais, 1359-1369*. (Lyon: Imprimerie Vitte et Perrussel, 1886).

⁸ R. Delachenal, *Histoire de Charles V* (Paris: Imprimerie Valentinoise, 1909), II.

⁹ Boris Bove, *Le Temps de la Guerre de Cent Ans*, (Paris: Editions Belin, 2009)

¹⁰ Georges Minois, *La Guerre de Cent Ans, Naissance de deux nations* (Paris: Perrin, 2008)

¹¹ Jean Deviosse, *Jean le Bon*, (Paris, Librairie Arthème Fayard, 1985)

¹² Jean Favier, *La Guerre de Cent Ans* (Paris, Librairie Arthème Fayard, 1980)

¹³ Françoise Autrand, *Charles V* (Paris, Librairie Arthème Fayard, 2000)

¹⁴ *Chronique* de Jean Froissart ed. Siméon Luce (Paris: Librairie de la Société de L'histoire de France, 1876), VI.

¹⁵ *Cronica* di Matteo Villani, (Firenze: Il Magheri, 1825), IV.

¹⁶ Jonathan Sumption, *The Hundred Years War II: Trial by Fire*, e-book edition (London: PENN, 2001),

¹⁷ Kenneth Fowler, *Medieval Mercenaries, The Great Companies*, (Oxford: Blackwell Publishers, 2001), I.

French historians used the archives in Dijon, Lyon and Paris, whereas English historians, in their works, relied on the results of their French predecessors from the previous century and focused their research mainly on the Archives Nationales in Paris, however, the Archives in Lille and Colmar remained largely unknown to them. This paper is the result of research based on my findings in the archives of Lille, Colmar, Dijon, Bar-le-Duc, and Lyon: in Lille, more precisely in the Archives Départementales du Nord, this is the B.758 n.14451. This source is a 4000-word long description on events related to Arnaud de Cervole's activity in Donzy and Nivernais. In the Archives Municipales de Colmar, I was fortunate enough to be the last one who could study the AA, 48 n. 1 before it was inaccessible due to conservation measures. This alliance among the local lords and the Zehnstädtebund, that is to say the Free Imperial Cities of Alsace, is directly linked to the Battle of Brignais. The Archives Départementales de la Côte-d'Or has one of the richest collections of sources related to the battle of Brignais. It would take too much space and time to give a comprehensive and exhaustive account of this inventory, it suffices to refer to the B 1412 and B 11875 as the two most important fonds in Dijon. The other important archive regarding the subject of this article is the Archives Municipales de Lyon, and among other fonds I found the most references to the battle in the CC 190. In Bar-le-Duc, in the Archives Départementales de la Meuse there are references such as the information in the fonds of B. 2322, which give invaluable accounts of the territorial consequences of Brignais to the north of Burgundy. I was fortunate enough to find some long and detailed descriptions about the activity of the companies just before the Battle of Brignais, which had escaped the attention of the aforementioned historians. By filling this hiatus, I succeeded in discovering some interesting interregional connections that evolved as a direct consequence of the Battle of Brignais.

DRAMATIS PERSONAE

The protagonists of this study are mostly known by researchers specialising in the history of the Hundred Years' War, that is the reason why I will provide a short introduction about the figures who had played a significant role in the events before and after the Battle of Brignais. Arnaud de Cervole: In the Hundred Years' War every nation used a different name for Arnaud de Cervole, in English he was called the Archpriest:¹⁸ in German he was referred to as 'der ertzprierster',¹⁹ in French l'Archiprestre,²⁰ in Italian

¹⁸ Arnaud de Cervole became the Archpriest as he was the owner of the properties of the Archdeaconry of Velines, despite the fact that he was a layman.

¹⁹ Archives de la Ville et l'Eurométropole de Strasbourg AA, 81. f. 35.

²⁰ Archives départementales de la Côte-d'Or, 1. 365 f. 50.

l'ariprete di Pelagorga,²¹ in Latin Archipresbiter Varenarum.²² But he became /in/famous among the English as well. He founded the first Magna Compania in the French Kingdom. Until his death in 1366, he remained one of the most influential French captains and as such he was one of the few who succeeded in integrating into the French nobility, by gaining significant influence in his adopted country, Burgundy.

Arnauld d'Audrehem: As the marshall of France, he fought throughout the first three decades of the Hundred Years' War. He knew the companies very well, he had fought with them²³, but mostly against them. Arnauld remained loyal to the Crown until the very end and served several kings with dedication and zest. During the period covered by the present study, John II of France entrusted the marshall with cleansing Languedoc of the companies.²⁴ As a countermeasure against the menacing Companies in 1362 the French plan was to create two major commands with the aim of eliminating the companies in southern France. Arnauld was responsible for the western theatre of war, while in the eastern part of France it was the task of the counts of Tancarville and Bourbon to gather the royal forces.²⁵ Before the Battle of Brignais Arnauld was supposed to unite his forces with those of the eastern army led by the count of Bourbon and the count of Tancarville, respectively. Yet he arrived a few days too late.

Seguin de Badefol: Seguin de Badefol was the most famous mercenary captain of the period. He was born in 1330, in the castle of the Badefols. He was the offspring of a noble family from Perigord and as early as 1356 he already took part in the Battle of Poitiers as the commander of a mercenary company of 2000 men. After Poitiers he took part in every significant military operation of the era. According to Froissart, he was there at Brignais, as one of the strongest captains, with his company (the Margot).²⁶ Seguin was endowed with a special talent for occupying fortified cities (Brioude, Anse). After occupying these cities, he would start his looting trails, and sometimes he would even go as far as a hundred kilometres. He would then continue to pillage and loot the region until he had the local nobility pay him a huge ransom, in exchange for which he would finally leave.

²¹ *Cronica di Matteo Villani*, (Firenze: Il Magheri, 1825), IV. 332.

²² Archives départementales de la Côte-d'Or, B. 9960.

²³ He participated in the 1366 crusade of the companies, where he was captured in the Battle of Nájera. According to Ayala, he was already over 60 at this time. Émile Moliner, *Étude sur La vie d'Arnauld d'Audrehem, Maréchal de France 130.-1370* (Paris: Imprimerie Nationale, 1883) 5.

²⁴ R. Delachenal, *Histoire de Charles V* (Paris: Imprimerie Valentinoise, 1909), II. 319, Kenneth Fowler, *Medieval Mercenaries*, 46.

²⁵ Kenneth Fowler, *Medieval Mercenaries*, 45.

²⁶ "Li plus grans mestres entre yaus estoit uns chevaliers de Gascogne, qui s'apelloit messires Segins de Batefol: oilz avoit de se route bien deux mil combatans" "Chroniques de Froissart", ed. Luce, 62.

Jacques de Bourbon: The count of La Marche, a member of the Valois dynasty, had fought in every major battle of the period, he was injured at Crécy and he was even captured in Poitiers. Before the Battle of Brignais, he gathered his troops from Auvergne, Limousin, Provence, Savoy, Forez and Beaujolais.²⁷ After having besieged the castle of Brignais (which in itself was not a major fortress, yet due to its strategic location it did play an important role in controlling the major land and fluvial commercial routes leading to Lyon from the south) Jacques died due to the injuries he had sustained in the Battle of Brignais.

If the companies had held Brignais under continuous siege they could have cut off Lyon from any support and because of the proximity of the castle the danger of any unexpected attack would have been constant. This is why Bourbon did not wait for the companies led by Audrehem. Three days after Brignais he died of his fatal injuries together with his son, Pierre, who had only been knighted a few days prior to his death²⁸.

Capitain de Buch: Jean de Grailly, a Gascon nobleman, the cousin of the count of Foix, whose destiny was closely linked to that of the English, and together with the Black Prince, he played a significant role in the Battle of Poitiers. He led the embracing cavalry siege which led to the final and definitive defeat of the French army²⁹. Froissart emphasises his bravery and chivalry in the fights against Jacquerie in 1358.³⁰ He was one of the 22 English and Gascon noblemen who had signed the Peace Treaty of Brétigny on behalf of the English.³¹

Garciot de Castel: "*Sire Garciot de Castel, was a very wise man and valiant knight from this region [the territories under Gaston Fébus], and a good Frenchman*".³² Froissart learned about him from his companion Espan de Lyon during his journey to Béarn. Garciot was one of the most active captains of our period. Among others, his troops were the ones that were stationed in Nivernais and Donzy, before the Battle of Brignais. After Brignais, he headed west together with Enrique de Trastámara to seize

²⁷ George Guigue, *Recits de la guerre de cent ans. Les Tard-Venus en Lyonnais, Forez et Beaulonais, 1359-1369* (Lyon: Imprimerie Vitte et Perrussel), 1886. 64.

²⁸ Équipe projet Thalamus, "Les annales occitanes (800-1426) : année 1362", dans Édition critique numérique du manuscrit AA9 des Archives municipales de Montpellier dit Le Petit Thalamus. Université Paul Valéry Montpellier-III, 2014, 18 May 2018, En ligne: <http://thalamus.huma-num.fr/annales-occitanes/annee-1362.html> (consulté le 2 03 2019). f. 106 r.

²⁹ Henri Denifle, *La Désolution des Églises, Monastères et Hopitaux en France pendant la Guerre de Cent Ans*. (Paris: Alphonse Picard et Fils, 1899), I. 131.

³⁰ Pierre d'Orgemont, "Chronique" II. 183-184.

³¹ Delachenal, "Histoire de Charles V", 197.

³² "Pour tant que messire Garsis de Chastel, ung moult vaillant chevalier de ce pays icy et bons Francoys" *Chroniques* de J. Froissart ed. Léon Mirot (Párizs: Librairie Ancienne Honoré Champton, 1931), XII. 36-37.

the throne of Castile from his half-brother, but this mission failed because the Companies did not enter Castile, instead they participated in the war of the two most powerful lords of the Midi. In the Battle of Launac, he took the side of the count of Armanac, against Gaston Fébus and was then captured. Later he returned to Castile together with du Guesclin in 1366, that is, in the course of the crusades of the companies in yet a second attempt to take Castile on behalf of Enrique de Trastámara.³³

Ryffard de Flandre: The stepbrother of Louis II de Mâle, who sent him to Donzy in 1360 so that he could make amends for the damage caused under the captainship of Arnaud de Cervole, and to represent the interests of his brother among the local noblemen and authorities. He was also entrusted with solving the issue of the English and Breton companies present in the barony. Louis II de Mâle: Count of Flanders, whose long reign was accompanied by the French-English conflict of the Hundred Years' War, and who, as a Realpolitiker, tried to maintain the neutrality of Flanders, despite the fact that he could have been an important ally for both parties. From the point of view of the present study his status as the count of Flanders is less important than the one as Baron of Donzy.

Jean de Melon: Count of Tancarville, the Chamberlain of France. John II entrusted Jean de Melon together with Arnaud d'Audrehem with gathering the still mobilisable forces in the eastern part of the kingdom, in Burgundy, Brie, Champagne, and in the bailliages of Mâcon, Lyon, and Sens, as well as in the duchies of Berry and Auvergne. He organised both the defence³⁴ and the mobilisation against the companies³⁵ with great success. Jean cooperated closely with the Archpriest, whose task it was to recruit as many companies as possible for the royal army, as well as to represent the interests of the king in Nivernais, Donzy, and upon the request of Tancarville, in Burgundy as well.

Guiot de Pin: A mercenary captain who worked closely with Badefol, and who, according to Froissart, served under Badefol in the battle of Brignais. After the battle, Guiot remained active in Burgundy and the surrounding regions. He launched operations independently of Seguin de Badefol, and he was also known for his hot temper, which eventually led to his downfall. He occupied the city of Anse together with

³³ Fowler, "Medieval Mercenaries", 14-15.

³⁴ Germain du Vault porte lettres par ordre du gouverneur donné le 23 fevriér à prevots d'Avallon, Mont Real et Chateaux Gérard pour ariser les forteresses des dites prevotés et tenir tout prêts pour la garde et défense le 29 fev. Archives départementales de la Côte-d'Or, 1. 365 f. 40.

³⁵ Nouvelles lettres au même pur ordre de Tancarville le 17 Avril pour le même suget. Archives départementales de la Côte-d'Or, 1. 365 f. 40.

Seguin de Badefol and held it for ten months in the course of 1364-1365. Regnaud de Monbelot, sire of Jancey³⁶ set up a trap and captured Guiot du Pin, who was then taken to the city of Châlon. Philip the Bold and his brother Charles V paid Regnaud de Monbelot 200 golden florins for the capture of Guiot de Pin.³⁷

Philippe de Rouvres: The last Capeting duke of Burgundy. His father Philippe de Bourgogne, the son of duke Eude IV died in a horse accident on 22 September, 1346 during the siege of Aiguillon,³⁸ while the last duke of Burgundy before the Valois dynasty, Philippe de Rouvres met his death on 21 November 1361, in a riding accident, similarly to his father.³⁹ He was only 15 when he died, so he had no direct descendants. Two crowned figures claimed the duchy for themselves: King John II of France, making his son Philip, the duke of Tourain, the first Valois duke of Burgundy, and Charles the Bad, the King of Navarre, respectively.⁴⁰

Arnaud de Tallebardon: A friend of Guiot de Pin, who also worked closely with Seguin de Badefol in the Battle of Brignais. Until the occupation of Anse, he carried out his operations with his own company. First he served the duke of Burgundy but later he turned against him in Autonois.⁴¹ Yet he was more fortunate than his friend, because he was captured⁴² in Bard-le-Régulier,⁴³ but by the time the news reached the bailiff of Auxois, Tallebardon had already managed to escape. Somewhat later, in a response to the last warning of the duke,⁴⁴ he restrained himself and finally disappeared from Burgundy altogether.

³⁶ Archives Départementales de la Côte-d'Or B. 1416. f.61. v.

³⁷ Philippe, fils de roy de France, duc de Bourgoigne. Au receveur général de Bourgoigne, salut. Nous vous mandons que à mons. Renaut de Monbelot, chevalier, seigneur de Jancey, vous paieiz et délivrez tantost et sans délay la somme de deux cens florins de Florence, que deuz li sont, par accort fait avec li par les genz de notre conseil estans à Chalon en cette présente foire chaude, pour cause de la prise de Guiot du Pin et de la délivrance d'icelui Guiot, faite à nos dites gens, et en rapportant ces présentes avec quittance dudit mons. Renaut, nous voulons et mandons ladite somme estre allouée en vos comptes et rabattue de votre recepte senz aucun contredit, non obstant quelconques ordonances ou deffenses faites ou à faire au contraire. Donné à Chalons, sous le petit seel de notre court, en l'absence du grnat, le XXII jour d'octobre, l'an mil ccc soixante et quatre. Par le conseil duquel estoient messire Jacques de Vienne, le marechal de Bourgoigne et vous." Mandement du duc de Bourgogne, Philippe le Hardi, relatif à prise de Guyot du Pin, 22 Octobre 1364, Archives Départementales de la Côte-d'Or B 359., Aimé Chérest, *L'archipêtre, épisodes de la guerre de Cent Ans au XIVe siècle*. (Paris: A. Claudin, 1879), Pièces Justificatives XIX, 402.

³⁸ "Chroniques de Froissart", ed. Luce, IV. footnote 4.

³⁹ "Chroniques de Froissart" ed. Luce, VI 77., Fowler, "Medieval Mercenaries", 88.

⁴⁰ Fowler, "Medieval Mercenaries", 89.

⁴¹ Chérest, "L'Archipêtre", 290.

⁴² Archives départementales de la Côte-d'Or, 1.F.365 Compte de Baillage de Auxois f.52. v.

⁴³ Allegedly they had planned the chevauchée up to Troyes. Fowler, "Medieval Mercenaries", 105.

⁴⁴ Chérest, "L'Archipêtre", 291.

Enrique de Trastámara: the illegitimate half-brother of Pedro, he was the fourth of ten children of king Alfonso XI and Eleanor de Guzmán. After Pedro had inherited the throne, he had Enrique's mother imprisoned and Enrique had to flee from Castile. Upon arriving in France with his entourage of 600, he offered his services to King John, and became a mercenary captain.⁴⁵ In the course of his adventurous life, he tried returning to his home country on several occasions, which led to much bloodshed in Aragon, Navarre and Castile. European alliances were forged for and against him, and finally, after several years of fighting with varying success, he killed Pedro with his own hands and founded the Trastámara dynasty, which reigned in Castile until the beginning of the 16th century. It is interesting to note that his first attempt to return home was linked to the Battle of Brignais, after he had promised a 100 000 livres to the winning companies so as to persuade them to accompany him to the other side of the Pyrenees. Yet the war between the count of Foix and the count of Armanac had distracted the companies from their original objective, thus the alliance fell apart and ended in the Battle of Launac, which brought about the overwhelming victory of Gaston Fébus.⁴⁶

ARNAUD THE CERVOLE AND HIS ACTIVITIES IN NIVERNAIS AND DONZY BEFORE THE BATTLE OF BRIGNAIS

Arnaud de Cervole was the offspring of the Cervoles, a noble family from the county of Périgord.⁴⁷ He was the third born. His eldest brother, Pierre inherited the family's wealth and became a knight, while the second elder brother of the Cervole family, Isart pursued an ecclesiastic career and became the prior of Gouvernoy-sur-Marne.⁴⁸ As the third born, the Archpriest had to manage on his own, so he decided to become a military entrepreneur. His Burgundian career began as early as 1358, when he arrived in the cities of Nevers and Donzy, which are situated at the border regions of the duchy of Burgundy, where he fulfilled his utmost desire to become one of the most powerful noblemen of the region. The future Charles V, at that time the regent of the kingdom, appointed the Archpriest to the position of the lieutenant of the king in Nivernais, where he was entrusted with the defence of the region. Neither the acts of his company, nor his unsuccessful attempts to resist the invading army of Edward III made

⁴⁵ "dó andaban el Conde Don Enrique, Don Sancho sus hermanos, é muchos caballeros de Castilla con ellos, que andaban desterrados fuera del Regno de Castilla por recelo é miedo que avian del Rey Don Pedro, é por se mantener facian guerra en aquella tierra de Provenza". Pedro Lopez de Ayala, *Cronicas de los Reyes de Castilla* (Madrid: Libreria en la Aduana Vieja, 1779), I. 357.

⁴⁶ "E ovo ese dia grand honra el Conde de Fox, é grandes treinta cuentos desta moneda de Castilla" Ayala, *"Cronicas"*, 379-380.

⁴⁷ Chérest, "L'Archipètre", 8.

⁴⁸ Chérest, "L'Archipètre", 7.

him popular among the citizens of Nevers and Donzy.⁴⁹ Following the treaty of Brétigny, he ravaged the land in the proximity of Lyon, but some months later, Jean de Melun, count of Tancarville, ordered Arnaud de Cervole back to Nivernais. Tancarville had to organise the resistance against the companies in the eastern provinces of the kingdom.⁵⁰ Jean de Melun, who bore the title of the King's Chamberlain as well, had known the Archpriest for a long time: they were captured together at Poitiers in 1356. He was aware of Arnaud de Cervole's ability of being able to convince other captains of the companies to fight in the royal army against their fellow mercenary soldiers. Tancarville was also aware of the Archpriest's terrible reputation, which helped in forcing the local population to finance the cost of the mobilisation and to enforce the taxation of the regent's government. The central government was in dire need of money because of John II's enormous ransom,⁵¹ and the constant problems due to the lack of the willingness of the provinces to provide financial support to the regent. The relationship between the Archpriest and the count of Tancarville and through him, with the government in Paris was multifold: he helped the royal tax collectors in executing their job. He also increased the influence of the central government by handing over the castles he had occupied in the region⁵². The treasury paid the Archpriest 16000 florins for surrendering the castles of Dammarie and Bléneau to the count of Tancarville instead of the rightful owner, the count of Nevers.⁵³ Louis de Mâle, count of Flanders and the baron of Donzy, gave an account of Arnaud de Cervole's deeds in a letter written to one of the counsellors dated 17 February 1362:

"my dear friend, you know very well that the companies, enemies of the king, the Archpriest and his accomplices stayed in our country by the order of the count of Tancarville, as we have mentioned, and they burnt everything, attacked the living, and took the food, ravaged the land, killed and ransomed our men and subjects, they greatly endangered our county, they carried out pure destruction, causing much bloodshed. There is nobody who could defend the honour of our lord the King, and the Kingdom, and our land. We have decided to send soldiers from Flanders to our country to guard and defend our castles and domains so as to prevent the enemy from taking and destroying our country"⁵⁴

⁴⁹ Lettres de Charles, régent de France, en date du 31 décembre 1359, par lesquelles Charles de Poitiers est nommé capitaine général en Nivernais, Donziais, Puysaie etc, en remplacement d'Arnaud de Cervole, Chérest, "L'Archipètre", Pièces Justificatives VI. 374.

⁵⁰ Archive Départementales de la Côte-d'Or, 1.F.365 Compte de Baillage de Auxois f. 33.

⁵¹ The situation was the same before the military campaign of Edward, as a result of which the English king finally managed to obtain the Peace Treaty of Brétigny. *Historiae anglicanae scriptores X.* (London: 1652), 2618-2619.

⁵² Handing over the castles to the king instead of the count of Flanders, was part of a political game in which the king expressed his willingness to give back the castles to their rightful owners

⁵³ Chérest, "L'Archipètre", 94.

⁵⁴ Archives départementales du Nord, B.758 n. 14451.

e

x

c

h

a

n

g

Louis de Mâle sent his half-brother Ryffard of Flanders to defend the barony of Donzy, yet this turned out to be a complete disaster for the people: Ryffard's presence brought as much suffering as the invading army of Edward III or Arnaud de Cervole's company. There is a unique source in Lille (Archives Départementales du Nord) about Ryffard's accomplishment in Nivernais. There we have a detailed description of the intertwined relations among the Archpriest, the Breton companies, the local nobility and Ryffard of Flanders. At the same time the bastard of Flanders tried to strike a compromise with the Breton companies and hinder the work of the royal tax collectors. He came to an agreement with Gaultier, one of the Breton captains in the region, concerning the return of the castle of Arche (probably today's Arthel) for 4300 florins. From the document it is obvious that he did it without involving of the local nobility. He left Nivernais and entrusted Jehan Bernaige with the collection of the 4300 florins, but the ten most important knights of Nivernais hindered the work of Ryffard's tax collectors: they gathered at Nevers and contested Ryffard's taxation rights and at the same time, they limited the area from where taxes could be collected. There were two more additional obstacles to obtaining the required sum in time: there was another Breton company that occupied the castle of Flory, making any movement in Nivernais and Donzy impossible. The other obstacle to collecting the required sum was the impoverishment of the people. The nobles of the region complained that 3000 florins had already been collected by another Breton company for the same reason.⁵⁵

At the same time, Ryffard's soldiers captured the royal tax collectors, robbed and imprisoned them.⁵⁶ When Ryffard returned to Nevers it became obvious for Gaultier and his company that they would never receive the promised money. Partly because of their disappointment, partly to exercise pressure on the citizens of Nevers, the Breton company ravaged Nivernais, and gathered all existing livestock: pigs, cattle, sheep and brought them in front of one of the city gates, close enough for their owners to be able to recognise them. The citizens were terribly upset and demanded compensation from Ryffard. He thought that they were plotting against him and took the money that had previously been collected and fled to Dieppe. When the Bretons received the news about the bastard's departure they ravaged and destroyed the land in the county and in the barony by setting several cities (Montenoison, Noison, Lurcy-le-Bourg) on fire.⁵⁷

But another unexpected accident changed Arnaud de Cervole's destiny along with that of many others in the eastern part of France. The last Capeting duke of Burgundy,

⁵⁵ Archives départementales du Nord, B.757 n. 8060.

⁵⁶ Archives départementales du Nord, B.758 n.14451.

⁵⁷ Archives départementales du Nord, B.758 n.14451.

Philippe of Rouvres, like his father, fell from his horse on 21 November 1362. He was only fifteen years old.⁵⁸ Tancarville entrusted the Archpriest with a task much more important than tax collection. He had to safeguard the King's journey to the heart of Burgundy, where John II appeared immediately - in Dijon - because he was the closest male heir. The king wanted to ensure the seamless succession of Burgundy, but this was impossible without armed forces at hand: so this is where Arnaud de Cervole's great company played a crucial role.⁵⁹ The uncertainty around the succession attracted the companies to Burgundy. The companies "burning from the fire of greed"⁶⁰ invaded the duchy at the turn of 1361/1362 and those:

who were unfortunate enough to be captured so that (*the companies*) could get money out of them, were terribly tortured with various incredible torture devices and drunken rage, without any mercy, not sparing any prisoner, regardless of their condition, age, or gender.⁶¹

THE BATTLE OF BRIGNAIS

The mercenaries approached Burgundy from all quarters. We have already seen the effect of the Tard-Venus who arrived in the land of Nivernais. From the south-west, Petit-Meschin, Bérard and Bertrucat d'Albret, along with Seguin de Badefol, left Languedoc and arrived at the borders of Forez and Auvergne, where they occupied the castle of Viverols. By March, Perrin Boias had approached Lyon from the south-east and captured Le Puy. Again having left the service of the marquis of Montferrat and crossing Savoy, other companies arrived in the proximity of Lyon. These were the Gascon companies of Munde Bataillier, Naudon de Bageran, *bourcs*⁶² Camus, Breteuil, Lasperre, and the English Companies of Sir John Hokwood, Sir Robert Birkhead, and Sir John Creswell. There were also other companies that attacked Burgundy from the valley of the Loire. They tried to conquer Charlieu as described by Froissart: "if they (the companies) surrounded the castle and attacked it with great strength, then they went to great pains to take it. And the castle was attacked there during one day, but they could not take it, because it was well guarded and well defended by the gentlemen who withdrew here from the surrounding lands."⁶³ The companies did not want to conquer the land but they wanted to maximise their profit. This was well-reflected in their strategy: they used the

⁵⁸ "Chroniques de Froissart", ed. Luce, VI.. 77, Fowler, "Medieval Mercenaries", 88.

⁵⁹ Chérest, "L'Archipêtre", 298.

⁶⁰ Clamat ad Nos Bull of Urban V, Odorico Rinaldi, *Annales Ecclesiastici*. (Cologne, Ioannem Wilhelmum Friessem, 1691), XVI.. 442.

⁶¹ Clamat ad Nos Bull of Urban V Rinaldi, "Annales Ecclesiastici". 442.

⁶² Bastards: Among the captains of the companies several were the illegitimate sons of nobles who pursued a military career and made their own fortune by leading a mercenary company. However, in most cases, their careers were cut short, as when they were captured, they were executed. See Appendix B. in Fowler, "Medieval Mercenaries" 323-325.

⁶³ "Chroniques de Froissart", ed. Luce, VI. 64.

river valleys to infiltrate into a province by focusing on taking the strategically important castles or cities. They endeavoured to control trade routes by land and river, hence the crossing points were of a high value to them. A city with a bridge made it possible for the mercenaries to advance towards both banks of a river. The size of the cities was important: they were successful in taking cities like Brioud, Anse, Auxerre, Pont-Saint-Espirite, each of them with approximately 2000 inhabitants. These cities were big enough to be able to control large areas, sometimes even ones with a territory of up to 60-90 kilometres in diameter. They used them as a base for the *chevauchées*, but it was also the starting point for isolating a big city like Lyon or Avignon in the proximity of their operations. The companies tried but never succeeded in taking a significant metropolis with more than 30 000 inhabitants. But most of the time, their goal was to take a toll on the commercial routes leading in and out of large cities. That is why they chose the castles, or smaller cities that they intended to conquer very carefully. As the companies advanced in the river valleys they occupied castles close enough to each other so as to be able to send aid in the case of a siege. This is exactly what happened at Brignais.

The town of Brignais is situated in a plain, at the entrance to the Garon valley, a tributary of the Rhône. It guarded the route to Lyon from the south-west. The companies marched directly toward Lyon and "robbed the land, kidnapped people for ransom and plundered cities."⁶⁴ They arrived at the same time at the castles of Rive-de-Gier and Brignais.⁶⁵ None of the castles was strongly defended, there were only a few soldiers present, so the companies took both castles without any problems.⁶⁶ The news caused great panic among the citizens of Lyon. Just two months earlier, on 27 January, Guillaume de Treffort, the lieutenant of the bailiff of Mâcon, surveyed the fortifications of Lyon and found them too weak, so he ordered the necessary reinforcements to be carried out.⁶⁷ There were three major gatherings of royal forces at the eastern theatre of the war on mercenaries. Arnaud de Audrehem, the Marshal of France, led an army in Auvergne accompanied by the Spanish forces of Enrique of Trastámara. They led a successful operation against the companies of Perrin Boias, who emptied the fortress of Saugues in the first days of March and joined the companies which had already ravaged Forez, Lyonnaise and Burgundy.⁶⁸ The other group was led by the count of Tancarville,

⁶⁴"Gastant le pays, ranchonnant gens et villes" "Chroniques de Froissart", ed. Luce, VI. 260.

⁶⁵ Frantz Funk-Bertrano, *Les Brigands* (Paris, Librairie Hachette et C^{te}, 1913) 50.

⁶⁶ Guigue, "Les Tard-Venus", 61.

⁶⁷ Archives municipales de Lyon, CC 190. f. 2. v.

⁶⁸ M. Émile Molinier, *Étude sur la Vie d'Arnaud d'Audrehem, Maréchal de France 130.-1370* in: *Mémoires presents par divers Savants a l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres de l'Institut de France, Deuxième série* (Paris, Imprimerie Nationale 1883) Vol. 6. Première Partie, 102.

who gave the order to the nobles of Burgundy to defend the marches of Burgundy and Autunois.⁶⁹ While he, along with Arnaud de Cervole and the royal army gathered from the surrounding provinces (Champagne, Burgundy, Sénonais, Auxerre, and Nivernais) arrived in Lyon rapidly crossing Mâconais and Beaulolais in the middle of March. Here, he joined the troops of Jacques de Bourbon, count of La Marche, who came from Auvergne, Limousin, Provence, Savoy, Dophiné, Forez, and Beaujolais.⁷⁰ It was Jacques de Bourbon who took charge of the operations by becoming the commander of the two armies. The original plan was to wait for the third army of Arnaud de Audrehem and together they planned to challenge the attacking companies. However, before this could happen, the army of Bourbon and Tancarville suffered a crushing defeat when they laid siege to Brignais. We do not know exactly what had happened because we have two detailed but completely contradictory descriptions of the events. One of them was written by Matteo Villani:

Petit Meschin, Having been informed of the disorder in the French camp, ..hurriedly ...arrived unexpectedly above the French camp several hours before daybreak and without a let-up attacked them with great noise and clamour. Taken by surprise, and frightened by the terrible cries, the French lost heart and although they ran for their arms to repulse the enemy, the companies pressed hard upon them that they gave them no time to arm themselves. An army which included so many barons and valiant knights thus had the misfortune to be routed and put to flight, and many were killed and wounded.⁷¹

Jonathan Sumption in his ground-breaking series on the Hundred Years' War accepts Villani's version⁷² because the brief description of another contemporary chronicle, the *Petite Thalamus* coincides with Villani's version, except for the fact that according to *Petite Thalamus*, the attack took place at *None*, that is to say 3. p.m.⁷³

Kenneth Fowler argues that Froissart's version is more detailed and that he is the only one who gives some account of the terrain and the details of the battle. According to Froissart, the companies took up their positions on the top of a hill. Seguin de Badefol was one of the leaders along with Petit Meschin of the Great Companies, while Guyot de Pin and Talebardon served under him. They threw stones at the French, who attacked the mercenaries in three successive waves.⁷⁴ Arnaud de Cervole was one of the captains of the Duke of Bourbon and the leader of the vanguard, and he was captured in the course

⁶⁹ Archives départementales de Côte d'Or, B. 1412. f. 37.v.

⁷⁰ Fowler, "Medieval Mercenaries", 46.

⁷¹ Cronica di Matteo Villani, Libro Decimo, Capitolo XCV. Come la compagnia del Pitetto Meschino sconfisse l'oste del re di Francia a Brignai., in: *Chroniche di Giovanni, Matteo, E Filippo Villani*, (Trieste: Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco 1857), I 362. Fowler, "Medieval Mercenaries", 48.

⁷² Jonathan Sumption, *The Hundred Years War II: Trial by Fire*, e-book edition (London: PENN, 2001), l. (location) 10625.

⁷³ "a hora nona" *Le Petit Thalamus*, f. 106 r. En ligne: <http://thalamus.huma-num.fr/annales-occitanes/annee-1362.html> (consulté le 2 03 2019).

⁷⁴ "Chroniques de Froissart", ed. Luce, VI. 262.

of the battle. In the meantime, the better armed part of the companies, around 5-6 000 men-at-arms, hid themselves behind another hill and waited for the best moment to commence a side attack that took the Royal army by complete surprise.

Thus, as the lord James of Bourbon and the other lords with their banners and pennons before them approached and coasted the said mountain, the worst armed of the companions cast still continually stones at them in such wise that the hardiest of them was driven aback, and thus, as they held them in that estate a great space, the great fresh battle of these companions found a way and came about the mountain well ranged and had their spears of six foot of length, and so came crying with one voice and brake in among the Frenchmen. So at the first meeting they were sore strokes on both parts, and these companions fought so ardently that it was marvel, and caused the Frenchmen to recule back: and there the archpriest like a good knight fought valiantly, but he was taken prisoner by force of arms and sore hurt, and divers other knights and squires of his company.⁷⁵

Either way the battle took place and one element is common in both descriptions: the unexpected appearance of the mercenaries which caught the royal army totally off guard, and as a result the army was completely routed. Their leader, Jacques de Bourbon, the cousin of King John II and his son Pierre, were seriously wounded and died a few days after the battle in Lyon.⁷⁶ Froissart is wrong about the date. He assumed that the battle took place on the Friday after Easter (12 April 1361)⁷⁷, but in fact the exact date happened to be 6 April 1362. The count of Tancarville was released upon giving his word that he would pay his ransom later. In a letter to his page dated 21 April, he indicated the reimbursement of his pages' losses in the battle of Brignais.⁷⁸ Similarly, Arnaud de Cervole had to discuss the figure of his personal debt with the bastard of Monsac, one of his compatriots, by whom he was captured.⁷⁹ Following the battle, the captains received an enormous payment, 100 000 gold florins, and it was agreed that they would follow Enrique of Trastámara to the kingdom of Castile to take revenge on the death of his mother and to regain the throne. Most of the powerful captains, Bertrucat d'Albert, Bérard de Labret de Sainte-Bzeille, Gaciot du Castel, Jehan Aymery, Pierre Montaut, Espiote, Arnaud de Tallebardon, Petit Meschin, the bourc de Breteuil and Jehan Hazenorgue signed the contract and followed Enrique to the west.⁸⁰ However, the captains who decided to stay in the east of France were recruited to serve Burgundy. Burgundy became defenceless hence the companies inflicted such a devastation on that land that even 20 years after the event people had vivid memories of the "men of the

⁷⁵ The Chronicles of Froissart trans: Lord Berners 141.

⁷⁶ Le Petit Thalamus, f. 106 r. En ligne: <http://thalamus.huma-num.fr/Annales-occitanes/annee-1362.html> (consulté le 2 03 2019).

⁷⁷ "Chroniques de Froissart", ed. Luce, VI. 29

⁷⁸ Archives départementales de Côte d'Or, B. 1412. f. 40. r.

⁷⁹ "Chroniques de Froissart", ed. Luce, VI. Sommarie XXVII note 3.

⁸⁰ Nicolas Savy, Bertrucat d'albert: ou le destine d'un captain gascon du roi d'Angleterre pendant la guerre de Cent Ans (Cahors, Archeodrom, 2007) e-book edition I. (location) 1493.

Archpriest and the fire of Guiot du Pin and Taillevardon, who robbed and destroyed the land”⁸¹ in 1362.

ARNAUD DE CERVOLE’S DEEDS FOLLOWING THE BATTLE OF BRIGNAIS, AND THE CONSEQUENCES OF THE BATTLE IN BAR, ALSACE AND LORRAINE

Having regained his liberty, Arnaud de Cervole did not waste his time to find an opportunity to compensate for his losses after the battle as soon as possible. He became an ally of Yolanda of Bar and her husband, Eude, Sire of Grancey, with the aim of invading the Duchy of Bar in the autumn of 1362. Eude, and his wife had a long lasting dispute with Robert of Bar over the fiefdom of Pierropont, which consisted of a fortress and three villages: Beuveil, Doncourt and Han.⁸² This was an important castellan domain in Bar worth risking an all-out war with the duke. It was announced that: “Lord of Grancey entered into an alliance with the chief of the captains and the Bretons and entered the valley of Bourmont with six thousand horses.”⁸³

On 30 November, four spies left the city of Gondrecourt in the direction of Saint-Urban to gather information on the situation of the great company. The duke warned the garrisons, including the one in La Mothe, about the movements of the Great Companies and ordered them to put up resistance to them.⁸⁴ He also recruited some of the captains of the companies: this time at least three of them were at his service: Pierre de Monabo,⁸⁵ Hérard de Champigneulle, and Joffroy de Mellnicourt.⁸⁶ But these captains were of the so called “second rank”⁸⁷, so Robert was basically undermanned. The duke considered the invading army too powerful, and he was also convinced that the objective of Grancey was not to conquer his land but to pillage it and to cause as much damage as possible. So finally he decided to withdraw into his castles and await the passage of the storm. Eude and the Archpriest swiftly overwhelmed the countryside. The seneschal of La Mothe

⁸¹ "Chroniques de Froissart", ed. Luce, VI. XX.

⁸² Victor Servais, *Histoire Politique, Civile Militaire et Ecclésiastique du Duché de Bar*. (Bar-le-Duc: Contant-Laguerre et Cie, 1865). 49.

⁸³ Victor. Servais, "Historie Politique", 131. The army of six thousand horses is certainly far larger than the real size of the attacking company of Arnaud de Cervole, which might have been closer to half of the quoted number.

⁸⁴ Archives de Departementales de la Meuse. B. 2322 Compte de Colin Pallardel f. 114.v.

⁸⁵ Archives de Departementales de la Meuse. B. 2322 Compte de Colin Pallardel f. 112.v.

⁸⁶ Archives de Departementales de la Meuse. B. 2322 Compte de Colin Pallardel f. 110 v.

⁸⁷ Independent Captains of the "second rank" commanded dozens of men at arms, not hundreds. Germain Butaud, *Les compagnies de routiers en France 1357-1393* (Clermont-Ferrand: Lemmeedit, 2012), 57. However, they would join a Great Company for example on a mission. In France the structure of the great companies was more flexible than in Italy.

noted that the English arrived in Bassigny first and later in Saint-Dizier.⁸⁸ The countryside was left to the mercy of the *routiers*, yet this word was non-existent in their vocabulary. Arnaud de Cervole's and Eude's tactics were successful, namely the damage was so unbearable that Robert had to enter into negotiations with them. This fact led to the handing over of the disputed fiefdom of Pierropont to Yolanda of Bar and her husband. Eude became Robert's vassal and he renounced the war against the duke. He stated in his letter that he would not begin any other hostility against Bar, would withdraw the companies and he committed himself to supporting Robert in keeping his power. The document is dated 7 February 1363.⁸⁹

After the disaster of Brignais an immediate reaction to the threat of the winning companies was necessary. The local authorities in Alsace took the imminent threat at their border seriously. Two interrelated treaties are the proof of how vigilant the authorities were: one of them is dated 25 May 1362, just one and a half months after the Battle of Brignais, and it was signed in Colmar, against the "Englander"⁹⁰. A significant part of the Treaty of Colmar is devoted to the punishment of collaborators:

Or those who were dawdling or living here and would be drawn to this above-mentioned company or this wretched people or would support them, those who carried out such cruel deeds and lived such a harmful life and would stay with them and openly or in secret help them with advice or acts and this would turn out to be that person, his lord, his superiors, or the city, whom he belongs to, shall blame and sue him and punish him to the extent that he bonifies this fully and gives satisfaction for it.⁹¹

The other one was lost in the course of the centuries. A transliteration of this treaty of Alliance, which was concluded during the year of 1362 in Metz, was preserved in the *Preuves de l'Histoire de Metz*.⁹² In the Treaty of Metz the allies agreed to deploy 30 lances at their own expense in Alsace to aid the defence of the country. And if the Companies were going to arrive in Alsace they were going to send another 40 lances with the same conditions "to fight from day to day and defend the country in every way as the above said Lords, Cities and Communities desire...when the companies come into Alsace."⁹³

⁸⁸ Archives de Departementales de la Meuse B. 2322 Compte de Colin Pallardel f. 112.v.

⁵¹ Archives départementales de Meurthe-et-Moselle. B.522 f.112.

⁹⁰ Archives municipals de Colmar AA, 48 n. 1., Bischof Johannes von Straßburg, Bischof Johannes von Basel, Bischof Johannes von Gurk, Vertreter der Herzoge von Österreich in Schwaben und Elsaß, der Abt von Murbach, 15 genannte Grafen und Herren (darunter die Brüder Johannes, Ulrich und Bruno von Rappoltstein), ferner die freien Städte Straßburg, Basel und Freiburg, der Unterlandvogt im Elsaß, 11 genannte Reichstädte des Elsaß, endlich der württembergische Vogt zu Reichenweier und Rath und Bürger daselbst schließen gegen die sogenannten Engländer ein Bund, welcher bis zum 25 December 1362 gelten soll, 25 May 1362, Colmar: *Urkundenbuch der Stadt Basel*, ed. Johannes Haller (Basel: 1899), n. 744, p. 570.

⁹¹ Archives municipals de Colmar AA, 48 n. 1.

⁹² *Preuves de l'Histoire de Metz*, ed. Nicolas Tabouillot (Metz: 1775) Vol. 1 196-197.

⁹³ *Preuves de l'Histoire de Metz* ed. Nicolas Tabouillot, 196-197.

Still in the year of the Battle of Brignais, Arnaud de Cervole married one of the wealthiest dames of Burgundy, Jeanne du Châteauvilain, and along with her hand he received the castles of Châteauvilain and Thil.⁹⁴ He became a trusted follower of the first Valois duke of Burgundy, Phillip the Bold. In 1365, he led a crusade toward Hungary to fight off the Turks from the European continent but he was stabbed in the back by a fellow crusader in Burgundy and died in 1366. It is not surprising after all that people rejoiced when they heard about the death of Arnaud de Cervole: “Also, in this year (1366), around Trinity, Sir Arnault de Cervole, called the Archpriest, the knight who had led the great company in the kingdom of France, was killed by the said company, and a lot of people rejoiced...”⁹⁵ because of the Archpriest's heritage of cruelty, which is reflected word for word in the 16th century German mercenary poem interpreted and translated by György Faludy:

We recognise no father, mother,
we cut down every apple tree
and poison every well we find
and serve any master who pays us well.
Without a word, or thought or even
hatred, we guzzle up your wine
and seize and cart away your chattels,
and kidnap, rape and sell your child...
and you must thank us before we go
or we shall brain you by your gate
because we are that shabby lot,
the Germans' infamous mercenaries.⁹⁶

⁹⁴ Chérest, "L'Archipètre", 202.

⁹⁵ "dont moult de genz furent joyeux": Pierre d'Orgemont, "Chronique" II. 18.

⁹⁶ Faludy György, Német Zsoldosdal in "Európai költők Antológiája" ed. Faludy György (Budapest, HáttérKiadó 2018) English translation: https://www.babelmatrix.org/works/hu/Faludy_György-1910/Német_zsoldosdal

ANEXOS

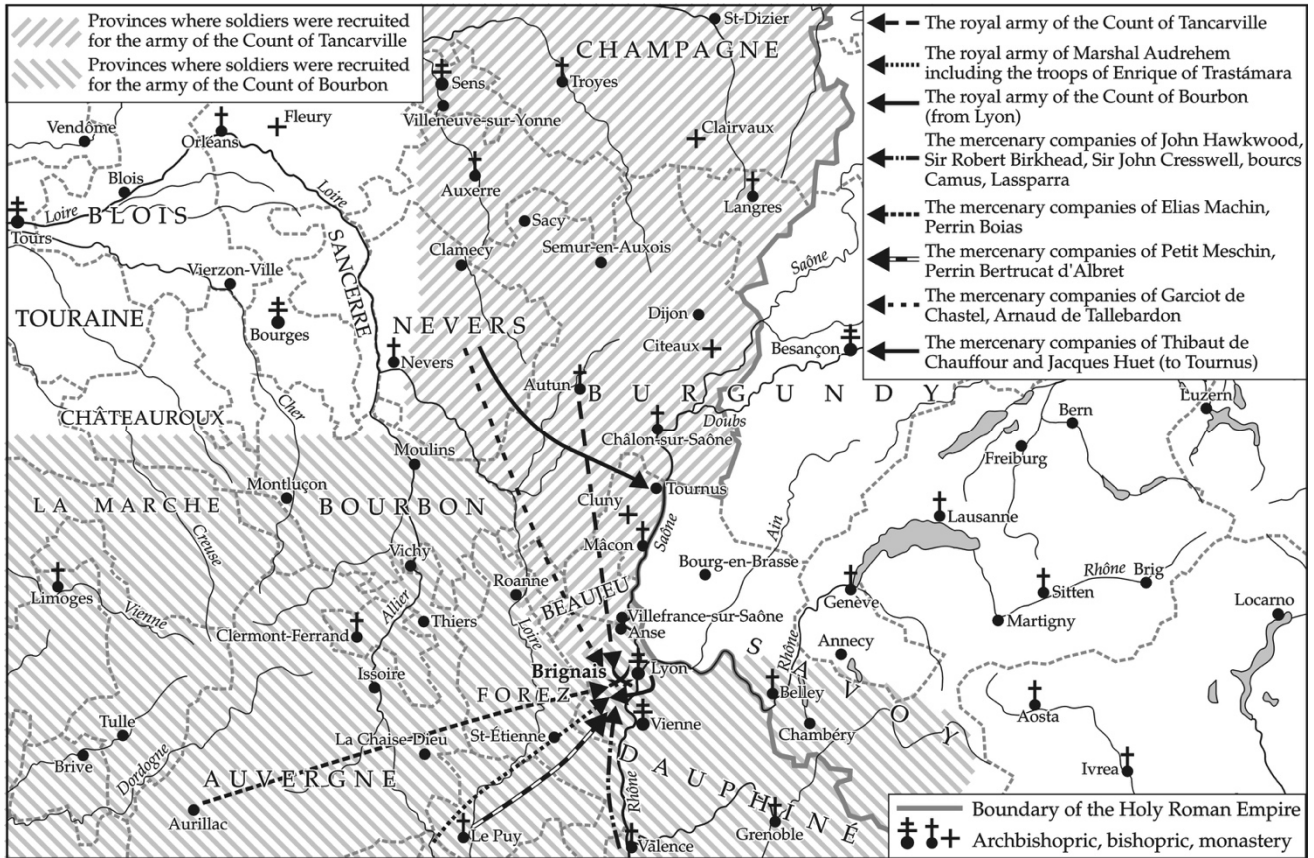


Fig. 1 – Meeting of the royal armies and the mercenary companies at the battle of Brignais.

A rede viária de Trás-os-Montes ao longo de Duzentos

Rúben Filipe Teixeira da Conceição
Universidade do Porto

Resumo

Este trabalho servirá como o ponto de partida da nossa futura dissertação de mestrado, inserido num projeto de maior vulto, que visa a reconstituição da rede viária do Norte de Portugal em meados do século XIII, através da análise das Inquirições Gerais do Reino de 1258, elaboradas no reinado de D. Afonso III (1248-79). Este labor é composto por três processos distintos entre si, mas paralelos na sua execução: em primeiro lugar, a construção de uma base teórica, com recurso a estudos e cartografia local e regional; a criação de uma metodologia de análise da fonte, aperfeiçoada desde a licenciatura e nunca estanque a novos inputs no decorrer da investigação; e na transmissão do conhecimento teórico, através da conversão das informações recolhidas em mapa e a posterior construção de um atlas temático.

Palavras-chave:

Rede viária; região de Trás-os-Montes; século XIII; Inquirições Gerais do Reino de 1258

Abstract

This work will serve as the starting point of our future master's thesis, inserted in a major project, which aims to reconstitute the road network of Northern Portugal in the mid-thirteenth century, through the analysis of the General Inquiries of the Kingdom of 1258, elaborated in the reign of D. Afonso III (1248-79). This study will be composed by three distinct processes, but parallel in its implementation: first, the construction of a theoretical basis, using local and regional studies and cartography; the creation of a methodology of source analysis, refined since our graduate studies and never isolated from new inputs in the course of research; and in the transmission of theoretical knowledge through the conversion of the information collected into cartography and the subsequent construction of a thematic atlas.

Keywords:

Road network; Trás-os-Montes region; XIII century; Inquirições Gerais do Reino de 1258

1. TEMA, PROBLEMAS, OBJETIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

A análise da rede viária medieva é hoje um componente indispensável nos grandes estudos sobre a economia e sociedade medieval, já que as vias serviam de elo entre produtores e consumidores e entre os centros de poder político e as periferias.

Serve o presente estudo para dar a devida atenção a esta temática, enquadrando-se num projeto de longo prazo, cujo objetivo final é reconstituir a rede viária no Norte do Reino de Portugal em meados do século XIII, tendo como fonte de estudo as Inquirições Gerais do Reino de 1258, que tinham como objetivo registar, prioritariamente, o património régio.

Estruturalmente dividimos o projeto em três fases distintas. A primeira, iniciada no decurso da nossa Licenciatura em História, teve como objeto de estudo o Entre-

Cávado-e-Minho, espaço correspondente à primeira alçada das Inquirições Gerais em estudo.¹ Nela se estabeleceu a construção e o apuramento dos métodos de recolha de informação, através da análise do vocabulário utilizado na documentação e do significado que então se atribuía ao conhecimento adquirido sobre o espaço. Paralelamente, levou-se a cabo o tratamento da informação em base de dados e a sua conversão para uma imagem visual, o mapa.

A etapa seguinte está a ser levada a cabo no Mestrado em Estudos Medievais na FLUP, centrando-se na quarta alçada, ou seja, o território de Entre-Douro-e-Tâmega, Bragança e seus termos. Por se tratar de um projeto de mestrado, condicionado à partida pelo tempo disponível para a sua execução, decidimos estudar uma região com significativa individualidade, com um volume controlado de informação em comparação com as demais alçadas, e bem delimitada geograficamente por dois grandes rios – o Douro e o Tâmega.

No final, procurar-se-á aferir quais os impactos das redes de comunicação na organização de um espaço periférico na política geral do Reino - mas indispensável à sua defesa, bem como considerar qual a influência destas nas relações socioeconómicas que se foram desenvolvendo, quer no interior deste espaço, quer entre este e os territórios limítrofes.

Assim, pretendemos apurar os métodos de recolha e tratamento de informação desenvolvidos na fase anterior, além de incluir novas componentes de análise, como a orografia (o estudo do relevo) de forma a melhor compreender a sua influência na construção da rede viária em análise, tendo em conta os locais de passagem naturais, bem como nas formas de convivência das populações locais. Paralelamente, procurar-se-á desenvolver uma análise comparativa entre as antigas vias romanas e as estradas medievais, de forma a perceber se terá havido um decalcar contínuo das primeiras ao longo do tempo, mas também compreender o impacto destas na estruturação da sua área envolvente, e que relações formais ou informais as populações adjacentes teriam com estas.

Numa fase posterior, tentaremos demonstrar o impacto que os caminhos terão tido na organização espacial das estruturas que a si se encontravam agregadas, fossem elas de apoio logístico aos viajantes, pobres ou desprotegidos, nomeadamente as albergarias e pousadas, fossem elas essenciais para o controlo do território, como os

¹ *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo ocativo post Christum usque ad quintum decimum: Inquisitiones*, Vol. I, Fasc. VIII (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1961).

castelos e pontes, analisando os serviços que a estas estavam associados e o seu impacto na estruturação da área envolvente.

Por último, intentaremos estudar que relações (in)formais se estabeleciam entre as vias e os assentamentos populacionais, bem como o impacto destes no espaço envolvente, procurando averiguar a continuidade temporal, ou não, das populações num território de constantes mutações, fossem elas impostas por fatores ambientais, como a pobreza dos solos, ou fossem motivadas por fatores humanos, como a guerra. Esta análise será realizada através da comparação das informações recolhidas na fonte em exame com outras posteriores no tempo, mas similares no seu propósito, como, por exemplo, as Inquirições Gerais do Reino ou o Rol de Igrejas, ambas elaboradas no reinado de D. Dinis (1279-1325).²

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Relativamente à bibliografia de base, foram mais de 60 as obras recolhidas num primeiro momento, destacando-se o já “clássico” trabalho de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que incide sobre as vias medievais do Entre-Douro-e-Minho³ e os diversos estudos acerca dos itinerários régios, publicados na segunda metade do século XX. Contudo, as reconstituições destes últimos baseiam-se apenas nos locais de emissão da documentação régia, o que não é suficientemente rigoroso quando comparado com os nossos propósitos, visto que pretendemos uma reconstituição dos caminhos até à escala microtoponímia.

De forma a ultrapassar estas lacunas, os estudos mais recentes, quer de âmbito local quer regional, têm recorrido à Arqueologia e à Geografia, como forma de identificar

² Segundo Bernardo de Vasconcelos e Sousa, a compilação deste documento foi ordenada por D. Dinis (1279-1325), no “(...) qual se fixava a importância que o mesmo monarca deveria recolher das rendas eclesiásticas para fins militares, de acordo com a concessão que lhe fizera o papa João XXII.” in Bernardo de Vasconcelos e Sousa, “Idade Média (séculos XI-XV),” in Rui Ramos, Bernardo de Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro (coord.) - *História de Portugal*, p.80 (Lisboa: A esfera dos Livros, 2009). A mais recente edição deste texto medieval – a par de outros - é de 2012, em Stéphane Boisselier (ed.), *La construction administrative d'un royaume: registres de bénéfiques ecclésiastiques portugais (XIII-XIVe siècles)*, Prefácio de José Mattoso, (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa - Faculdade de Teologia - Centro de Estudos de História Religiosa, 2012).

³ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, “Vias Medievais Entre Douro e Minho” (Tese de Licenciatura em História, FLUP, 1968).

os possíveis percursos existentes e a sua relação com aspetos demográficos, económicos e sociais, como bem documentam vários trabalhos de Iria Gonçalves.⁴

No que toca à temática dos caminhos *per si*, tem-se procedido à recolha de obras versadas sobre as vias romanas e medievais implantadas no atual território português. Quanto às primeiras, é imperativo referir os nomes de Carlos Alberto Brochado de Almeida e de Jorge Alarcão (para a década de 1980), bem como de Lino Tavares Dias e Vasco Gil Mantas (nas décadas subsequentes).⁵ Chame-se a atenção para um dos recentes trabalhos de Jorge Alarcão, editado em 2018⁶, onde analisa vários aspetos das antigas províncias romanas – que atualmente, correspondem, *grosso modo*, a Portugal –, desde a implantação deste povo na Península Ibérica (a partir do século II a.C.) até ao domínio Suevo do noroeste peninsular (século VI d.C.).

Paralelamente, os estudos referentes às vias medievais apresentam dinâmicas diferentes, pois são escassos aqueles redigidos anteriormente ao ano 2000, onde se destaca o já referido trabalho de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, verificando-se o cenário oposto no novo milénio, com vários artigos e teses a serem apresentadas à comunidade científica. Apesar de não serem orientadas para o território em análise, trabalhos e dissertações como as de Helena Romão Monteiro e de Pedro Gonçalves Ferreira, por exemplo, que se focam nas estradas em geral (e nas suas estruturas), como fatores estruturantes do território onde se inserem, podem apresentar relevantes pontos de comparação com a nossa região.⁷

⁴ Desta investigadora, referimos: Iria Gonçalves, “Privilégios de estalajadeiros portugueses (séculos XIV e XV)”, in *Imagens do mundo medieval*, 143-155 (Lisboa: Livros Horizonte, 1988); Idem, *À mesa nas terras de Alcobaça em finais da Idade Média* (Maia: DGPC/Mosteiro de Alcobaça, 2017); Idem, “Para o estudo da percepção do espaço nos finais da Idade Média: a identificação da rede viária na Beira Interior”, in *Paisagens Rurais e Urbanas: fontes, metodologias, problemáticas*, 163-182 (Lisboa: CEH/FCSH-UNL, 2013); Idem, *Por Terras de Entre-Douro-e-Minho com as Inquirições de D. Afonso III* (Porto: CITCEM/ Edições Afrontamento, 2011).

⁵ Jorge Alarcão, *O domínio romano em Portugal* (Mem Martins: Publicações Europa América, 1988); Idem, *Portugal Romano* (Lisboa: Editora Verbo, 1987); Idem, *Roman Portugal Gazetteer: inventário* (Warminster: Aris & Phillips, 1988); Carlos Alberto Brochado de Almeida, “A rede viária do Conventus Bracaraugustanus - Via Bracara Asturicam Quarta,” *Mínia* (1979) 61-163; Idem, “Via Veteris, antiga via romana?”, *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular* Guimarães (1980); Lino Tavares Dias, “Contributo para o reconhecimento de «Estratigrafia» na paisagem da bacia do Douro. O caso do território entre Marão, Montemuro, Sousa, Tâmega e Douro,” *CEM - Cultura, Espaço & Memória*, no. 4 (2013) 177-190; Vasco Gil Mantas, “A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga” (Tese de Doutoramento em Letras (Pré-História e Arqueologia), FLUC, 1996).

⁶ Jorge Alarcão, *A Lusitânia e a Galécia – do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).

⁷ Félix Alves Pereira, “Pontes Medievais nos Arcos de Valdevez,” *Portucale: revista de cultura*, (1928): 148-156; Elisa Ferreira Priegue, *Los caminos medievales de Galicia* (Ourense: Museo Arqueológico Provincial, 1988); Amândio Morais Barros e Susana Pacheco Barros, “Caminhos e devoções: viajar no Douro medieval e moderno,” in *Douro: estudos & documentos* 6, no. 11

Incindindo apenas no território de Trás-os-Montes, surgem, por exemplo, o artigo conjunto de Manuel Sílvio Conde e de Marina Afonso Vieira (2013), que aborda a rede viária deste espaço no início de Quinhentos,⁸ e a tese elaborada por Fernanda Maurício,⁹ que se reveste da maior importância para esta investigação, no sentido de ser o estudo de maior relevo para o tempo e espaço em análise.

Quanto a estudos regionais, embora não tenham como objetivo principal a análise dos caminhos medievais, é possível encontrar neles um grande número de referências a vias, seja em curtas alusões como consequência de temáticas mais abrangentes, como as redes comerciais ou a assistência aos viajantes, seja em artigos ou capítulos especializados, seja em obras de maior envergadura, como as teses de mestrado e de doutoramento, onde se destacam, entre outras, as de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Maria Helena da Cruz Coelho ou de José Marques.¹⁰

São ainda incontornáveis os estudos de Suzanne Daveau e de Júlia Galego, tal como os de João Carlos Garcia e José Marques, no que diz respeito ao estudo de fontes cartográficas, além dos trabalhos de José Mattoso, Aristides de Amorim Girão, Orlando

(2001): 181-195; Helena Patrícia Romão Monteiro, “A estrada da Beira: reconstituição de um traçado medieval” (Tese de Mestrado em História Medieval, FCSH-UNL, 2012); João Maia Romão, “No encaço do passo do Homem medieval as vias de comunicação do antigo termo e atual concelho de Tomar” (Tese de Mestrado em Arqueologia, FCSH-UNL, 2012); Nuno Resende, “Pontes e vias medievais a sul do Douro na região de Montemuro: as primeiras questões,” *Douro: vinho, história & património*, no.3 (2014): 205-232; Pedro Ricardo Gonçalves Ferreira, “Os caminhos da estrutura do território do Baixo Ave” (Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura, FAUP, 2016); Francisco Monteiro Faure, “Viajar no Tempo de D. Afonso Henriques. Vias e Pontes no território vimarenense,” in *No tempo de D. Afonso Henriques: reflexões sobre o primeiro século português*, (Porto: CITCEM, 2017): 303-357.

⁸ Manuel Sílvio Alves Conde e Marina Afonso Vieira, “Elementos para o estudo da rede viária de Trás-os-Montes no início de Quinhentos,” in *Paisagens Rurais e Urbanas: fontes, metodologias, problemáticas*, 67-97 (Lisboa: CEH/FCSH-UNL, 2013).

⁹ Maria Fernanda Maurício, *Entre Douro e Tâmega e as Inquirições Afonsinas e Dionisinas* (Lisboa: Edições Colibri, 1997).

¹⁰ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, “Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho: desde as origens a 1220” (Tese de Doutoramento em História de Arte, FLUP, 1978); Maria Helena da Cruz Coelho e Maria José Azevedo, *Cartas de feira de Bragança: sécs. XIII-XV* (Bragança: Câmara Municipal de Bragança, 1993); Marco António da Silva Costa, “Date et dabitur vobis: aspectos cristãos na Assistência Medieval Portuguesa” (Tese de Mestrado do Curso Integrado de História Medieval e do Renascimento, FLUP, 2008); Elisa Ferreira Priegue, *Galicia en el comercio marítimo medieval* (La Coruña: Fundación Pedro Barrie de la Maza, 1988); Isabel Vaz Freitas, *Mercadores Entre Portugal e Castela na Idade Média* (Gijón: Trea, 2006); António Elias Gradíssimo, “Macedo de Cavaleiros na Idade Média: a região, as famílias e os homens (séc. XIII a 1325)” (Tese de Mestrado em História Medieval, FLUP, 2014); José Marques e Maria Cristina Cunha, “Povoamento e organização social e eclesiástica: a igreja na fronteira de Trás-os-Montes e de Riba Côa,” *Brigantia: revista de cultura* (2010/11); José Mattoso, *Identificação de um País: oposição-composição. Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)* (Lisboa: Temas e Debates, 2015); Maria José Mendes da Costa Ferreira dos Santos, “A terra de Penafiel na Idade Média: estratégias de ocupação do território (875-1308)” (Tese de Mestrado em Arqueologia, FLUP, 2003); Leonardo Manuel Cabral da Silva, “Arquitetura das estruturas de assistência no Norte de Portugal: (século XII a XVI)” (Tese de Mestrado em Arqueologia, FLUP, 2017).

Ribeiro e Hermann Lautensach relativos à estruturação e às componentes do território.¹¹ No que concerne à identificação dos topónimos, torna-se imperativo o recurso a corografias, dicionários e outros documentos, com o objetivo de confirmar a correta georreferenciação dos pontos em base de dados, de forma a apresentar resultados concretos e sem margem de erro.¹²

3. FONTES – O ESTUDO DAS INQUIRIÇÕES

É necessário recuar, pelo menos até ao século XIX, para encontramos os primeiros trabalhos que recaem sobre as Inquirições Gerais do Reino: “As Memórias para a História das Inquirições dos Primeiros Reinados de Portugal” (1815), obra dirigida por João Pedro Ribeiro¹³ e a transcrição dos manuscritos e a sua inclusão nos “Portugaliae Monumenta Historica”, tarefa essa inicialmente levada a cabo por Alexandre Herculano,¹⁴ esforço que tem perdurado até aos nossos dias, com a mais

¹¹ Suzanne Daveau, “Contribuição para uma colectânea de antigas descrições geográficas da Lousã,” *Jornadas de cultura e turismo* (17 de Julho de 1988); Júlia Galego, *Os itinerários de D. Dinis, D. Pedro e D. Fernando: interpretação gráfica* (Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988); Júlia Galego e Suzanne Daveau, *O numeramento de 1527-1532: tratamento cartográfico* (Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1986); João Carlos Garcia, *Inventário de interpretações cartográficas de fontes medievais portuguesas* (Lisboa: Centro de Estudos Geográficos/INIC, 1985); José Marques, “Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra: 1417-1467,” *Revista de História*, no.1 (1978): 89-187; José Mattoso, Duarte Belo e Suzanne Daveau, *Portugal: o sabor da terra: um retrato histórico e geográfico por regiões* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2011); Aristides de Amorim Girão, *Geografia de Portugal* (Porto: Portucalense Editora, 1949-51); Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, *Geografia de Portugal* (Lisboa: Edições Sá da Costa, 1991), IV vols.

¹² José Viriato Capela, *As freguesias do distrito de Bragança nas memórias paroquiais de 1758: memórias, história e património* (Braga: Universidade do Minho, 2007); Idem, *As freguesias do distrito de Vila Real nas memórias paroquiais de 1758: memórias, história e património* (Braga: Universidade do Minho, 2006); Idem, *As freguesias do distrito do Porto nas memórias paroquiais de 1758: memórias, história e património* (Braga: Universidade do Minho, 2009); Américo Costa, *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular* (Porto: Tipografia Domingos Oliveira, 1929-49); André Evangelista Marques, “Itinerários de uma unidade de organização social do espaço: o casal e o processo de senhoriação do Entre-Douro-e-Lima: (906-1200),” in *Paisagens Rurais e Urbanas: fontes, metodologias, problemáticas*, 167-207 (Lisboa: CEH/FCSH-UNL, 2008); A. Botelho da Costa Veiga, “Corografia militar do Noroeste de Portugal em 1220-1258; Análise da tradição e da polémica de Ourique,” in *Estudos de história militar portuguesa*. vol. I (Lisboa, 1936); Joaquim de Santa Rosa de Viterbo - *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram* (Lisboa: Livraria Civilização, 1966).

¹³ João Pedro Ribeiro (org.), *Memórias para a História das Inquirições dos primeiros Reinados de Portugal colligidas pelos discipulos da Aula de Diplomatica no anno de 1814 para 1815 debaixo da direcção dos Lentos Proprietário, e Substituto da mesma Aula* (Lisboa: Imprensa Régia, 1815).

¹⁴ *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo ocativo post Christum usque ad quintum decimum: Inquisitiones*, Vol. I, Parte I e Parte II (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1977).

recente edição das Inquirições Gerais de D. Dinis de 1288 por José Augusto de Sottomayor-Pizarro.¹⁵

Desde a década de oitenta, a transcrição destes textos únicos tem vindo a ser acompanhada por um crescendo na sua utilização por parte de investigadores interessados na análise do regime de propriedade ou nas disputas entre os poderes eclesiásticos e laicos do Portugal medieval, resultando assim numa longa lista de estudos temáticos (muitas vezes parcelares).¹⁶ Paralelamente, entre 2004 e 2008, foi levado a cabo um projeto de maior envergadura, intitulado de *Regnum Regis*, que, com base nas Inquirições de D. Afonso II, procurou produzir conhecimento científico de forma a:

“(...) esclarecer um vasto conjunto de problemáticas decisivas para o conhecimento da realidade histórica portuguesa, como sejam as modalidades de povoamento, os comportamentos demográficos, os regimes de propriedade, os elementos ordenadores da ocupação do território (castelos, templos, paços e cercas amuralhadas), o exercício das justiças (comunitárias, senhoriais, régias), os modelos de fiscalidade, a diferenciação social, as marcas dos quotidianos rurais e urbanos, os sistemas de toponímia e

¹⁵ *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo ocativo post Christum usque ad quintum decimum. Nova Série. Inquisitiones. Volume III – Inquirições do Reinado de D. Dinis. Inquirições de 1284.* Introdução, leitura e índices por José Augusto de Sottomayor-Pizarro (Lisboa, Academia das Ciências, 2007); *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo ocativo post Christum usque ad quintum decimum. Nova Série. Inquisitiones. Volume IV/1 – Inquirições do Reinado de D. Dinis. Inquirições de 1288, Sentenças de 1290 e execuções de 1291.* Introdução, leitura e índices por José Augusto de Sottomayor-Pizarro (Lisboa, Academia das Ciências, 2012); *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo ocativo post Christum usque ad quintum decimum. Nova Série. Inquisitiones. Volume IV/2 – Inquirições do Reinado de D. Dinis. Inquirições de 1288, Sentenças de 1290 e execuções de 1290.* Editado por José Augusto de Sottomayor-Pizarro (Lisboa, Academia das Ciências, 2015).

¹⁶ Apresentam-se alguns dos trabalhos quem têm como base as diferentes Inquirições Gerais do Reino: Amélia Aguiar de Andrade, “Vilas, poder régio e fronteira: o exemplo do Entre Lima e Minho medieval” (Tese de Doutoramento em História da Idade Média, FCSH-UNL, 1994); Idem, *A Construção Medieval do Território* (Lisboa: Livros Horizonte, 2001); Amélia Aguiar de Andrade e José Luís Fontes, *Inquirir na Idade Média: Espaços, protagonistas e poderes (séculos XII-XIV) – Tributo a Luís Krus* (Lisboa: IEM - Instituto de Estudos Medievais, 2015); Hugo Nuno Barcelos, “Os julgados de Lanhoso, São João de Rei e Vieira em meados do século XIII. O testemunho das Inquirições de 1258” (Tese de Mestrado em História Medieval, FCSH-UNL, 2013); Maria Helena da Cruz Coelho, “A terra e os homens da Nóbrega no século XIII,” in *Homens, espaços e poderes. Séculos XI-XVI*, 170-198 (Lisboa: Livros Horizonte, 1990); Idem, “A acção régia de D. Afonso III e de D. Dinis em Caminha,” in *Homens, espaços e poderes. Séculos XI-XVI*, 199-237 (Lisboa: Livros Horizonte, 1990); António Castro Henriques, “O rei e a terra do Barroso. Montanha, periferia e poder régio. Séculos XII-XIV” (Tese de Mestrado em História Medieval, FCSH-UNL, 2003); Luís Krus, “Escrita e Poder: as Inquirições de Afonso III,” in *Estudos Medievais*, no. 1 (1981): 59-79; José Mattoso, Luís Krus e Amélia Aguiar de Andrade, *O castelo e a feira: a terra de Santa Maria nos séculos XI a XIII*. (Lisboa: Editorial Estampa, 1989); José Mattoso, Luís Krus e Olga Bettencourt, “As Inquirições de 1258 como fonte de história da nobreza – o julgado de Aguiar de Sousa,” in *Revista de História Económica e Social*, no. 9 (1982): 17-45; José Augusto de Sottomayor-Pizarro, “As inquirições medievais portuguesas (séculos XIII-XIV): fonte para o estudo da nobreza e memória arqueológica: breves apontamentos,” in *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, no.12 (2013): 275-292; Carmen Dolores Silva, “Povoamento e organização de um território transmontano: o Julgado de Panoias nas Inquirições régias de 1258” (Tese de Mestrado em História Medieval e do Renascimento, FLUP, 2012).

antroponímia e o valor da escrita, do registo e do arquivo na defesa dos direitos e dos deveres político-sociais, para além de uma melhor compreensão do funcionamento das estratégias de afirmação local e regional do poder régio, bem como das tensões existentes entre centralização, senhorialismo e feudalidade.”¹⁷

Tendo em mente as potencialidades da fonte em questão, o presente estudo tem procurado, como anteriormente referido, focar nas vias como o ponto de partida para a análise do espaço, e não o oposto. O porquê da escolha das Inquirições de 1258 deve-se à importância do reinado de D. Afonso III, no contexto da construção de um poder centralizado na Coroa, com capacidade para moldar a sociedade segundo determinadas diretrizes. Tendo isto em conta, as Inquirições constituíram-se como uma importante ferramenta para se atingir este objetivo.

4. METODOLOGIA

Por se pretender dar a conhecer a rede viária de um espaço tão vasto como o de Trás-os-Montes, a cartografia é a ferramenta essencial para se cumprir esse objetivo, sendo a construção de uma base de dados fundamental para a prossecução do estudo.

Esta encontra-se dividida em três tabelas,¹⁸ sendo a primeira respeitante à organização administrativa do território (fig. 1), onde através do arrolamento de todas as paróquias, pretende-se avaliar o seu enquadramento no espaço, nomeadamente das suas igrejas, pontos que agregavam em si diferentes gentes e comunidades e, sobretudo, o assentamento destas relativamente às vias de comunicação, bem como ainda retirar as devidas ilações quanto à sua evolução no tempo.

Para a análise das vias romanas, sobretudo no que diz respeito à conservação destes circuitos, optou-se pela construção de uma segunda tabela (fig. 2), onde se irá identificar e georreferenciar os pontos no espaço que as compunham, através do cruzamento de dados.

De maior complexidade, a terceira tabela (fig. 3) tem em si registadas todas as referências recolhidas da fonte, estando estas divididas em três categorias, nomeadamente em «Caminho», «Estrutura» e «Passagem». O objetivo será, no final do

¹⁷ “Regnum Regis – As inquirições de 1220 e a génese da memória documental do reino medieval português”, *IEM/FCSH-NOVA*, <http://iem.fcsh.unl.pt/section.aspx?kind=outros&id=258> (Consultado Agosto 16, 2019).

¹⁸ Estas foram elaboradas no decorrer do estudo da 1ª alçada das Inquirições Gerais do Reino de 1258, referente ao Entre-Cávado-e-Minho. Os resultados da sua análise estão plasmados em Rúben Filipe Teixeira da Conceição, “«*Quo Vadis?*»: pelos caminhos do Entre-Cávado-e-Minho nas Inquirições Gerais de 1258,” in *Omni Tempore: atas dos Encontros da Primavera 2018*. (2019): 163-197.

projeto, reunir numa só base de dados as informações para todo o Norte de Portugal, como já se referiu anteriormente. Quanto à primeira classe, as informações adstritas a esta referem-se exclusivamente a vias construídas ou por construir, distinguindo-se as referências a vias de âmbito regional como «caminhos primários», nomeadamente *estrada, rua e via pública*, e aquelas a um nível mais local como «caminhos secundários», sobretudo as menções a *caminho, carreira e vereda*.

Relativamente à categoria «Estrutura», esta engloba todas as referências ao serviço de aposentadoria a que o Rei, os oficiais régios e os nobres detinham; às questões de assistência, nomeadamente com a identificação dos mosteiros e igrejas do território em estudo, onde se acentua o papel caritativo destas comunidades; às informações relativas a questões militares, em especial os serviços a serem prestados pelas populações locais à Coroa, como a anúduva no que toca à manutenção dos castelos e a outras componentes do sistema defensivo, e o apelido, no que se refere à guarda de pontos estratégicos; as menções a portagens, muitas vezes associadas a pontes e barcas, importantes locais para o estudo das vias, pois indicavam, por norma, os locais onde eram cobrados os impostos sobre a circulação; incluem-se ainda outros serviços, como as tavernas, locais de ócio e de convívio.

Por último, a categoria «Passagem», onde se enquadram todos os pontos terrestres e fluviais, naturais ou construídos pela ação humana, como é o caso das já referidas pontes e barcas. Estes são de extrema relevância para este estudo, porque em territórios marcados por declives acentuados e de grandes obstáculos naturais, que ditavam a ocupação do espaço, o Homem foi sempre impelido a optar pelas soluções de menor dificuldade, permitindo assim uma maior facilidade nas relações entre diferentes comunidades. Por serem locais de circulação inata, estes pontos do território causavam grandes alarmismos no que concerne à sua defesa contra forças exteriores, o que conseqüente levou, de forma legal ou oficiosa, e de maneira mais ténue ou em força, ao estabelecimento de relações entre os poderes locais e regionais com o poder institucional.

Finalizada a base de dados, será possível converter a informação em imagem gráfica, o que permitirá retirar as conclusões necessárias nas diversas temáticas em estudo.

Como exemplo do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, refiram-se dois mapas (fig. 4 e 5), elaborados em parceria com o Serviço de Infografia da FLUP, em diferentes tempos, referentes ao sistema defensivo do Entre-Cávado-e-Minho em 1258, onde é possível verificar a evolução dos métodos de tratamento dos dados, sendo as

principais diferenças a inclusão da hipsometria e da rede fluvial secundária, o que permite avaliar com maior rigor o impacto das estruturas militares no território.

Outro ponto a considerar é a diferenciação entre castelos e pontos de defesa, o que possibilita dissertar acerca da divisão espacial destas referências, sendo que no caso em análise, a maior parte das estruturas a situarem-se a oeste do rio Vez e a sul do rio Lima, a cotas mais baixas e em espaços mais amplos, enquanto para leste deste espaço predominavam os «pontos de defesa», lugares de passagem, por norma mais estreitos, que limitavam a mobilidade de contingentes militares invasores, permitindo uma defesa mais eficaz.

Quanto à variante «cor», a sua adição veio permitir demonstrar, visualmente, o que podemos apelidar de «linhas de defesa», nomeadamente quatro no exemplo dado. Além da distinção gráfica das referências, optou-se por retirar do mapa elementos que pudessem causar *ruído* visual, como por exemplo os «outros sítios considerados», otimizando a análise do mapa por parte do leitor.

5. ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TRABALHO FINAL

Por se tratar de um projeto de mestrado ainda na sua fase inicial, a construção de uma estrutura provisória apresenta-se como um desafio, que, em larga medida, até pode vir a ser benéfico na estruturação do que se pretende trazer a público na defesa da tese.

Introdução

1. Estado da arte e metodologia
2. O território do Entre-Douro-e-Tâmega
 - a. O espaço
 - b. O povoamento
3. A rede viária no Entre-Douro-e-Tâmega ao longo de Duzentos
 - a. Os antecedentes viários
 - b. Os caminhos
 - c. Os pontos de passagem
 - d. As estruturas
4. Considerações Finais

Anexos

Fontes e Bibliografia

Para além do Estado da Arte e da Metodologia a ser seguida, que já tiveram o seu espaço neste breve texto, a nossa futura dissertação será dividida em dois grandes capítulos. No primeiro, provisoriamente intitulado de “*O território do Entre-Douro-e-Tâmega*”, procurar-se-á introduzir uma análise geográfica, desde os espaços ribeirinhos dos rios Douro e Tâmega até ao extenso planalto transmontano, além de se pretender demonstrar o impacto da imponente serra do Marão, que divide o espaço em análise em

duas regiões distintas, mas que apesar dos acidentes geográficos, tentar-se-á demonstrar que nunca estiveram desconexas. Igualmente importante será a abordagem ao povoamento num território de contrastes, os quais serão alvo de análise, de forma a se entender que impactos tiveram na organização do espaço a vários níveis: religioso, civil e militar.

Relativamente ao segundo capítulo, previamente denominado de “*A rede viária no Entre-Douro-e-Tâmega*”, será realizada uma primeira análise aos seus antecedentes, nomeadamente as estradas romanas, com recurso à Arqueologia. No que diz respeito aos restantes pontos deste capítulo, seguir-se-á a metodologia já abordada anteriormente de forma a «desconstruir» a fonte. O tratamento dos dados e a sua conversão em mapa permitirão analisar, de forma individual, cada tipologia.

O objetivo final deste exercício será a construção de um mapa que congregue em si as principais componentes da rede viária para o espaço e tempo em análise, procurando-se entender de que forma os caminhos influenciaram as dinâmicas no interior deste território e as relações deste com o exterior, seja dentro do Reino de Portugal ou com o espaço castelhano-leonês.

ANEXOS

IDENTIFICADORES				ESTATUTOS			
Registo (n)	ID Freguesia 1258	Freguesia (cod)	Freguesia 1258	Estatuto (1258)	Estatuto (1258) (cod)	Inquirido	Georreferenciado
1	FREG 1	1	Sancti Gees	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
2	FREG 2	2	Sancta Ovaya de Cabanelas	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
3	FREG 3	3	Sancte Marine de Oleiros	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
4	FREG 4	4	Sancti Salvatoris de Parada	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
5	FREG 5	5	Freiriz	Couto	99	Foi inquirido	Georreferenciado
6	FREG 6	6	Sancti Salvatoris de Cervaes	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
7	FREG 7	7	Sancti Romani da Ucha	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
8	FREG 8	8	Sancte Ecolie de Ulveira	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
9	FREG 9	9	Sancto Salvatore de Sandim	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
10	FREG 10	10	Sancti Martini de Galletibus	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
11	FREG 11	11	Sancte Marie de Galletibus	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
12	FREG 12	12	Sancti Michaelis de Rooriz	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
13	FREG 13	13	Couto Sancti Martini de Magnente	Couto	99	Foi inquirido	Georreferenciado
14	FREG 14	14	Sancte Marine de Aleyra	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
15	FREG 15	15	Sancti Salvatoris de Gizo	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
16	FREG 16	16	Sancti Salvatoris de Quiraz	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
17	FREG 17	17	Sancti Fiz de Tamial	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
18	FREG 18	18	Sancte Marie de Abbate	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
19	FREG 19	19	Sancti Martini et Sancti Simeones de Villa Fiscaina	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
20	FREG 20	20	Sancte Marie de Barcelos	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
21	FREG 21	21	Sancti Salvatoris de Vilar do Monte	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
22	FREG 22	22	Sancte Ovaye de Palmeira	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
23	FREG 23	23	Sancto Croyo de Curvus	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
24	FREG 24	24	Sancti Michaelis de Julmezes	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado
25	FREG 25	25	Sancti Michaelis de Zopaes	Paróquia	2	Foi inquirido	Georreferenciado

Fig. 1 - Tabela respeitante à organização administrativa do território, com o arrolamento das paróquias recolhidas da fonte. Pretende-se, entre vários objetivos, avaliar o enquadramento destas no espaço e, numa etapa posterior, a evolução do povoamento até aos nossos dias.

IDENTIFICADORES		IDENTIFICADORES		CRONOLOGIA DE VIA		
ID Via	Via	Ramo	Roman	Suev	Medieva	
VIA 2	Via XVIII	Via XVIII (por Âncede)	1	1	1	
VIA 3	Via XVIII	Via XVIII (por Stª Marta)	1	1	1	
VIA 4	Via XIX	Via XIX	1	1	1	
VIA 5	Via XIX	Via XIX (por Romarigães)	1	1	1	
VIA 6	Via XIX	Via XIX (por Goães)	0	1	1	
VIA 7	Via XX	Via XX (por Anhel)	1	1	1	
VIA 8	Via XX	Via XX (por Facha para P. Lima)	1	1	1	
VIA 9	Via XX	Via XX (por Facha para Valença)	1	1	1	
VIA 10	Via Veteris	Via Veteris (Esposende-Viana-Caminha)	1	1	1	
VIA 11	Via Veteris	Via Veteris (para Caminha, via Lanheses)	1	1	1	
VIA 12	Via Veteris	Via Veteris (para Caminha, via Torre)	1	1	1	
VIA 13	Via Veteris	Via Veteris (para Viana do Castelo)	1	1	1	
VIA 14	Via Veteris	Via Veteris (para o Lima)	1	1	1	
VIA 15	Ligação Caminha - Valença	Ligação Caminha - Valença	1	1	1	
VIA 16	Ligação Mina Monte Furado - Lovelhe (Cerveira)	Ligação Mina Monte Furado - Lovelhe (Cerveira)	1	1	1	

Fig. 2 – Parte do levantamento referente às vias romanas no Entre-Cávado-e-Minho. Fonte: <http://viasromanas.pt/> (Consultado Novembro 06, 2019).

IDENTIFICADORES					ONDE					
Registo (n)	ID Pnt	WIP	Mov. Pendular	Ponto (designação)	Freguesia	Município	Sítio (Tipologia)	Onomástica	RefTop Tipologia (geral)	RefTop Tipologia (qualitativo)
1	PNT 285	x	-	[do Linar]	0	0	Passagem	Toponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
2	PNT 481	x	-	[Carrera]	0	0	Caminho	Toponímia	Estrutura Terrestre	Via
3	PNT 396	-	-	Cervães, Vila Verde	167449,4368	514468,8789	Passagem	Toponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
4	PNT 396	-	-	Cervães, Vila Verde	167449,4368	514468,8789	Passagem	Toponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
5	PNT 420	x	-	[Quintá]	0	0	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
6	PNT 482	x	-	[Quintá]	0	0	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
7	PNT 292	-	-	Cabaneias, Vila Verde	169879,1207	512082,9145	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
8	PNT 484	x	-	[Martinus de Portela]	0	0	Passagem	Antroponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
9	PNT 484	x	-	[Martinus de Portela]	0	0	Passagem	Antroponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
10	PNT 274	-	-	Oleiros	170269,6363	515063,8785	Caminho	Toponímia	Estrutura Terrestre	Via
11	PNT 485	-	-	Oleiros, Vila Verde (1)	170229,3544	515759,9012	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
12	PNT 485	-	-	Oleiros, Vila Verde (1)	170229,3544	515759,9012	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
13	PNT 599	?	-	[Carreira]	0	0	Caminho	Toponímia	Estrutura Terrestre	Via
14	PNT 612	-	-	Vales, Escariz, Vila Verde	166917,6944	518388,8313	Passagem	Toponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
15	PNT 486	x	-	[Vereas]	0	0	Caminho	Toponímia	Estrutura Terrestre	Via
16	PNT 427	-	419	Valença	157155,5038	562555,5117	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Guerra
17	PNT 597	x	-	[de Petro Froiaz]	0	0	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
18	PNT 598	x	-	[de Martino Trastmiriz]	0	0	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
19	PNT 622	x	-	Portela	0	0	Passagem	Toponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
20	PNT 427	-	420	Valença	157155,5038	562555,5117	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Guerra
21	PNT 488	-	-	Bouça, Cervães, Vila Verde	166298,6989	513349,8813	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
22	PNT 632	x	-	Porto	0	0	Passagem	Toponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
23	PNT 491	-	-	Pousada, Roriz, Barcelos	163235,2974	512563,6148	Estrutura	Antroponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
24	PNT 489	-	-	Portela, Galegos (Santa Maria), Barcelos	162668,0431	510083,286	Passagem	Antroponímia	Ponto de Passagem	Terrestre
25	PNT 490	x	-	[Pousa]	0	0	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
26	PNT 491	-	-	Pousada, Roriz, Barcelos	163235,2974	512563,6148	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria
27	PNT 77	-	-	Manhente	163164,4199	508417,9042	Estrutura	Toponímia	Estrutura Terrestre	Assistência
28	PNT 398	-	-	Alheira, Barcelos	163978,9801	515924,3779	Estrutura	Toponímia	Diretos e Deveres	Aposentadoria

Fig. 3 - Tabela construída com o objetivo de agregar em si todas as referências (in)diretas a caminhos recolhidas da fonte.

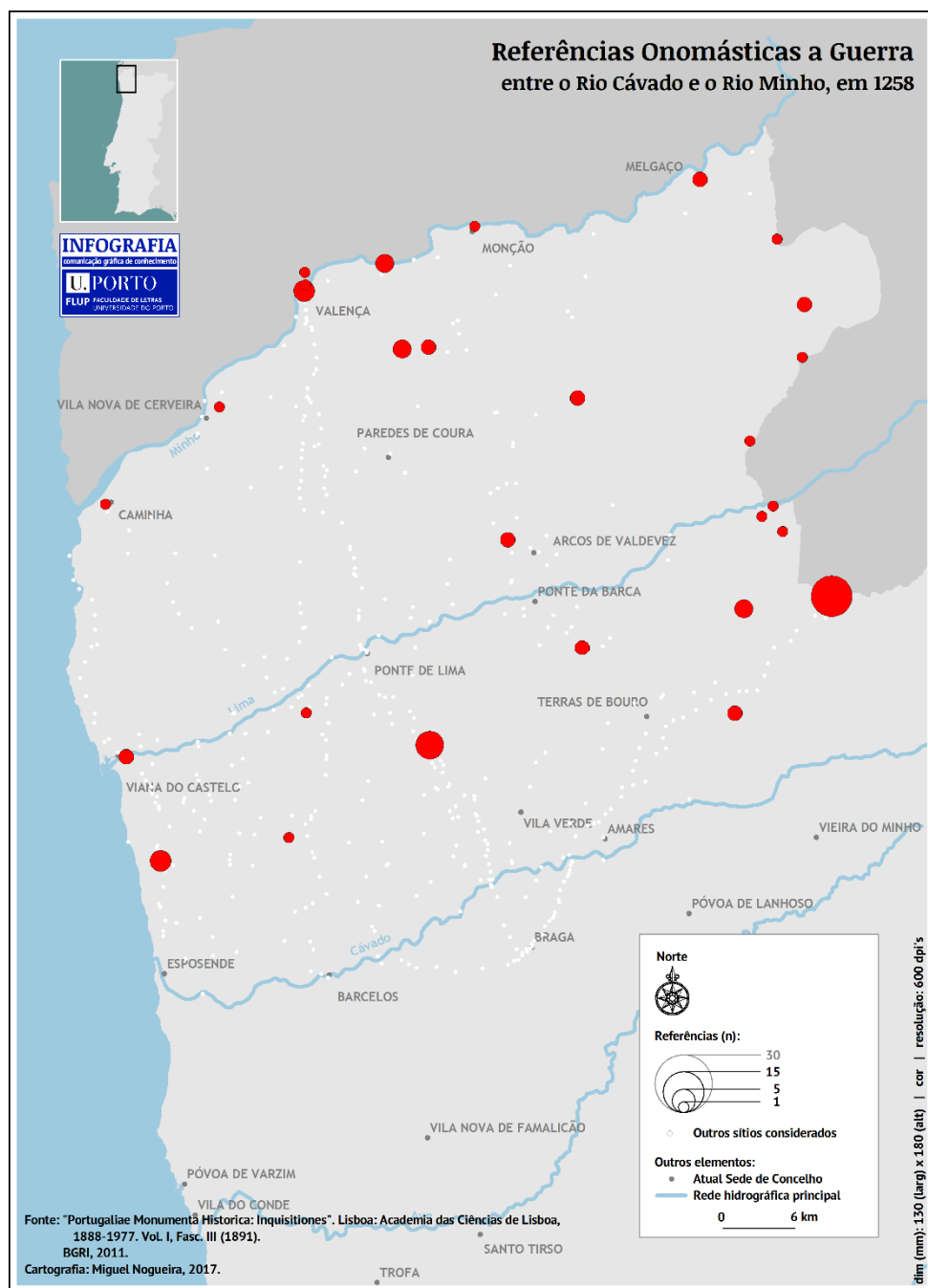


Fig. 4 – Mapa apresentado no *XIII Encontro da Primavera* (maio de 2018), que apresenta cartograficamente as informações recolhidas da 1ª alçada das Inquirições de D. Afonso III, relativas a castelos e a pontos de defesa.

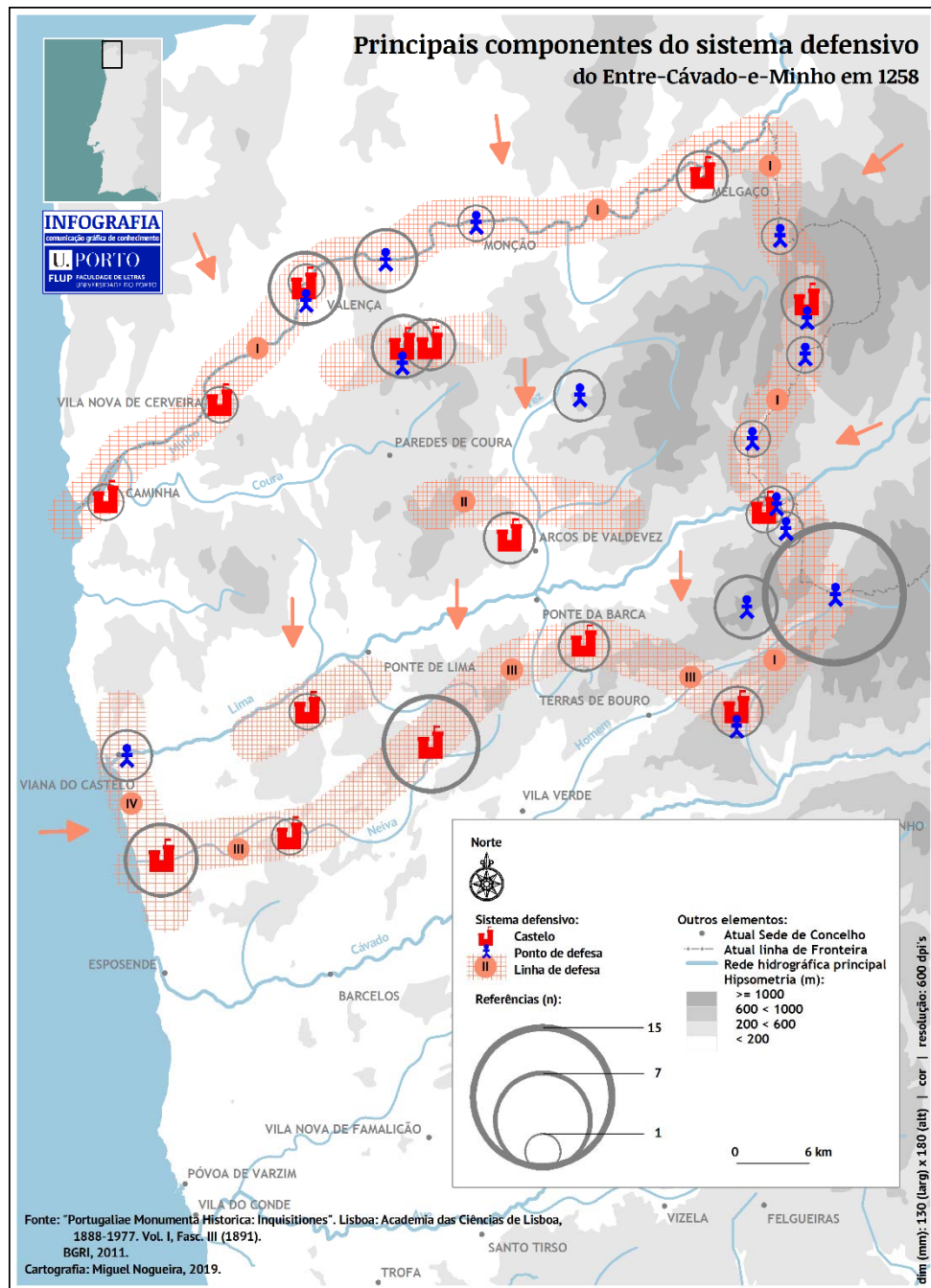


Fig. 5 – Mapa apresentado no *Colóquio da Rede Internacional de Estudo sobre as Pequenas Cidades no Tempo*, subordinado ao tema “Pequenas Cidades e o Ambiente” (março de 2019). Apesar de conter as mesmas informações que o anterior, é uma demonstração da evolução metodológica e técnica do presente estudo.

O senhorio do mosteiro de Santa Cruz (1131-1202) – formação, estrutura e exploração do seu domínio

*Rui Pedro Neves*¹
Universidade de Coimbra

Resumo

O extraordinário e distinto papel que o mosteiro conimbricense de Santa Cruz cumpriu ao longo de muitos séculos, tem vindo a ser relevado, paulatinamente, pela historiografia portuguesa. Envolvidos pelo fascínio que o universo monástico medieval nos desperta, deixámo-nos animar pelo interesse de levar a cabo um estudo de natureza económica, centrado no mosteiro de Santa Cruz. Como tal, o projeto de mestrado que aqui apresentamos irá incidir sobre uma outra visão do cenóbio crúzio, pretendendo que seja um estudo que abranja diversos aspetos socioeconómicos: constituição do património, no mundo rural e urbano; modos de constituição; tipologias e motivações; modos de exploração; intervenientes, quer nos momentos da aquisição e constituição, quer no da exploração, acompanhados com vários elementos estatísticos e cartográficos. Do ponto de vista cronológico, tendo como principal objetivo conhecer o património de Santa Cruz desde a sua fundação, a nossa análise iniciar-se-á em 1131, prolongando-se até 1202, ano do termino do priorado de D. João Fróis. De forma a dar consecução a este projeto, sustentar-nos-emos, maioritariamente, em documentação proveniente da instituição crúzia. Inicialmente, recorreremos à análise dos dois cartulários do século XII (Livro Santo e Livro de D. João Teotónio). Todavia, de forma a alargar o nosso estudo, observaremos a documentação existente nos primeiros 15 maços de diplomas particulares referentes à da 1ª incorporação, consultando, também, alguns dos documentos inseridos nos Livros Autênticos de Santa Cruz, assim como as *Compilationes* de 1315, do Cabido de Coimbra, ambos depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Como, de que forma, e com que auxílios cresceu o senhorio Santa Cruz? Estas serão as questões a que procuraremos dar resposta neste projeto.

Palavras-chave

Mosteiro de Santa Cruz, Senhorio monástico, Património, Coimbra

Abstract

The extraordinary and distinguished role that the conimbricense monastery of Santa Cruz has fulfilled for many centuries, has been gradually revealed by Portuguese historiography. Surrounded by the fascination that the medieval monastic universe arouses in us, we are encouraged to carry out an economic study, centered on the monastery of Santa Cruz. As such, the master's project presented here will focus on another view of the Crosier cenobium, intending to be a study that covers several socioeconomic aspects: heritage constitution, in the rural and urban world; modes of constitution; typologies and motivations; modes of exploitation; actors, both at the time of acquisition and constitution, and at the time of exploitation, accompanied by various statistical and cartographic elements. From the chronological point of view, with the main objective of knowing the heritage of Santa Cruz since its foundation, our analysis will begin in 1131, extending until 1202, the last year of the priory of D. João Fróis. In order to achieve these projects goals, we will rely mostly on documentation from the crosier institution. Initially, we will resort to the analysis of the two cartularies of the twelfth century (*Livro Santo* and *Livro de D. João Teotónio*). However, in order to broaden our

¹ Licenciado em História pela Faculdade da Letras da Universidade de Coimbra. Teve a honra de ser convidado pela Doutora Maria José Azevedo Santos para integrar o Centro de História da Universidade de Coimbra, desde de novembro de 2018, como investigador colaborador. Queremos deixar uma palavra de agradecimento aos nossos orientadores, a Professora Doutora Leontina Ventura e ao Professor Doutor Saul António Gomes. Uma última palavra de gratidão à Professora Doutora Maria Amélia Campos pelos seus comentários e sugestões. À Dr. Diana Sofia Silva pela ajuda e auxílio ao longo destes anos.

study, we will look at the documentation in the first 15 bundles of private diplomas referring to the first incorporation and also consulting some of the documents inserted in the Livros Autênticos de Santa Cruz, as well as the Compilaciones de 1315 from the Coimbra See, both deposited in the Arquivo Nacional da Torre do Tombo. How, in what way, and with what aid did the landlord Santa Cruz grow? These are the questions that we will seek to answer in this project.

Keywords

Santa Cruz Monastery, Monastic *Senhorio*, Landlord, Coimbra

1. TEMA, PROBLEMAS, OBJETIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

O extraordinário e distinto papel — sobretudo religioso, cultural e político — que o mosteiro conimbricense de Santa Cruz, de cónegos Regrantes de Santo Agostinho, cumpriu ao longo de muitos séculos, tem vindo a ser relevado, paulatinamente, pela historiografia portuguesa. Está plasmado, sobretudo, em duas dissertações de doutoramento que estudam a instituição sob perspetivas diferenciadas. A primeira, cuja autoria pertence a Armando Martins,² defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1996, apresenta uma análise detalhada sobre a instituição, focando vários aspetos concernentes à orgânica interna da comunidade canonical, traçando, ao mesmo tempo, uma detalhada visão institucional do mosteiro de Santa Cruz desde a sua fundação até finais do século XV. A segunda, do início da Era 2000, da autoria de Saul António Gomes,³ defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, apresenta, por outro lado, uma profunda reflexão sobre a chancelaria e cultura monástica desta instituição coimbrã, entre os séculos XII a XIV, destacando-se, na historiografia portuguesa, enquanto modelo de estudo das chancelarias eclesiásticas pelo seu elevado domínio técnico e valor científico, a par da dissertação de doutoramento de Maria Cristina Almeida Cunha.⁴

Apesar destas análises profundas e inovadoras sobre a instituição, existem áreas de estudo que, sem estarem virgens — e poderem ter sido abordadas, sob um olhar para elas focalizado, mas incompleto, ou em artigos de cariz, temporal e geográfico, parcelar

² Armando Alberto Martins, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média* (Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003).

³ Saul António Gomes, *In Limine Conscriptio. Documentos, Chancelaria e Cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (Séculos XII a XIV)* (Viseu: Palimage Editores, 2007).

⁴ Maria Cristina Almeida Cunha, *A Chancelaria Arquiepiscopal de Braga (1071-1244)* (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998). Viria a ser publicada em 2005 com o mesmo título pela editora Toxosoutos. Outros trabalhos, no âmbito do estudo de chancelarias de instituições religiosas, vieram a público convido aqui citá-los: Maria do Rosário Barbosa Morujão, *A Sé de Coimbra: a instituição e a chancelaria (1080-1318)* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia) e os estudos de Maria João Oliveira e Silva, *Scriptores et notares. A produção Documental da Sé do Porto (1113-1247)* (Porto: Fio da Palavra, 2008) e *A escrita na catedral: a chancelaria episcopal do Porto na Idade Média* (Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa, 2013).

— mereceriam um estudo aprofundado. Tem-nos, de certa forma, admirado que não tenha ainda surgido um trabalho, de natureza económica (ou socioeconómica, melhor dizendo) sobre tão importante senhorio — à luz do que temos para tempos posteriores, de Margarida Sobral Neto.⁵ Neste contexto, impelido pelo fascínio que o universo monástico medieval em nós desperta, deixámo-nos animar pelo interesse em fazer um estudo de natureza económica, centrado no mosteiro de Santa Cruz nos seus primeiros tempos. Pretendemos que seja um estudo que abranja os aspetos económicos e os sociais: interpretação das dinâmicas responsáveis pela formação do património crúzio, organização e seu desenvolvimento, privilegiando o estudo da constituição do património no mundo rural e no urbano; modos de constituição; modos de exploração; intervenientes, quer nos momentos da aquisição e constituição, quer nos da exploração. *Como, de que forma, e com que auxílios cresceu o senhorio Santa Cruz?* Estas serão as questões (ou questão) a que procuraremos dar resposta.

Do ponto de vista cronológico, tendo como principal objetivo conhecer o património de Santa Cruz desde a sua fundação, a nossa análise iniciar-se-á, imperiosamente, em 1131,⁶ mais concretamente em junho, aquando da doação dos banhos régios em Coimbra ao mosteiro de Santa Cruz, conforme se lê no testamento de D. Telo.⁷ De forma a analisar, completa e rigorosamente, os processos de formação e expansão ocorridos ao longo do século XII, prolongaremos a nossa investigação até 1202, data em que termina o priorado de D. João Fróis⁸ —período em que cremos ser possível descortinar os momentos e as estratégias de ampliação do património da comunidade fiel à *Regra de Santo Agostinho*, impulsionadas pela ambição e empenho dos seus cinco primeiros priores.

Relativamente ao espaço de análise, focar-nos-emos na cidade de Coimbra e concelhos vizinhos (Montemor-o-Velho; Cantanhede, Anadia, Figueira da Foz,

⁵ Margarida Sobral Neto, *Terra e conflito: região de Coimbra (1700-1834)* (Viseu: Palimage Editores, 1997).

⁶ Sobre a fundação de Santa Cruz, vid. Gomes, *In Limine Conscriptiois*, 105-119, Martins, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 164-190 e José Mattoso, *D. Afonso Henriques* (Lisboa: Temas e Debates, 1^a. ed., 2007), 112-124.

⁷ *Livro Santo de Santa Cruz: Cartulário do Sec. XII*, ed. Leontina Ventura, transc. Leontina Ventura e Ana Santiago Faria (Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990), doc. 6, 117-118. Doravante apenas iremos referenciar esta obra por *LS*, seguido do número do documento em causa.

⁸ O último documento onde se atesta a atividade de D. João Fróis é datado de janeiro de 1202 - TT, *Santa Cruz de Coimbra*, Maço 15, Doc. 7. Vid. Gomes, *In Limine Conscriptiois*, 739-741 e Martins, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 309-312. Doravante, sempre que se fizer referência aos documentos do fundo de Santa Cruz, existente na Torre do Tombo, de forma a simplificar, apenas evidenciaremos o número do maço e respetivo documento. Por exemplo, 7, 6, significa *Santa Cruz de Coimbra*, maço 7, documento 6.

Condeixa-a-Nova, entre outros), núcleo central do senhorio de Santa Cruz.⁹ Porém, em virtude de compreender a evolução do domínio de Santa Cruz, ao longo do século XII, será necessário ampliar o nosso espectro de análise a todo o reino de Portugal – o que demonstra, por conseguinte, a importância desta instituição no panorama social, religiosa e político da época.¹⁰

Para a elaboração deste estudo, consideramos imperioso reunir o maior número possível de fontes disponíveis para, assim, reconstituir com maior rigor e fidelidade as propriedades que outrora pertenceram aos cónegos crúzios.¹¹ Como é de conhecimento generalizado dos medievalistas portugueses, a perda dos cartórios monásticos ao longo dos séculos passados não é um mito,¹² impondo, por isso, ao investigador, a necessidade de alargar os seus horizontes, não apenas na procura de documentação em diferentes fundos (como por exemplo no Cabido da Sé de Coimbra, mais concretamente, as *Compilationes de 1315*),¹³ mas, também, no alargamento da cronologia das fontes (refiro-

⁹ Veja-se por exemplo as diversas cartas de doação e de compra-venda, onde se atesta o alargamento do domínio fundiário do cenóbio nos atuais concelhos de Anadia, Condeixa-a-Nova, Cantanhede, Mealhada, Montemor-o-Novo, Figueira da Foz, entre outros. A título de exemplo vid. *LS*, 10, 17, 18, 24, 60, 69, 125, 137, 144, 192 e Jorge de Alarcão, *In território Colimbric: lugares velhos (e alguns deslembrados) do Mondego*, (Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2004). De igual modo, remetemos o leitor para as fontes não publicadas, *TT*, *Santa Cruz de Coimbra, Livro de D. João Teotónio*, fls. 38-39v, 46-46v, 56v-57, 98v e 128v-129 e 5, 10; 6, 1 e 16; 7, 6 e 9, 18. De forma a facilitar a análise, utilizaremos a sigla *LDJT*, para designar o cartulário preservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livro de D. João Teotónio*, seguido dos respetivos fólhos.

¹⁰ Tal como se referiu na nota anterior, foi possível verificar património crúzio nos seguintes concelhos e freguesias Alcanede (fr., c. Santarém), Torres Vedras, Carvoeiro (fr., c. Viana do Castelo), Loures, Arada (fr., c. Ovar), Vialonga (fr., Vila Franca de Xira), Belas (fr., Sinta), Novelas (fr., Penafiel) e Escapães (fr., Santa Maria da Feira). Sobre a localização do património de Santa Cruz em locais mais distantes do seu epicentro, vid., *LS*, 23, 41, 67 e 224, assim como *LDJT*, 35v-36, 39v-40, 46, 55v-56, 58v-59, 65-65v e 97v. De igual modo, indicamos os seguintes estudos: Manuel M. R. Pereira, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no século XII*, (dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1962; Jorge H. Pires de Lima, “Propriedades de Santa Cruz de Coimbra em Lisboa no séc. XII”, *Arquivo Histórico de Portugal*, IV (1943), 342-348; Martins, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 987-989 e Maria José Vasconcelos de Albergaria Pinheiro, *O Livro de D. João Teotónio: para a história do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, (dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1970) e mais recentemente, Carlos Manuel Pereira Leite, *O património do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra nos concelhos em torno de Sintra: contributos para a compreensão de uma estratégia (sécs. XII-XVI)*, (dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2017).

¹¹ De forma a complementar o nosso *corpus documental*, muito nos valeu o excelente índice dos vastíssimos fundos documentais do mosteiro de Santa Cruz, da autoria de Saul António Gomes, “Documentos Medievais de Santa Cruz de Coimbra: I- Arquivo Nacional da Torre do Tombo”, *Separata de “Estudos Medievais: Centro de Estudos Humanísticos* (8, 1988).

¹² Sobre esta temática vejam-se as palavras de Saul António Gomes em *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória no Século XV*, (Coimbra: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990), XII-XIII e Maria Helena da Cruz Coelho, “Alexandre Herculano: a história, os documentos e os arquivos no século XIX”, *Revista Portuguesa de História*, XLII (2011), 75-77.

¹³ Sobre este conflito e fonte documental, veja-se Gomes, *In Limine Conscriptiois*, 394-401; Morujão, *A Sé de Coimbra*, 175-181 e Martins, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 438-450.

me à análise dos *Livros Autênticos*, aquando do ciclo da *Leitura Nova*),¹⁴ de modo a conseguir ter acesso a cópias de originais, para sempre perdidos. Uma outra dificuldade, mercê da falta de fontes publicadas para este estudo, com a exceção do *Livro Santo*, é a necessidade de analisar e verificar se estamos perante uma cópia de um documento original perdido/desconhecido ou se se trata de um traslado de um dos documentos originais da primeira incorporação de diplomas particulares que chegou aos nossos dias. De salientar, ainda, as dificuldades encontradas ao atribuir uma classificação quanto às tipologias documentais de Santa Cruz (doação e suas particularidades, compra-venda, escambo, *dimissionis*, *conventionis*, entre outras),¹⁵ assim como as problemáticas inerentes à toponímia medieval.

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

O tema aqui apresentado não constitui uma novidade no panorama da historiografia portuguesa. O estudo dos patrimónios que sustentavam as diferentes e numerosas casas monásticas medievais já levam, elas próprias, um vasto caminho nas diferentes historiografias europeias.¹⁶ Aliás, conforme realça José Ángel García de Cortázar, o estudo dos domínios monásticos, *llegó a constituir entre 1969 y 1986 un*

¹⁴ Gomes, “Documentos Medievais de Santa Cruz”, 18 *In Limine Conscriptiois*, 416-436 (com especial atenção às páginas 422-424) e Martins, *O Mosteiro de Santa Cruz*, 66-67.

¹⁵ Sobre esta problemática vejam-se o estudo de Iria Gonçalves, *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, (Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1989), 31-37; Paulo Merêa “O problema da origem das doações post obitum” e «Doações post obitum e doações reservato usufructu” in *Novos Estudos da História do Direito*, (Coimbra, T. I, 1952), 185-198; Gomes, *In Limine Conscriptiois*, 699-708 (principalmente as referências complementares) e, mais recentemente, Filipa da Silva Lopes, *O Domínio Fundiário do Mosteiro de S. Salvador de Paço de Sousa (século XI-XII)*, (dissertação de Mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012), 35-41.

¹⁶ Para uma resenha historiográfica europeia sobre este tema, veja-se: José Ángel García de Cortázar e Pascual Martínez Sopena, “Los estudios sobre historia rural de la sociedad hispanocristana”, *Historia Agraria*, 31 (2003), 57-83; José Ángel García de Cortázar, *História Rural Medieval*, (Lisboa: Editorial Estampa, 1983); Georges Duby, *Economia Rural e Vida no Campo no Ocidente Medieval*, (Lisboa: Edições 70, 1987), vol. I, 224-225 e 231-237; Peter M. Jones, “Recent Work on French Rural History”, *The Historical Journal*, vol. 46, n.º 4 (2003), 953-969; Gérard Sivéry, “Rural society”, in *The New Cambridge Medieval History*, ed. David Abulafia, (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), vol. V, 38-49 e Robert Fossier, “The Rural Economy and Demographic Growth”, in *The New Cambridge Medieval History*, ed. David Luscombe, (Cambridge: Cambridge University Press, 2004), vol. IV, part. I, 11-46. De igual modo, recomendamos a consulta da revista *The Journal of Medieval Monastic Studies*, publicada anualmente desde de 2012, contando com preciosos estudos sobre o monaquismo medieval, nos mais variados campos. A título de exemplo, veja-se o artigo de Jill R. Webster, “The Monastery of Val de Cristo in the Kingdom of Valencia: Relations, Economy and Significance to the Crown 1410-1450”, *Medieval Monastic Studies*, 1 (2012); Luís Carlos Amaral, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV: estudo de gestão agrária* (Cosmos História 5. Lisboa: Edições Cosmos, 1994), André Evangelista Marques, *O casal: uma unidade organização social do espaço no Entre-Douro-e-Lima: 906-1200*, (Toxosoutos, 2008).

verdadero género historiográfico, acrescentando ainda que, *el cenobio dejó de ser lugar de recogimiento y oración para convertirse en el señorío que desplegaba su poder sobre tierras y hombres en uno o varios espacios*.¹⁷

De facto, ao olhar para o quadro historiográfico nacional, verificamos que os estudos dos patrimónios das diferentes casas monásticas medievais já detêm uma extensa tradição,¹⁸ principiada com os trabalhos vanguardistas de José Mattoso,¹⁹ Luís Carlos Amaral,²⁰ Maria Helena da Cruz Coelho²¹ e de Iria Gonçalves.²²

Relativamente ao estudo do domínio de Santa Cruz de Coimbra, reconhecemos a existência de alguns trabalhos que abordaram já esta questão, nomeadamente os de

¹⁷ José Ángel García de Cortázar, “El estudio de la Alta Edad Media Hispana: historiografía y estado de la cuestión”, in *XXV Años de Historiografía Hispana (1980-2004). Historia Medieval, Moderna y de América*, ed. José Antonio Munita Loinaz, José Ramón Díaz de Durana Ortiz de Urbina (Bilbao: Universidad del País Vasco- Servicio Editorial, 2007), 71.

¹⁸ Sobre esta matéria aconselhamos a leitura de Maria Helena da Cruz Coelho, “Balanço sobre a História Rural produzida em Portugal nas últimas décadas”, in *A Cidade e o Campo*, (Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000), 23-40; Maria do Rosário Barbosa Morujão, *Um Mosteiro Cisterciense Feminino: Santa Maria de Celas (século XIII a XV)*, (Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 2001), 15; Mario Leonor Ferraz de Oliveira Silva Santos, *O Domínio de Santa Maria do Lorvão no século XIV*, (Lisboa: INCM, 2001), 11, n. 1; Hermínia Vasconcelos Vilar, “Estruturas e protagonistas religiosos na historiografia medieval portuguesa”, *Lusitania Sacra*, 2^o Série, XXI (2009), 130-139 e, mais recentemente, Luís Carlos Amaral, “Half a Century of Rural History of the Middle Ages in Portugal: a Possible Overview” in *The Historiography of Medieval Portugal c. 1950-2010*, dir. José Mattoso, eds. Maria de Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Maria João Branco (Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2011), 303-319.

¹⁹ José Mattoso, “L’ abbaye de Pendorada des origines à 1160”, *Revista Portuguesa de História*, VII (1962), 1-192. A sua dissertação de licenciatura acabaria por vir a ser traduzida e publicada - José Mattoso, *A Abadia de Pendorada das Origens a 1160* (Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2002). De igual modo, destacamos a sua dissertação de doutoramento José Mattoso, *Le Monachisme ibérique et Cluny*, (Lovaina, 1968). Esta, viria a ser traduzida para o público português, em 2002, com o título *Monaquismo Ibérico e Cluny* (Rio de Mouro: Círculo de Leitores). De destacar também o seu estudo sobre o mosteiro de Rendulfe, publicado primeiramente na revista *Bracara Augusta*, 23 (1969), 45-106, que acabaria por incorporar as páginas 205-281 na coletânea do mesmo autor, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, (Lisboa: INCM, 1982).

²⁰ Luís Carlos Amaral, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV: estudo de gestão agrária* (Cosmos História 5. Lisboa: Edições Cosmos, 1994), e *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (século IX-1137)*, (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008)

²¹ Maria Helena da Cruz Coelho, *Mosteiro de S. Pedro de Arouca: breve história das suas origens (séc. X-1226)*, (dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971). Esta viria a ser publicada pela primeira vez em 1977 com o título *O Mosteiro de Arouca do século X ao século XIII*, tendo sido reeditada pela Câmara Municipal de Arouca, juntamente com a Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda em 1988.

²² Iria Gonçalves, *O temporal no Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, (dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1984). Este estudo viria a ser publicado em 1989 com o título de *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*. Teve uma segunda edição em 1999.

Maria Helena da Cruz Coelho,²³ Saul António Gomes,²⁴ Maria José Vasconcelos de Albergaria Pinheiro²⁵ e Jorge Hugo Pires Lima.²⁶ No entanto, embora abordem aspetos que compreendem o domínio de Santa Cruz, a cronologia e as análises neles feitas não recaem, exclusivamente, sobre os objetivos da nossa dissertação, logo, não esclarecem o processo de formação do património desta comunidade crúzia desde as suas origens. Relevam, antes, questões de âmbito regional e para períodos posteriores à cronologia que desejamos trabalhar.

O trabalho que se aproxima, parcialmente, da nossa proposta de dissertação de mestrado é a dissertação de licenciatura de Manuel M. R. Ferreira, defendida em 1962, intitulada *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no século XII*.²⁷ Para a realização deste estudo, o autor recorreu aos dois cartulários do século XII (*Livro Santo* e *Livro de D. João Teotónio*), bem como à documentação particular e régia do mosteiro de Santa Cruz, à guarda do antigo Instituto de Estudos Históricos, acompanhada de alguma documentação publicada, o que constitui, por si só, uma boa base documental para a prossecução de um trabalho sobre o património da instituição.

Porém, apesar da tese conter cerca de 345 páginas, só na página 131 se inicia o sétimo capítulo, intitulado, justamente, *Património Monástico no séc. XII*, na qual se apresenta uma longa, mas muito simples descrição,²⁸ com base nos documentos recolhidos do património do mosteiro na região de Coimbra, Ladeia, Montemor, Leiria, Seia, Gouveia, Senhorim, Besteiros, Viseu, Lafões, Vouga, Santa Maria, Minho, Cidade Rodrigo, Santarém, Lisboa e Algarve. Esperar-se-ia, a partir do título desse sétimo capítulo, mais do que uma listagem do património do mosteiro de Santa Cruz pelos diversos lugares que o autor incluiu. Além do mais, o estudo não apresenta uma análise rigorosa sobre a formação do património da instituição crúzia. Ainda que patenteie um

²³ Maria Helena da Cruz Coelho, *O Baixo Mondego (Estudo de História Rural)*, (Coimbra: Faculdade de Letras, 1980 (2.ª ed., Lisboa: INCM)), “O senhorio crúzio do Alvorge na centúria de trezentos”, in *Estudos de História de Portugal, Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, (Lisboa, Livros Horizonte, 1990), vol. II: *Domínio Senhorial*, 31-92, “Santo António de Lisboa em Santa Cruz de Coimbra” in *Actas do Congresso Internacional "Pensamento e Testemunho", no 8º Centenário do Nascimento de Santo António*, (1996), 179-205.

²⁴ Saul António Gomes, “Organização Paroquial e Jurisdição eclesiástica no priorado de Leiria nos séculos XII a XV”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, 4, (1992), 163-310; “O Priorado Crúzio de Santa Maria de Leiria do Século XII à criação da Diocese”, in *Catedral de Leiria. História e Arte*, Coord. Virgolino Jorge, (Leiria: Diocese de Leiria-Fátima, 2005), 13-46, “Relações entre Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça ao longo da Idade Média. Aspetos globais e particulares”, in *Actas do IX Centenário do Nascimento de S. Bernardo. Encontros de Alcobaça e Simpósio de Lisboa*, (Braga: Universidade Católica Portuguesa e Câmara Municipal de Alcobaça, 1991), 257-303 e *In Limine Conscriptio*.

²⁵ Pinheiro, *O Livro de D. João Teotónio: para a história do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*.

²⁶ Lima, “Propriedades de Santa Cruz de Coimbra em Lisboa.

²⁷ Ferreira, *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no século XII*.

²⁸ *Ibidem*, 132 - (...) vamos neste capítulo tentar um inventário dos bens imóveis que o mosteiro tinha no século XII.

corpus documental extenso (*Livro Santo*, *Livro S. Teotónio* e documentos avulsos), não é possível encontrar nada neste trabalho acerca dos processos de aquisição do património, quer sobre a tipologia dos imóveis adquiridos, quer sobre as formas de exploração e rentabilização dos mesmos. Saliente-se, ainda, em termos de fontes empregues, a não utilização, talvez por desconhecimento, dos *Livros Autênticos* e das *Compilationes de 1315*, que anteriormente mencionamos.

Por outro lado, e para além da inexistência de quaisquer elementos (quadros ou gráficos ilustrativos e complementares), a cartografia desse património reduz-se a um mapa, executado manualmente, não comportando esta afirmação qualquer crítica, uma vez que não era sequer exequível de outra forma em tempos anteriores à era das tecnologias.

3. FONTES²⁹

De forma a dar consecução a este projeto, sustentar-nos-emos, maioritariamente, em documentação proveniente do *scriptorium* crúzio.³⁰ Assim, primeiramente, por facilidade de a documentação estar publicada ou acessível, analisaremos os dois cartulários do século XII (*Livro Santo* e *Livro de D. João Teotónio*), que nos propiciará uma ideia do património do mosteiro entre os anos de 1131³¹ e 1190,³² com as devidas lacunas cronológicas. No entanto, de forma a alargar o nosso estudo até ao ano de 1202 e complementar os dados retirados dos dois cartulários, observaremos, quase na totalidade, os primeiros 15 maços de documentos particulares, da 1ª incorporação de Santa Cruz,³³ bem como a documentação régia e eclesiástica que diga respeito ao cenóbio crúzio. Por fim, com o objetivo de completar as informações, recorreremos aos translados existentes nos *Livros Autênticos* e nas *Compilationes de 1315*, provenientes do Cabido da diocese de Coimbra.

²⁹ Ao compor o nosso *corpus documental*, muito nos foi útil a lista de documentos inéditos criada por Saul António Gomes e publicada em *In Limine Conscriptiois*, 973-992.

³⁰ Cfr., Gráfico 1.

³¹ *LS*, doc. 6, 117-118

³² *LDJT*, 166.

³³ Cerca de 80 fotografias relativas a documentos particulares dos maços 1 a 14, provenientes de da 1º incorporação, encontram-se guardadas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - Instituto de Paleografia e Diplomática, Cx. 86.

4. METODOLOGIA

Face ao elevado número de documentos, criamos uma base de dados capaz de reter as informações mais pertinentes, tais como: fonte;³⁴ data; tipologia de propriedade³⁵ e localização da mesma; descrição dos bens; antigo possuidor; tipologia de documento e um campo de observações para acrescentar qualquer informação relevante ou que não se adegue à nossa base de dados. Ao depararmo-nos com um diploma que possa ser inserido no cânone jurídico das *donationes*, este é analisado com o intento de ser agrupado em doações de efeito imediato, *post obitum*, *reservato usufructu*, entre outras.³⁶ De igual modo, seguindo a metodologia de Iria Gonçalves³⁷ e de Saul António Gomes,³⁸ analisamos as motivações que se encontram subjacentes às doações, dividindo-as em dois grandes blocos: Espirituais³⁹ (desejo de sepultura; usufruto de benefícios espirituais próprios da Ordem ou remissão dos pecados)⁴⁰ e Económicas (pagamento de dívidas; recompensa ou sustento).

5. ESTRUTURA FINAL DO TRABALHO

Iniciaremos a dissertação com um capítulo introdutório, onde identificamos o tema e objetivos propostos, problemáticas que lhe estão implícitas e o seu contexto historiográfico. De igual modo, serão apresentadas as fontes e metodologias empregues na constituição e análise do *corpus documental*.

De seguida, desenvolver-se-á um capítulo onde se fará a contextualização histórica, apresentando uma breve resenha histórica e fundamentos da Regra de Santo Agostinho, desde do século IV até ao século XII, definindo, de igual modo, o período de reformas da religiosidade medieval do século XII, de onde surgirá o Mosteiro de Santa Cruz. De igual modo, exporemos a conjuntura do cenóbio crúzio no espaço envolvente, focando as características morfológicas naturais em que se insere (relevo e bacia hidrográfica), assim como a conjuntura política e religiosa na Península e mais

³⁴ Tentamos verificar se se trata de uma cópia ou de um documento inédito.

³⁵ De igual modo, analisamos que se trata de imóvel inteiro ou fracionado.

³⁶ Neste parâmetro, englobamos as doações com encargos para o cenóbio, seguindo a metodologia de Maria do Rosário Morujão, *Um Mosteiro Cisterciense*, 57.

³⁷ Gonçalves, *O Património do Mosteiro de Alcobaça*, 35-45.

³⁸ Gomes, *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória*, 125-128.

³⁹ Sobre as contrapartidas espirituais aquando da doação, veja-se Wendy Davies, *Acts of Giving: Individual, Community, and Church in Tenth-Century Christian Spain* (Oxford: Oxford University Press, 2007), 113-130.

⁴⁰ Em diversos casos, as doações não são apenas perpetradas pela remissão dos pecados do benfeitor, mas também de elementos da sua família e, inclusive, pelo próprio monarca, face doações que este lhe fizera. Cfr., *LS*, 71, 118 e *LDJT*, 79v-80.

concretamente em Portugal, que fomentará o surgimento do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Seguidamente, iniciaremos a análise dos mecanismos de formação e/ou organização do património (a partir das três grandes fórmulas jurídicas de aquisição patrimonial: compras, doações e permutas)⁴¹, apurando a natureza dos bens que o compunham, dando especial relevo a descrições que possam, eventualmente, surgir.

Num novo capítulo, apresentaremos um esboço sobre as estratégias de gestão e exploração do património, com base nos reduzidos contratos agrícolas.⁴²

Entretidas ao longo do trabalho ou no seu término, em Anexo(s), incorporar-se-ão vários e diferentes elementos cartográficos, uns de carácter geral, outros de acordo com as várias regiões ou zonas onde o mosteiro possuía bens. Perspetivamos um mapa geral, onde indicar-se-ão todos os bens detidos pelo mosteiro no território do reino, a cinco cores, representando cada uma a cronologia de um priorado; outros mapas mais reduzidos, possibilitando visualizações e análises mais pormenorizadas dentro das áreas privilegiadas de detenção do património, por priorado; um mapa individualizado com os bens detidos na cidade de Coimbra; um mapa com os coutos e seus limites; e, ainda, um mapa com a distribuição dos vários tipos de culturas e meios de produção.

6. DADOS SEMI-TRATADOS, HIPÓTESES OU CONCLUSÕES PROVISÓRIAS⁴³

Os dados de que dispomos até ao momento, após a análise de cerca de 900 diplomas, dispersos cronologicamente entre 1131 a 1197, revelam um elevado número de compras (477), acompanhadas de 333 diplomas onde se atestam doações, surgindo 36 permutas e outras tipologias documentais que figuram em menor número (Vid. Gráfico II). De salientar as *traditio* ou *traditiones*, uma vez que estabelecem, em virtude da entrega de bens por parte dos benfeitores, a entrada na clausura ou na familiatura

⁴¹ No que toca às permutas, teremos especial atenção à compreensão da estratégia do Mosteiro, pois na sua grande maioria, verificamos que o cenóbio opta por desfazer-se das terras que menos lhe interessavam, na tentativa de obter aquelas que ficavam mais perto dos principais locais de implantação do seu património. Cfr., *LS*, 124; *LDJT*, 74-74v e 107v.

⁴² Tal como já fora atestado em alguns estudos sobre senhorios e domínios laicos, por vezes a concessão de terras, em cenários mais rurais, podia ser firmada, tão-só, por meio de contratos orais, o que inviabiliza o nosso conhecimento sobre a feição e as condições em que se desenvolvia a exploração das terras Cfr., Coelho, *O Mosteiro de Arouca*, 130-132 e Leontina Ventura, "O Cavaleiro João Gondesendes: sua trajectória político-social e económica (1083-1116)", *Revista de História Económica e Social*, 15 (1985), 60

⁴³ Relativamente a este ponto do projeto, os dados ainda são muito incipientes, pois estamos a dar prioridade à recolha, transcrição e tratamento das fontes, não podendo, para já, apresentar conclusões sobre a exploração do património, pois os dados são ainda muito reduzidos.

monástica, adquirindo acesso ao hábito canonical⁴⁴ e ao usufruto dos benefícios espirituais que a Ordem podia dispensar aos seus simpatizantes e admiradores.⁴⁵ No que concerne à tipologia de doações, verificamos que a doação simples é a mais usual (180), seguida pela *post obitum* (42), com reserva de usufruto (15) e doação com condição para o Mosteiro (8).⁴⁶

Relativamente às motivações expressas quando das doações, na sua grande maioria, o desejo dos benfeitores justifica-se na esperança de alcançarem uma recompensa celestial, *pro remedio anima* sua ou dos seus parentes⁴⁷ ou *pro remissione omnium peccatorum*. No entanto, a salvação da alma e o perdão dos pecados não são os únicos “contra-dons” espirituais, atestando-se em 47 diplomas a vontade de ser sepultado no mosteiro, muitas vezes, inclusive, próximo dos seus familiares.⁴⁸ Doava-se, também, por motivos não religiosos, como recompensa de um gesto caritativo,⁴⁹ de empréstimo de moeda,⁵⁰ ou então de auxílio em peregrinações a Jerusalém.⁵¹

Sobre a localização dos bens, como fora anteriormente referido, a grande maioria dos bens de Santa Cruz localizava-se em Coimbra e no seu termo.⁵² Todavia, verificamos em alguns locais do reino a estratégia de adquirir porções fracionadas de antigas heranças, destinadas a criar propriedades mais vastas, como é caso dos herdeiros de João Perrot.⁵³ De igual modo, atesta-se um processo de compra e escambo de propriedades em torno de alguns dos seus coutos, como por exemplo em Quiaios, São Romão e *Eimede*

⁴⁴ *LDJT*, 45v-46; 46v e 49v-50.

⁴⁵ Não inserimos as *traditiones* no grupo das doações porque, apesar de ser uma dádiva ao cenóbio, entendemos que seria oportuno uma análise individual. Sobre esta tipologia documental, vid., Gomes, *In Limine Conscriptiois*, 700.

⁴⁶ As condicionantes para o Mosteiro poderiam ser de natureza económica, como por exemplo na doação realizada por Salvador Aires, que dota o cenóbio com uma herdade em Santa Maria de Mesquida (l., c. Seia), ficando o mesmo na obrigação, após a morte do seu benfeitor de dar metade dos frutos que aí se produzissem à sua filha (III,9). Um outro caso, de natureza caritativa, expressa-se na doação de Maria Pais, viúva, reservando para si o usufruto da sua casa situada junto à torre sineira do Mosteiro, na contrapartida, que os crúzios que sustentassem anualmente com uma porção de pão e de vinho (*LDJT*, 88v-89).

⁴⁷ A título de exemplo veja-se a carta de doação de Afonso, Fernando, Urraca e Sancha Rodrigues, que dotam o Mosteiro com dois casais e uma vinha, pela salvação da alma e indulgência do irmão, que morrerá às mãos dos sarracenos (*LDJT*, 64v-65).

⁴⁸ Nuno Guterres e Paio Guterres indicam que desejam ser sepultados *in cimiterio Sancte Crucis*, onde já se encontra o seu pai, Paio Guterres. De igual modo, Teresa Soares expressa o desejo de ser sepultada em Santa Cruz, por ambos os seus pais já se encontrarem lá. (*LS*, 28 e 105).

⁴⁹ Em 1166, Mendo Zacarias doa ao Mosteiro meio casal, por este o ter ajudado e vestido em tempos de *miseria et in paupertate*- *LDJT*, 52v-53.

⁵⁰ *LS*, 118.

⁵¹ Paio Adufes, cavaleiro, dota o Mosteiro, pelo auxílio com que os cónegos tiveram ao providenciar pão, vinho e ouro para a sua peregrinação. (*LS*, 102).

⁵² Vid. notas 8 e 9.

⁵³ *LDJT*, 217-230.

(l., fr. Buarcos., c. Figueira da Foz) o que possibilitou a afirmação do seu domínio nesse território.

Sobre a natureza dos bens, a maioria destes são designados como *hereditates* ou *hereditas*, o que nos levanta sérias dúvidas, visto que se trata de um termo polissémico que pode designar diferentes realidades. O mesmo se diga em relação aos *casales* e *villae*. Sobre os modos de produção de Santa Cruz, aferimos mais três dezenas de moinhos, perto de uma dezena de azenhas, três celeiros, um forno e um aljázaria, estas últimas perto da cidade de Coimbra, o que evidencia que Santa Cruz já dispunha de meios e infraestruturas para administrar um vasto património. Temos, igualmente, conhecimento de que os crúzios conimbricenses dispunham de marinhas muito provavelmente para a extração do sal.⁵⁴

Apesar de escassos, estes são os dados semi-tratados até ao momento, os quais evidenciam uma análise superficial do *Corpus documental*. A seu tempo, no final da recolha e tratamento das fontes, esperamos dispor de elementos que nos possibilitem tecer uma reflexão mais vasta e pormenorizada de forma a responder à questão anteriormente referida – *como, de que forma, e com que auxílios cresceu o senhorio Santa Cruz*. Assim, com este estudo ainda por lapidar, esperamos contribuir para o avanço dos conhecimentos sobre a rede monástica da Idade Média portuguesa.

⁵⁴ *LDJT*, 65v-66.

ANEXOS

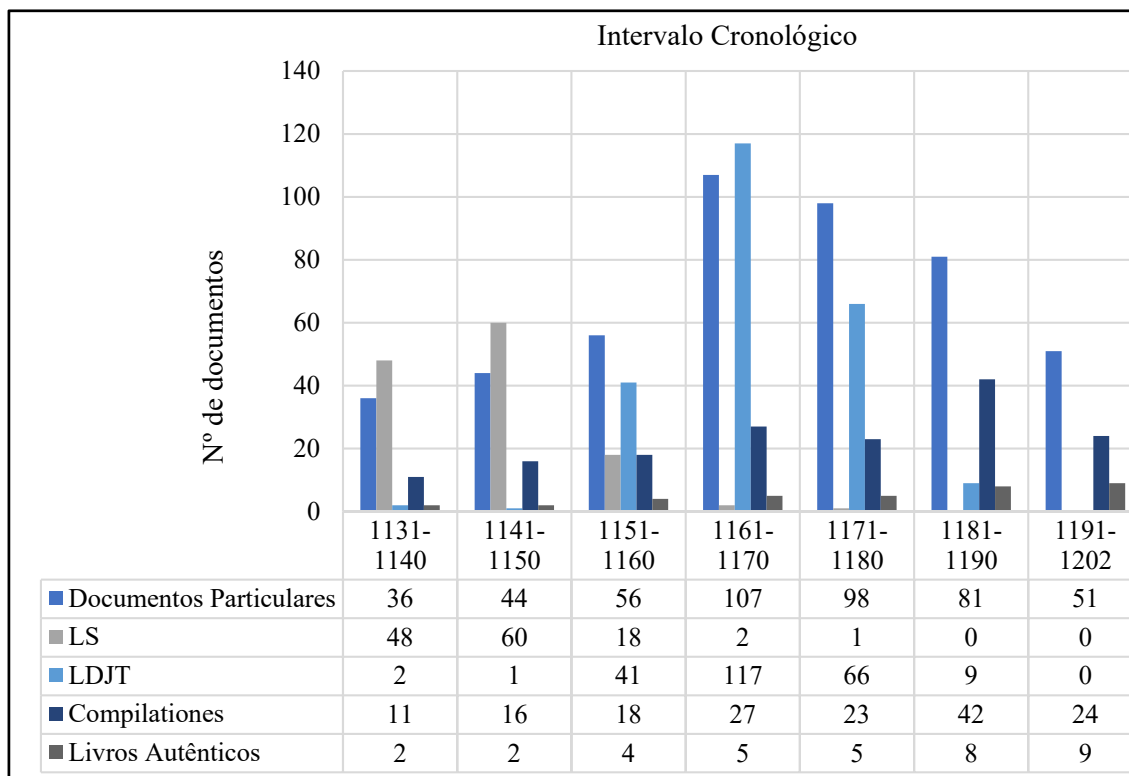


Gráfico 1 – Documentos originais do nosso *corpus documental*.

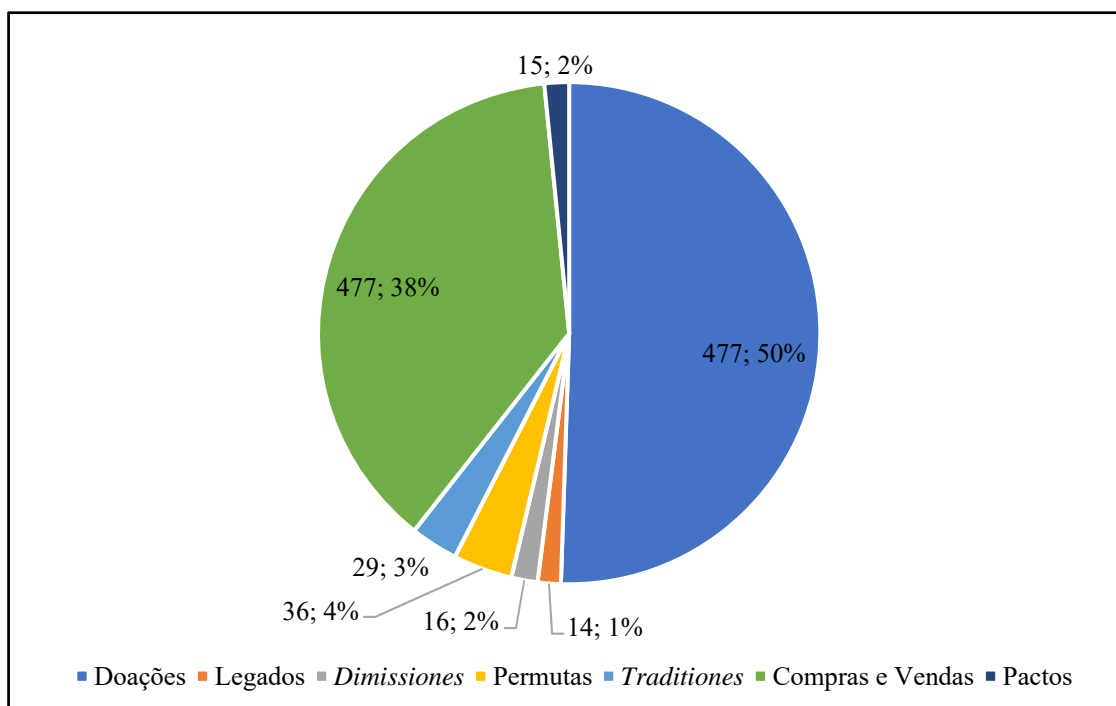


Gráfico 2 – Tipologias documentais.

Da Casa ao Lar: arquitecturas de habitação na cidade de Évora entre a Baixa Idade Média e o início da Modernidade. Apresentação de um Projecto de Doutoramento em História da Arte.

Silvana R. Vieira de Sousa¹
Universidade de Évora

Resumo

Esta tese pretende ser uma reflexão sobre a(s) arquitectura(s) de habitação na cidade de Évora entre o final da Idade Média e o início da Modernidade, assentando em dois eixos principais de investigação: a vertente material, da arquitectura - a casa enquanto estrutura física, com materiais, disposições e formas próprias - e a vertente imaterial, a da domesticidade e vivência do espaço - a casa enquanto lar, local onde se vive a familiaridade, mas também onde se trabalha e se cruzam funções. Para o efeito, propõe-se enquadrar cronologicamente este estudo no período entre os reinados de D. Duarte e D. João III.

Palavras-chave

Arquitectura; casa; medieval; quinhentista; Évora

Abstract

This thesis intends to be a reflection on the housing architecture(s) in the city of Évora between the late Middle Ages and the beginning of Modernity, based on two main research axes: the material aspect of architecture - the house as a physical structure, with its own materials, dispositions and forms - and the immaterial aspect, that of domesticity and living space - the house as home, where familiarity is lived, but also where one works and intersects functions. To this end, it is proposed to frame this study chronologically in the period between the reigns of D. Duarte and D. João III.

Keywords

Architecture; house; medieval; 16th century; Évora

APRESENTAÇÃO DO TEMA, OBJETIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

Este projecto de doutoramento propõe-se estudar as arquitecturas de habitação e o espaço doméstico em Évora, entre o fim da Idade Média e o início do período Moderno, sendo a cronologia proposta entre os anos de 1433 e de 1557.² Esta baliza temporal surge definida, primeiramente, em função das Fontes, mas também devido ao

¹ Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/147018/2019), doutoranda em História da Arte na Universidade de Évora e membro do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA).

² Este projecto conta com a orientação do Professor Doutor Paulo Simões Rodrigues (U. Évora) e com a coorientação da Professora Doutora Luísa Trindade (U. Coimbra). O que se apresenta neste texto é reflexo do estado da investigação aquando do XI Workshop de Estudos Medievais, em Abril de 2019, e ainda que a mesma tenha avançado nos meses seguintes, optei por não acrescentar novos dados e cingir-me à informação recolhida até à data.

“período de ouro” da cidade de Évora, onde se assistiu a uma renovação urbana, arquitectónica, cultural e artística, e ainda por se enquadrar num período de transição, entre as épocas a que chamamos Medieval e Moderna. É, não só, mas também, através do estudo destes mesmos espaços de transição - seja ela temporal, cultural, histórica ou social - que é possível retirar informação verdadeiramente rica e completa. Enquanto historiadores de uma qualquer disciplina (ou aspirantes a isso), estamos pré-formatados para dividir o tempo em categorias: Antigo, Medieval, Moderno, Contemporâneo... quando, na verdade, sabemos que a passagem do tempo e a sua manifestação nas várias áreas que compõem a vida humana não é assim tão linear, havendo, por isso, ainda muito caminho a percorrer na sua investigação.

Esta escolha justifica-se também com o crescimento acentuado da cidade de Évora neste período, no qual passou de uma cidade de importância regional para uma quase capital na qual a Corte estanciava por longos períodos. O início do período em estudo coincide com o reinado de D. Duarte, rei responsável por importantes alterações urbanas na cidade - como o loteamento da Cerca Velha, desmilitarizando-a; o início da edificação do Paço dos Estaus, na actual Praça do Giraldo; e o prosseguimento das obras do Paço Real de S. Francisco - prolongando-se até ao fim do reinado de D. João III, que coincide com o terminar deste período áureo de Évora, que em poucos anos viria a conhecer um processo de perda de relevância, agravado pela União Ibérica e que não conseguiu ser contrariado pela fundação da Universidade nem pela elevação da diocese de Évora a arquidiocese. Este desenvolvimento urbano reflecte-se no volume documental preservado, muitíssimo superior ao dos séculos anteriores, permitindo uma análise detalhada dificilmente possível para períodos prévios.

Mais ainda, e sendo a casa urbana baixo-medieval e quinhentista o tópico principal desta pesquisa, toma-se como localização privilegiada o estudo de arquitecturas no perímetro intramuros da cidade de Évora, dentro da chamada Cerca Nova [ver imagem 1]. Isto mesmo tem em conta que após a construção da Cerca Nova, em meados do século XIV, Évora torna-se uma cidade sem arrabaldes, havendo uma distinção clara entre o espaço urbano dentro de muralhas e o espaço rural que se inicia do outro lado da estrutura amuralhada. Assim, esta será a circunscrição espacial mais coerente para o estudo da casa urbana que se propõe realizar.

Neste sentido, os objectivos principais deste trabalho passam por:

- Reflectir sobre três vertentes: a materialidade da casa, a imaterialidade do espaço doméstico, e as formas de divulgação e valorização patrimonial destes objectos de estudo;

- Clarificar conceitos: casa, casa urbana, casa de morada, casa corrente, privado *versus* público, entre outros;
- Compreender as técnicas, formas e materiais nas suas linhas de longas continuidades e eventuais rupturas;
- Entender como se organizava a casa na cidade de Évora na cronologia abordada, articulando o espaço com o próprio ritmo da cidade e da sua evolução urbana;
- Criar um registo organizado, contemplando a tipologia, organização, materiais e localização das casas baixo-medievais urbanas eborenses;
- Confrontar os registos documentais com a materialidade existente, promovendo a sua identificação e valorização patrimonial;
- Questionar o papel da arquitectura vernacular e corrente no mundo actual como elemento de memória colectiva e de identidade de uma população;
- Sublinhar a importância das abordagens multidisciplinares para o entendimento completo de um tema; neste caso em concreto, aliar a História da Arte à Arquitectura, à História, à Arqueologia, à Antropologia ou ainda, à Sociologia;
- Incentivar o interesse e a participação da comunidade sobre a qual este estudo se debruça pela arquitectura de habitação e pela sua promoção;
- Evidenciar o papel da região do Alentejo, e em particular da cidade de Évora, como local de um vasto património material e cultural, ao nível nacional e internacional.

ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Quando se escreve sobre cidades medievais, compreensivelmente, é quase certo referir-se a casa como parte delas e dedicar-lhe um capítulo ou uma pequena parte do todo. A história da casa e da unidade doméstica urbana surgiu timidamente em Portugal ainda nos anos 60, avançando depois já no início dos anos 80, como testemunham o trabalho de Vítor Pavão dos Santos³ e de A. H. de Oliveira Marques.⁴ Com a renovação historiográfica do pós-25 de abril, a história da materialidade e do urbanismo medieval passa a cruzar-se ativamente com a história socioeconómica, sendo as décadas de 90 e dos anos 2000 marcados por uma vaga de trabalhos dedicados ao estudo de núcleos

³ Vítor Pavão dos Santos, *A casa no Sul de Portugal na transição do século XV para o XVI*, dissertação de licenciatura apresentada à Universidade de Lisboa (Lisboa, 1964).

⁴ A. H. de Oliveira Marques, “A Casa” in *Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*. 6ª edição (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010), (primeira edição de 1981).

urbanos portugueses medievais, constituindo, em boa parte dos casos, teses e dissertações apresentadas pelos respetivos autores.

Entre estes trabalhos destacam-se, pela dimensão, metodologia e resultados, os de Maria da Conceição Falcão Ferreira,⁵ Luísa Trindade,⁶ Ângela Beirante,⁷ Amélia Aguiar Andrade,⁸ Sílvio Conde,⁹ ou Iria Gonçalves.¹⁰ No que diz respeito aos trabalhos dedicados ao urbanismo, arquiteturas e arqueologia medievais de Évora, além do já referido trabalho de Ângela Beirante, vale a pena referir o trabalho de Ana Maria de Mira Borges,¹¹ pelo fôlego e abrangência, ainda que, mais uma vez, a casa, as arquiteturas de habitação e o estudo da domesticidade medieval de Évora permaneçam praticamente por explorar.

Todavia, sensivelmente desde 2010, o investimento na temática parece ter abrandado em Portugal, senão mesmo ter sido interrompido, abrindo-se aqui uma janela para uma possível actualização e renovação metodológica. Esta convicção é reforçada pelo cenário que existe além-fronteiras.

No que toca à historiografia internacional, o desenvolvimento tem sido forte e muito direcionado para o estudo integrado do espaço doméstico, nas suas vertentes material e imaterial. Para isso, recorre-se ao estudo das mentalidades, da arqueologia e da arqueologia da arquitectura, através de equipas multidisciplinares, nas quais a História da Arte ocupa um lugar privilegiado na intersecção dos diversos saberes. Nesta

⁵ Maria da Conceição Falcão Ferreira, “Construção corrente em Santarém, no século XV: Alguns exemplos” in *Estudos em homenagem a João Francisco Marques* / coord. Luís A. de Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro, Amélia Polónia (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001), 459-473 e “Habitação urbana corrente, no Norte de Portugal medievo”, *Morar, tipologia, funções e quotidianos da habitação medieval, Media Aetas, Revista de Estudos Medievais* (Ponta Delgada, Patrimonia, 2000/2001).

⁶ Luísa Trindade, *A casa urbana em Coimbra dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna* (Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2002) e *Urbanismo na Composição de Portugal* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013).

⁷ Maria Ângela Rocha Beirante, *Évora na Idade Média*, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995).

⁸ Amélia Aguiar Andrade, *Um Espaço Urbano Medieval: Ponte de Lima* (Lisboa: Livros Horizonte, 1990).

⁹ Manuel Sílvio Alves Conde, *Construir, Habitar: A Casa Medieval* (Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2011), (com informação de textos de anos anteriores compilados).

¹⁰ Iria Gonçalves, “A construção corrente na Beira Interior nos finais da Idade Média”. *D. Manuel e a sua época. Actas do III Congresso Histórico de Guimarães*, 3ª Secção - População Sociedade e economia. (Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2004).

¹¹ Ana Maria de Mira Borges, *Évora: da Reconquista ao século XVI. Alguns aspectos do desenvolvimento urbano e arquitectura* (Évora: Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade de Évora, 1998).

linha, e referindo apenas trabalhos produzidos na última década e meia, destacam-se pela proximidade geográfica e cultural, mas também pela utilidade metodológica, autores franceses, ingleses e espanhóis, como Jean Passini,¹² M^a Elena Díez Jorge e Júlio Navarro Polazon,¹³ Agustín Azkarate,¹⁴ Sonia Gutiérrez Lloret,¹⁵ Tania Bayard,¹⁶ Maryanne Kowalesky e Peter Jeremy Piers Goldberg,¹⁷ e Sharon R. Steadman,¹⁸ apenas para nomear alguns.

FONTES, METODOLOGIA E PROBLEMAS

Esta investigação desenrola-se em três grandes partes: a do estudo da materialidade da casa, a da imaterialidade do espaço doméstico, e, ainda, da identificação e valorização das eventuais sobrevivências arquitectónicas do período em estudo presentes hoje na cidade.

Relativamente à primeira parte, o grande objectivo é conseguir apurar de que forma a casa se organizava no espaço urbano, que técnicas e materiais eram aplicados na sua construção e manutenção, procurar possíveis padrões de dimensão e forma, mas também perceber se haveria variações entre as tipologias construtivas em diferentes zonas da cidade. Para o efeito, toma-se como fonte privilegiada a documentação sobre a propriedade do Cabido da Sé de Évora, preservada no Arquivo da Sé, escolhida devido à localização de bens por todo o espaço urbano e à variedade de tipologias de casas. A análise desta documentação é pensada da seguinte forma: Livros de Registo de Propriedades e Direitos - para a compreensão do volume e tipologia de bens do Cabido; Livros de Escrituras - para entender como se efectivava o usufruto e a posse da

¹² Jean Passini (coord. de), *La Ciudad Medieval: De La Casa al Tejido Urbano*, actas do primeiro Curso de Historia e Urbanismo Medieval organizado pela Universidade de Castilla-La Mancha (Toledo: Universidad de Castilla-La Mancha, 2001).

¹³ M^a Elena Díez Jorge e Julio Navaro Polazón; (eds.), *La Casa Medieval en la Península Ibérica* (Madrid: Sílex Ediciones, 2015).

¹⁴ Agustín Azkarate Garai-Olaun, “La construcción y lo construído. Arqueología de la Arquitectura” in *La Materialidad de La Historia: la arqueología en los inicios del siglo XXI* (Madrid: Akal, 2013), 271-298.

¹⁵ Sonia Gutiérrez Lloret, “Formas de habitar en el temprano al-Andaluz. Significado social del espacio doméstico”, *International Workshop from domestic structure to social life. Archaeological readings of social use of space* (2012) e “Gramática de la casa. Perspectivas de análisis arqueológico de los espacios domésticos medievales en la península Ibérica (siglos VII-XIII)”, *Arqueología de la Arquitectura*, nº9, Janeiro-Dezembro (2012):139-164.

¹⁶ Tania Bayard, *A Medieval Home Companion: Housekeeping in the Fourteenth Century* (New York: Harper Collins Publishers, 1991).

¹⁷ Maryanne Kowaleski e P. J. P. Golberg, *Medieval Domesticity: Home, Housing and Household in Medieval England* (Cambridge: Cambridge University Press, 2008).

¹⁸ Sharon R. Steadman, *Archaeology of Domestic Architecture and the Human Use of Space* (New York: Routledge, 2016).

propriedade; Livros de Acordãos - para acompanhar a manutenção dos bens imóveis. Após a devida “triagem documental” tendo em conta cronologias e tipologias de imóveis, o rol documental a analisar resultou num total de 3 livros de Propriedades e Direitos, 20 Livros de Escrituras, 3 Livros de Acordãos, e 6 Livros de Sentenças.

A segunda parte, referente ao estudo da imaterialidade, apresenta-se como um dos passos mais desafiantes desta investigação, e aqui a análise bibliográfica terá importância acrescida, pelo avanço internacional referido anteriormente, sobretudo no plano conceptual. Esta teorização prévia preparará o estudo de fontes mais fragmentadas, e complementarà a primeira parte, percorrendo todos os aspectos da Casa (sobre o construir), até aos do Lar (sobre o habitar). A tipologia de fontes a utilizar será acrescentada com documentação de cariz jurídico e judicial, como ordenações régias, posturas municipais, processos e sentenças, cartas de perdão, entre outras, que revelem contrastes entre o espaço público da rua e do quotidiano, e a dimensão privada (utilizando privado como conceito operativo, numa altura em que ainda é problemático falar em privacidade) da vivência não só familiar, mas também produtiva e comercial que acontece num mesmo espaço - as cartas de perdão, por exemplo, poderão revelar casos concretos de violação dessa dimensão privada, com invasões domiciliare, conflitos entre vizinhos e problemas dentro de uma mesma esfera familiar. Pretende-se assim aceder quer à norma, quer aos testemunhos do quotidiano que a confirmem ou desmintam.

A terceira parte, complementar ao eixo central das duas primeiras acima descritas, apostará no diálogo entre o passado e o presente. Centra-se na recolha fotográfica *in loco*, elencando dois aspectos: a localização de marcas de propriedade do Cabido ainda existentes na cidade de Évora - entenda-se as placas localizadas nos edifícios que apresentam a grafia CABIDO [ver imagem 2] - e, por outro o mapeamento dos vestígios arquitectónicos relacionados com a arquitectura civil medieval e quinhentista que são visíveis nos dias de hoje, como portais, janelas ou pano murário [ver Tabela 1].

Estes vestígios, essencialmente pertencentes àquilo que se convencionou designar como gótico na exercício construtivo, traduzem simbolicamente aquilo que a casa, na sua vertente material, significa para este projecto de doutoramento: como um estilo surgido como um verdadeiro programa cultural na actual França, alguns séculos antes da cronologia que me proponho estudar, se espalha por um vasto território e encontra, em Évora, como noutras paragens, uma nova leitura adaptada às necessidades e disponibilidades do meio e dos homens. Ou ainda, como um estilo erudito se vernaculariza no arco apontado da casa de uma rua eborense, e como essa mesma cidade recebe um novo programa cultural e artístico, o do Renascimento, também ele pensado

a centenas de quilómetros e bem-sucedido na medida em que se adopta e adapta. A arte traduz-se em realidade e assume um carácter prático, material, e a casa é também expressão de arte e contentor de quem a lê à sua maneira.

ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TRABALHO – CAPÍTULOS GERAIS

Tendo presente o que foi escrito anteriormente e indo ao encontro dos objectivos a cumprir, esta é a proposta de organização geral da tese, sujeita, obviamente, a mudanças e alguns ajustes.

- Introdução.
- Estado da Arte.
- Questões metodológicas:
 - Caracterização e justificação de Fontes.
 - Tempo e espaço: apresentação e justificação dos limites cronológicos e espaciais da investigação.
 - *Quem faz casa na praça, uns dizem que é alta, outros dizem que é baixa:* Problemáticas de investigação.
- PARTE I: Da Casa ao Lar. Entre o visível e o invisível.
 - Capítulo I. Da materialidade da Casa: aspectos sobre o construir.
 - Capítulo II. Da imaterialidade do Lar: aspectos sobre o habitar.
- PARTE II: *Cada casa um caso.* Arquitecturas de habitação baixo-medievais e quinhentistas eborenses.
 - Capítulo III. Tipologias do habitar: caracterização das estruturas analisadas.
 - Capítulo IV. Documentação *versus* vestígios *in loco*: uma análise comparativa.
- PARTE III: *Nossa Casa, nosso Lar.* Contributo para a divulgação e valorização patrimonial dos objectos de estudo.
 - Capítulo V. A Casa como forma de expressão. População e arquitectura corrente.
- Considerações finais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apresentadas as linhas gerais deste projecto de doutoramento, referem-se agora algumas inquietações e suspeitas que surgiram com o desenrolar do trabalho, bem como alguns dados já tratados.

No que diz respeito a informação já tratada e analisada, com todos os dados recolhidos, encontra-se o Livro 3 do Registo de Propriedades e Direitos (1543) e o Livro 1 do mesmo Registo de Propriedades e Direitos (1321-1467), encontrando-me agora na análise do Livro 6 (1551-52). Enquanto que o primeiro livro “apenas” forneceu referências indirectas - localização de casas e seus foreiros -, sem uma descrição detalhada de imóveis, o terceiro mostrou-se uma fonte verdadeiramente preciosa para o meu trabalho. Sobre este livro, importa dizer que foi o escolhido para começar esta análise documental por duas grandes razões: o facto da sua escrita e posterior leitura paleográfica ser de maior facilidade, e por ser ele que irá ditar, em grande parte, a base de imóveis em análise, contendo um índice detalhado de toda a propriedade urbana (intramuros) do Cabido da Sé de Évora, fornecendo descrições extremamente completas das suas casas, foreiros, localização e tipologias. No total, a leitura, transcrição e posterior análise paleográfica deste livro [ver imagem 3], originou a entrada de 508 arquitecturas de habitação (entrando aqui também, além das casas, alguns fornos, quintais e chãos, entre outros), demonstrando a potencialidade desta fonte, que será ainda mais evidente quando a conjugar com a informação presente nos restantes livros a analisar.

Poder-se-á tratar este trabalho de um estudo sobre a “casa corrente eborense”? As casas que surgem descritas apresentam quase sempre algum grau de complexidade ou de “aparato”, quer pelas suas dimensões, quer pelos materiais utilizados no todo ou em certos elementos arquitectónicos: a casa é descrita quando é digna de nota. Descreve-se o imóvel se este tem algo que o diferencia: uma janela, um portal, ou um telhado de forma particular; e se se dá ênfase a uma casa sobradada, será porque as casas térreas serão a norma, distinguindo-se apenas a câmara (espaço mais recatado mas ainda assim, não necessariamente privado ou íntimo) da casa dianteira (normalmente aberta para a rua).

É a casa comum, a que se edifica consoante a necessidade e possibilidade de cada um, que preenche a cidade, que a molda na sua forma e que nos oferece uma noção mais aproximada de como seria o dia-a-dia dos homens de uma qualquer urbe. As próprias mudanças do tempo reflectem-se em mudanças na materialidade da casa e na vivência doméstica, e a diferença social e complexidade da vida urbana implicam usos distintos

da casa, quer na organização do espaço, quer na articulação com o exterior. Évora, à semelhança de outras localidades portuguesas, é ainda exemplo disso, e conserva dentro de si, das suas casas e estabelecimentos comerciais actuais, apontamentos materiais do que a cidade, e em particular a casa, foi em tempos passados. Para o comprovar, basta apenas ao curioso interessado olhar com mais atenção para o interior dos lotes urbanos, ou para os próprios arruamentos da cidade, para encontrar vários elementos remanescentes e exemplos da sua memória material [ver imagem 4].

Num mundo onde a produção e consumo do conhecimento imediato e de pouca profundidade parece ser norma, cabe a nós investigadores, e em particular às Universidades, criar ferramentas e meios para estimular o gosto pela procura e partilha de conhecimento, tentando, sempre que possível, criar uma rede de pesquisa que produza conteúdos para a Academia, mas que não se feche nela. Não será descabido acreditar que é verdadeiramente fulcral envolver as comunidades sobre as quais se trabalha, alertando-as para os assuntos que estão a ser desenvolvidos e criando assim, por outro lado, a noção de Património, permitindo reflectir sobre o que podemos fazer para o preservar e divulgar. O estudo sobre as arquiteturas de habitação do passado, em particular da eborense, é assim um tema relativamente fácil de compreender e capaz de suscitar interesse, mais que não seja porque elas são parte fundamental de qualquer cidade, e todos nós, enquanto Humanidade, mantemos a necessidade de abrigo, de casa e de lar.

Resumindo esta breve apresentação do projecto, a ideia que se espera ver conseguida é a de que, partindo da dimensão teórico-crítica sobre “a casa” enquanto conceito(s), se apresente um estudo científico sobre a mesma, com uma periodização e um local específico, onde se alie a informação documental, bibliográfica, técnica e conceptual. O intuito será assim o de obter um produto final que almeja ser, além de um trabalho científico rigoroso e sério, uma ferramenta na compreensão, preservação e divulgação de parte do vasto património material e cultural da cidade de Évora. É este o desafio.

ANEXOS

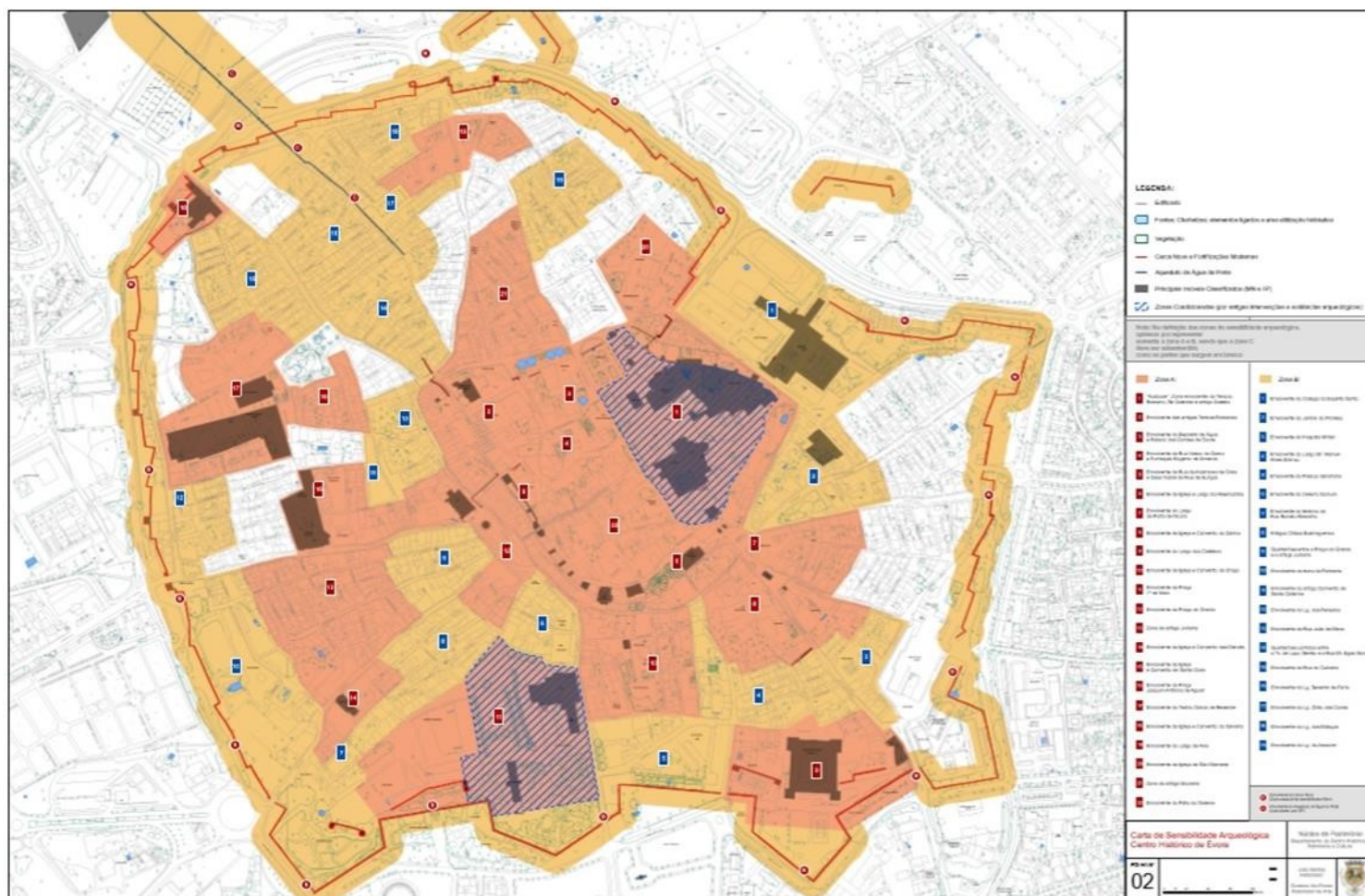


Imagem 1 – Carta de Sensibilidade Arqueológica, Centro Histórico de Évora. Núcleo de Património, Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura. Câmara Municipal de Évora.



Imagem 2 – Placa de identificação de propriedade do Cabido, Travessa das Contreiras, Évora. Fotografia da autora, 2019.

N.º INSCRIÇÃO	COPY	DATA	TRANSACÇÃO/REEXERCÍCIO DOCUMENTAL	FORNECEDOR	PERÍODO	LOCALIZAÇÃO E COMPLEMENTAÇÃO	DIVISÕES E MEDIDAS (m²/m²)	ELEMENTOS DE DEFENSA	MATERIAIS
1		17-05-1523	Titulo das casas que o cabido tem nesta cidade d'Évora forais a elle e a cidade della.	Doutor Rui Lopes (antestado fidalgo)	370 reais, in perpetuum	Par térreo do 3c, popular com o adro. Partem com os cômodos do bispo, casa do João Diogo de Medeiros, casa de João da Luz mestre	Recobrimto: 11 x 6 e uma Estrebita, Pórtico e Pórtico: 10 x mais x 5 Casa térrea: 5 mais x 2 e mais	Tuas pias de água (na adoga) Deuz cores (na água) Pico (no quarto)	Pedra (escada)
2		s/d	Titulo de João da Luz mestre escrivão de câmaras do 2º Reino... traz heis casa forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	João da Luz, mestre-câmara,	Não referido.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Partem com casa do doutor Rui Lopes e com casa do Bispo de Santiago.	Recobrimto: 11 x 6 e mais Diante: 6 x 4	Alcorco(?) "que faz" a altura do quarto	Carilho (forno de climatizar) cimo de todo, sobre o parço Barbo-limão e a fumaça (f)
3		11-05-1523	Titulo de Joao de Fronte d'Evora na memoria de João de Fronte d'Evora... traz heis casa forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	João Gonçalves, cônego	300 reais e 10 galinhas. Primeira parte.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Em frente, la casa do doutor Rui Lopes e que partem com casa do Bispo de Santiago.	Casa diantura: 7 x 3 e mais (folgado) Sobrado da casa diantura mesmo medido do lado Adoga: 5 x 3 e mais (folgado)	Casa térrea (na adoga) Alambique (na adoga)	Mudara (escada entre sobrado adoga e contra cisterna) Pua (escada para a varanda)
4		06-04-1523	Titulo de Joao de Fronte d'Evora na memoria de João de Fronte d'Evora... traz heis casa forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	Bispo de Santiago, cônego e arcebispo do 2c.	400 reais e 12 galinhas. Primeira parte.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Em frente, la casa de João da Luz, que partem com os casa do doutor Rui Lopes e com casa de	Casa diantura: 7 x 3 e mais (folgado) Casa que corre de cima da casa diantura (sobrados) do mesmo tamanho da da entrada	Casa sobrado (1 entrada) Arco (no cimo da casa diantura, abobadado)	Forno (posto de uma das casas) sobre a casa diantura
5		14-05-1527	Titulo de Joao de Fronte d'Evora na memoria de João de Fronte d'Evora... traz heis casa forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	João de Caba, cônego	200 reais e 2 galinhas. Primeira parte.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Em frente, la casa do Bispo de Santiago, do lado direito, partem com casa de João Gonçalves e	Corredor: 4 x 1 e mais Adoga: 4 x 4	Casa sobrado (1 entrada) Janelas (no sobrado do adoga de ter pua, voltada para a rua, e outra	Porta (varão) Outro pique de água (na adoga) Janelas (sobre a rua, uma na casa
6		15-05-1523	Titulo de Joao de Fronte d'Evora na memoria de João de Fronte d'Evora... traz heis casa forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	António Coaral(?)	300 reais e 3 galinhas. Primeira parte.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Em frente, la casa do Bispo de Santiago, do lado direito, partem com casa de João Gonçalves e	Recobrimto descoberto: 6 x 4 e mais Apartado: 4 e mais x 4	Cisterna (no recobrimto) Janelas (no sobrado do adoga de ter pua, voltada para a rua, e outra	Quatro rufos (na adoga) Porta (frente) Cantareiro (no sótão e no sótão)
7		s/d	Titulo de Leonor Marques traz heis casa forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	Leonor Marques	400 reais e 2 galinhas. Primeira parte.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Em frente, la casa do Bispo de Santiago, do lado direito, partem com casa de João Gonçalves e	Casa diantura: 6 x quarta x 4 Casa que corre de adoga: 4 x 3 e mais	Quatro rufos (na adoga) Janelas (na casa diantura)	Tijolo (escada)
8		s/d	Titulo de Leonor Marques traz heis casa forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	Peronil de Soares, cônego	400 reais e 6 galinhas. Primeira parte.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Em frente, la casa do Bispo de Santiago, do lado direito, partem com casa de João Gonçalves e	Casa diantura: 7 x 5 Casa (do lado direito da casa diantura): 5 e mais x 2 e mais	Quatro rufos (na adoga) Janelas (na casa diantura)	Pua (escada no sobrado do 2º Tijolo (escada da sponja)
9		s/d	Titulo de Francisco Dominguez compo traz outras forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	Francisco Dominguez, cônego	50 reais e 1 galinha, in perpetuum.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Em frente, la casa do Bispo de Santiago, do lado direito, partem com casa de João Gonçalves e	Casa primeira: 6 x 3 e quarta Pórtico: 3 e mais cocas: 3 e quarta	Forno (na casa primeira) Porta (deu para a rua)	
10		16-05-1524	Titulo de Alonzo Anes Bachardel da sé de Évora traz forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	Alonso Anes, Bachardel, cônego	400 reais e 2 galinhas. Primeira parte.	Caro Vello, na orla do capitel-mor do 3c, Fronte Em frente, la casa do Bispo de Santiago, do lado direito, partem com casa de João Gonçalves e	Casa diantura: 5 x 3 e quarta Colado: 4 x 3	Tijolo para pua (na casa diantura) Porta (frente)	Tijolo (escada que vai da casa diantura)
11		11-05-1523	Titulo de Alonzo Anes Bachardel da sé de Évora traz forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	Gomes Pires de Oliveira, cônego	50 reais e 1 galinha, in perpetuum.	Rua de Fronte. Casa que partem com os de Alonzo Anes e com os de Francisco Pires.	Casa primeira (que corre de estrebita): 4 e mais x 3 e mais	Janelas (uma no coliteiro, para a rua;	
12		11-05-1523	Titulo de Alonzo Anes Bachardel da sé de Évora traz forais do 2º cabido se quez partem com os sobrados E com o 1º casa que ora traz João de Blago de	Gomes Pires de Oliveira, cônego	50 reais e 1 galinha, in perpetuum.	Rua de Fronte. Casa que partem com os de Alonzo Anes e com os de Francisco Pires.	Casa primeira (que corre de estrebita): 4 e mais x 3 e mais	Janelas (uma no coliteiro, para a rua;	

Imagem 3 – Tabela Excel com os dados recolhidos da documentação analisada até à data.

Aqui em destaque, a informação relativa ao Livro 3 do Registo de Propriedades e Direitos do Cabido da Sé de Évora.



Imagem 4 – Alguns exemplos de elementos remanescentes na cidade de Évora. Fotografias da autora, 2019.

Arruamento	Placas de identificação	Vestígios
Alcárcova de Baixo	0	-
Alcárcova de Cima	0	Possível janela (em ruína) quinhentista - namoradeira - sobre pano de muralha.
Beco da Forçada	0	Dois portais com arcos apontados
Beco das Ramalhas	0	-
Beco dos Açurares	0	Estrutura (possível)
Largo Alexandre Herculano	0	Dois portais com arco apontado.
Largo Luís de Camões	0	Arcaria quatrocentista.
Largo da Misericórdia	0	Solar de Monfalim.
Largo/Fonte das Portas de Moura	0	Janela exterior, pano murário e alguns vãos no interior dos edifícios, e dois cachorros figurados; + o edifício nº26
Largo de S. Domingos	0	Dois paços quinhentistas.
Largo de S. Miguel	0	-
Largo do Chão das Covas	0	Aqueduto.
Largo/Travessa dos Estações	0	-
Largo dos Mercadores	0	Portal com arco apontado, parcialmente embutido no edifício.
Rua da Cal Branca	0	-
Rua da Freiria de Cima	0	-
Rua da Freiria de Baixo	2	Dois portais com arco apontado, e um arco de suporte na rua.
Rua da Graça	0	-
Rua Dom Augusto Eduardo Nunes	1	Um portal com arco apontado.
Rua da Moeda	6	Quatro portais com arco apontado, três portais de vão recto, e uma janela possivelmente quinhentista.
Rua da Mostardeira	0	-
Rua da Oliveira	1	-
Rua da Palmeira	0	-
Rua da Trindade	0	Um portal com arco apontado.
Rua das Amas do Cardeal	0	-
Rua das Donzelas	0	-
Rua das Galvôas	0	-
Rua das Nobres	0	-
Rua de Alcoutim	1	Um portal de vão recto (pertencente a um lote entre esta rua e a da Moeda), e uma cantareira (sem datação certa).
Rua de Avis	0	Dois portais em vão recto, em lotes diferentes; um deles apresenta um brasão de armas (?).
Rua de Burgos	0	-
Rua de Diogo Cão	0	-
Rua de Dona Isabel	0	-
Rua de Frei Brás	0	Um portal com arco apontado e um outro com vão recto.
Rua de Machede	0	Um portal com arco apontado, e dois parcialmente embutidos nos respectivos edifícios, um com arco apontado e outro com vão recto.
Rua de Mendo Estevens	0	Portal com arco apontado.

Rua de Pedro Simões	0	Parte de portal com arco apontado (vão).
Rua de S. Cristovão	0	Uma janela quinhentista.
Rua de S. Manços	1	Um portal com arco apontado e uma gárgula.
Rua de Santa Catarina	0	-
Rua de Santa Maria	3	Um portal de vão recto e uma janela quinhentistas no mesmo lote, e outro portal de vão recto noutro lote.

Rua de Soeiro Mendes	0	-
Rua de Valdevinos	1	-
Rua de Vasco da Gama	0	Duas janelas possivelmente quinhentistas no mesmo edifício.
Rua do Alfaiate da Condessa	1	Um portal com arco apontado.
Rua do Alfeirão	0	Parte de um vão recto (lintel).
Rua do Armeiro	0	-
Rua do Capado	0	Um portal com arco apontado, e parte de um outro, noutro lote (arranque de vão).
Rua do Cenáculo	1	Duas gárgulas.
Rua do Cabo	0	-
Rua do Cano	0	Um portal de vão recto possivelmente quinhentista, outro portal quinhentista decorado, e um outro com arco apontado (lote no cruzamento entre esta rua e a das Amas do Cardeal).
Rua do Escudeiro da Roda	0	-
Rua do Imaginário	0	-
Rua do Lagar do Cêbo	0	-
Rua do Muro	0	-
Rua do Raimundo	0	Três cachorros, dois portais com arco apontado embutidos nos respectivos edifícios, e pano murário.
Rua do Salvador Velho	0	Portal com arco apontado.
Rua do Torres	0	-
Rua dos Mercadores	1	Um portal de vão recto recortado e um encaixe de janela.
Rua dos Ramos	0	Um portal com arco apontado.
Rua Dr. Egas Moniz	0	-
Rua Dr. Joaquim Henrique da Fonseca	0	Marca murária de um possível portal com arco apontado.
Rua Cândido dos Reis	0	Várias janelas possivelmente quinhentistas (algumas embutidas no espaço do “M`ar de ar” – janelas deslocadas de outro edifício? S. Domingos?).
Rua Fria	0	Um portal com vão apontado e um outro com vão de volta perfeita.
Rua João de Deus	0	Arcaria quatrocentista.
Rua José Elias Garcia	0	Colunas, arcadas e um portal quinhentista.
Rua Miguel Bombarda	1	Uma janela exterior, um portal exterior com arco apontado, e dois arcos e um portal com arco apontado no interior de um lote.
Rua 31 de Janeiro	0	Um portal com arco apontado transformado em janela de esquadria recta - portal mutilado.
Rua 5 de Outubro	0	Uma janela e pano murário no interior de um lote.

Rua Gabriel Victor do Monte Pereira	0	Dois portais de vão recto, com base esculpida, no mesmo lote.
Rua Nova	0	-
Rua Manuel d`Olival	0	-
Pátio do Salema	0	Uma janela quinhentista.
Praça do Sertório	0	-
Travessa da Alegria	0	-
Travessa da Ana da Silva	0	Um portal com arco apontado, um outro com arco apontado, mas parcialmente embutido no edifício, e outro de vão recto, também parcialmente embutido no edifício.
Travessa da Bola	0	-
Travessa da Cancela	0	Um portal com arco apontado.
Travessa da Bota	1	-
Travessa da Mangalaça	0	-
Travessa da Milheira	1	-
Travessa da Olaria	0	-
Travessa da Parreira	2	-
Travessa da Piçarra	0	-
Travessa da Pomba	0	Portal com arco apontado, caiado.
Travessa da Tamara	0	-
Travessa da Viola	0	Um portal com arco apontado e um outro, parcialmente embutido no edifício, também com arco apontado.
Travessa das Canastras	0	-
Travessa das Casas Pintadas	0	Um portal com arco apontado e uma janela de vão recto (possível).
Travessa das Contreiras	2	Um portal possivelmente quinhentista, e um outro com arco apontado.
Travessa das Damas	0	Portal com arco apontado.
Travessa das Façanhas	0	-
Travessa das Flores	0	-
Travessa das Invernas	0	-
Travessa das Gatas	0	-
Travessa das Pedras Negras	0	-
Travessa de Diogo Botelho	0	Possível vestígio (coluna quinhentista?)
Travessa de Lopo Serrão	0	-
Travessa de Maria de Alter	0	Rede de tijolos (não datada)
Travessa de Roma	0	-
Travessa de S. Joãozinho	0	-
Travessa de Santo André	0	-
Travessa de Sezinando	1	-
Travessa do Afonso de Trigo	1	-
Travessa do André Cavallo	0	Janela quinhentista e dois portais com arco apontado, parcialmente embutidos na parede do imóvel – este imóvel (paço) tem a fachada para o Largo de S. Domingos.
Travessa do Bagulho	0	-
Travessa do Barão	0	Um portal com arco apontado, pano murário - estes dois elementos encontram-se no lote onde estaria localizada a sinagoga -, e um outro portal com arco de volta perfeita e renda de tijolos.

Travessa do Capitão	1	-
Travessa do Diabinho	0	-
Travessa do Lança e Dardo	1	-
Travessa do Loureiro	0	-
Travessa do Mal Barbado	0	-
Travessa do Roque de Pina	1	-
Travessa do Passarinho	0	Um portal com arco apontado.
Travessa do Pão Bolorento	0	Portal com arco apontado, parcialmente embutido no edifício.
Travessa do Pocinho	2	-
Travessa do Serpe	0	-
Travessa do Sol	1	Pano murário.
Travessa do Tavalante	0	-
Travessa dos Beguinos	0	-
Travessa dos Peneireiros	2	-
Travessa dos Vasconcelos	0	-
Travessa Torta	0	-

Tabela 1 – Arruamentos analisados até à data, tendo como limite geográfico o perímetro amuralhado da cidade, aqui indicados com os nomes actuais.

Charamelas e Trombetas: Em torno da música na cronística portuguesa dos finais da Idade Média

Ana Maria Santos Oliveira
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o nosso projeto de dissertação de mestrado. Incidindo sobretudo em questões metodológicas, bem como de fonte e historiografia, pretendemos apresentar o caminho e a forma nas quais serão analisados os dados encontrados no conjunto de crónicas a que nos propomos estudar. Esses dados incidem sobretudo nas manifestações musicais relatadas pelos cronistas Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara, Rui de Pina e Garcia de Resende, nos diversos reinados, quer de carácter genérico, com o relato de episódios de festa, quer de carácter específico, como a menção a instrumentos musicais, nos variadíssimos contextos, militares, festivos e religiosos.

Palavras-chave:

Idade Média, Crónicas, Música, Músicos, Instrumentos musicais

Abstract

The present article aims to present our investigation project. Focusing on methodological questions, as well on the sources and historiography it is our intention to demonstrate the data found in the chronicles we studied. These data focused above all in musical references described by the chroniclers, most specifically Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara and Garcia de Resende, in the various reigns as well as distinctive kinds of references in a more extended approach such as parties, or more specific such as musical instruments in varied contexts such as military, festive and religious.

Keywords:

Middle Ages, Chronicles, Music, Musicians, Musical instruments

1. INTRODUÇÃO

O projeto de dissertação de mestrado que aqui apresentamos tem como objetivo principal a análise de todo o tipo de referências musicais contidas nas crónicas de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara, Rui de Pina e Garcia de Resende. Desta forma partiremos de algumas questões-chave para a descoberta das mesmas manifestações musicais, através de um levantamento sistemático dos dados. De forma a facilitar o entendimento da nossa apresentação, iniciaremos a mesma pelo enquadramento da fonte e pelo contexto historiográfico, para de seguida comentarmos a estrutura, bem como alguns dos dados recolhidos e já analisados.

2. FONTES

Relativamente às fontes selecionadas para este estudo, a nossa escolha recaiu sobre a cronística dos finais da Idade Média, mais concretamente nas obras de Fernão Lopes (*Crónica de 1419*, de *D. Pedro I*, de *D. Fernando I* e de *D. João I*), de Gomes Eanes de Zurara (*Crónica da Tomada de Ceuta*, dos *Feitos da Guiné*, de *D. Pedro de Meneses* e de *D. Duarte de Meneses*), de Rui de Pina (*Crónica de D. Sancho I*, de *D. Afonso II*, de *D. Sancho II*, de *D. Afonso III*, de *D. Dinis*, de *D. Afonso IV*, de *D. Duarte*, de *D. Afonso V*, e de *D. João II*) e de Garcia de Resende (*D. João II*). Esta opção um pouco ambiciosa, sabemos nós, justifica-se pela escassez de dados e também pela necessidade de estabelecermos uma análise comparativa entre os vários reinados.

É necessário referir que o conjunto de crónicas a que nos propomos analisar não é de todo homogéneo, ou seja, dentro deste conjunto nem todas as crónicas são régias, apesar de ser este o tipo que prevalece, onde, para além destas, dispomos de duas crónicas particulares (*Crónica de D. Pedro de Meneses* e a *Crónica de D. Duarte de Meneses*), um «panegírico» (*Crónica dos Feitos da Guiné*) e uma miscelânea de Garcia de Resende (*Crónica de D. João II*).

Outro ponto importante que deve ser igualmente referido é o de que os cronistas eleitos pertenciam todos à dinastia Avis, condicionando em parte desde logo os dados, pois ao escreverem as crónicas dos seus estimados monarcas, estariam a fazê-lo à luz da realidade do seu tempo. Este facto dificulta o entendimento da veracidade dos dados encontrados, se de facto o que escreveram sobre D. Afonso II, ou D. Sancho II, eram relativos ao seu tempo.

Relativamente às crónicas régias, sabemos, de acordo com Bernardo Vasconcelos e Sousa, que a cronística medieval é considerada como um género que constitui um tipo preciso da historiografia na forma de narrativa, que era promovida pela coroa, sendo esta o protagonista central (representada normalmente pelo próprio rei). Por essa razão, o discurso apresentado centrava-se sobretudo na ação do monarca e na história da instituição real que o monarca e a sua dinastia representavam. Em suma, nas palavras do autor, o objetivo do texto cronístico era a história política, tanto nos temas predominantes, como as ações do rei, a guerra, a paz, a justiça, como também a nível dos seus objetivos. Aliás, o próprio cronista enfatizava a «bondade» do monarca, servindo esta como justificação para o registo das múltiplas ações régias e da instituição que o próprio representava. Deste modo, a crónica régia é também um instrumento de poder

de afirmação de autoridade por parte da monarquia, demonstrando ser um importante contributo para a legitimação dessa mesma autoridade.¹

Contudo, é necessário ter presente que estas apresentam fragilidades, começando pelo facto de que, no limite, (como é referido por Luís Miguel Duarte) toda e qualquer fonte é “mentirosa”,² sendo esta uma situação inerente às crónicas, visto que estas, como foi aludido inicialmente, era um importante instrumento de poder, sendo a sua escrita pedida pela coroa aos cronistas. Assim os relatos que nos aparecem estarão sempre condicionados por aquilo que o monarca deseja, e por isso, na maioria das crónicas, sobretudo nas régias, os relatos pretendem enaltecer os feitos do Rei.

3. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Passemos agora à apresentação de um breve enquadramento historiográfico no que diz respeito à história da música medieval, bem como ao comentário de alguns estudos acerca da música na cronística medieval portuguesa.

Sobre este universo, são ainda escassos os estudos no nosso país, contudo, tem-se vindo a assistir a uma evolução considerável tanto do ponto de vista qualitativo como quantitativo, com estudos específicos ligados a diversas temáticas, como as cantigas galaico-portuguesas. O começo da investigação da música medieval portuguesa, segundo Manuel Pedro Ferreira, foi determinado tanto pela história da literatura como pela da Igreja,³ sendo que nos nossos dias os investigadores recorrem a fontes específicas da área, transcrevendo partituras antigas, não deixando, contudo, de continuar a recorrer às fontes de narrativa histórica. Este projeto é consequência disso mesmo. Através das crónicas propomo-nos apresentar um conjunto de referências musicais, tentando entender um pouco do ambiente cultural da sociedade portuguesa na Idade Média, graças a uma fonte que era utilizada como um instrumento de poder, fortemente controlada pela coroa, que pretendia enaltecer todos os seus feitos, e legitimar a figura do rei e da monarquia.

¹ Bernardo Vasconcelos e Sousa, “Medieval Portuguese Royal Chronicles: topics in a discourse of identity and power”. *Portuguese History*, vol.5, nº2 (2007):1-2, https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue10/pdf/bsousa.pdf.

² Luís Miguel Duarte, *D. Duarte: requiem por um rei triste* (Mem Martins: Círculo Leitores, 2005), 9.

³ Manuel Pedro Ferreira, “Medieval Music in Portugal within its Interdisciplinary context (1940-2010)”, in *The Historiography of medieval Portugal (c. 1950-2010)*, dir. José Mattoso, ed. Maria Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Maria João Branco (Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Instituto de Estudos Medievais, 2011), 111.

No século XX, as questões relacionadas com a poesia galaico-portuguesa, mais concretamente no período de 1200-1350, que chamaram atenção de alguns investigadores, nomeadamente como aspetos relacionados com o canto litúrgico, como era cantado, continuando este a ser um tema de estudo nos dias de hoje. Nesta época, destacam-se nomes como João Freitas de Branco, Rui Vieira Nery e Paulo Ferreira Castro,⁴ Manuel Carlos Brito e Luísa Cymbron⁵ (estes quatro autores pertencem já, a uma época em que existia algum conhecimento a nível de fontes musicadas), entre outros. A nível europeu nomes como Higinio Anglés e Solange Corbin, tendo esta investigadora sido pioneira no que toca ao estudo sistemático, rigoroso e profundo das fontes musicais portuguesas mais antigas, com o seu estudo “Essai Sur La Musique Religieuse Portugaise au Moyen Age (1100-1385)”.⁶

De acordo com Manuel Pedro Ferreira o exemplo da musicóloga francesa, não atraiu no imediato muitos seguidores a nível da investigação musicológica em Portugal.⁷ Porém, é possível encontrar alguns estudos, como a continuação de trabalhos de investigação que haviam sido iniciados antes, nomeadamente os de Avelino Jesus da Costa, que prosseguiu com a sua pesquisa sistemática por pequenos fragmentos documentais nos arquivos portugueses, e reportou os resultados à autora francesa; os de Manuel Joaquim com uma leitura atenta de um manuscrito cisterciense do século XIII, que contém polifonia e encontra-se preservado no Mosteiro de Arouca;⁸ ou ainda o Cónego da Sé de Évora José Augusto Alegria, a quem se deve também muito do conhecimento da polifonia portuguesa. Neste último caso, não existia a preparação e abertura científica necessárias, para que fosse conduzida uma investigação histórica das fontes monódicas pré-tridentinas.⁹ Ainda assim, convinha destacar deste autor algumas obras: a “Escola de Música da Sé de Évora”, a “Capela dos Santos Reis de Vila Viçosa” ou o “Ensino e a prática da música nas Sés portuguesas”.¹⁰

Apesar de terem aparecido alguns estudos durante o século XX, foi lento o seu processo. Contudo, e como referirmos, posteriormente, a conjuntura dos estudos musicológicos em Portugal alterou-se de forma significativa. Onde antes existiam raras

⁴ Rui Vieira Nery e Paulo Ferreira Castro, *História da Música*, 2ª ed (Lisboa: Europália-Portugal e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991).

⁵ Manuel Carlos Brito e Luísa Cymbron, *História da Música Portuguesa*, (Lisboa: Universidade Aberta, 1994).

⁶ Manuel Pedro Ferreira, *Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Fundação Calouste Gulbenkian, 2009), 8-9.

⁷ Ferreira, *Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, 9-10.

⁸ Ferreira, “Medieval Music in Portugal within its Interdisciplinary context (1940-2010)”, 114-115.

⁹ Ferreira, *Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, 9-10.

¹⁰ Manuel Carlos Brito, *Estudos de História da Música em Portugal* (Lisboa: Editorial Estampa, 1989), 26.

fontes primárias acessíveis, uma musicografia incipiente e um punhado de investigadores dispersos, vê-se hoje um corpo já respeitável de obras editadas, uma bibliografia científica em constante aumento, e um pequeno núcleo de musicólogos nacionais ligados à Universidade, e que são capazes de produzir uma revista da especialidade.¹¹ Entre os vários estudos e autores que se dedicam a este tema hoje em dia teremos, sem sombra de dúvida, de destacar Manuel Pedro Ferreira, sendo o seu contributo importantíssimo para o desenvolvimento desta temática. São já diversos os seus estudos, nomeadamente obras relacionadas quer como as cantigas galaico portuguesas, (“Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular”),¹² quer de cariz mais genérico, (“Antologia de Música em Portugal na Idade Média e no Renascimento”).¹³

Antes de terminarmos o presente enquadramento historiográfico, permitam-nos referir ainda alguns autores que utilizam as crónicas como fonte primordial para o estudo da música.

De facto, são vários os autores que as têm utilizado, com mais ou menos incidência em episódios musicais contados pelos nossos cronistas de acordo com os seus ambientes/contextos, que podiam ser de festa, de guerra, litúrgicos, entre muito outros. Autores como os já citados Manuel Pedro Ferreira, ou Manuel Carlos Brito e Luísa Cymbron – “História da Música Portuguesa” -, ou ainda Ana Rodrigues Oliveira em “O dia-a-dia em Portugal na Idade Média”,¹⁴ ao abordarem assuntos ligados à música medieval, ou ao quotidiano da época, utilizam muitas vezes relatos presentes em crónicas como exemplos ilustrativos. Veja-se o caso de Manuel Carlos Brito ao escrever sobre a vida musical nos séculos XIV e XV, empregando um excerto da crónica de D. Afonso V, de Rui de Pina, em que o cronista nos revela que o monarca gostava de ouvir música,¹⁵ o que indicia uma clara valorização da cultural do seu tempo.

É possível depararmo-nos ainda com comentários gerais acerca da cronística e da sua relação com a música, em uma monografia como a de Hugo Filipe Teles Porto, “Os cantores na administração nos reinados de D. Manuel I e de D. João III”: «Embora na

¹¹ Manuel Pedro Ferreira, “Da música na História de Portugal”, *Revista Portuguesa de Musicologia*, nº4-5 (1994-95):168.

¹² Manuel Pedro Ferreira, *Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Fundação Calouste Gulbenkian, 2009), vol.I.

¹³ Manuel Pedro Ferreira, *Antologia de Música em Portugal na Idade Média e no Renascimento*, (Lisboa: CESEM, 2008), vol.I.

¹⁴ Ana Rodrigues Oliveira, *O dia-a-dia em Portugal na Idade Média*, (Lisboa: Esfera dos Livros, 2015).

¹⁵ Manuel Carlos Brito e Luísa Cymbron, *História da Música Portuguesa*, (Lisboa: Universidade Aberta, 1994), 29.

cronística oficial sejam abundantes as referências à atividade musical, quando é chamada a responder a questões fundamentais para a musicologia – como repertórios, utilização de instrumentos, emprego de vozes em obras polifónicas – as crónicas mostram-se singularmente lacónicas».16

É igualmente possível encontrar comentários sobre questões mais específicas dentro do tema que temos vindo a falar, como na dissertação de mestrado de Maria Isabel Lopes Monteiro, “Instrumentos e Instrumentistas de Sopro no século XVI português”, na qual a autora menciona, entre outros aspetos, que «a posse dos instrumentos é um aspeto difícil de comprovar pelas ocorrências nas crónicas e relatos, uma vez que, como atrás foi referido, na maioria dos casos o nome do instrumento, também designa o instrumentista».17

Por último, existe ainda o caso de Gerhard Doderer no estudo, “As manifestações musicais em torno de um casamento real (Évora, 1490)”, que baseia a sua investigação em episódios relatados na crónica de D. João II de Garcia de Resende, para apresentar e comentar os aspetos musicais ligados ao casamento real, como os instrumentos escolhidos, os passos foram dados, etc.

Por esta pequena sùmula é possível observar que são vários os autores que têm utilizado as referências musicais na cronística para explicar e até mesmo apresentar o contexto de uma época ou uma realidade determinada. Parece cada vez mais claro o quão diversificada era sociedade desta época. Em relação à música, torna-se evidente o quão esta se encontrava inserida no quotidiano, no dia-a-dia das gentes de todos estratos sociais. Porém, é visível a inexistência de um estudo sistemático dos episódios narrados nas crónicas onde são mencionados aspetos musicais, como instrumentos, momentos de festas e outros.

4. OBJETIVOS E METODOLOGIA

De seguida iremos apresentar os principais objetivos da dissertação que estamos a desenvolver e as questões base que hão de nortear a nossa análise. Assim sendo, a nossa investigação procura tentar compreender a presença das manifestações musicais, nomeadamente no que respeita a músicas, músicos e instrumentos musicais, nas referidas crónicas, bem como os respetivos contextos. Desta forma, será feito o

¹⁶ Hugo Filipe Teles Porto, “*Os cantores na administração dos reinados de D. Manuel I e de D. João III*”, (mestrado, diss., Universidade Nova de Lisboa, 2014), 4.

¹⁷ Maria Isabel Lopes Monteiro, “*Instrumentos e Instrumentistas de sopro no século XVI português*”, (mestrado, diss., Universidade Nova de Lisboa, 2010), 38.

levantamento sistemático das informações respeitantes aos aspetos referidos, procedendo sempre à sua integração em coordenadas espaciais e temporais. Em relação a estes últimos aspetos, veremos com particular atenção os ambientes de guerra, de festividades cortesãs ou populares, religiosas ou profanas.

Para a seleção das referências musicais será desenvolvida uma tipologia específica que contempla seis categorias distintas: Instrumentário, Festas, Dança, Canto, Hinos e Salmos e Outras Referências (aqui serão colocadas referências de carácter genérico sem qualquer especificidade). Esta divisão permite-nos não só perceber os contextos em que nos aparecem os episódios levantados, mas também a sua frequência.

5. ESTRUTURA DO TRABALHO

Consequentemente de forma a respondermos aos objetivos enunciados e tendo em conta a estrutura que foi descrita, apresentaremos de seguida a estrutura do nosso trabalho. Esta pode-se sintetizar nos seguintes pontos: uma primeira parte, que contempla a Apresentação e Justificação do tema (Metodologia; Fonte e Estado da arte); uma segunda parte central da dissertação, que será composta pela análise detalhada dos vários campos que decidimos tratar; e por fim, as Conclusões.

Para a seleção das referências musicais foi desenvolvida uma tipologia específica que contempla seis categorias distintas: Instrumentário, Festas, Dança, Canto, Hinos e Salmos e Outras Referências (aqui foram colocadas referências de carácter genérico sem qualquer especificidade). Esta divisão permitiu-nos não só perceber os contextos em que nos apareceram os episódios levantados, mas também a sua frequência. A título de exemplo, expomos duas das nossas tipologias e as tabelas que foram estabelecidas para ambas. Começamos pelo Instrumentário. Este é composto por duas tabelas: a primeira abrange os grupos de instrumentos divididos pelo seu modo de execução, como instrumentos de cordas, percussão, sopro e teclas, sendo que são apresentados excertos dos episódios ligados a esta tipologia; a segunda, ligada ao número de dados encontrados, apresenta todos os instrumentos que foram encontrados na nossa cronística, desde as trombetas às charamelas. No que diz respeito à Festa, procedemos de maneira idêntica, construindo duas tabelas que abrangem exatamente os mesmo campos (Casamento; Entradas Régias; Festas; Festas Religiosas e Procissões). Resta ainda salientar que em ambos os casos os dados foram sempre distribuídos pelos cronistas e respetivas crónicas.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atentando ao desenvolvimento da nossa investigação é possível referir que é na Dinastia de Avis que encontramos o maior número de dados, e são vários os autores que referem que esta dinastia via na música um instrumento de poder e ostentação, que começou logo com D. João I.¹⁸ É igualmente necessário ter em conta que o maior número de referências à Dinastia de Avis, resultaria do facto de ser esse o tempo dos cronistas e não as épocas anteriores que tratam nas crónicas dos primeiros monarcas, o que condiciona as suas observações. Um exemplo disso é número de dados que encontramos tanto em Rui de Pina, como Garcia de Resende em relação ao reinado de D. João II, sendo que no primeiro obtivemos 101 registos, e no segundo 176. Uma das razões prende-se com o facto de ser já uma época em que a música estava enraizada e era utilizada pela coroa em várias manifestações públicas e mais privadas. Aliás, estava já instituída a Capela Real e existia também uma grande preocupação quanto ao acompanhamento musical das cerimónias litúrgicas.¹⁹ Tudo isto fazia parte de um aparato cerimonial que foi instituído pela dinastia de Avis, servindo como elemento propagandístico e de representação da imagem real, à semelhança das restantes cortes europeias.²⁰

Com estes exemplos podemos desde já sublinhar o facto de a cronística ser uma importante fonte literária para o estudo da música medieval, e para a generalidade da musicologia. Quatro cronistas, 18 crónicas no total, em todas encontramos objetivos diferentes, mas também pontos em comum, nomeadamente a música, que surge como algo partilhado entre elas.

¹⁸ Porto, “*Os cantores*”, 5.

¹⁹ Gerhard Doderer, “As manifestações musicais em torno de um casamento real (Évora 1490)”, *Actas Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época*, (Porto: Comissão Nacional dos Descobrimientos Portugueses, 1989, vol. IV): 225.

²⁰ Porto, “*Os cantores*”, 1.

Pandemónios: Casos de Possessão Demoníaca no Portugal Medieval

Artur Gonçalves

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH-UNL)

Resumo

A presente investigação procura desconstruir os casos referentes a possessões demoníacas, presentes nos livros de milagres portugueses. Neste género de relatos, podem-se retirar variadas informações sobre as vítimas dos casos estudados, nomeadamente o nome, sexo, origem geográfica, parentesco, etc. Nestes casos pode-se verificar os relatos demoníacos, nomeadamente as motivações destes para se apossarem das suas vítimas, apresentando ao leitor destas obras os comportamentos reprováveis e os recomendáveis. Igualmente, nestes episódios faz-se referência aos métodos de cura para os endemoniados, parecendo existir um método para o exorcismo e um perfil do exorcista na Idade Média. Além dos relatos portugueses, foram estudados os casos ocorridos no reino hispânico, com o propósito de encontrar elementos de divergência e/ou convergência entre ambos.

Mais do que estudar os casos determinados como possessões demoníacas, pretendeu-se também escrutinar os «olhares» sobre estes. Com este propósito foram estudadas um conjunto de fontes de cariz legislativo e doutrinário, capazes de apresentar a imagem que estes dois instrumentos teceriam sobre os endemoniados, se seriam vítimas ou agentes do distúrbio social.

Palavras-chave:

Religiosidade, Portugal, Espanha, Livros de Milagres, Demónios

Abstract

The present investigation seeks to deconstruct the cases referring to demonic possessions, present in the books of Portuguese miracles. In this type of reports, a variety of information about the victims of the cases studied can be extracted, namely the name, sex, geographical origin, kinship, etc. In these cases, it is possible to verify the demonic reports, namely their motivations to take possession of their victims, presenting the reader of these works with the objectionable and recommendable behaviors. Likewise, in these episodes reference is made to the healing methods for the demoniacs, as there seems to be a method for exorcism and a profile of the exorcist in the Middle Ages. In addition to the Portuguese reports, the cases that occurred in the Hispanic kingdom were studied, with the purpose of finding elements of divergence and / or convergence between both.

More than studying the cases determined as demonic possessions, it was also intended to scrutinize the “looks” on these. For this purpose, a set of sources of legislative and doctrinal nature were studied, capable of presenting the image that these two instruments would weave over the demonized, whether they would be victims or agents of the social disturbance.

Keywords:

Religiousness, Portugal, Spain, Books of Miracles, Demons

1. TEMA, PROBLEMAS, OBJETIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

O estudo que se pretende realizar tem como propósito abordar os casos de possessão demoníaca, ocorridos entre os séculos XIII e XVI, maioritariamente presentes

nos Livros de Milagres do Portugal Medieval, recorrendo em complementaridade a um conjunto de fontes que permitam um melhor enquadramento do fenómeno.

Obras de cariz devocional e pastoral, os *Livros de Milagres* têm sido relevantes na grande maioria dos estudos sobre a temática que nos ocupa. Estas obras têm o objetivo de registar acontecimentos sobrenaturais causados por intervenção divina direta ou imediata, de forma a promover o culto de um local ou de uma personalidade específica.¹ Desde o período medieval que os milagres desempenham um importante papel na vida espiritual, não somente para leigos, mas para toda a comunidade. Eram encarados como um dos mais importantes meios de comunicação entre o plano terrestre e o Além, neles se vendo espelhada a ideia de que Deus continuaria a revelar-se aos homens através de prodígios, noção essa que conduziria a uma permanente busca dos milagres por parte dos Cristãos da Idade Média, dispostos a identificá-los em qualquer fenómeno extraordinário.

É importante referir que estas obras se focavam não só no *miraculum*, mas também a *vita*. A *vita* dos santos descreveria a sua *virtus*, uma definição que poderia significar simultaneamente virtude espiritual e poderes miraculosos. Quando as pessoas ouviam ou liam as histórias contidas na “Vida” dos santos, eram instruídas não apenas sobre o poder destes, mas também acerca de um ideal de comportamento, podendo caracterizar-se estes roles como pastorais.²

O milagre era, portanto, uma expressão textual que visava transmitir um enunciado doutrinal, exemplificando um caso em que é apresentado um protagonista, vítima de uma situação adversa e que a vê resolvida por intermédio de uma entidade sobrenatural (normalmente através de um intercessor, com frequência um clérigo). O seu caso era solucionado positivamente e, como resultado disso, a vítima agradecia com louvor, deixando um testemunho que conduziria à procura de um santuário específico.³

Utilizando estes *Livros* como fonte central, realizar-se-á uma análise dos casos apontados como relativos a possessões diabólicas, de forma a permitir uma melhor compreensão deste fenómeno e dos seus impactos na sociedade da época. Entre outros aspetos, neste trabalho abordar-se-á a forma como as vítimas de possessão eram representadas e tratadas pela sociedade do seu tempo, num estudo situado num

¹ Maria de Lurdes Pereira Rosa, *Fazer e Pensar a História Medieval Hoje* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017), 153-158.

² Thomas Head, *Hagiography and the Cult of Saints: The Diocese of Orléans, 800-1200* (Cambridge: Cambridge University Press, 1990), 2-103.

³ Cf. Aires Augusto Nascimento, *Milagres Medievais, Numa Coletânea Mariana Alcobacense* (1ª ed., Lisboa, Colibri, 2004), 7-8.

cruzamento de vários campos historiográficos, nomeadamente a história das mentalidades, religião e cultura letrada. O foco será o de alcançar uma melhor compreensão do fenómeno da possessão demoníaca, nomeadamente os rituais com ele relacionados, a sua representação e os intervenientes, analisando-se também os demónios. De igual forma, irá estudar-se o culto dos milagres de cura de possessão representado nos Livros de Milagres, com o propósito de recolher mais informação acerca dos casos aí presentes, mas também dos santuários e da abrangência geográfica que granjeavam.

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Nas últimas décadas, tem-se assistido a um significativo desenvolvimento historiográfico na temática do presente projeto.

Sobre os casos de possessão demoníaca no período medieval em Portugal, ou mesmo sobre a representação do demónio em específico, fazemos referência aos trabalhos levados a cabo por Maria de Lurdes Rosa, reunidos na sua obra *Santos e Demónios no Portugal Medieval*.⁴ Entre estes, destaca-se, pela proximidade à nossa temática, a análise dos casos presentes no Livro de Milagres de Nossa Senhora da Oliveira. São ainda relevantes os trabalhos realizados por Nancy Cacciola, nomeadamente a sua obra *Discerning Spirits: Divine and Demonic Possessions in the Middle Ages*,⁵ na qual a autora elucida sobre a «mitologia demoníaca», que analisa no período compreendido entre os séculos XIII a XVI.

No campo dos estudos de género, em torno de um caso, merece destaque a obra de Renate Blumfeld-Kosinski, *The Strange Case of Ermine de Reims: A Medieval Woman Between Demons and Saints*,⁶ em que é facultada uma visão sobre os demónios e a influência que estes teriam nos seres humanos. Com este trabalho, Blumfeld-Kosinski aborda também a construção da santidade medieval com base na martirização de uma mulher, ao mesmo tempo que apresenta perspetivas acerca do modo como a sociedade encarava estes casos de possessão demoníaca.

⁴ Cf. Maria de Lurdes Pereira Rosa, *Santos e Demónios no Portugal Medieval*, (1ª ed., Porto, Fio da Palavra, 2010).

⁵ Cf. Nancy Mandeville Cacciola, *Discerning Spirits: Divine and Demonic Possessions in the Middle Ages* (Nova York, Cornell University Press, 2003).

⁶ Renate Blumenfeld-Kosinski, *The Strange Case of Ermine de Reims: A Medieval Woman Between Demons and Saints* (Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 2015).

Na tese de Pedro Miguel Oliveira, *Santos, Demónios e Pecadores: Do Horror do Pecado ao Milagre da Santificação*,⁷ são apresentados os demónios e o seu simbolismo nas fontes hagiográficas portuguesas. O autor investiga ainda quais os requisitos para um membro da Igreja combater estes «invasores», provando existir uma metodologia para o exorcismo medieval.

Também no campo dos *Livros de Milagres* e hagiografias muito se tem escrito nas últimas décadas, sendo perfeitamente elucidativos a este respeito os estados da questão de Maria de Lurdes Rosa⁸ e Cristina Sobral.⁹ Deve mencionar-se, apesar da antiguidade, os pioneiros trabalhos de Mário Martins, que permitiram uma visão mais abrangente sobre o culto dos santos e seus milagres: *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*,¹⁰ *Laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias*¹¹ e *A Legenda dos Santos Mártires Veríssimo, Máximo e Júlia*.¹² Através deles, foi possível uma melhor compreensão acerca da origem do culto dos santos e dos *livros de milagres*.

Faça-se ainda, menção aos trabalhos levados a cabo por Aires Augusto Nascimento. Dos seus vários estudos, destacamos a obra *Milagres Medievais numa Coletânea Mariana Alcobacense*,¹³ na qual o autor explica a conceção do milagre, os seus intervenientes e os espaços com ele relacionados. Em parceria com Saúl Gomes, o autor estudou ainda os milagres de S. Vicente, colaboração que resultou na edição de *S. Vicente de Lisboa e os seus milagres medievais*,¹⁴ obra que veio permitir uma melhor compreensão deste género de fontes. Outro dos seus trabalhos foi o estudo e edição da *Vida de São Teotónio*,¹⁵ onde aborda a construção do ideal de santidade e do culto da personagem.

⁷ Pedro Miguel Oliveira Nunes, *Santos, Demónios e Pecadores: Do Horror do Pecado ao Milagre da Santificação* (Lisboa, Tese de Mestrado em História das Mentalidades Medievais, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, 2004).

⁸ Maria de Lurdes Rosa, “Hagiografia e Santidade” in AZEVEDO, Carlos Moreira, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, (Vol. C-I, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000), pp. 326-335.

⁹ Cristina Sobral, “Hagiografia em Portugal: Balanço e Perspetivas” in *Revista Medievalista on line*, Ano 3, n^o3, 2007.

¹⁰ Mário Martins, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média* (2^a ed., Lisboa, Brotéria, 1957).

¹¹ André Dias, *Laudes e cantigas espirituais de Mestre André Dias* (Negrelos, Editora do Mosteiro de Singeverga, 1951).

¹² Mário Martins, *A Legenda dos Santos Mártires Veríssimo, Máximo e Júlia* (Coimbra, Inst. De Estudos Históricos, 1964).

¹³ Aires Augusto Nascimento, *Milagres Medievais, Numa Coletânea Mariana Alcobacense* (1^a ed., Lisboa, Colibri, 2004).

¹⁴ Aires A. Nascimento; Saul A. Gomes, *S. Vicente de Lisboa e os seus milagres medievais* (Lisboa, Ed. Didaskalia, 1988).

¹⁵ Aires Augusto Nascimento, *Vida de São Teotónio* (Lisboa, Edições Colibri, 2013).

Merece destaque, por fim, a recente obra de Robert Bartlett, *Why Can the Dead do Such Great Things*¹⁶, que procura uma compreensão global do culto dos santos e do seu poder, da sua capacidade de intercessão e do *modus operandi* que a Igreja Cristã quis imprimir na sociedade consoante o exemplo de santidade. Em termos metodológicos, é relevante o livro de Dom Jacques Dubois e Jean-Loup Lemaitre, *Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale*,¹⁷ no qual é apresentada uma noção de hagiografia, bem como um exigente estudo metodológico sobre as *vitae* dos santos, o processo de compilação dos *Livros de Milagres* e a construção das suas imagens.

3. FONTES

As principais fontes para este estudo são os *Livros de Milagres* portugueses, obras essas que se multiplicaram, juntamente com as coleções de milagres, a partir do séc. XII. Estas coleções tanto podem abordar as bases fundacionais de um mosteiro ou igreja, como ser uma crónica de um santo neste mundo após a sua morte. Os redatores destas obras eram norteados pela crença de que a manifestação divina de um santo só perduraria após o desprendimento terreno deste, se a sua vida fosse narrada à semelhança das Sagradas Escrituras; tal reveste estes textos de um relevante simbolismo. Estas obras cresceram exponencialmente, defende Mário Martins,¹⁸ devido às romarias e peregrinações.

Quanto aos *Livros de Milagres*, estes eram obras de culto divino e de cariz pastoral, abordando não só o culto aos milagres de um determinado santo, mas também à sua vida, pertencendo assim ao domínio da Hagiografia, ou seja, o estudo dos santos. Paralelamente, são obras de cariz devocional, abordando a vida dos bem-aventurados, revestindo-os de figuras de estilo que os engrandecia.

A amostra até agora recolhida consiste em vinte e quatro casos de possessão diabólica, presentes nos cinco Livros de Milagres selecionados. São eles *O Livro de Milagres dos Santos Mártires*,¹⁹ redigido no século XV, referente aos «Mártires de Marrocos» e tendo como seu santuário de origem a Igreja de Santa Cruz de Coimbra; o

¹⁶ Robert Bartlett, *Why can the dead do such great things?: saints and worshippers from the martyrs to the Reformation*, (Oxford, Princeton University Press, 2013).

¹⁷ Zimmerman Michel; Dom Jacques Debouis; Jean-Loup Lemaitre, “Sources et Méthodes de l’Hagiographie Médiévale”, In *Revue de l’Histoire des religions* (tomo 211, nº4, 1994), pp.479-482.

¹⁸ Cf. Mário Martins, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média* (2ª ed., Lisboa: Brotéria, 1957), 161.

¹⁹ Maria Alice Fernandes, *Livro dos Milagres dos Santos Mártires* (Lisboa: Tese de Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica: Fac. De Letras da Univ. de Lisboa, 1988).

Livro de Milagres de Nossa Senhora da Oliveira,²⁰ escrito por Afonso Peres, tabelião de Guimarães, entre os anos de 1342 e 1343, trasladando os milagres de Nossa Senhora, referentes à igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães; *Os Milagres de S. Vicente de Lisboa*,²¹ relacionados com o culto do santo na Sé de Lisboa, tal como são narrados na coletânea atribuída a Mestre Estevão, chantre da catedral de Lisboa, que integra um dos volumes do Códice Alcobacense de inícios do século XIII; a narrativa dos milagres dos *Santos Mártires Veríssimo, Máximo e Júlia*,²² datada dos finais do século XV, transcritos num códice da Biblioteca Pública de Évora, em letra gótica e por último, o *Livro de Milagres do Santo Condestável*,²³ coleção atribuída a Gomes Eanes de Zurara em que se encontram 221 casos no total, constituindo a mais vasta compilação do século XV conhecida até hoje.

Interessa a este estudo conjugar as várias perspetivas, presentes nos diversos estratos da sociedade, sobre os casos de possessão demoníaca e os indivíduos com eles relacionados. Com o propósito de verificar as conceções sociais sobre a possessão e os possessos, recorreremos a fontes de cariz doutrinal e legislativo, na tentativa de encontrar referência aos endemoniados. Pretende-se assim verificar como seriam retratados estes indivíduos nos tratados de moral, como os penitenciais, e a causa atribuída à sua enfermidade. Procura-se, de igual forma, averiguar as consequências que a legislação atribuiria a quem sofresse deste mal.

Entre as primeiras, destacam-se dois textos: o *Tratado de Confissom*,²⁴ um manual de confissão do século XV; e *O Penitencial de Martín Pérez*²⁵ elaborado em 1316, e reescrito por um monge ou clérigo no século XV. Ambos possuem características de cariz doutrinário e moral, procurando estabelecer normas, quer para os clérigos que necessitavam de guias de conduta e de esclarecimentos acerca dos seus deveres, quer para uma sociedade que buscava uma noção sobre o que seria o correto e o repreensível.

Se os livros de milagres e as fontes doutrinárias da Igreja Cristã nos podem proporcionar uma visão bastante rica do tema em apreço, ela não ficaria completa sem

²⁰ Mário Martins, *O livro dos Milagres de N^a S^a da Oliveira de Afonso Peres* (Revista de Guimarães, n.º 63, Guimarães, 1953).

²¹ Aires A. Nascimento; Saul A. Gomes, *S. Vicente de Lisboa e os seus milagres medievais* (Lisboa: Ed. Didaskalia, 1988).

²² Mário Martins, *A Legenda dos Santos Mártires Veríssimo, Máximo e Júlia* (Coimbra: Inst. De Estudos Históricos, 1964).

²³ Frei Manuel de Sá, *Memórias Históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal* (Lisboa, 1727).

²⁴ Andreia Cláudia da Silva Mendes, *Bruxaria Mitos Afins no Tratado de Confissom de 1489* (Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, 2015).

²⁵ Martín Pérez, *Libro de las Confessiones: Una Radiografía de la Sociedad medieval española* (Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2002).

uma incursão, mesmo que breve, na legislação, tanto eclesiástica como civil. De facto, ambas se ocuparam do fenómeno da possessão diabólica de modo bastante relevante. Iremos assim terminar este capítulo com uma breve apresentação dos repositórios legais sobre os quais trabalhámos. Foram utilizadas as *Ordenações Afonsinas*,²⁶ que sintetizam um longo excurso pela legislação medieva portuguesa, desde as leis promulgadas por D. Afonso II nas Cortes de Coimbra de 1211 até ao início do reinado de D. Manuel I, em 1512,²⁷ ano em que foram impressas as *Ordenações Manuelinas*²⁸. Estas transformam-se na base da legislação portuguesa até 1595, data em que foram substituídas pelas *Ordenações Filipinas*.²⁹ Por último, trabalharam-se os mandatos dos sínodos diocesanas convocadas por um prelado ou superior, normalmente presididos por um bispo, com o propósito de prestar auxílio a este na função que lhe é própria, a de guiar a sua comunidade cristã,³⁰ editados no volume relativo a Portugal da Obra *Synodicum Hispanicum*.³¹

4. METODOLOGIAS

Foi possível realizar-se uma leitura incisiva de bibliografia referente a hagiografia, sucessos milagrosos obrados por santos, cultura letrada, religiosidade e superstição. Esta fase permitiu uma melhor compreensão da temática de estudo, nomeadamente do culto às relíquias e imagens dos santos e do processo de sacralização. De igual forma, providenciou informações sobre o paradigma religioso da época, a instauração do cristianismo, a estruturação das normas e práticas e o combate ao

²⁶ Mário Almeida Costa, *As Ordenações Afonsinas* (Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 1984).

²⁷ Esta obra segue o exemplo do estilo compilatório de Leis, sendo dividido em cinco Livros (I, II, III, IV e V). José Domingues na sua tese de doutoramento debate a problemática criada em volta do nome, ou denominação, atribuída a estas obras. Tomando uma posição no presente estudo, decidimos seguir a mesma opinião que o autor, considerando os cinco livros que compõem as *Ordenações Afonsinas* como *reformações das Ordenações*. Cf. DOMINGUES, *As Ordenações Afonsinas...*, p. 11.

²⁸ Mário Almeida Costa, *As Ordenações Manuelinas* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1984).

²⁹ A 30 de março de 1512, terá sido composto o Quinto Livro da série das Ordenações do Reino. As Ordenações (o conjunto dos cinco livros) conheceram uma segunda edição, visto ter sido aperfeiçoada, corrigida e complementada nas suas falhas, mas sem alterações no código e espírito de lei. cf. DIAS, João J. Alves, *As Ordenações Manuelinas...*, p. 11.

³⁰ Existe uma uniformização nestes documentos, nomeadamente na linguagem no que se referem à fundamentação dos sacramentos e às frequentes referências feitas a Consílios, sendo Trento o mais em voga. As maiores diferenças são encontradas nas penas estabelecidas, nas numerações e títulos, ou alguma originalidade regional, a título de exemplo a alusão feita a “ciganos, vagabundos e comediantes” nas Constituições de Elvas, aos gentios nas de Goa, aos escravos nas da Baía, o que trespassa uma necessidade de adotar esta pastoral às condições sociais das regiões. Cf. SAMPAIO, Manuel dos Anjos Lopes, *O Pecado nas Constituições Sinodais Portuguesas na Época Moderna* (Porto, Dissertação realizada no âmbito do mestrado em História da Cultura Portuguesa, Fac. De Letras, Univ. do Porto, 1997), p. 29.

³¹ Antónío García y García, *Portugal, Synodicon hispanum* (vol.2, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982).

paganismo. Foi possível elaborar uma melhor compreensão do fenómeno milagroso, a sua função e a sua capacidade para fundamentar doutrinas, de reconhecer ou sancionar modelos de santidade, de propor práticas e induzir comportamentos. Desta forma, ficou definido o objeto de estudo: os casos de possessão demoníaca no Portugal Medieval dos séculos XIII a XVI e os «olhares» da sociedade sobre estes.

São apresentadas figuras de santos com poderes extraordinários, relevantes para a dessacralização das anteriores divindades pagãs, rotulando os poderes divinos destas como meramente mágicos, numa primeira instância, e demoníacos, mais tarde, pelo que a Igreja procurará condenar as práticas anteriores, nomeadamente a adivinhação, os sacrifícios, o culto em memória dos mortos, entre outros.³²

Seguidamente, realizou-se a leitura crítica das fontes deste estudo, tendo-se procedido à recolha, catalogação e tratamento dos casos de possessão demoníaca presentes nos *Livros de Milagres*, de onde foi possível recolher informações sobre a origem geográfica dos endemoniados, as causas da possessão, os familiares acompanhantes, os santuários e os rituais curativos a executar, com destaque para o exorcismo, bem como relativamente aos intervenientes nos mesmos.

Utilizando como exemplo a obra dedicada a N^a S^a da Oliveira, é possível verificar que o responsável pela expulsão não teria de ser, obrigatoriamente, um membro da Igreja.³³ Recorrendo aos estudos de Pedro Miguel Oliveira Nunes (2004), os intervenientes deveriam ser revestidos por Deus, capazes de recorrer a um processo chamado *diakrisis*, ou seja, o dom do discernimento, alcançado pela *abstinentia* e pela *continentia*, com a qual poderiam descobrir e identificar os demónios, quer estivessem sob a forma de um animal ou humana, através do processo do exorcismo.³⁴ No que diz respeito aos métodos de cura, estes são transversais às várias obras. Os demónios poderiam ser vencidos por meio da colocação estola ao pescoço, de serem travados em frente a uma cruz, por meio de promessas (peregrinações, romarias, orações, peças de cera, etc.) ou com o toque nas relíquias de um santo. Após a aplicação destas medidas, o

³² Cf. Aires Augusto Nascimento, *Milagres Medievais, Numa Coletânea Mariana Alcobacense* (1^a ed., Lisboa, Colibri, 2004), 9.

³³ Nos milagres n^o 11, 31, 39 e 41 é feita referência a um Diago Gil, filho de Gil Domingues de Guimarães. Não mencionando se é um membro da Igreja. Contudo, nos milagres n^o 35 e 36 é feita menção a um Gonçalo Perez, homem de Joham Perez Aranha cônego, logo alguém com ligações à Igreja. Nos restantes sucessos não há referência de mais algum nome de exorcistas, ficando a possibilidade de serem cônegos da colegiada. Esta referência a Diago Gil e Gonçalo Perez pode significar que estes homens seriam membros de fora da colegiada, ou mesmo da Igreja. Cf. Martins, *O livro dos Milagres*, 1953.

³⁴ Pedro Miguel Oliveira Nunes, *Santos, Demónios e Pecadores: Do Horror do Pecado ao Milagre da Santificação* (Lisboa, Tese de Mestrado História das Mentalidades Medievais, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa, 2004), 109.

invasor admitiria derrota saindo em seguida da sua vítima, alegando que abandonaria o corpo em nome de um santo. Até à data da elaboração deste texto, foram recolhidos 24 casos de possessos nos diferentes *Livros de Milagres* em análise.

Seguidamente, realizou-se a leitura das fontes de cariz doutrinal. Nas atas sinodais portuguesas presentes na obra *Synodicon Hispanum*, as referências encontradas não fazem menção aos endemoniados em específico. Estes encontram-se colocados na definição generalizada de excomungados, hereges, feiticeiros ou indivíduos em pacto com o Diabo. Realizou-se, de igual forma, leituras ao manual de confissão *Tratado de Confissom*, e ao tratado de moral *Penitencial de Martím Perez*. Nestas obras, tendo como propósito afastar o Homem das más práticas e salvá-lo do pecado e do inferno, foi possível selecionar referências a demónios, diabos, feiticeiros e trapaceiros.

Por fim, procedeu-se à leitura das fontes de cariz legislativo, nomeadamente as *Ordenações Afonsinas* e as *Ordenações Manuelinas*. Semelhantes ao que se sucedeu com as atas sinodais, não nos foi possível recolher referências diretas a demónios ou endemoniados. Contudo, sendo obras de cariz legislativo, com o objetivo de compor um *corpus* de leis, fazem referência a comportamentos marginais, em que se podem encontrar feiticeiros, benzedeiros, convertidos ao diabo, entre outros.

Após a leitura das fontes e do tratamento de dados, a presente investigação debruçou-se na leitura de *Livros de Milagres* hispânicos, pertencentes ao mesmo período histórico que os seus análogos portugueses. Esta fase serviu como um exercício de comparação entre os milagres medievais de ambos os Reinos, a fim de verificar diferenças na escrita, na narração, nos episódios e nos tipos/características dos demónios.

No final deste processo e com a análise dos resultados obtidos, pretendemos dissertar acerca dos casos de possessão portugueses, no que diz respeito às características de cada obra analisada, bem como às suas similaridades, às questões legislativas e doutrinárias que a eles estavam implícitos, bem como à forma como estes fenómenos seriam encarados pela sociedade da época. Tal análise só será possível após tentarmos descortinar cada evento de forma isolada, perceber os seus motivos e justificações, para no final pudermos apresentar um resultado cabal e construtivo sobre esta temática.

5. ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TRABALHO FINAL (DISSERTAÇÃO DE MESTRADO)

Atendendo à estruturação do presente estudo, sendo este uma proposta de dissertação de Mestrado, após consultar bibliografia e analisar as fontes, foram definidos os objetivos, dividindo-se a investigação em quatro capítulos. Inicialmente será apresentado um Estado da Questão, no qual será sintetizado o tema da investigação no seu estado atual. Este trabalho resultará numa mais correta identificação e apresentação do objeto de estudo e dos objetivos específicos da investigação, ajudando a delimitar as problemáticas específicas da pesquisa.

Num segundo capítulo proceder-se-á a uma apresentação das fontes, incidindo na história dos *Livros de Milagres* e a sua importância para o estudo em questão.

Em terceiro lugar, o estudo focar-se-á nos casos de possessão diabólica presentes nos anteriormente mencionados *Livros de Milagres*. Neste capítulo ter-se-á como objetivo analisar, detalhadamente, todos os casos identificados, mencionando as suas características, os intervenientes e os locais.

Por último, abordar-se-á os «olhares» sobre as possessões demoníacas, com base nas fontes de cariz legislativo e doutrinal. Será explicada a sua função e a sua relevância na matéria e procuraremos perceber como a sociedade observava e tratava os endemoniados.

6. DADOS SEMI TRATADOS, HIPÓTESES E CONCLUSÕES

No que diz respeito aos dados de que dispomos atualmente, verificamos que ao nível geográfico, a maioria das vítimas era natural da comarca do Entre-Douro-e-Minho (8 casos, 32% da amostra recolhida), seguindo-se a Estremadura (5 casos), Beira (4 casos) e Trás-os-Montes (3 casos).³⁵ Foram ainda recolhidos 5 casos em que não são facultadas as origens das vítimas, representando 20% da amostra recolhida. Ainda foram recolhidos 5 casos onde as vítimas não facultam a sua origem geográfica. Contudo, esta realidade coloca várias questões, nomeadamente na região Norte seria mais permeável à crença demoníaca, do que outras localizações do Reino. Poderão levantar-se várias questões, nomeadamente se este relativo maior número poderá dever-se a uma rede clerical muito mais bem montada e colocada, com bispados com muito maior peso e poder que os de outras regiões, levando a um maior culto dos santos.

³⁵ Ver Gráfico H em anexos.

Analisando os dados recolhidos quanto às vítimas encontradas nos *Livros de Milagres* verificou-se que no Reino português, os demónios teriam como alvo preferencial as mulheres.³⁶ Atendendo aos dados recolhidos sobre o sexo feminino, constata-se que os demónios teriam preferência nas mulheres jovens. Esta visão corresponde com os dados recolhidos para o sexo masculino, em que os energúmenos também pertencem, maioritariamente, a uma faixa etária mais jovem.³⁷ Propõe-se que esta realidade se deva à conceção mental da época, em que imperam as fragilidades das mulheres e a sua apetência a pecar, tão difundida nas obras dos teólogos, mas também, com a inocência e a imprudência que tanto caracteriza a fase mais jovem do Homem.

As imagens e representações sobre a natureza e o mundo das mulheres no período medieval foram elaboradas pelos sectores que, indubitavelmente, menos conheciam sobre estas: os clérigos. São estas mesmas figuras que traçam uma imagem de superioridade e de adoração às figuras da Virgem Maria, Mãe de Deus e da mulher ideal.

Foram igualmente recolhidas as causas de possessão (quando facultadas), apresentando casos em que a vítima seria entregue ao demónio pela mãe ou pelo irmão (1 caso cada), não teria cumprido a vontade da família casando (1) ou não cumprido as promessas feitas aos santos (1). Encontram-se casos em que a vítima não é a causa da possessão, nomeadamente uma ocorrência onde o demónio pretende castigar o seu pai, ou de uma endemoniada, avisada pelos santos dos maus pensamentos do seu marido (1).

As problemáticas deste estudo prendem-se, por vezes, com a omissão de informação. Esta realidade é verificável em episódios nos quais a vítima saberia a razão (1), ou casos em que as vítimas chegam já endemoniadas, não facultando motivo (17). Nesta última categoria, conjugam-se indivíduos que não nos apresentam motivos ou já se encontram endemoniados durante um longo período. Observam-se características pertencentes ao campo das mentalidades e das influências das superstições, cenário verificado com mais preponderância nas zonas rurais e isoladas.

Atendendo aos dados recolhidos das *Ordenações Afonsinas* e das *Ordenações Manuelinas*, foram selecionadas 10 referências que fazem menção a estes marginais.³⁸ Apesar de não ser possível verificar casos em que sejam feitas referências a endemoniados ou possessos, foi possível identificar situações em que estes indivíduos são mencionados por terem comportamentos desviantes ou à margem da ideia de sociedade; por sua vez são mencionados como indivíduos com comportamentos

³⁶ Ver Gráfico C em anexos.

³⁷ Ver Gráfico E em anexos.

³⁸ Foram recolhidas sete referências nas *Ordenações Afonsinas* e três nas *Ordenações Manuelinas*.

desviantes ou às margens da ideia de sociedade. Nas *Ordenações Afonsinas* estes indivíduos são referenciados como hereges que vão contra Deus e a Santa Madre Igreja (1), blasfemos de Deus e sua Mãe (1), excomungados (3), conversos diabolicamente (1) e pagãos (1), quanto nas *Ordenações Manuelinas*, estes casos encontram-se conotados como hereges e apóstatas (1), feiticeiros que invocam espíritos demoníacos (1) e arrenegadores de Deus e dos seus Santos. Tendo por base estes dados, pode-se verificar a preocupação, por parte da legislação régia, no combate às práticas religiosas arcaicas e na estratificação da religiosidade cristã. A superstição encontra-se ainda presente na sociedade da época, constatando-se isto na menção às carpideiras e aos cantares das janeiras³⁹ ou nas sentenças postas aos feiticeiros que lançam varas em prol de fortunas.⁴⁰

Concluindo, pretende-se com o presente estudo abordar uma temática que abrange variados aspetos do mundo medieval, intrinsecamente relacionadas com questões acerca da mentalidade e religiosidade da época, espelhada nas peregrinações e romarias; mas também culturalmente, com as obras hagiográficas e outras narrativas ligadas aos santos; economicamente, com as feiras que se realizariam em prol das santidades; e políticas, na forma como a legislação verificava e tratava destes casos em contraste com a visão doutrinária. De igual forma, encetar-se-ão estudos no campo da sexualidade e do género, a fim de conseguir encontrar justificação para a predominância de ocorrências no sexo feminino ou masculino. Pretendeu-se a investigações à história das superstições e práticas religiosas, com o propósito de perceber os motivos para a predominância das ocorrências nas diferentes regiões do país.

Tentar-se-á perceber a construção de um universo milagroso, onde o santo seria um herói capaz (por intermédio da graça divina), de resgatar o pecador fiel da opressão dos demónios, mas também propor modelos de comportamento e de bem viver. Pois estes santos e demónios são faces opostas de uma mesma moeda, sendo que um não consegue existir sem o outro, ou seja, não podendo existir um exemplo de virtude sem uma face do que é condenável.

³⁹ Cf. Maria Helena da Cruz Coelho, *Superstições, Fé e Milagres na Idade Média* (Coimbra, Inatel, 1995).

⁴⁰ Cf. Costa, *As Ordenações Manuelina*, 152-154.

ANEXOS

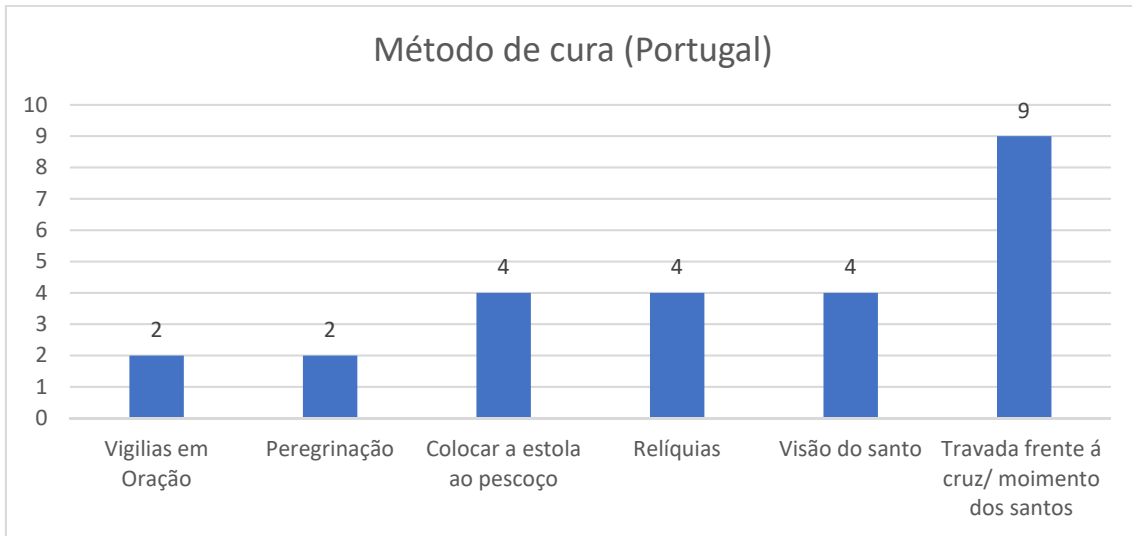


Gráfico A – Métodos de cura nos casos de possessão portuguesas

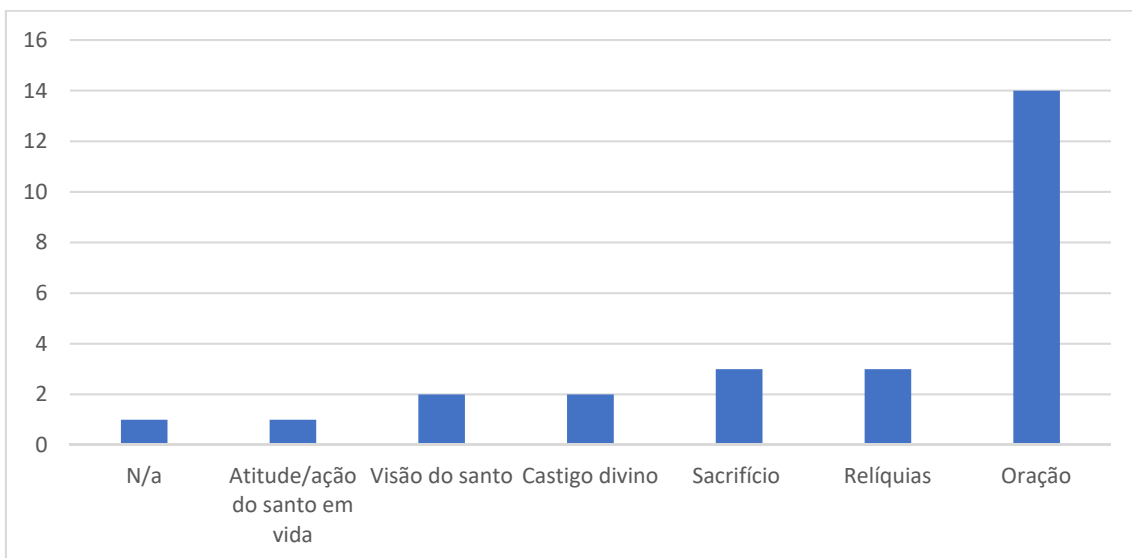


Gráfico B – Métodos de cura nos casos de possessão espanhóis

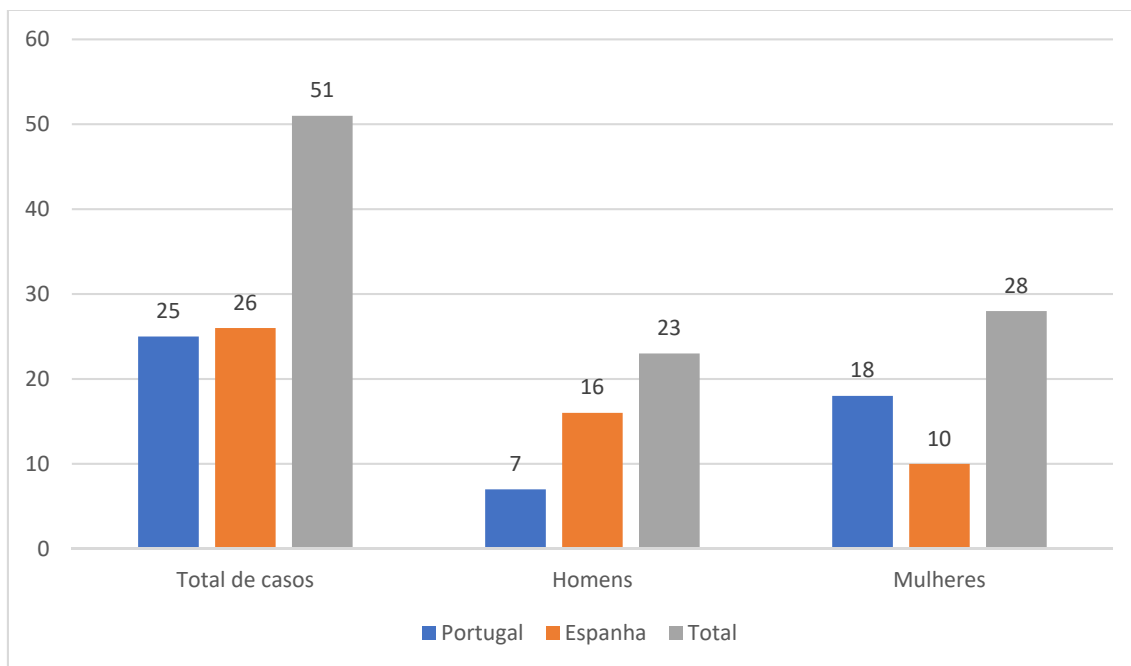


Gráfico C – Casos dos Livros de Milagres portugueses e espanhóis de acordo com o sexo da vítima (valores absolutos)

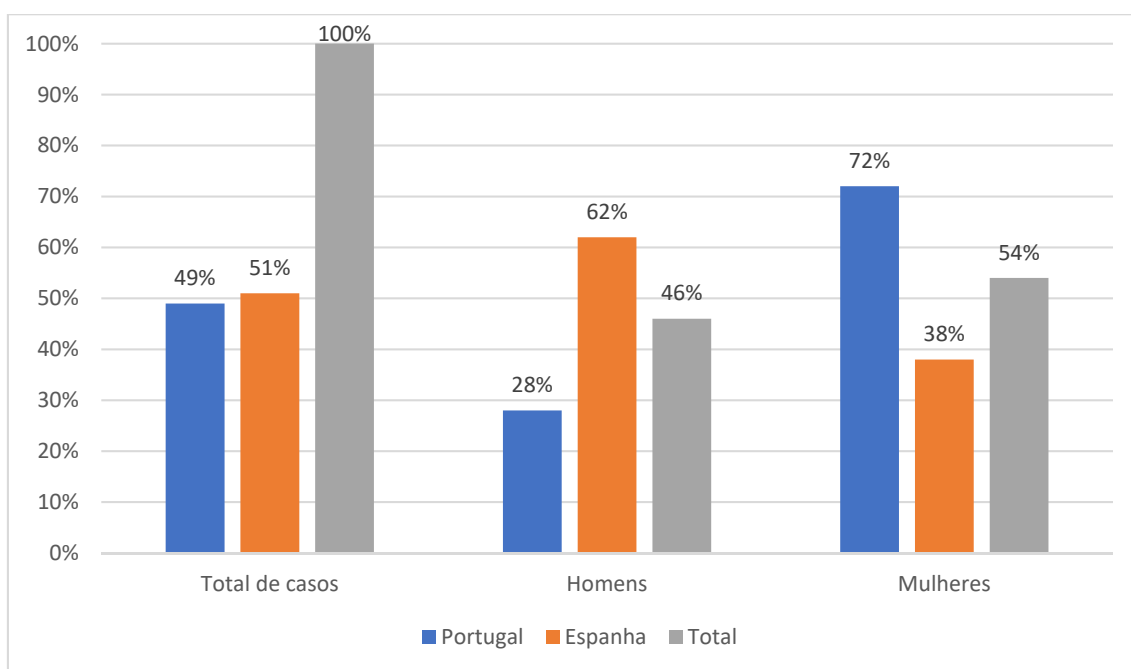


Gráfico D – Casos dos Livros de Milagres portugueses e espanhóis de acordo com o sexo da vítima (valores percentuais)

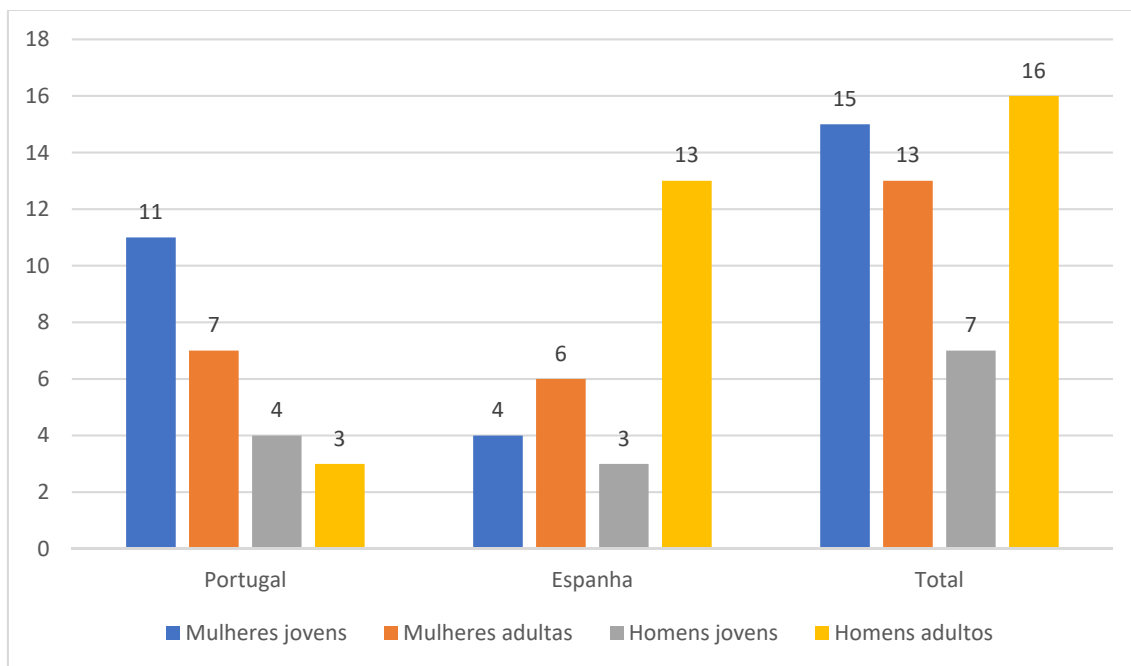


Gráfico E – Casos dos Livros de Milagres portugueses e espanhóis de acordo com a faixa etária da vítima (valores absolutos)

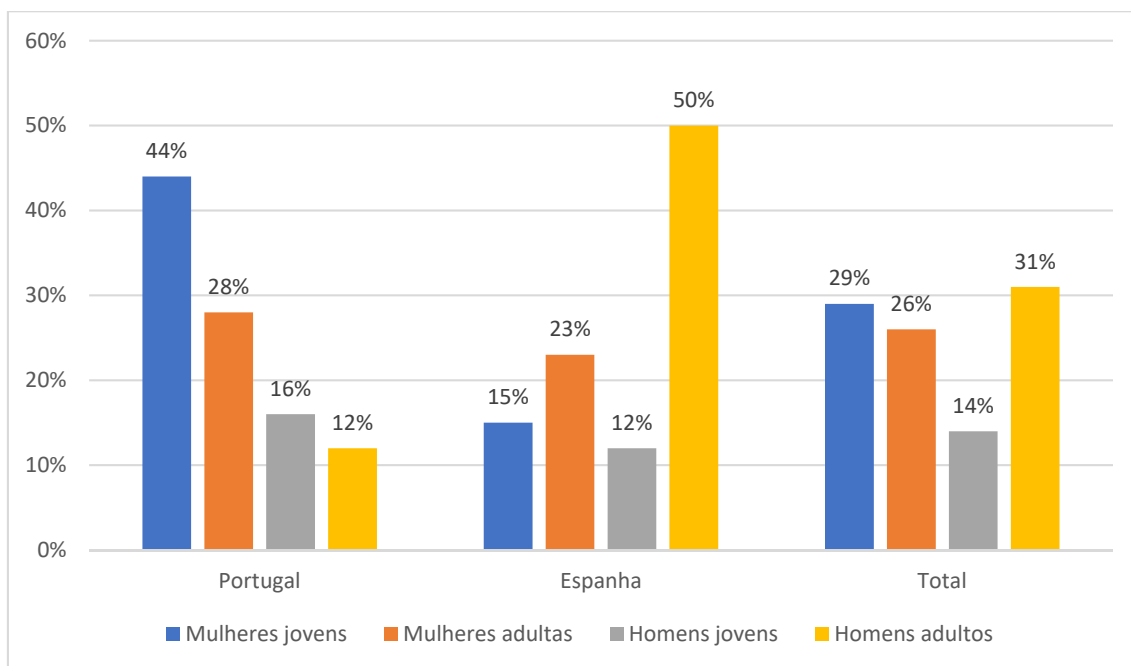


Gráfico F – Casos dos Livros de Milagres portugueses e espanhóis de acordo com a faixa etária da vítima (valores percentuais)

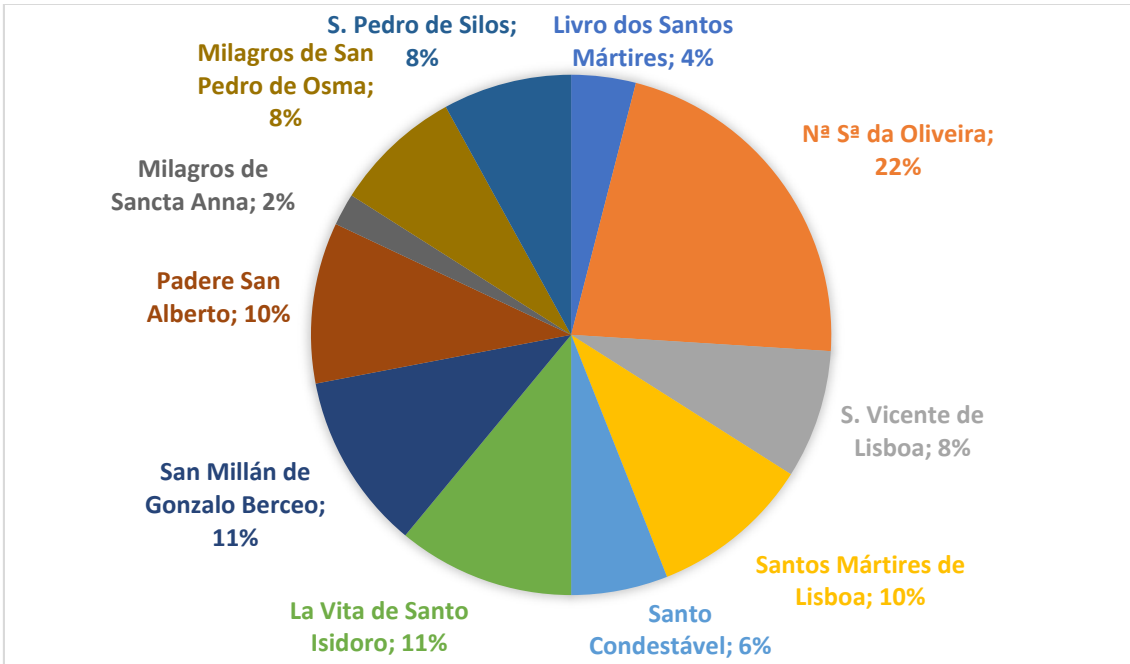


Gráfico G – Distribuição dos casos de possessão pelos Livros de Milagres portugueses e espanhóis

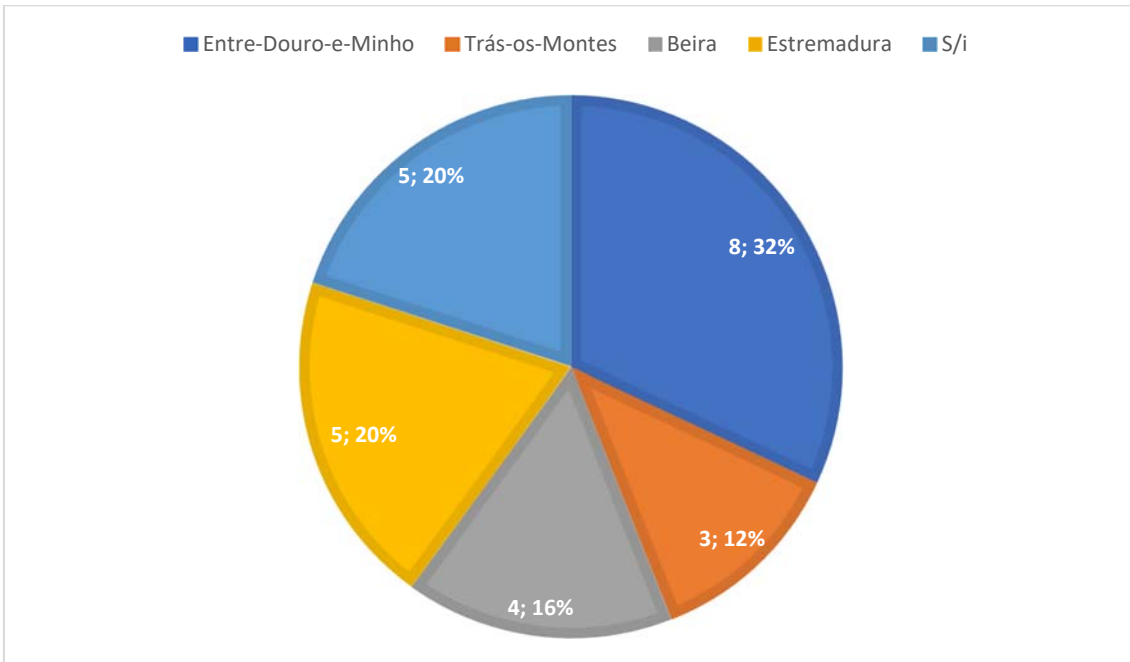


Gráfico H – Origem dos casos de possessão dos apresentados nos Livros de Milagres portugueses

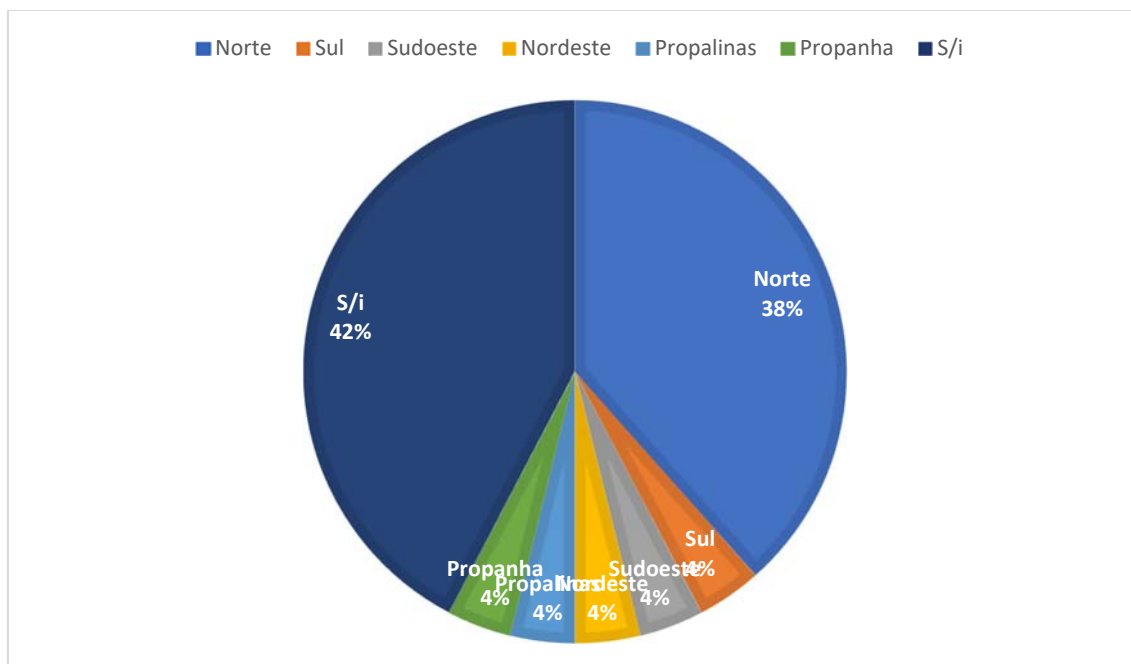


Gráfico I – Origem dos casos de possessão dos apresentados nos Livros de Milagres espanhóis

Motivo	Quantidade de casos	Quantidade de casos (%)
Não quisera casar como era vontade de sua mãe	1	4%
A Possessa sabe a razão	1	4%
Castigo ao pai da possessa	1	4%
Dada pelo irmão	1	4%
Maus pensamentos do Marido	1	4%
Incumprimento de promessas	1	4%
Dada pela mãe	2	8%
Já tinha o demónio no corpo	17	68%
Total	25	100%

Tabela A – Motivos que levaram à possessão nos casos portugueses

Motivo	Quantidade de casos	Quantidade de casos (%)
Cruzes de sangue	1	3,5%
Possessão derivada do desespero	1	3,5%
Possessão derivada da raiva	1	3,5%
Possessão derivada da soberba	1	3,5%
A vizinha seria a causa	1	3,5%
Não cumpre a promessa a Santo Isidoro	1	3,5%
Possessão derivada da inveja	2	6,6%
Já tinha o demónio no corpo	21	72,4%
Total	29	100%

Tabela B – Motivos que levaram à possessão nos casos espanhóis